ASTOLFO SERRA
(da Academia Maranhense de Letras)

JOSÉ RAIMUNDO SANTOS
DOAÇÃO
São Luís - MA

BIBLIOTECA PÚBLICA
BENEDITO LEITE
DOAÇÃO

ORMA
981
S487b

A BALAIADA

3ª EDIÇÃO

PARTE I

1948
D E D E S C H I
RIO DE JANEIRO

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A BALAIADA

060594/2008

Reprodução da **Fundação Nezinho Soares** - *Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Paisagístico, Cultural de Viana e do Meio Ambiente do Rosário de Lagos do Maracu* VIANA/MA.

ASTOLFO SERRA

escreveu:

GLEBA QUE CANTA — (poesias).

PROFETAS DE FOGO — (poesias).

NOVENTA DIAS DE GOVERNO — (política).

ASPECTOS DE UMA CAMPANHA — (política).

DISCURSOS POLÍTICOS — (política).

GUESA ERRANTE — (estudo — crítica).

TERRA ENFEITADA E RICA — (crônicas — folclore).

CAXIAS E O SEU GOVÊRNO CIVIL NA PROVÍNCIA DO MARANHÃO — (história).

A VIDA SIMPLES DE UM PROFESSOR DE ALDEIA — (biografia).

A sair

A VIDA VALE UM SORRISO — (novela).

UMA AVENTURA SENTIMENTAL — (novela).

GONÇALVES DIAS E OS PROBLEMAS DA ECONOMIA NACIONAL — (estudo).

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ÍNDICE

PARTE I

A TERRA

A geografia do Maranhão afirma a sua história 19

O HOMEM

O traço definitivo do homem maranhense já reponta nos característicos de alguns tipos regionais 81

PARTE II

A HISTÓRIA

A Balaiada é, antes de tudo, rebelião de massas 124

Biblioteca Pública Benedito Leite

PERFIL
PENSANDO A BALAIADA

Quando cheguei em São Luís, deslumbrei pela beleza visual da *Atenas Brasileira*, em pouco tempo visitei o *Outeiro da Cruz*, local de combate decisivo do soldado Muniz Barros contra os holandeses em 1662 e mais tarde conheci na cidade de Caxias, o *"Morro do Alecrim"* menção honrosa da **"Guerra da Balaiada"**. Haviam duas visões sobre ela: pelo pensamento marxista[1] que dominava os meios intelectuais nos anos 60, e o comunismo que no Brasil sempre foi prêt-à-porter.

Mas, a Balaiada foi um movimento revolucionário, que pregava a libertação e estabelecia uma luta de classes, entre grupos oprimidos e o poderio crescente dos portugueses. Na visão antagônica, dos fidalguetes oriundos de El-Rei de Portugal e de seus familiares na época, diziam que os balaios eram a fonte de todo o mal, os psicopatas assumidos. De um lado a visão heróica, de outro a preconceituosa, enquanto isso as duas facções iam digladiando-se, fazendo vítimas na capital e nos sertões maranhense.

Para aquela sociedade fora um afronta a *Regência.* Isto sem falar do desmando do Primeiro Império, que produziu graves efeitos na massa. Para outros, fora somente excitação de um jornal[2], com força político-partidária urgindo sobre grupos de negros aquilombados e sertanejos revoltados em busca de um ideal. Ou seja, *"a realização mais continua, permanente, e a qualquer custo, do Ideal Mítico de um Brasil primitivo de se viver sem lei nem rei e ser feliz"*.

Ao sair da visão utópica-revolucionária e da preconceituosa para entender a ***"Balaiada"*** como apenas mais uma guerra, nascida de um movimento social, na história do irredentismo brasileiro, eu já começo a tropeçar na questão estética.

Sim. Se Manoel Francisco dos Anjos Ferreira ***o Balaio***, homem pacato,

---

[1] *Doutrina dos teóricos do socialismo, os filósofos alemães Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), fundada no materialismo dialético, e que se desenvolveu através das teorias da luta de classes e da elaboração do relacionamento entre o capital e o trabalho, do que resultou a criação da teoria e da tática da revolução proletária.*

[2] **O Bem-te-vi** *Jornal dirigido por Estevam Rafael de Carvalho, que também foi redator.*

Biblioteca Pública Benedito Leite

habilidoso artesão, um simples alfaiate e seus companheiros de luta, eram considerados "bandidos" extremamente violentos, a Balaiada foi violenta. No entanto, *o Balaio* considerava-se o principal protagonista desse episódio primordial. Pois havia jurado lavar com sangue a nódoa da honra das suas filhas, vítimas da violência sexual, praticada por um *oficial do exército*, enviado pelo governo para sufocar as rebentinas de grupos encapelados e proporcionar paz na região.

Os seus seguidores, homens rústicos que mal sabiam manusear armas de fogo, não abusavam da dignidade alheia, não procuravam ocultações, isto é; não se consideravam criminosos nem vulneráveis, e sim, defensores de suas famílias, dos valores de sua sociedade a bem da honra e dos princípios morais.

Pois, aquilombados e sertanejos já traziam na sua história de vida o estigma do vandalismo, viviam buscando identidade própria a partir da sua formação cultural, foram levados a traduzir no seu bojo de ação guerrilheira a famosa frase de Dartanham e os Três Mosqueteiros, *"um por todos e todos por um"*. Na qual fica explícito, que a honra de um indivíduo ou de uma família, não podia ser manchada. - Eis a questão...

O Maranhão tinha características de ser profundamente arcaico, modificador, mais conservador de muitos comportamentos, velhos costumes e tradições do seiscentismo e setecentismo português. Isso dava um pano de fundo fantástico para essas tragédias. O diferencial é que elas não aconteciam numa relação de paz, e sim em circunstância de conflitos sociais.

O código de ***honra***, foi o principal perfil social da causa da **"Guerra da Balaiada"**, em que nenhum escritor na história do Maranhão descreveu com tanta clareza quanto Astolfo Serra.

Rio, 12/01/2001.

Pedro **Mendengo** Filho

Biblioteca Pública Benedito Leite

ASTOLFO SERRA
(da Academia Maranhense de Letras)

A BALAIADA

3.ª EDIÇÃO

1948
DEDESCHI
RIO DE JANEIRO
RIO

Biblioteca Pública Benedito Leite

Ao eminente amigo

General ANGELO MENDES DE MORAIS

Homenagem às suas virtudes
De cidadão e militar.

Biblioteca Pública Benedito Leite

A VITORINO FREIRE
e JOSÉ MATOS,

a minha grande estima.

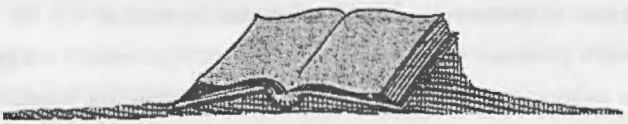
Biblioteca Pública Benedito Leite

..."Mas a desordem só teve alguma coisa de política no Piauí, onde encarnou sérios esforços para sacudir o jugo de ferro do Barão de Parnaíba. No Maranhão foi obra Social, ou, si a palavra parecer muito ambiciosa, - etnográfica. Era um protesto contra o recrutamento bárbaro, começado desde a guerra Cisplatina em 25, contra as prisões arbitrárias, contra os ricos prepotentes, contra todas as violências que caíam sobre os pobres desamparados negros, índios, brancos, miseráveis."

Capistrano de Abreu.

Biblioteca Pública Benedito Leite

A BALAIADA



BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O movimento revolucionário que sacudiu a província do Maranhão, no século passado, e que tomou na história, o nome de **BALAIADA**, de um de seus caudilhos, luta que ensangüentou o Estado nortista, durante dois anos de cruas refregas, e que só foi sufocado pela ação fulminante de Caxias não está ainda devidamente interpretado à luz da sociologia moderna, que estuda esses movimentos, nestes tempos, sob um outro critério, mais humano e mais científico.

Os trabalhos, até hoje aparecidos, ou são obras de reorganização documentária, sem uma análise mais objetiva das causas remotas e próximas do movimento, e dos vários e complexos fatores, que concorreram para a sua deflagração, sem uma "localização" no tempo e no espaço, que determinasse as influências biogeográficas, ou são escritos ao calor das paixões da época, sem a média de um julgamento desapaixonado, ou ainda meros estudos romanceados daqueles episódios históricos do Maranhão.

O ilustre professor José Ribeiro do Amaral, cujo esforço é digno dos mais rasgados aplausos, deixou, para o escritor moderno, um cabedal apreciável, colecionando os melhores documentários, e dando-nos uma visão de conjunto dessa revolta de negros e camponeses.

O estudo dessa verdadeira revolta de massa, constitui um assunto interessante, e dá margem a uma reconstituição histórica dessa fase do Maranhão-província, numa época em que o espírito rebelado do brasileiro se agitava em todos os quadrantes do país, provocando um estado de intranqüilidade dos mais graves de nossa história política.

Encarar a rebentina dos sertanejos maranhenses, sob o aspecto errôneo de um surto de banditismo, ou ainda, como uma *razia* de bandoleiros vulgares, como lamentavelmente o consideraram certos escritores que lhe narravam as aventuras; traduzir esse movimento de homens rústicos apenas sob a luz de um critério meramente político, como se evidencia no trabalho do Visconde do Araguaia, ou fazer de Raimundo Gomes a repetição legendária de um Guilherme Tell, "que abriu um caminho à liberdade", no pitoresco afirmar de

Biblioteca Pública Benedito Leite

Carlota Carvalho, são exageros que desvirtuam a verdade histórica, deturpando a realidade dos fatos, sem lhes apreender o verdadeiro sentido e o traço de seus característicos, o que foge às normas dos modernos estudos, que exigem, principalmente em história; um critério pedagógico, e se reduza mais a uma análise bio-psicológica dos acontecimentos, do que a uma narrativa cronológica de fatos.

Não é possível compreender o fenômeno da **BALAIADA** fora da geografia humana. Nem é justo uma rebelião dêsse porte continue a ser julgada sob o aspecto tristemente célebre de uma arrancada de bárbaros assassinos, que se erguessem no coração verde das matas maranhenses, para o saque e para a brutalidade de todos os atentados contra a honra e a propriedade alheia.

Os sertanejos maranhenses, naqueles milhares de caboclos decididos, que pegaram em armas, e os negros quilômbolas, que vieram depois engrossar a revolução, não podem ser considerados como meros bandidos em virtude de excessos praticados durante "esses dois anos de lutas sangrentas, que puseram em armas todo o Maranhão-oriental até os contrafortes do sertão, e que levaram ainda a guerra, aos rincões do Piauí, numa reação que se alastrou até o alto Parnaguá.

Os crimes, os desatinos cometidos, as violências e as atrocidades foram conseqüências e não causa dessa guerra.

Agora em pleno século de tanto orgulho civilizador, assistimos povos de sangue puro, raças depuradas; em nome de um princípio insustentável, assaltarem nações autônomas, subjugarem países e praticarem os mais cruéis atentados contra a propriedade alheia, contra a vida de famílias inteiras e de inocentes cidadãos, que são bárbara e cruelmente assassinados por uma falsa questão ideológica!

Manda a justiça que se faça uma análise criteriosa de todas as ocorrências desenroladas durante as lutas dos bem-te-vis, e, a justos termos encarar os fatos como os fatos se deram, sem ocultar, por sua vez, também os excessos dos que, na defesa da lei, praticaram crimes e violências inomináveis, delas que marcharam até os lauréis de suas vitórias com as sombras de crudelíssimos castigos.

Biblioteca Pública Benedito Leite

Diante do que se deu, há de aparecer uma responsabilidade definida.

Os movimentos armados, até mesmo os das cabildas de negros, sempre tiveram uma preparação, uma causa, que não são os motivos aparentes da luta.

Há de ter havido também uma ação preparatória para a **BALAIADA**, uma causa remota, que, através de uma constante ação psicológica, se cristalizasse na alma desses milhares de mestiços e negros, para reuni-los, assim, num pacto de vida e de morte, e despertá-los, para a luta, com um simples episódio, quase sem importância, de um vaqueiro que arrebenta a cadeia de um vilarejo e liberta seus camaradas boiadeiros.

Numa província como a do Maranhão, cujo meio físico não tem clima para dar caudilhos, por que surgiram, então, de uma hora para outra, esses chefes broncos, esses milhares de lavradores e de vaqueiros e de negros do eito, mal armados, mas dispostos a enfrentar forças e tropas arregimentadas?

Urge aprofundar o estudo da **BALAIADA**.

Há, nesse movimento de proletários nortistas, mais do que um ímpeto de revolta, ou um deflagrar das taras de agrupamentos de tipos primitivos e dissociados da simetria do meio ambiente e sacudidos pelo nomadismo aventureiro de povos de vida pastoril. Há, em tudo isso, um esbanjamento muito complexo de forças adormecidas há muito no subconsciente da massa sertaneja, e que um dia despertaram rugindo para o ódio e para a vingança, para o ímpeto de todas as revoltas do instinto e até mesmo para os nobres impulsos de libertação, desses que se manifestam até nos brutos, nas horas decisivas de seus destinos.

Essa rebeldia foi um deflagrar de revoltas sopitadas através de gerações e gerações.

O Maranhão traumatizado pelas crueza de suas lutas políticas, sacudido pelos embates de duas elites, que se digladiavam na arena rasa das competições do poder, uma brilhante vanguardilheira do espírito liberal, que se abeberava nas reservas mais pulcras do nativismo; e outra, reacionária e conservadora dos preconceitos ferrenhos do reino colonizador; a primeira irreconciliável e sofredora, perseguida apesar de ter feito a Independência, sem

Biblioteca Pública Benedito Leite

que por isso lhe valessem a liberdade e os postos de mando, que conquistara pelas armas; a segunda, irredutível e vingativa, mandando e desmandando, como nos tempos de el-rei de Portugal, o Maranhão era, por tudo isso, um campo aberto a todos os surtos libertários.

O fermento da desordem que, na época, era como um grande mal oriundo dos desacertos da Regência e dos desmandos do Primeiro Império, produzia na massa popular os seus graves efeitos.

Os desastres e decepções das lutas pela nossa Independência; o poderio crescente do português, que continuou a mandar no Estado; o amargo descrédito dos nativos em face dos poderes públicos; o crescente descontentamento geral dos brasileiros, e as revoltas aqui e ali rebentadas no sul e norte do país, haviam, por certo, de influir na província do Maranhão e de provocar também por ali, idéias de revolução.

A história demonstra o suficiente.

Nesse período tumultuário da nossa vida política em que se entrechocavam os mais disparatados princípios, todas as idéias eram aceitas, provocavam adeptos e tinham seus apóstolos e mártires.

As idéias liberais da Convenção francesa, transplantadas para a América, faziam, por estes rincões varados de luz e onde o sangue em caldeamento escaldava nas veias de mestiços, o seu prurido de violências, as suas agitações, que provocaram, da parte do absolutismo da corte, os mais bárbaros meios de repressão e os castigos mais desumanos.

Estávamos numa época, segundo Luiz Viana Filho, em que até o governo conspirava, porque a Revolução chegou a ser, nesses tempos, no Brasil, o abre-te Sésamo para todos os impecilhos, "espécie de salsaparilha política, servindo para todos os males, tanto servia ao mulato revoltado contra os preconceitos de cor, como ao branco nativista que odiava o português".

Ora, a província do Maranhão, que foi das mais sacudidas por lutas e motins políticos, e que lhe tinha a pesar, na formação histórica, todas as revoltas e os recalques de suas lutas seculares, travadas sempre entre esses dois espíritos antagônicos, o colonizador e o nativista exacerbado pelo ódio racial, efetivamente, era uma espécie de terreno de hulha, onde ao contato de

Biblioteca Pública Benedito Leite

qualquer faisca, verificar-se-ia de logo uma explosão, e, por vezes, violenta.

A **BALAIADA** não foi um pretexto para manifestações desordenadas de saques e de assassínios.

Há a lhe movimentar a massa ignorante de seus onze mil combatentes sertanejos, nesse período de crimes e de heroísmos, uma centelha daquele mesmo fogo, que provocou incêndio na Bahia, com a Sabinada, em Pernambuco, com a Revolução Praieira, no Pará, com a Cabanagem.

O ciclo é o mesmo. O que varia são as condições do meio-ambiente, as etnias e os influxos psicológicos, de que se forma a estrutura dos diferentes lutadores.

São movimentos caracteristicamente definidos como rebelião de massa, com todas as suas inconfundíveis linhas de afinidades. Atrás dessa avalanche de homens que saíram dos seus lares humildes, que se ergueram das planícies abrasadas, que das terras altas dos sertões se deslocaram, que abandonaram as suas lavouras e os seus quefazeres de boiadeiros ou de artesãos, de comerciantes ou de tangerinos, ficaram quase três séculos de injustiças, de violências e de arbítrio.

O influxo ideológico desses "movimentos componentes da cadeia de revoluções de 1831 a 1840", era mais vivo, ou mais obscuro, conforme a "massa", na sua maior ou menor evolução mental.

Si não se definiam, os da **BALAIADA**, num programa de larga envergadura intelectual, ninguém poderá contestar que esses rebeldes, mesmo ignorantes e rústicos, nas suas ingênuas proclamações, se diziam também em, luta pela liberdade, o que é, sem dúvida, uma das maiores místicas humanas!

Só se admitindo, assim, um ponto ideológico-comum, é que se poderá compreender como Raimundo Gomes, "um homem ignorante, saído das últimas classes da sociedade, tivesse a força precisa para levantá-las e assolar o território de grande parte da província, durante o longo período de mais de dois anos!"

A **BALAIADA** tem, pois, suas raízes fundas na história do Maranhão; e nem é possível interpretação, outra dêsse movimento revolucionário, deslocado, também; do meio geográfico maranhense, que não tem climas para

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

o caudilhismo. Para compreendê-lo é preciso estudar as grandes zonas do território da Província, que desce do alto Tocantins para o litoral e os campos da baixada, a sua topologia e as influências de ordem psicológica, racial e histórica.

Teremos, assim, que armar a tese que nos propomos para este livro, e que poderá ser assim esquematizada:

– A **BALAIADA** não foi uma aventura, nem política, nem de banditismo; foi antes um fenômeno de acentuadas características revolucionárias, quase comunista, e que se manifestou como movimento de massa com o caráter de reabilitação social. Si a geografia maranhense não dá caudilhos, e si a vida ali; das várias zonas se revela propensa a dar tipos característicos surgidos do seu meio-ambiente de conformidade com a paisagem, teremos que buscar, para encontrarmos as razões daqueles fatos, as suas verdadeiras causas, que poderão ser históricas, – na formação e povoamento; raciais, na assimilação e cruzamento; econômicas, no braço escravo e lavoura; psicológicas, na religião e na política. Isto posto, ressaltarão de logo os pretextos que poderão ser políticos na insegurança, e violência provocadas pelo absolutismo do poder, entregue sempre ao partido dos portugueses; sociais, no poderio do senhor de engenhos, que dá origem aos quilombos; e, por fim; na sucessiva mudança de governos e com isso, as desesperanças dos que sofreram e lutaram pelos sentimentos nativistas da Independência.

Seguindo estes roteiros, é possível que tenhamos a sorte de concorrer para que, ao menos, acorde no espírito dos investigadores de história o interesse por um estudo que demonstre, afinal, as verdadeiras razões da **BALAIADA**.

Biblioteca Pública Benedito Leite

JOSÉ RAIMUNDO SANTOS
DOAÇÃO
São Luís - MA.

A TERRA

A geografia do Maranhão afirma a sua história...

A geografia do Maranhão afirma a sua história. Há nela uma conexão perfeita entre o homem e a paisagem. Na terra estão as marcas da ação do homem e "as relações intimas dos horizontes de trabalho e dos horizontes de povoamento" bem como os fatos ecológicos da sua história movimentada e cheia de episódios dramáticos, a que não faltam as figuras iluminadas do herói, do santo e do apóstolo, bem como os espectros malsinados de traidores e covardes...

Região vastíssima do setentrião brasileiro, constituindo uma das grandes áreas nacionais, aí se desenrolam os dramas da vida de suas populações, ainda hoje, mal nucleadas, na sua pobreza demográfica. Esses *povos* desenvolvem as suas atividades seguindo a linha espiral do progresso spengleriano, e sujeitos "aos fenômenos da superfície da crosta terrestre, que engloba todos os fatos dos quais participa a vida humana; grupos de fatos grandemente variados, sempre compreendidos no quadro físico, mas que estão sempre caracterizados desta ou daquela forma com o homem". Nas tendências biológicas e sociais, e nos rápidos da psicologia dessas populações, estão as *Zonas* de seus agrupamentos.

Na biotipologia regional, a terra se manifesta com as suas agressividades, seus climas, suas variantes de ritmos e até de estagnação. As *zonas* criam os seus tipos, "dentro do paisagismo de interferência regional", mas, nem por isso, desassociados da conexão geral, ainda nacional.

Um fato social só poderá ser compreendido, assim, nas suas origens e nas relações do homem com o seu meio; modificando-o; ou na ação do meio com o

Biblioteca Pública Benedito Leite

homem, influenciando nele de modo decisivo.

Si bem que o território maranhense ofereça, no seu conjunto, um habitat para a vida pacífica e tranqüila vendo-se em tudo que "a terra atrai o homem; chama-o para o seu seio fecundo; encanta-o pelo aspecto formosíssimo; arrebata-o, afinal, irresistivelmente, na correnteza dos rios", (3) há lutas que nele se desenrolaram de maneira muito violenta e estranha às condições da geopolítica. Nasce dai a necessidade de se estudar o fenômeno da **BALAIADA** dentro do esquema das monografias regionais, mas sem desprezar as relações de conexidade das várias zonas do Estado, no conjunto ecológico da natureza maranhense.

Esse método que nos importa seguir, partindo da visão geral do relevo maranhense para o estudo das grandes zonas do Estado, onde iremos buscar o homem no seu ambiente e sociedade, para lhe definir depois as responsabilidades históricas, nesse movimento revolucionário que encheu do fragor de suas lutas cruas, de suas guerrilhas sinistras, e do trágico de seus episódios de sangue e ódio, durante quase três anos, toda a vasta província do Maranhão.

*

* *

As terras magníficas do Maranhão, surgem encravadas, como a mesopotamia brasileira, entre as águas fartas do Parnaíba e Tocantins e descem do massiço continental em disparada para o mar como terras de transição entre a Amazônia e o Nordeste.

Nessa imensa área, que se desdobra através de seus 459.884 quilômetros quadrados, a natureza oferece os mais caprichosos aspectos e o relevo do solo, na sua fisiografia oculta as tragédias seculares da terra em luta com os elementos, que lhe modificaram o fácies, em idades perdidas nas noites misteriosas dos tempos...

Descendo do planalto goiano, que é a parte mais antiga do mundo, no dizer de Euclides, o território maranhense alarga-se, cada vez mais, para o extremo norte, recortado de rios, molhado de ribeiros e de brejos, sarapintado

(3) Euclides da Cunha.

Biblioteca Pública Benedito Leite

de lagos, até confinar-se com as águas do Gurupí, no noroeste, onde a natureza amazônica invade vitoriosamente o Maranhão.

A terra, assim, com as variadas transmutações de sua natureza, povoada de contrastes e cheia de incoerências, dá ao observador aquela "sugestão empolgante" "do naturalista algo romântico" que foi em Laís, a imaginar, nesta vasta porção da América, uma época em que as vagas de legendários oceanos, rolavam impetuosas por essas plagas, quando os Andes ainda não haviam mergulhado os seus cabeças arrojados, nos céus flamejantes dos trópicos.

O fato é que se nos fora dado abarcar, do alto da "chapada dos veadeiros" todo o território do Estado, à medida que se nos abrissem os *arcos nortistas* da serra da Borborema ao da Ibiapaba e do da serra do Itapicuim ao grupo ocidental maranhense, que é ainda quase desconhecido, (4) teríamos diante de nós, um esquema forte do relevo maranhense; veríamos, então, todo o solo que se ergue em falsas montanhas, e estende-se em chapadões enormes; desce em vales e baixões, espraia-se nos tombadores de areias, encrista em morros e descamba para os brejos fartos, escancela-se em campos, ou adensa-se em carrascais e tabocais, capões e cerrados, até escurecer no grosso da mataria espessa, que marcha, descendo o rampado do continente, numa largura de sessenta léguas, até os campos da baixada, que se espraiam na extensão enorme de suas terras em formação...

A nossa vista mergulharia através dos altos e baixos do solo, que desce ora em anfiteatro, ora em rampados sensíveis e fortes; e veria lá em baixo o oceano em ímpetos bravios, atirando-se contra as terras dos litorais amazônico-maranhenses invadindo a baixada, levando os rios de vencida, recortando as costas "nesse incessante conflito" em que Reclus prevê a vitória completa do mar...

Diante dessa incoerência geográfica de serras isoladas, de montes desnudos, e de baixões, como o grande baixão do Grajaú, entre Retiro e Sentido, que nos dá a idéia de um golfo extinto, escancarado "sobre a planície dos Caitetus", ou que "imitando o mar vermelho, bifurca-se, e suas duas

(4) Raimundo Lopes – "Torrão Maranhense".

Biblioteca Pública Benedito Leite

pontas entram em terra alta com descidas difíceis"; (5) diante desses aspectos da terra retorcida e cavada, vêm-nos à lembrança o fenômeno do alevantamento da cordilheira andina em que simultaneamente "novas terras afloram as águas; tranca-se, num extremo, o canal amazônico, transmudando-se no maior dos rios; ampliam-se os arquipélagos esparsos e ganglionam-se em istmos, e fundem-se; arredondam-se, maiores, os contornos das costas; e integra-se lentamente, a América". (6)

Nessa faixa imensa de terra maranhense o relevo do solo esteriografa as tragédias milenárias de uma geologia até hoje inédita e que desafia a argúcia de um Agassis.

Nesse formidável trapézio geográfico, a natureza cavou um dos mais ricos sistemas potamográficos, enquanto a parte orográfica como que falhou, visto que, de acordo com a morfografia do norte e oeste do Brasil, "não há serras verdadeiras, isto é, originadas de causas internas ou geogênicas". (7)

A desigualdade do relevo nortista e que abrange o Maranhão nasceu da erosão das águas no escoamento produzido pelo soerguimento dos Andes.

As ossadas que o cientista Guilherme Lund encontrou são os documentos silenciosos dessa catástrofe geogênica que abalou o nosso continente. "Aquilo a que chamam serras não tem nenhum caráter montanhoso. O território é um alto tabuleiro, ou chapada pouco acidentada, rasgada profundamente pelos vales dos rios. Cobrindo as ribanceiras destes, há matas, mais e menos; tudo o mais é campo, terra de pastagem natural, salpicado de árvores anosas, inclusivamente a Quina do Peru".

A orografia maranhense, como se evidencia, é quase desconhecida. Reduz-se a dois agrupamentos, o do oriental cuja curvatura se chama *arco-nortista* "na linha característica das serras do Itapicuim e do Valentim; abrange ainda as do Negro, da Canela e do Alpercatas"; e o grupo das serras do Gurupí, Desordem e Piracambú, "que não se pode ainda definir claramente".

No dorso dos lombados divisores, essas falsas serras assentam suas bases isoladas, descontínuas, separadas por extensas planícies, a mergulhar os

(5) Carlota Carvalho – "Sertões".
(6) Euclides da Cunha – "Sertões".
(7) Carlota Carvalho – "Sertões".

Biblioteca Pública Benedito Leite

topos no azul dos céus lavados de azul profundo.

Depois, o solo vem descendo gradativamente, para essas vastas planícies sertanejas, para os *tombadores* e areais imensos da zona desértica do Maranhão oriental, e em que a flora mirrada dos rincões adustos morde o chão castigado de sol.

O declive do solo mais se acentua para o norte, e, então, as "serras" surgem, aqui, como enormes barrancos, que demarcam a zona da mata, enorme e exuberante, que cobre toda a vasta faixa das terras, que se derivam dos campos altos e arenosos e que se cavam, à medida que descem, em rampas e em sulcos profundos, e se precipitam para o litoral, ou para as zonas do Pindaré, ou Gurupi.

As superfícies planas do litoral distendem-se entre a rampa coberta de mata e o Oceano Atlântico, até os campos da baixada, onde os rios já não têm barrancos e "as serras" se anulam e desaparecem dando lugar à moldura de pequenos morros erguidos aqui e ali, como restos atrofiados de legendárias montanhas, que ficassem mirradas e perdidas naqueles campos cobertos de capim, e povoados de moitas e de pequenos bosques, onde o socó-boi e o carão arisco ficam parados, olhando, em silêncio, a planície verde dos descampados...

*

* *

A mais rica das redes hidrográficas umedece o território maranhense fazendo, num milagre das águas fartas, a mais perfeita das irrigações naturais.

O mapa potamográfico do Maranhão dá-nos a impressão de uma enorme folha cordiforme recortada de nervuras, que se encaminham em todos os sentidos.

No Maranhão, há pletora de água. O elemento sagrado manifesta-se bramindo por toda parte. Até nos desertos das *travessias e tombadores*, os riachos gulosos lambem as terras ressequidas, correndo em leitos de pedra como para melhormente matar a sede do solo ingrato...

Do massiço do planalto, manando das serras dos Pirineus, o Tocantins se

Biblioteca Pública Benedito Leite

precipita para o vale amazônico nos seus dois mil e quinhentos quilômetros de curso, espraiando, rico de águas, encachoeirado e cheio dos mistérios e lendas dos povos, que lhe demarcam as ribas e dos perigos sem conta dos seus rebôjos e corredeiras enormes.

O Parnaíba, que curveteia das altas terras nortistas escorre para a zona oriental, molhando setenta mil quilômetros de terras maranhenses até formar o delta parnaibano com as suas ilhas, sua história, na história do Maranhão.

Dos chapadões nascem rios de pequenos cursos, enquanto o Itapicurú e o Mearim, genuinamente maranhenses, com o Pindaré, o Grajaú e o Gurupí e todos os da enorme rede hidrográfica, escorrem, obedecendo o declive do relevo, travando, aqui e ali, lutas com o antagonismo do solo, criando e perpetuando a vida, e fundando, para a civilização, os primeiros caminhos dos povoadores e as linhas naturais seguidas pelo movimento de penetração do civilizado.

A terra, assim, esquematizada na sua estrutura fisiográfica, com o seu relevo irregular e os cursos de suas águas, dá-nos uma visão do meio onde aquelas populações se agitam, no labor secular de sua evolução, sujeitas às influências do seu *acondicionamento em zonas*, onde exercem as atividades de sua existência mais ou menos acidentada.

*

* *

As condições da natureza geológico-esteriográfica "aliada às condições de clima e vida" determinam as zonas onde se agita o homem maranhense nas suas atividades, ou nos seus anseios de adaptação.

O tipo, de cada zona varia de acordo com as condições e formação da terra.

O Maranhão que, "no conjunto das grandes regiões brasileiras faz parte da complexa *transição* entre o Extremo norte (a Amazônia) e o Nordeste, entre a baixada e o planalto, sob o ponto de vista do relevo, como entre a grande mata e o sertão, sob o ponto de vista da flora", divide-se, ainda em várias *zonas*, onde sob à ação de climas amenos e variados se desenvolvem as diversas populações do Estado.

O estudo dessas zonas é complexo, porque se os elementos, que as

Biblioteca Pública Benedito Leite

compõem se associam, nem por isso se identificam. Raimundo Lopes que as estudou divide-as em cinco grupos assim dispostos: 1 – "os campos da Baixada – sedimentos, recortes; campos de formação floral ligada à geogenia. Indústria pastoril; 2 – Maranhão oriental – vegetação campestre, tabuleiros; pastoragem; e a pequena zona do Baixo-Parnaíba; 3 – Mata virgem, habitada quase unicamente por índios; indústria florestal extrativa; 4 – Baixo Sertão, matas e campos; agricultura e pastagem. 5 – Alto Sertão – campos de chapada; indústria pastorial e da borracha; abrange propriamente três partes : a) as serras centrais; b) a bacia do Tocantins; c) a do alto Parnaíba".

Todas essas zonas, acima enumeradas, completam o quadro geográfico do Maranhão, onde se poderão examinar os agrupamentos humanos, os seus tipos em formação, alguns já quase definidos. Para os fins deste trabalho que é dar à **BALAIADA** uma interpretação mais objetiva e humana, devemos encarar o movimento nas órbitas de sua ação, como um surto que extravasou das condições do seu meio porque nessa geografia que não tem proporções para caudilhismo; a revolta revela, no entanto, dentro do círculo onde se desenvolve algo das influências das forças secretas da terra, na sua estranha mobilidade, nas suas indecisões, e, sobretudo na bravura de um exército de homens simples, e que se movimentam, para a luta armados primitivamente de foices, lazarinas, clavinotes e até de varapaus e ferrões de vaqueiros!

Sem descer aos pormenores das cinco zonas descritas, objetivando o nosso estudo, e seguindo os roteiros da tese deste livro, antes da análise do fato histórico, cumpre-nos para melhor clareza do assunto, e do estudo da biotipologia maranhense, reduzir aqui esse quadro a duas grandes zonas: – a da *Baixada* com a concha de seus campos, os tesos e chapadas de Pinheiro, a dos *Sertões* com os tombadores e campos, com serras e chapadões do agreste, e entre elas a faixa litorânea, para localizar afinal, a área etnográfica dos tipos sobre os quais possa recair toda a responsabilidade histórica do movimento armado.

Isto posto, teremos que examinar, no âmbito de cada zona, o capítulo movimentado do Homem e a paisagem, no eterno conflito da geografia estática e dinâmica.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

*

* *

Quem vinga as terras altas dos sertões maranhenses sente, de logo, a tortura impressionante da paisagem.

Essa desoladora visão de martírios da flora é tão mais chocante, quanto o observador conhece as zonas úmidas da baixada maranhense e os sombrios profundos das matas seculares do Maranhão.

Si bem que a terra sertaneja, nessa vasta região de transição, entre o Amazonas e o nordeste, não, ofereça ao viajor, "no entorroado do chão, no desmantelo dos cerros escalvados, no contorcido dos leitos secos dos ribeirões efêmeros, no quase convulsivo de uma flora decídua embaralhada em galhos", todas as tristuras do martírio da terra brutalmente golpeada pelos elementos variáveis, distribuídos por todas as modalidades climáticas, como acontece, no nordeste brasileiro, há, todavia, aqui, algo de um estranho sofrimento da terra, nas transmutações de suas paisagens desalentadas.

No chão ressequido dos caminhos poeirentos, ou nas ladeiras ásperas de caminhos de pedras, que faiscam à luz, ou chispam nos cascos das montarias, nas chapadas ásperas e monótonas, ou nos baixões cavados há séculos, a natureza sertaneja revela-se surpreendente, através dessa mistura esquisita de zonas, que se confundem, que se interpenetram, e constituem o tabuleiro geográfico de duas regiões, que se abraçam, no mais complexo dos fenômenos geogênicos.

É sempre a mesma luta, na mais impressionante das evidências de que a Mesopotamia maranhense é a terra de transição entre o nordeste e a Amazônia.

Si na zona das matas, que se projetam em uma vasta extensão de cem mil quilômetros quadrados a grande Hiléa penetra, vitoriosamente, o Maranhão, na estupenda grandeza de sua flora; si nos campos da Baixada as terras em formação, os terrenos sedimentários, os "aterrados" e o rosário de lagos, com a sua flora e fauna não oferecem dúvidas de que aquelas terras são irmãs das terras marajoáras; em pleno sertão, lá onde os ventos ásperos sacodem a paisagem monótona das "caatingas", e retorcem as folhas da macambira

Biblioteca Pública Benedito Leite

agressiva, também existe um mostruário amazônico, com algumas espécies, que se associam para que não se possa negar essa transição.

*

* *

A paisagem sertaneja domina o homem, sacode-lhe os dias de existência, dando-lhe labores constantes conforme a ação decisiva dos verões ou dos invernos.

– "A existência humana, no sertão maranhense, prende-se às mesmas razões gerais que dominam as vidas das gentes de todos os nossos sertões e que se agravaram pela dureza do clima e da terra nos territórios áridos do nordeste".

"Predominam, por esses latifúndios pastoris o nomadismo desenvolvido, o patriarcalismo, muitas vezes extremado até o ódio visceral de família e ainda o excesso individualista de que resulta a epopéia sangrenta dos bandidos famosos, que de tempos em tempos, aparecem, ao lado dos tiranetes".

"Estes últimos são, no sertão maranhense, o tipo mais comum dessa ordem de personalidades dominantes na sociedade primitiva em que vivem".

"Uma sociedade assim constituída, dificilmente poderá gozar de suficiente estabilidade. Antes de tudo ela se desenvolve num regime industrial caracterizado pela propriedade dispersa, sem o ponto de apoio do trabalho agrícola, – cujo influxo se faz beneficamente sentir no Baixo-Sertão e em outras zonas maranhenses".

"E a vida pastoril nos sertões é rude e mais nômade, do que, por exemplo, na baixada. Se o sertanejo maranhense não está adstrito às penosas alternativas climáticas, ao cataclismo das grandes secas, em todo caso o território inculto, as chapadas despovoadas, a dificuldade de comunicações, contribuem para formar uma "gens" tão rude, uma sociedade tão imperfeita como as dos sertões nordestinos". (8)

O sertanejo do Maranhão em função da paisagem; vive uma existência simples, mas atormentada e difícil.

As suas lutas são constantes. Quer, na seca, quer no inverno o seu

(8) R. Lopes – Opus. citada.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

trabalho, é sempre o mesmo incessante, – uma luta do homem contra a natureza mais ou menos ríspida e cheia de aspectos variados, que exige uma têmpera de aço para subjugá-la.

Na fisionomia antropogeográfica dessas regiões adustas revelam-se páginas de vitórias e de derrotas do homem do sertão, na tarefa de construir o seu lar, a sua sociedade, a sua economia e a sua civilização.

Em função da sua paisagem; o seu trabalho de fixação tem sido grande, tudo fazendo para triunfar do meio; fugindo, com um esforço secular, da situação do "homo státicus", das regiões das secas, cometendo, para isso, os maiores atentados contra o patrimônio da terra.

Devastando matas, ou arruinando campos, multiplicando a desolação das queimadas, fazendo desertos com o fogo que ateia nos matos, ou no agreste; abrindo clareiras nas florestas ou vingando serras e altos, descendo vales e baixões, vadeando rios e vencendo tombadores enormes; em todas essas manifestações de atividade do nosso sertanejo, verifica-se um forte impulso civilizador, agitando o homem, no quadro de sua paisagem, em busca de um "eixo de produção", para se fixar definitivamente.

"O eixo de produção é o elemento fundamental em toda cultura. Em torno dele deve processar a vida das populações e todas as sociedades primitivas o possuem.

Nos sertões maranhenses o sertanejo procura fixar o seu "eixo de produção", nos "currais" e na pequena lavoura; na vida pastoril, ainda no "ciclo do couro", e na vida agrícola, rotineira e primitiva.

Nesses dois "eixos" se afirma toda a sua economia.

Contra isso se levanta, no entanto, a natureza e com ela as calamidades dos verões queimosos, ou os tormentos das invernias cruas.

*

* *

Quando Maio surge, e com ele as águas começam a descer dos rios e ribeirões, o verão começa para o sertanejo.

As matas cheiram a húmus forte das folhas mortas, e o gado invernado começa a sair para as chapadas, onde o agreste cresceu em verdadeiro mar de

Biblioteca Pública Benedito Leite

verdura áspera, onde os cupins ergueram a cidade complicada dos "tapecuins" enormes, que levantam os cabeços pardo-sujos como animais estranhos e lendários.

Há festas de asas em todos os recantos, e festa de flores que recende impregnando o ar de olores silvestres.

Os campos são prados floridos, e no alto dos pequizeiros as colmeias naturais das "urussús" e "teúbas" começam a tarefa das colheitas do pólen, para o mel que as abelhas preparam para a mesa e farmácia do sertanejo.

O vaqueiro tange as manadas nédias, verifica os "monjolos" novos, cura-lhe as "bicheiras" e acompanha o gado para os pastos verdes.

O homem que lutou com as águas, que parou longos dias à beira dos rios esperando "dar vau", que chapinhou na lama dos caminhos, e pisou o "tijuco" dos currais, sente-se animado na primeira fase do verão.

Vão começar ás vaquejadas alegres nas fazendas. Os cálculos do vaqueiro e a partilha dos fazendeiros unem-se com as alegrias dos lares, onde as moças casadoiras esperam ansiosas a próxima "desobriga" pára o "seu vigaro" consagrar as bodas festivas.

Os moços ensebam os correames das selas vaqueiras e encomendam gibões novos de couro de "mateiros" para as "furupas" alegres ao som de harmônicas chorosas, ou de "paulistas" barulhentas, que abalam gente sete léguas de distância.

É o sertão que se reanima, com as primeiras luzes do verão.

Para o vaqueiro começa uma outra lida, mais agitada, mais intensa, mais estafante.

Nas lavouras o milharal já foi "virado", e os manivais se alongam no fausto das ramagens verde-escuros.

A apanha do arroz e o início das moagens; nos engenhos de madeira, o comércio de rapaduras e os primeiros boiadeiros de Goiás que descem para as feiras das "Pombinhas" ou do "Central", movimentam aqueles caminhos, aquelas fazendas, aqueles recantos sertanejos, onde o homem labuta, perdido no longínquo de suas savanas, alheio ao que se desenrola no tumulto do mundo civilizado...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Nesse ambiente agita-se o sertanejo maranhense.

As viagens tornam-se por um lado menos penosas, porém, mais castigadas, por outro.

No início do verão começa a praga do "carrapato miúdo". Aos milhões se acumulam pelos caminhos. O mato recende-lhe o cheiro característico de eldoforme.

O sertanejo sofre-lhe as agressões silenciosas, mas devastadoras.

O carrapato é tanto, que dá frio de maleita à gente.

Para combatê-lo, o homem do sertão, só encontrou uma terapêutica: folha de fumo esfregada no corpo e banho depois...

Esse remoçamento forte do sertão, que acorda para a vida iluminada dos meses da seca, imprime na existência bucólica das fazendas, um aspecto impressionante de trabalho.

A natureza solidária com o homem, sorri. Há esbanjamentos de alegrias. Os gritos das arapongas sacodem as matas com os seus arruidos de "pássaro-ferreiro". Nas campinas e chapadas as seriemas acordam os campos com os seus cantos metálicos e as emas ariscas, no sadismo das aguilhoadas das asas com que se esporam, porfiam carreiras ariscas pelas chapadas desertas...

No vão das serras azuladas o fumo das casas de farinhada, ou dos engenhos primitivos sobem para o alto manchando de branco o verde escuro dos matos lavados pelo inverno que passou.

Nos brejos fartos, os buritizais começam a floração, preparando para o sertanejo, ao tempo de secas, a "semberéba" suculenta e saborosa.

E lá longe, nos grotilhões sombreados pela mataria espessa, os guaribões engrolam as vozes bárbaras, dando a impressão de rangidos continuados e fortes de velhos engenhos de madeiras.

É o sertão que desperta da monotonia das águas.

*

* *

Os meses de junho e julho são os meses de festas sertanejas. Agosto é o mês do fogo, mês aziago, em que o sertanejo quase não trabalha, porque feria toda segunda-feira, com que cisma; faz mais de dez dias santos, e o resto é

Biblioteca Pública Benedito Leite

quase nada para o trabalho.

Em Agosto não há casamentos no sertão.

Os noivos têm medo do mês.

—"Mês de Agosto dá desgosto".

E não se casam.

Além de mais, é o mês das queimadas nos campos.

Por isso Junho e Julho são festivos.

Em peregrinações demoradas a que chamam "desobrigas" os vigários andam de ponto em ponto, rezando missas, fazendo batizados e casamentos.

São as mais alegres reuniões sociais do sertanejo.

Uma "desobriga" é uma honra para a casa de um matuto.

O povo viaja léguas e léguas para ir a uma dessas reuniões no sertão.

O sentimento religioso daquela gente feito de pedaços de feiticismo e de rudimentares princípios de doutrina cristã, dão ao padre, no interior, um prestígio enorme.

O "seu" vigário, é a figura mais respeitada dos rincões longínquos do Maranhão.

É a autoridade máxima para o sertanejo.

Resolve todos os casos: É médico para curar as almas, com o prestígio das rezas, e médico para curar o corpo, ensinando "mesinhas", que salvam os doentes.

A crença opera milagres.

Para essa gente simples, cujo regime social é o patriarcal, o sacerdote representa a Lei de Deus, e a sua autoridade é a suprema autoridade, que, nos tempos antigos, possuíam os sumos-sacerdotes.

Daí a significação social, naqueles "pagos" de uma "desobriga".

Durante meses inteiros as populações aguardam a visita do padre.

Homens e mulheres só têm uma preocupação, o preparo para desobriga.

É nas desobrigas que o crente faz a páscoa; daí o nome "desobriga", de desobrigar a consciência perante Deus, pela confissão.

Nessas festas os velhos amigos se encontram. Trocam-se amáveis cumprimentos. Casam-se os noivos. Fazem-se os "queimas", que são os

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

casamentos arranjados à última hora, sem mais formalidade que as juras de amor dos noivos que se vêm pela primeira vez e o testemunho seguro de que não há impedimentos legais.

A criançada, num berreiro medonho é batizada; e, assim, debaixo de uma latada verde coberta de palha de palmeira, num chão varrido entapetado de esteiras novas, e diante de um altar rústico armado ali, com um crucifixo sagrado e um ministro de Deus, a sociedade sertaneja se vincula, cada vez mais, ao solo, quebrando as monotonias da vida com essa aproximação forte de solidariedade em que os mais afastados moradores da região se reúnem num convívio amistoso em que a crença é; por certo, o mais impressionante dos fatores.

A missão social de povoamento tem, no vigário humilde do sertão, o seu grande impulso.

São eles, os sacerdotes perdidos naquelas paróquias longínquas, que movimentam as massas sertanejas, incrementando a criação dos arraiais, plantando aqui e acolá, as capelas de suas desobrigas, espalhando moradores por todas as zonas.

*

* *

A civilização arrasta-se dêsse modo pelo sertão.

Da porta da igreja para os oratórios das fazendas, e destas para as capelas dos lavradores.

Seguem-se às festas religiosas, as festas profanas.

Quando o vigário passa, deixa atrás de si o sertão em reboliço.

Os casórios representam um dos mais movimentados saraus.

Dança-se dia e noite.

Na casa do noivo, — lufa-lufa tremenda. A mesa fica posta permanentemente.

Há glutões que fazem o brinde aos noivos, em todas as mesas...

Depois, movimenta-se a "furupa", ou baile.

A música é típica. Uma gaita é o suficiente para uma festa.

Existem, ainda, orquestras regionais, que não param de andar de uma

Biblioteca Pública Benedito Leite

para outra festa.

Essas orquestras consistem quase sempre, em dois bombos, dois pífaros de bambu e às vezes um "fole" ou harmônica fanhosa.

E o samba empolga os sertanejos. A dança os arrebata.

Dança-se dia e noite, às vezes, uma semana a fio.

Bebe-se bastante. A bebida comum é o vinho tinto, ou a cachaça pura.

As vezes, todos os festejos decorrem bem. Acontece, porém, que, não raro, há barulho sério. Então a luta é violenta.

Entra em cena o facão, que os dançadores trazem sempre à cintura, a faca de pontaço enorme, e o cacete de jucá assado ao fogo.

É nessas ocasiões, que se faz sentir, em toda plenitude, a autoridade do padre vigário.

A sua presença, no barulho, é providencial.

Toma armas de exaltados, acalma as rusgas, cura as feridas, ou unge os moribundos nas vascas das agonias.

O inspetor de quarteirão, que é quase sempre um cidadão respeitado, dá voz de prisão, amarra os desordeiros e faz a "justiça das leis".

*

* *

As vaquejadas sertanejas são os dias festivos da vaqueirama.

Diferem das vaquejadas do Maranhão-baixada.

A partilha do gado reúne, na casa da fazenda, os melhores amigos da redondeza.

Devoram-se as "matolotagens". A carne é preparada com esmero para o grande banquete, que será no chão do varandado num coiro enorme, ou nas fazendas mais abastadas em cima de mesas de tábua de bacurí.

Reúnem-se os vaqueiros vizinhos. Cada qual monta o seu cavalo árdego, veloz, magro de correr pelos campos e pelos cerrados de tabocas, ou carrascais de espinheiros de unha-de-gato.

Vestidos de gibão, com aquele montar desajeitado do vaqueiro euclidiano, esses centauros que trançam as pernas na ilharga de seus corcéis, atroam os campos e os chapadões escampos com o tropel de seus cavalos, que arrancam

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

pedaços do solo e varam, o mato a dentro como se fossem blindados e invulneráveis fossem os que lhes cavalgam o dorso.

Feita a partilha do gado, começa a festa da "população rude dos vaqueiros".

Saltam dois, ou três novilhos bravos. O animal risca o chão e escalva a terra.

A vaqueirama estuga o boi.

Uma chicotada violenta risca-lhe a lombada média. O animal solta um urro e sai do curral como uma flecha.

É o momento heróico do vaqueiro. O cavalo que curveteava inquieto, aguardando a carreira do novilho, dispara, também, pela estrada. O homem deita-se sobre o corcel, segura-se nas clinas, de rédeas soltas no ar.

Não é uma carreira, é uma vertigem. O novilho sentindo-se perseguido corre cada vez mais.

Cavaleiro e cavalo formam um bloco, uma espécie de monstro mitológico num acesso de loucura imprevista.

Nada os impede de correr. O chão duro estremece, estronda, atroa, e troveja. Os carrascais são varados, num salto. O boi cega de ódio ou de medo mete-se como um furacão pelo mato a dentro. Há instantes em que os dois se encontram. Vão precipitar-se num abismo; evitam-no. Retorcem a carreira. E o novilho mais corre, mais se precipita até que num arranco formidável o vaqueiro, num movimento rápido; pega-lhe da cauda, e faz a "quebra" do animal, vitoriosamente, derribando o touro, e vencendo, dêsse modo, na partida.

O seu triunfo é saudado pela vaqueirama alegre, que tira dos bolsos dos alforjes a garrafa de "pinga" temperada com "catuaba" para melhormente retemperar as energias másculas desses bravos.

Há, por vezes, o luto nessas festas.

Na carreira espantosa dos vaqueiros acontece uma desgraça em que a vida se extingue como um sopro.

Um buraco escondido no chão, ou a pancada seca num galho de árvore, que o vaqueiro não teve tempo de evitar, joga o herói para longe com o crânio

Biblioteca Pública Benedito Leite

partida em morte violenta.

*

* *

O sertanejo não teme a morte. Antes faz de seus enterramentos um motivo de reuniões, quase festivas.

Quando morre alguém a casa do morto enche-se de amigos, vizinhos e até de estranhos.

Dá-se um banquete fúnebre. E, como geralmente, o sertanejo arma o cemitério longe, os enterros são quase alegres, espécie de procissão feita aos gritos de – "chega, irmão das almas", e durante a qual a bebida é fartamente distribuída para que o morto chegue mais depressa ao cemitério...

*

* *

A habitação do sertanejo maranhense; traduz-lhe um dos mais impressionantes traços de sua psicologia:

– A hospitalidade.

Da choça humilde e primitiva isolada no meio do mato, à casa de fazenda abastada, aos sítios de cana o varandado hospitaleiro aguarda o hóspede sem lhe indagar de onde vem, ou para onde vai, sempre disposto a lhe dar o agasalho amigo e inviolável, com os agrados que a situação econômica do dono da casa permite.

O hóspede é sagrado, para o sertanejo.

Ninguém lhe tocará sem ferir antes o hospedeiro.

As vozes do caboclo de nosso sertão, em lhe chegando alguém à casa, são sempre as mesmas:

– Pode "arranchar"!

– "Arranchar" é um verbo que diz tudo da hospitalidade matuta. Significa a mesa posta para a refeição, o canto para a dormida reparadora.

Na casa do nosso matuto está toda a sua psicologia.

Acostumado ao isolamento, motivado pelas distâncias enormes das terras despovoadas, o sertanejo arma a sua habitação longe de outras casas. O "vizinho", no sertão, está quase sempre à meia légua de distância, para mais.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A casa fica isolada. É longe da "cacimba", longe das roças e longe do cemitério.

É do feitio sertanejo essa orientação de seu "habitat".

O matuto gosta de andar para os lugares do seu trabalho.

Vai nisso é certo uma influência bem forte do nomadismo primário.

A casa isolada, esquecida no meio do mato, cercada de "mufumbos", ou fincada nos chapadões, ou à beira dos brejos fartos, é sempre convidativa para o repouso, e enche a tristeza da paisagem monótona, com o fumo do borralho e o alarido dos cães de caça, sempre magros, mas vivos e alertas à qualquer hora.

Nas fazendas ricas, as casas são verdadeiras evocações de "ocas" mais ou menos civilizadas. Erguem-se aos grupos, dentro de enormes cercados de estacas de arueiras, e nessas cidadelas de palha, o "pater-família" reúne todos os filhos e filhas casados, os afilhados e "crias" de casa, sob o regime patriarcal legítimo, em que a autoridade paterna se faz sentir em toda a sua plenitude. O pai nunca abre mão dêsse direito. Filhos, homens barbados, pais de prole numerosa, quando erram, apanham de joelhos respeitosos e humildes, surras tremendas de cordas de sedenho...

Nessas fazendas, que já constituem verdadeiros arraiais, futuros povoados e vilas e cidades, o sertanejo arma ao lado da capela, onde cultua os santos de sua devoção, a casa de "rancharia", onde cultua a hospitalidade tradicional desses rincões .

Em torno da casa grande de moradia, numa área enorme dos sítios, os agregados fazem as suas casas; trabalham ou nos campos como vaqueiros, ou lavram as terras de meia, e ainda ajudam o senhorio com dias de serviço nas roças, abatição de estradas, em franco regime comunal, dos grandes latifúndios.

*

* *

Para o sertanejo, o burro e o cão, são os seus animais de cooperação ativa e inevitável.

Num burro, o homem do sertão é capaz de varar o mundo.

Biblioteca Pública Benedito Leite

Não há distâncias que o faça recuar. Não se apressa, porque sabe que chegará um dia. Isso é o quanto basta.

Anda léguas e léguas sem se alterar. A marcha é sempre a mesma, o passo monótono do animal, quer chova, ou faça sol.

Si anda sozinho, não se altera; acompanhado, de quando em quando dá uma palavra ao companheiro, mas lago depois recai na cisma matuta, alheio a tudo, escanchado na montaria, desajeitado e indiferentemente, guiado pelos passos do burrico manso, que não se apressa para chegar, porque o milho cozido o desaltera sempre com fartura nas mochilas .

Viaja o dia todo. Quando tem fome, montado mesmo, come um pouco de rapadura, bebe um trago e anda.

Si a viagem é longa arrancha-se à tardinha. Encontrando casa pede pousada. Não encontrando arreia-se no meio dos campos. Acende o fogo, com o isqueiro de pedra. Peia os animais, amarra-lhe o chocalho, e faz o jantar, e deita-se depois entre as cargas, e dorme até clarear a madrugada.

Sela o animal e prossegue o seu caminho até chegar.

O cavalo é mais usado para o campeio e para as corridas da vaquejada.

O cão é o amigo dedicado. Serve-se dele para pastoreio, e para as caçadas de mateiros e caitetus bravios.

Si apanha a caça, dá-lhe as vísceras sangrentas; si o cão perde a preá, corta-lhe um pedacinho da orelha para reanimar o faro...

*

* *

As caçadas fazem parte da vida. Servem para prover a dispensa da casa:

Há populações, no alto sertão maranhense que só se alimentam de caça, como nas chamadas zonas da "travessia", – grandes desertos, onde os areias são recobertos de um capim mirrado, e onde ,a paisagem é monótona e triste, e a flora se retorce amargurada, nos arbúsculos dos "puçás", que bracejam as copas mirradas, sob o castigo de um sol ardente .

Nas "zonas" mais baixas, onde há matas, como as do Japão, às ilhargas do Alpercatas, e nas sombrias matas do Mirador e Pastos Bons a caçada mais típica dos sertanejos é a que se faz de "espera".

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A "espera" é uma aventura que exige muita paciência e coragem.

O caçador, que, durante o dia, examinou os pés de "tuturubás", e "tarumãs", os pequizeiros, à cuja sombra os veados "mateiros" vêm comer, ao cair da tarde, demanda a esses ermos. Arma a "tipóia" ou o "fiampo" num galho de árvore e "espera". A noite desce. O mundo da floresta entra no silêncio enorme da noite, em que tudo é exageradamente perturbado ao menor rumor. Passam, dentro da selva escura, os pirilampos enormes das matas, chamas esverdeadas, que voam, no escuro, como se no mato arfante e misterioso, houvesse um sarau de lendas numa farândola de estrelas cadentes...

Os corujões gargalham sinistramente .

O caçador escanchado na rede, "rifle" com bala na agulha; ou a lazarina aperrada e de espoleta "G. D." no "ouvido", atento a todos os rumores, espera a caça...

Dão-se, nessa ocasião, cenas pitorescas. O macaco "choim", aos bandos, de salto em salto, assaltam às vezes, a árvore da espera.

O sertanejo livra-se do bando a coronhadas, ou à faca. Não atira, porque espantaria o mateiro arisco.

Aguarda pacientemente, no seu posto. Às vezes cochila, mas seus ouvidos alertas escutam longe.

A sensação da espera é formidável. O mistério da noite. O rumor característico da floresta, o vento que faz ranger os galhos, dão, por vezes, ao caçador um calafrio de medo. Nesse estado d'alma à escuta, chegou-lhe às ouças uns gemidos fortes de criança. Espanta-se com o choro. Os cabelos "crescem-lhe" na cabeça pelo susto. Mas tudo passa porque é o porco-espinho, (ouriço-cacheiro), que chora dentro da noite, no alto das palmeiras crespas.

Existem lendas de caças e caçadores e todo um "folclore" interessante.

Nessas horas, quando no alto da espera o sertanejo espreita a treva, (narram as lendas) ouve-se dentro das matas o machado cortar. Árvores enormes tombam ao longe. É á derribada sinistra das visagens. Os golpes redobram, novas árvores caem. Os cortadores se aproximam. É o perigo das esperas. O caçador desce dos "moitas", deixa a rede no alto, alucinado atira a

Biblioteca Pública Benedito Leite

arma longe, acontecendo esta disparar e assustar mais ainda o caçador, que corre, como um louco, pelo mato, até chegar em casa, tremendo, cansado, sem fala.

— Assombração !

Isso raramente acontece. O que é comum é o caçador matar dois e até três veados mateiros, numa noite, e, não raro, alguma onça feroz, que se atirou sobre a caça que entrou na "espera"...

*

* *

A alimentação do sertanejo é frugalíssima. Carne, de quando em quando; feijão, paçoca, raízes de "macaxeira" (aipim) milho e arroz.

Entram nessa alimentação, o buriti e o pequi:

As "criações", que no sertão são as cabras, servem para os dias de apertura.

Nas fazendas a "coalhada-escorrida" é o prato substancioso das tardes.

O caboclo trabalhador, principalmente o tropeiro, come rapadura com paçoca, ou simples rapadura com farinha seca.

O feijão e a fava branca constituem o prato de todos os dias.

Muita gordura, muito azeite de coco.

*

* *

Essa vida desenrola-se inalterável. O sertanejo é fatalista. Espera sempre. Não se altera nunca.

A sua fé é cega e simples. Crê porque o "seu" vigário disse, os seus pais aceitaram e ele morrerá assim.

Quase não tem abusões. Acredita nas almas penadas, em assombração e "amarração".

"Amarração" é o feitiço do sertão: Um homem quando foi "amarrado" não prospera mais. Tudo que é seu entra em anarquia. Para quebrar a "amarração", existem as "rezas fortes". O rezador faz os seus "mungangos" e as suas cruzes sobre o indivíduo, ou sobre os objetos "amarrados".

O caçador, por exemplo, que era ótimo "escopeteiro", não errava um tiro;

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

fica, de repente, "bromado".

A arma si não falha, dispara tiro duplo, batendo antes o "catolé".

– É "amarração".

O lavrador próspero, de grandes roças, milharal bonito, arroz crescendo, que fazia gosto, surpreende-se, um dia, com a desoladora visão de que tudo está murchando e morrendo, no roçado.

– É "amarração".

O gado dá o "toque"; das vacas leiteiras desaparece o leite; criança em casa dá o "vento mau", a mulher sente a "espinhela caída", os negócios vão ruim?

– É "amarração"!

Aparece o rezador. É geralmente um caboclo velho, macumbeiro, que cura "bicheiras" à distância, "castra-gente" pelo rastro e tira o encanto da "amarração".

Há símbolos contra os "mal-ofícios". Nas roças, caveiras de bois para afugentar o mal; em casa, nas portas, fazem-se os "Signos de Salomão" para evitar o "espírito-mau".

As "mesinhas" são as beberagens da vasta farmacopéia sertaneja. Generalizam tanto esse nome, que "mesinha" é todo e qualquer remédio.

Dos preconceitos roceiros, o mais curioso é o respeito que se tem ao café.

É uma bebida perigosa no sertão. Quem toma café quente não sai logo de casa, não fala, não corta cabelo, não monta a cavalo, não bebe água.

Espera-se muito tempo para deixar passar os "efeitos".

Fora dessas crenças e preconceitos, o sertanejo é um simples de alma aberta, profundamente religioso, com uma fé capaz de transportar montanhas, conformado, por isso, com tudo, porque Deus quis, e Deus para o homem do sertão é, como deve ser, respeitado e adorado.

É por isso, que no sertão se abençoa assim:

– "Bênção de Deus"!

*

* *

O furto no sertão é muito raro.

Quase não há ladrões naquelas paragens. O sertanejo tem um profundo

Biblioteca Pública Benedito Leite

respeito à propriedade alheia.

As roças não são cercadas. Até uma fruta ninguém tira sem pedir. Quando acontece, ao tempo de melão ou melancia, alguém colher um desses frutos em roça amiga, previne o dono no primeiro encontro.

Os roubos de gado e animais são severamente castigados. Quando descobertos os gatunos levam "tundas" tremendas.

O ladrão mais comum e vulgar é o "escondedor" de animais de tropas é de viajantes.

Esconde os animais para simular encontrá-los depois, e cobrar ao viajor o resgate do "achado".

Muitas vezes saem-se mal porque os "rasteadores" descobrem a "tramóia" e pegam o ladrão.

"Rastear" animais é uma das coisas mais curiosas do sertanejo. É a sua grande e estranha argúcia. No meio de um turbilhão de rastos e pegadas sabe distinguir qual os do burro ou do cavalo, o que vai "peiado" ou solto.

Rasteia-se um animal, léguas e léguas, até descobri-lo.

O sertanejo nesse mister é extraordinário.

Os burros mais fugitivos são pegados.

A "peia", é um dos utensílios necessários para quem viaja. O animal preso dos pés, ou das mãos, come solto, e não foge, e quando se afasta muito o chocalho indica a direção em que vai.

*

* *

A honra é tradicional no sertão. É o maior patrimônio moral do sertanejo.

Tem por ela o respeito dos cavalheiros antigos.

A honra é sagrada. Para lavá-la só o sangue, para repará-la, só – a morte.

Entre um desrespeito à honra e a mira do "rifle", ou a ponta do punhal, medeia apenas o espaço dá ocasião, ou do primeiro encontro.

Os grandes crimes que por vezes têm abalado os sertões, não foram lutas de origem política, mas lutas de honra, que, geralmente, nascem das questões fúteis de terra, ou "questões de moça".

A terra no sertão tem sido a causa das mais graves tragédias de sangue.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O coronel latifundiário, provoca e, por vezes, acirra as lutas entre "posseiros", para depois, intervir, como advogado e tomar conta de tudo como paga do acordo promovido.

É sempre assim.

Essas questões são tremendas.

Travam-se lutas de vida e de morte. Destroem-se famílias inteiras, sacrificadas a punhal, ou à bala.

Nos sertões do Mirador é célebre a questão dos "Mucuras".

Os Mucuras, desavindos com um vizinho brigavam por causa de uma "cacimba".

A política local deu forças ao inimigo dos Mucuras.

Certa tarde, quando o velho "pater-família" dos Mucuras, regressou à casa, das tarefas do roçado, tinha-se dado o desastre. O seu vizinho lhe havia espingardeado, à beira da cacimba, a mulher e duas filhas e se "servira" miseravelmente das moças, depois de mortas...

O velho Mucura sofreu tudo calado. Enterrou os seus mortos. Bateu às portas da Justiça. Esperou. Nunca mais mudou a roupa suja do sangue da mulher e das filhas. Cresceram-lhe os cabelos e a barba. Era quase um bicho, vivendo oculto nos matos, fugindo do contato humano.

A justiça recolheu à cadeia o assassino. Os tempos passaram cheios de rumores e boatos de vingança.

Essa não falhou. Certa vez, num esplêndido luar sertanejo, às horas mortas da noite, figuras de homens armados cercavam a cadeia, onde o único soldado dormia nos fundos.

Os golpes das coronhadas dos rifles martelando as portas do velho presídio, despertaram a vizinhança assustada.

O assassino compreendeu tudo. Gritou por socorro. Ninguém se abalou para salvá-lo. O guarda fugiu. Os outros presos fugiram, também. O matador das filhas do Mucura, esgueirou-se pelos fundos da cadeia.

Dois tiros abalaram a noite. O homem já ferido consegue furar a cerca e quando ia fugindo para o mato próximo, é cercado pelos vingadores.

Dá-se o sacrifício horroroso dêsse justiçamento.

Biblioteca Pública Benedito Leite

O velho Mucura, louco de iras e ébrio de vingança, com os filhos e parceiros, desatrelam os facões das bainhas e cortam em mil pedaços o infeliz que assim pagou o crime de seu ódio no sangue quente, que molhou o chão enluarado dessa noite sertaneja, e enquanto os justiçadores da honra do lar, sumiam-se na estrada, os cães vadios disputavam pedaços daquela carniça humana...

A moral do sertanejo é rígida. Patriarcal.

A sua sexualidade é equilibrada. Não há vícios nos rincões adustos dos sertões.

O homem e a mulher completam a sua finalidade biológica, normalmente.

A prostituição é um acidente grave, que pede sempre reparações violentas.

A sociedade sertaneja, nesses domínios de vida simples, não aceita a prostituta. A mulher casa-se ou amiga-se.

Não há lugar para a mulher livre.

O homem é essencialmente monogâmico. Si é casado, vive só para o seu lar. Não tem "caseiras" ou concubinas.

Trabalha e procriai, sem filhos espúrios.

O "amigado" é um homem, "em pecado"; mas socialmente, com um lar que não escandaliza àquela gente.

Todos lhe respeitam o seu estado. Não há preconceitos que o façam segregado do convívio de seu meio.

As vezes a "amigação" é uma conseqüência da ausência do padre, ou juiz que legalize a situação. Nesse caso, esse conúbio ilegal, é feito, como se diz, sob a forma de "casamentos de fogueira".

É uma solenidade singular, a desses contratos de núpcias, que afinal, em rigor de análise estão perfeitamente enquadrados na ordem de certos casamentos que a própria igreja aceita em determinadas circunstâncias.

Dá-se, geralmente, essa reunião de noivos, esse casório original, com muita solenidade.

À porta dos lares caboclos, reunidos os convidados e os "padrinhos", acende-se a grande fogueira, símbolo de crenças tradicionais do povo; entoam-

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

se os "responsórios" e cantam-se hinos arrastados do florilégio cristão do sertanejo.

As imagens de S. José e da Virgem presidem o ato. A fogueira arde no terreiro, avermelhando a noite, enchendo o céu de miríades de fagulhas luminosas.

Terminada a ladainha, os noivos "passam o fogo". O ritual é simples:

> "S. Pedro, S. Paulo, todos os santos da corte do céu, sirvam a Deus de testemunhas, perante S. José e a Santa Virgem, que "fulano é meu marido; ou que "fulana" é minha esposa."

E, estão casados. Prosseguem as festas, e, quando um dia se oferecer a oportunidade, com a vinda das desobrigas os noivos tomam "as bênçãos" e fazem os "banhos" da Igreja. (9)

*

* *

A situação da mulher no sertão é de rigorosa auxiliar de seu marido, ou "amásio".

A mulher participa da vida e do trabalho de seu companheiro. Trabalha tanto quanto o homem.

Na lavoura, a sua eficiência é positiva. Faz capinas, planta milho e arroz, apanha algodão e gergelim, fava e feijão, carrega enormes cofos à cabeça; rala mandioca, faz os misteres de dona de casa e quando é preciso vai sozinha em longas jornadas dos campos e fazendas até às vilas

*

* *

O filho do sertanejo cresce se "adumando" bem cedo com a vida rude dos pais.

Crianças, ficam sós em casa. Logo que aprendem a montar; caminham para as roças si o pai é lavrador; ou, tangem os bezerros para os pastos, de manhã, à tarde, os recolhe aos currais si o pai é vaqueiro.

---

(9) Êstes casamentos eu os encontrei no lugar "Brejinho", no Município de Mirador, acima do Chuveiro, em plena "TRAVESSIA", em 1926.

Biblioteca Pública Benedito Leite

É comum, nas estradas das vilas, encontrarem-se crianças, no meio de cangalhas, entre cargas de "jacás", fazendo compras, ou entregando legumes ao comércio.

O menino cresce dessa maneira adaptado à sua paisagem, refletindo a vida do ancestral, em todos os ciclos de sua existência, com o mesmo espírito e renúncia, com a mesma crença fatalista, e com a inalterável exatidão da velha rotina da cabocla, que conserva, há séculos, os mesmos hábitos patriarcais de seus maiores.

Ainda isso é, neles; uma virtude.

*

* *

A arte do "hinterland" maranhense é muito precária.

Reduz-se mesmo aos adornos e enfeites das selas, louros e gibões de couro.

É no chapéu de couro e nas selas vaqueiras, que a vaidade artística se manifesta.

O caboclo enfeita o chapéu com enormes taxas, ou ilhoses, que dão ao "sombreiro" de couro, uma viva e expressiva manifestação de arte simples.

Nas selas os bordados lavrados na sola polida são curiosas. Representam estrelas e signos de Salomão metidos em cercaduras de pontos feitos a martelo.

Nas rédeas dos animais usam moedas de prata, e no peitoral grandes bordados de lã vermelha.

A cerâmica é paupérrima. Os potes são lisos, sem moldagem alguma e as bilhas do mesmo feitio.

As roupas são comuns, consistindo o luxo numa gravata berrante amarrada, muitas vezes, ao pescoço sem colarinho.

As mulheres são mais caprichosas, gostam das cores vivas, predominando o azul, o verde, o branco enfeitado de fitas e de canutilhos de malacacheta.

Da árvore do "ciúme", que dá uma riqueza maravilhosa de seda vegetal, as moças e as casadas, fazem adornos interessantes, grinaldas e braceletes, com que se enfeitam para as missas e para os casórios.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

*

* *

A música do sertão é monótona, impregnada da tristeza dos descampadas, lenta como a vida do meio ambiente, primitiva, quase sem temas musicais.

Há nessas toadas do "baião", nos saracoteios do "coco", ou no choro das gaitas de fole, ou nos "pífaros" sibilantes, a mesma tônica, saturada de uma enorme nostalgia, de um quê de saudades distantes através de cujos sons bailam as paisagens esbatidas dos cerrados, dos chapadões cinzentos, do chão poeirento e triste.

O canto é mesto vai do "aboio" dolente dos vaqueiros, tangendo o gado, aos hinos religiosos, ou às arrepiantes "latomias" das "incelencias" nas sentinelas.

Todas as vozes se erguem como a traduzir nos vastos rincões de nosso Estado, a mesma monotonia da terra, que é feita de um conjunto de coisas tristes.

*

* *

Esses aspectos, rapidamente descritos do homem do sertão, dentro de sua vida acidentada e simples em relação à paisagem servirão para armar as conclusões, que nos importam tirar, mais tarde, no decorrer deste trabalho, quando tivermos de fazer a análise do "tipo" sertanejo na sua verdadeira psicologia.

O homem, como se vê, reflete, em sua vida, a sua paisagem, e a modifica, por vezes, de modo violento, para melhormente adaptá-la às condições de seu "eixo de produção".

– Quando Agosto se escoa, o sertão toma aspectos apreensivos. Não sofrendo o flagício das secas, no rigor do fenômeno, que assola as terras calcinadas do nordeste, em que a vida é uma aventura, nos vórtices da morte, que paira em tudo, o Maranhão, participa, no entanto, nas regiões sertanejas, das "apreensões" das secas.

Ventos ásperos, num bafio morno, requeimam o ar parado.

Biblioteca Pública Benedito Leite

No céu limpo, profundamente espelhante, na concha azul de sua cúpula imensamente azul, o sol vermelho, como um enorme aracnídeo de fogo, abarca a natureza monótona, saturando-a de luz.

A terra abrasa e queima e arde, numa enorme combustão; o chão fuzila e chispa e reverbera em cintilações da luz viva e cruá do sol ardente.

Há crepitações em tudo, em tudo lavra uma pulverização de sol vivo e esse incêndio climático dá às paisagens dos sertões adustos, uma impressão forte de que tudo ali parou.

A luz é um castigo. Ofusca e cega.

Nas imensas planuras, ou nos descampados, as árvores desoladas não sacodem as ramagens, e nos chapadões, onde a luz parece bater mais crua de chapa a prumo, as "faveiras" enormes se retorcem tremulando as folhas miúdas das ramadas, no conjunto dos grandes galhos tentaculares, que se recurvam, inclinando-se até tocar o chão, dando a árvore a impressão de um grande povo verde, que sugasse o ventre ressequido da terra, para lhe extinguir a derradeira seiva da vida, que se debate em ânsias de morte, e em plena apoteose de luz...

É nessas horas faiscantes, que cigarras bêbedas de sol, zinem e zunem alucinadamente, aos milhões, ocultas nas árvores, produzindo, dentro dêsse esbanjamento de reverberação solar, tal rumor, que se tem a impressão estonteante de que é a luz que solta assim, esses ruídos prolongados de serras metálicas, rangendo e ringindo em rijos blocos de aço por entre um turbilhão de chispas violentos...

A vida do sertão torna-se uma agrura. O verde da mataria murcha. Torna-se cinzento escuro.

O quadro é impressionante, por vezes soberbo, principalmente, quando, dentro das faiscações dos dias limpos, lá longe se nos descerram os panoramas da paisagem morta, em que a terra conturbada nos aparece sangrando nos cabeços vermelhos dos morros desnudos, enquanto a mataria espessa no fundo do diorama esbatido surge como uma tela azulada toda manchada da fumarada dos campos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Nesse cenário e contornos rijos aparece, para iluminá-lo, aqui, ali e acolá, como fogueiras floridas, o fausto dos pau-darcos em flor, no alumbramento das comas douradas, que se desnastram, casando o amarelo vivo com o verde imenso do mato, no milagre estupendo das cores nacionais...

Nesse quadro aflogístico, a vida como que parou.

O movimento cifra-se a um ligeiro arfar dos matos saturados de calor. Só, às vezes, quebram a monotonia da paisagem o tropel das tropas de comboeiros num turbilhão de pó, ou a carreira dos vaqueiros encorados correndo os campos no pastoreio.

Na grimpa das árvores esguias o gavião solta o grito cínico de ave de rapina à espreita dos cascavéis nas moitas...

Essa terra, assim, requeimada, varada de luz intensa, com os cristais de rocha faiscantes e a paisagem retorcida na angústia dos cajueiseiros mirrados, ou no aspecto desolado dos mandacarus que bracejam hirtos os candelabros de espinhos, é o sertão na expectativa dos dias queimantes das secas...

*

* *

As águas diminuem nas cacimbas, minguam, escasseiam e desaparecem nos riachos.

O sol castiga. A terra arde. O chão levanta poeira fina e escaldante.

É nesses tempos, que o sertão oferece os piores aspectos. A paisagem é torturante. O mundo dos seres parece asfixiado.

O gado foge para os "vãos" de serra, ou vai matar a sede nos brejos fartos, e providenciais que constituem "oásis" sertanejos.

O céu fuzila. Limpo. Espelhante. Transfigurado de luz.

O sertanejo aumenta o calor, tocando fogo nos campos.

É a devastação das chapadas de "agreste" das matas e das cumeadas de serras.

Tudo arde. Tudo queima. O fogo é levianamente jogado a esmo. O vaqueiro o propaga na ânsia de melhorar os pastos no inverno; os tropeiros o animam jogando os cigarros de palha de milho nas touceiras do capim seco.

Biblioteca Pública Benedito Leite

O fogo serpenteia por toda parte. O incêndio começa; pequenino; enovelando-se num pouco de fumo; lambe as folhas secas do chã, morde as moitas, alastra-se a princípio num crepitar de galhos mas logo depois reanima-se em pequenas chamas saltitantes, que se espraiam pelos campos sacudidas pelo vento.

Recrudesce, recresce, aumenta, estalando as ramas, abrasando as macambiras, descendo aos socavões, subindo às árvores desoladas, numa volúpia de tudo aniquilar.

O vento dá-lhe incremento. O fogo dispara pelas chapadas, abarca áreas imensas, e se propaga pelo sertão a dentro...

É a queimada que toma, por vezes, aspectos de grandes tragédias.

O incêndio devorando léguas de matas, sobe e se assoberba num mar de fogo, em labaredas que mais parecem línguas do inferno, sacudindo a terra em brasa, estrondando nos "capões" como se no chão vermelho houvessem danças de relâmpagos...

Nos vórtices dessas devastações desaparecem trechos de matos, roças e capoeiras de manivais anosos, por vezes até fazendas, num verdadeiro pandemônio.

O espetáculo dessas queimadas é assombroso.

— O incêndio dura, por vezes, semanas à fio, e quando paira violento e rábido pelos tabocais cerrados de bambu, o estralar dessas canas silvestre, dá uma ilusão perfeita de que ao longe se travam combates medonhos sob fuzilaria intensa e estralejar de metralhadoras pesadas...

Dentro das noites cálidas a fogueira imensa toma aspectos dantescos. Entre o céu de clarões enormes, sobe ao alto das serras, que ardem num sacrifício, a encher o céu das faiscações dos topos em chamas.

O sertanejo, quando o fogo campeia, dá o alarma ao vizinho tocando o búzio, e de todos os sítios e fazendas, das casas de moradia, vaqueiros e lavradores, tropeiros e agregados abrem grandes aceiros no mato, isolando o fogo nessa brutal arrancada de suas devastações...

*

* *

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Passam-se, assim, os meses do ciclo do fogo. Novembro traz um céu esbraseado, de manhãs vivas, lavadas de luz, e de tardes vermelhas franjadas de ocasos rubros. Nuvens grossas e pesadas se acastelam. Os ventos carregam os nimbos sombrios. E lá por sobre cumeadas dos cerros, nesse lusco-fusco de tardes rápidas, o trovão longínquo anuncia o inverno "o pai da coalhada" fresca e dos dias longos e monótonos de chuvas .

Dezembro entra molhando as terras calcinadas.

Depois a invernia desaba. A água esparrama-se por toda parte. Anda aos gorgolejos nas calhas dos riachos, entope os grotilhões, enche os rios, transborda para os brejos e lagoas; bramindo na ânsia de dessedentar a natureza, aliviando-lhes os martírios secretos e as agruras por que passou nos dias cálidos do verão.

Há pletora de vida. O viço invade escandalosamente a paisagem, que toma cores vivas, no milagre faustoso das ramagens verdes.

Os sertões se refazem, nessa quadra de renovação das seivas cansadas e a vida prossegue, lenta, mas ininterrupta, e o homem no sertão ritma os seus quefazeres, na monotonia cristã da resignação de quem obedece a um destino imutável, e segue a todas as interferências da paisagem, que lhe determina; em cada época do ano, os rumos da vida, nos seus horizontes de trabalho e povoamento.

*

* *

Além das terras malogradas do golfo maranhense, em cujo litoral o mar prossegue a devastadora arrancada de suas vagas, no eterno *conflito* de Reclus, a comer os barrancos, onde os mangues se enfileiram numa barragem contra os ímpetos das águas, estendem-se os campos e planuras da Amazônia maranhense.

É a zona da baixada.

Região de acentuados característicos amazônicos; essas terras esteriografam na sua fisionomia as lutas seculares da natureza indômita, surgindo das águas inquietas para uma formação de relevo, que ainda hoje se debate entre as cheias de seis meses, que anualmente lhe inundam os baixos

Biblioteca Pública Benedito Leite

campos até se formarem definitivamente, como vai acontecendo, nos *tesos* e chapadas, onde as invernias produzem charcos e igapós, mas não lhe devastam de todo os domínios.

Nessa planície a paisagem é perturbadora e variada. Modifica-se e multiplica-se nos mais complexos e caprichosos aspectos. Dominam, quase sempre, extensões enormes de campanhas debruadas de mataria rala, chamalotada de capim verde ou cheia de pequenos bosques de araribeiras, ou de moitas verdes de *crevirizeiros*, e não raro perturbada na sua monotonia chata e inquietante, pelas linhas verticais de palmeiras isoladas, como si ali ficassem perdidas, e retardadas, nesses campos, cansadas e estropiadas da marcha vitoriosa dos cocais imensos, que vingam outras terras às margens do Pindaré e Mearim, até os mais afastados pontos do Itapicurú.

Sente-se, em toda essa magnífica faixa do território maranhense, que as forças *secretas da terra* se agitam na formação de uma crosta, cujo gearam revelaria num traço vertical as mais estreitas afinidades com as plagas da Hiléa prodigiosa.

Há, por estas bandas, algo daquela *desordem* euclidiana, em que o solo se amolda e a natureza modifica a face da terra, que se agita na sua topografia instável em ânsias de uma situação mais definida.

A legendária Amazônia, "é talvez a terra mais nova do mundo , consoante as conhecidas induções de Wallace e Frederico Hart. Nasceu da última convulsão geogênica, que sublevam os Andes e mal ultimou o seu processo evolutivo com as várzeas quaternárias, que se estão formando e lhe preponderam na topografia instável".

– As características da baixada maranhense são essas. Os fenômenos, que lhe sacodem as terras *em formação*, os lagos e os alagadiços e todo o imenso conjunto de terras, que se erguem num como persistente trabalho de aterro e secamento das águas, bem significam, na sua estrutura; que a selvagem Amazônia começou o seu escoamento por estas bandas.

A própria vida é como uma miniatura da vida daquelas terras.

Se não se encontram aqui os gigantescos espécimens da flora e da fauna das zonas dos *curiquerês*, ou *monõa del Rovado*, seres de monstruoso porte,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

vêm-se movimentar entre o lamaçal dos charcos e nos igapós de águas ludras, a sucuri e os jacarés, as lontras, e os variados grupos de anfíbios, que se apresentam à semelhança da terra, já modificados no seu primitivo aspecto.

Dir-se-ia que, nestas paragens, a vida vai minguando o tamanho dos seres à medida que as terras sobem pela ação decisiva das colmatagens.

*

* *

É nos "embolados" desses campos da baixada, com os seus alagadiços e enseadas, lagos e "igarapés", igapós e planuras verdes, ou gurguéas cheias de mururús e torroadas, que racham ao sol das secas ou se movem nos peráus dos tijucais, ao inverno, que a natureza caprichosa oferece verdadeiros aspectos amazônicos, ao homem transplantado.

A baixada maranhense constitui, na gênese da terra sedimentaria, o mais curioso dos relevos, e por isso mesmo, uma *barragem* de povoamento dos mais interessantes.

Essa vasta faixa de terra, desce, de Santa Helena, pelas chapadas e *tesos*, para os campos de Pinheiro e Viana, até a foz do Grajaú, e recurva depois pelos descampados do Araí e Anajatuba, de Pombinhas e Vargem Grande até, Icatú, onde se encontra com a zona desértica do Maranhão oriental .

A terra aí como que se reconstrói.

O formidável aterramento dessa Amazônia já modificada pelos fatores preponderantes de todos os elementos climáticos, impressiona a olhos nus.

A baixada é, dentro do quadro geológico da terra em formação, uma página curiosa do gêneses na fase dessa modelagem estupenda do solo, que, há séculos, cresce das águas, por colmatagem e vai aos poucos se solidificando, tomando firmeza e consistência até surgir definitivo, através desses processos, em terreno firme onde as matas seculares possam, afinal, toldar o céu com a tonalidade verde-escuro das ramarias sussurrantes...

Não será que o genial Agassis tenha razão?

Estas planícies, por ventura, em épocas remotas, não constituíram também uma enorme bacia lacustre?

Biblioteca Pública Benedito Leite

A ronda dos séculos, o determinismo geológico e as forças secretas da terra não lhe vêm modificando o fácies, dando à esta zona os característicos de um alevantamento de terras?

A configuração do solo é bem interessante.

Há em toda a grande área, vestígios palpáveis dêsse período glaciário de Agassis, em que a Amazônia era um vasto lago povoado de sombra e mistérios.

Depois, a forte influência do clima, o fatalismo geográfico do escoamento das águas criou esse terreno que a natureza vai aparelhando para grandes predestinações no Estado.

Vários lagos secaram. Outros vão desaparecendo aos poucos. Onde eram festas das águas em, movimento, surgem, agora, terras côncavas e cobertas de vegetação verde, enquanto a natureza caprichosa ornamenta as chapadas e campinas para a festa das asas e no encanto dos prados e bosques floridos.

A terra se desdobra, assim, nas mutações variadas da vida e da paisagem que se multiplica ao infinito, tomando, do solo, os seus caprichos, conforme as condições que lhe ditam os regimes da seca ou o inverno.

A visão dessas paragens é surpreendente.

"Aqui se estende o campo de teso; na seca, extensão de touceiras, de um verde desmaiado e pardacento, interrompido pelas escaras negra dos caminhos, das torroadas; no *inverno* (estação das chuvas) mar de altas ervas ondeando, de folhas flutuantes ao menor sopro, atufando as boiadas esparsas, que lhe divagam pela superfície monótona.

"Ao longo dos estuários o panorama é velado por uma fita de *mangues secos*. Vegetam estes em combinação com a flora dos descampados, vendo-se a alfombra da relva sob as árvores de enegrecidos troncos, esguias, com raízes adventícias, saindo do caule e não dos ramos como no mangue verdadeiro".

"Para além da cortina de mangues, sob a extensão uniforme dos prados de capim-assú, as carnaubeiras abrem, a espaços, seus grandes leques, aqui e ali, numa desordem pitoresca. Aparecem mesmo nas extensões alagadiças, entrecortadas de charcos, planos intermináveis, de uma horizontalidade perfeita, onde as *curvas de nível* nada teriam que dizer, e cobertos de capinzais

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tão densos, altos e virentes, que neles desaparecem peões, boiadas, cavaleiros...

Depois, são vastos campos, salpintados de arbustos isolados, de moitas, de maciços verde-escuro de matos, harmoniosamente destacados sobre o grande painel indefinido da relva. Percorrem-no, pintalgando-o de pontos claros, aves errantes; emas velozes, garças nitentes, bandos de mais pernaltas esguios. Nenhuma outra fauna de campo excede em variedade e colorido a esses jardins espontâneos, de recorte mais vivo e caprichoso, animados de uma beleza clara e perfeita, e ao mesmo tempo alacre, viva, nos matizes das frondes rendilhadas, dos lençóis d'água, dos capinzais. Graças de parque, – imensidade de estepe".

Seguem-se as matas marginais, serpenteando com os rios e os massiços sombrios e elevados dos coqueirais. E, finalmente, conchas acustres, campos de grande inundação. É neste que melhor se pode ver a mutação da vida na alternativa climática das águas". (10)

*

* *

Entre as mutações das invernias e o escoamento das águas paradas vive a região descrita.

Os quadros são diferentes, mas cheios de um deslumbramento, que alumbra o espectador.

Variam. Tomam relevo interessante. Agem como determinantes poderosos na vida das populações semeadas, numa relativa densidade demográfica, pelas terras altas já conquistadas das águas.

Fazem mais. As influências dêsse meio, que se modifica e transforma de seis em seis meses, provocam, em cada época, um novo ritmo à vida dos seres e das cousas. Nas secas, em que os campos emergem dos vastos lagos, num milagre de uma verdadeira ressurreição do verde, a vida se acelera, colora-se, toma um influxo forte num movimento que determina o deslocamento de populações inteiras para as margens dos lagos que se espelham na concha dos campos, ou dos rios que minguam nos seus leitos; no inverno, a vida

(10) R. Lopes – Op. cit.

Biblioteca Pública Benedito Leite

recua para o centro das terras, e o nomadismo dessas populações adventícias manifesta-se no retorno delas para as terras firmes.

A vida obedece em tudo a esse movimento, como se por um estranho atavismo, o fluxo e refluxo das águas antigas da região, na época legendária e estuante da Amazônia em seu período aluvial, ainda hoje persistissem sob essa forma de energia estranha e impulso esquisito, que sacodem as *gens* da baixada maranhense, nos seus avanços e recuos, em; luta pela vida, nas duas fases que modificam a face destas terras em formação crescente...

Tal aspecto, tal vida, desordenada, inquieta é povoada de acidentes curiosos e de heroísmos anônimos.

*

* *

As chuvas nesta zona, caem geralmente em fins de dezembro para janeiro. Trovões atroam os céus esbraseados, onde os nimbos grossos e atufados pelos ventos fortes se acastelam numa como estranha muralha medievalesca, negra e sombria, cortada de quando em quando pelo risco nervoso e fulminante de relâmpagos, que serpenteiam debruando as nuvens de fogo.

É o inverno.

O Maranhão é, segundo Henry Buff, o terceiro lugar do mundo onde, mais chove: a quantidade d'água é avaliada em 259,8 polegadas de Paris.

Na baixada o inverno é uma catadupa. Quando os aguaceiros desabam, chove dia e noite, semanas e meses, sem quase interrupção.

Nas sêcas o solo dos campos, onde as manadas de gado abriram caminhos, que columbrinam em todos os sentidos oferece o aspecto monótono dos descampados das queimadas. Nos alagadiços e baixas as *torroados* se acumulam num como desmoronamento, enquanto noperizess, "poções" os rastros do gado ficaram fundidos no barro de louça.

As primeiras chuvas que caem, são devoradas sofregamente pela terra, seca. O chão bebe volutuosamente as águas pluviais até se encharcar.

As chuvas recrudescem.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Os ribeiros e igarapés começam a engrossar. O capim de marreca morto, reverdece para morrer logo depois mergulhado pela enchente. Só o capim-assú engrossa as *touceiras* rejuvenescidas pelas chuvas.

Na vasta bacia recortada de enseadas e de brejões, de grotas e igarapés, ribeirões efêmeros na seca e de lagos que incham no inverno, as águas selvagens de todas as calhas começam a ensopar a região aos gorgolejos e saltos, em córregos e bicas, em riachos fartos, que cantam por entre jussaral e *fechados* de sororocas, e vão encher lagoas enormes, que ansiavam ressequidas e cobertas de aningas sarapintadas de branco, pela abundância da linfa, que vem de todas as quebradas e desce de todos os quadrantes.

O chão amolece, as *torroadas* viram tremedais enormes, os campos mais baixos se encharcam, os igarapés engrossam, enovelam os cursos rápidos, escorrem e correm acrescidos das águas dos ribeirões, que descem e marcham para a baixada, na volúpia de águas que cantam em ânsias de plenitudes bizarras...

Ainda Janeiro não findou e as chuvas apenas iniciaram o curso normal do inverno, e já os caminhos são atoleiros perigosos e os campos alvejam com primeiras vagas das "cheias".

Os arruidos das águas que descem e enchem setubas e pântanos, e que avançam irrechassáveis pelos *saraiéis* e *perises*, despertam as atoadas dos batráquios, que perturbam os silêncios das matas, dentro das noites chuvosas, com a festa bizarra de suas orquestras de batuques medonhos, e de acompanhamentos descompassados de coaxos e assobios, numa alucinada gritaria recortada de vozes de todos os matizes.

Gaviões caracarás fazem caçadas de muçuns e rãs, à beira dos charcos fartos.

É nessa fase das invernias fortes, quando as lagoas e lagos, enseadas e gurguéas começam a sangrar, cheios até as bordas, que os *repiquetes* dos rios provocam as núpcias estupendas de todas as águas.

Os campos transbordam, e as águas sobem e se reúnem em todas as conchas da baixada, como se os lagos maravilhosos, sacudidos de estranha volúpia, num anseio genésico de forças secretas, realizassem esse conúbio

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

misterioso, saindo de seus limites para fecundar então as enseadas e lagoas, transformando a imensa planura dos campos baixos, num vasto lençol de águas muito cantantes e claras...

É o noivado das águas, com a pompa das asas fugidias e os adornos magníficos das canaranas e aguapés.

"Nas margens dos rios observam-se rechãs tristonhas e campinas pantanosas atufadas de plantas aquáticas e palustres, umas vagabundas, flanando ao sabor da correnteza, outras fixas por meio de raízes alongadas nos vales, rebalsadas, formando *touceiras* de *muri* e *canarana*, superiores em beleza aos nenúfares do Oriente e cujas grandes flores esbranquiçadas tresmalham perfume delicado que leva às lampas aos similares". (11)

Esse arrepio de fecundação não empolga somente as águas em movimento. Vai aos domínios da vida animal. Agita. Eletriza. Sacode os seres para o prazer da reprodução da espécie no eterno milagre de perpetuar a vida...

É aí que se dá o mais estupendo dos fenômenos dá região.

Quando os campos começam a sangrar e os lagos se espraiam subindo para os matos enxameados de lagoas e ribeirões, os cardumes de peixes de todas as espécies, saem dos *corgos* e rios para a festa das *piracemas*. Milhões de peixes se enfileiram em prateados cardumes de milhares e milhares deles, bêbedos, tontos de alegrias genésicas; e sobem pelos igarapés, pelas enseadas, pelos córregos e sangradouros, numa estupenda marcha, flagelando as abas e barbatanas, num ronco surdo e em grunhidos estranhos, e vão léguas e léguas pela enxurrada à cima, na estranha aventura das *desovas*, fugindo dos espraiados dos campos, para os matos encharcados e lagoas sombrias e selvagens, ou para os lagos *encobertos*, onde os mururûs e as samambaias e os aningais enormes, lhes matarão a fome durante as cheias.

É a fartura que reponta nas primeiras águas, antes que tudo mingúe no rigor do inverno.

As chuvas descem, o inverno aumenta, a cheia cresce. O que era antes uma planície verde, espraia-se, agora, num mar enorme. As moitas de araribeiras desaparecem nas águas, e os "crivirizeiros" anosos assoberbados

(11) Geobélica – B. de Melo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

pela enchente bracejam os galhos numa espécie de angústia silenciosa, dentro do estendal dos campos cheios.

Aqui e ali casas de *retiros* repontam de: dentro das águas, com os tetos pardacentos emergindo num esforço enorme, e dando, de longe, a impressão curiosa de grandes barcos de palha, de quilhas para o r; e de bruço para as águas.

A floração das aguapés é fantástica. Cobrem os lagos e campos em todas as direções. Formam um enorme tapete verde-escuro debruado de roxo, sarapintado de flores amarelas. Sobre essa curiosa floração as *japiaçocas* nervosas esticam os pescoços, inquietas, interrogando o espaço, enquanto as jaçanãs azuladas e ariscas mergulham vaidosas nos remansos do lago azul...

O arrozal bravo e os juncos rijos, que servem para as esteiras de selas e cangalhas, bordam os alagados, sibilam ao passar dos ventos e servem de refúgio aos pescadores errantes nas horas de ventania e tempestade.

O panorama das cheias é impressionante. As águas encrespadas ao vento, ou calmas e brilhantes como um espelho polido, avassalam tudo, emolduradas pelo mato enfumaçado que lhe dá um relevo verdadeiramente surpreendente:

*

* *

Nessas épocas o homem reage montando o dorso dos lagos, singrando por todos os recantos em canoas e *ubás*, pequenas e leves embarcações talhadas em troncos de árvores abertas ao fogo e que são remanescentes das *pirogas* indígenas, ou reminiscências das "montarias" do Amazonas.

O heroísmo desses *cavalgadores* de *águas* é realmente apreciável.

A frágil embarcação de que se servem é um constante perigo. A filosofia resignada do nosso paroara, a muitas dessas canoas, chama de "*desintera-familia*", porque ao menor descuido o naufrágio é fatal.

Os riscos não são pequenos. Os lagos se encrespam ao menor sopro dos ventos.

As tempestades lacustres são, por sua vez, ameaçadoras.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Os ventos sopram, o lago se agita. A ventania aumenta, as águas crescem. O vento uiva, o lago ulula e recresce, raivento e raivoso, tumultuário e fero, em ímpetos bravios e perigosos.

Os *viageiros* que singram por lá, refugiam as canoas nas "pontas" ou nos balsedos que, sacudidos pelas águas e batidos dos ventos, soltam sibilos que zunem e zinem em sérias ameaças .

Si a tempestade é violenta, os mururús não dão abrigo seguro. As águas férvidas e pérfidas enchem as pirogas e as arrebatam até afundá-las, enquanto os náufragos se aventuram a nado tocar em terra, acontecendo, constantemente naufrágios em que as vitimas desaparecem na voragem, ou devoradas pelas piranhas que lhes descarnam os ossos em menos de dois segundos.

Essas tragédias provocam, após os ventos amainados, à flor das águas sossegadas, a tristeza das paisagens sombrias que cismam dentro dos crepúsculos a que sucedem noites cravadas de estrelas, como se no céu a ronda dos astros quisesse contrastar com as expectativas da morte que andou rondando sobolas as águas das cheias devastadoras...

*

* *

Nos campos da chapada ou nos *tesos* atufados de verdura, as águas não sobem. O capim-assú exuberante e rijo oferece a melhor pastagem da região para o gado *invernado*.

Nessas terras altas, onde os aterros que sobem sempre pela ação dinâmica dos agentes externos e pelas leis geogênicas que impulsionam o subsolo, dia a dia, entulhando-o, a vida não se dispersa, mais a mais, se adensa, porque é aí, nessa região, que o homem vai buscar o refúgio do inverno.

Dominando os charcos erguem-se os carnaubais virentes, a marcar nas palmas verdes os ritmos das chuvas, e no tronco anoso os ciclos de uma existência que é medida pelos nódulos polidos do caule heráldico.

A natureza caprichosa, que matou com as cheias toda a floração das relvas e arbustos dos campos baixos, transformando a planície num vasto lago, nas

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

zonas das chapadas e nos tesos, tonifica a flora variada para o dadivoso refúgio da vida pastoril.

*

* *

O inverno declina.

Nas vastas planícies inundadas os pescadores fazem as *camboas* ou flechamm as curimatás, que comem balsedos nos sossegados recantos das enseadas.

Em Maio começa o *abaixamento* das águas. Segundo a crença popular a cheia entra em vazante no dia da Ascensão do Senhor, 40 dias depois da Ressurreição.

Aqui e ali, vão repontando os pontos mais altos da campanha. As águas minguam nas lagoas, nos riachos e enseadas, nos campos e nos lagos .

As chuvas suspendem aos poucos. Escasseiam. Desaparecem. Maio entra reflorindo tudo.

Quando Junho finda, os campos reverdecem em todas as direções, estendendo o imenso tapete de relvas tenras que ondulam ao sopro das virações.

É o ressurgir da natureza para as festas do sol.

O noivado da luz desperta a bela adormecida e tudo se ilumina como ao toque mágico de uma vara de condão.

É a seca que, escoando as águas, enfeita a terra de flores e asas numa apoteose de deslumbramento...

As populações descem. Armam-se os ranchos. Fazem-se as *tapagens* e os currais enchem-se de peixe, abarrotando tudo.

É a fartura.

Por outro lado a paisagem se modifica. Da monotonia irritante do inverno, passa-se para o sacudir da vida em movimento .

A variada e abundante família de pássaros aquáticos enche de ruflos e pipilos, de grasnar, de vozes alacres, de cantos fortes e vivos todos os pontos. Há rondas de asas no céu e na terra. Pássaros por todas os recantos. Variada coleção de pernaltas, de palmípedes, sacodem as penas e pescam nas margens

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

dos lagos. Colhereiras de bicos largos sugam minhocas na lama; jaçanãs e marrecas, "meuais" voam e mergulham nos lagos. Garças alvas e deslumbrantes enchem de branco a paisagem movimentada, como se nuvens de arminho andassem em flocos perdidas pelos descampados. Atins de vôos cadenciados e de olhos penetrantes, arpoam felizes os camurins de água doce, enquanto, nos galhos altos das árvores, o carão arisco é um ponto escuro e nervoso, e os jaburus contemplativos "com uma perna cruzada na outra, triste, daquela "austera e vil tristeza", meditam olhando o escoamento dos campos...

Nos charcos lamacentos das enseadas os jacarés passeiam indolentes, enormes, ostentando as carapaças amarelo-sujas, os olhos fora das órbitas e as fauces recortadas de dentes finos.

Nos cerrados dos *marajás* que se adensam nas enseadas, numa cerca de espinhos polidos, que lhes descem das palmas aos troncos, *varas* enormes de capivaras ressonam à sombra, esporjadas na lama, indiferentes e nédias na engorda das sevas naturais.

O gado manso que desceu dos matos e capoeiras, ou dos *tesos*, pasta dentro do resto das águas, comendo arroz bravo, ou capim novo.

Vacas de cria são vitimas, não raro, da voracidade das piranhas que devoram as tetas dos animais que fogem, sangrando, em carreiras alucinadas.

Os vaqueiros recomeçam o campeio. No *abaixamento* os campos atolam de maneira bárbara, as reses, que não forem retiradas, morrem nos sumidouros dos peráus de tijuco negro e pegajoso.

*

* *

De julho a dezembro a baixada maranhense revive todos os ritmos, numa eterna e deslumbrante agitação de sons, de cores e de vozes, que enchem o céu, que enchem a terra e se vão perder nos rincões da grande zona, onde o *bíblico* formidável de Agassis deu lugar ao encanto da vida que refloresce senhoril e vitoriosa na superfície das terras reconstruídas...

*

* *

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O homem aqui é quase o intruso euclidiano.

A natureza reage contra ele como revoltada por tê-la desvirginado antes de tempo. A posse da terra, constitui, no entanto, o mais forte conúbio do homem. É dêsse *conferratio* com o solo que nascem as primeiras células das sociedades.

O espírito aventureiro teve nas *entradas* dos sertanistas o seu grande apogeu.

E nem fugiram a esse espírito os périplos dos navegadores, que se arrojaram pelo *sarço tenebroso* na ânsia de terras novas.

A terra constitui o maior tormento do homem desbravador, porque há nela o mistério da vida que vem do pó soprado até os tormentos da morte.

Na baixada maranhense, o homem trava uma luta heróica com a terra para lhe dominar os ímpetos e construir o seu *habitat*. As populações que se espalham nessa vasta área traduzem na linha demográfica em que se adensam, ganglionadas aqui e ali em fazendas, sítios, povoados, vilas e cidades, a mais expressiva interferência do meio geográfico nas suas constantes variações conforme a época de seca, ou inverno.

Na psicologia dessa *gens* há todo o panorama das paisagens povoadas de transmutações das mais complexas.

Como teremos a oportunidade de evidenciar no estudo dos tipos da região, a ação do meio ambiente é decisiva, si bem que, por outro lado, o possibilismo se manifeste em toda linha .

Dentro dessa paisagem amazônica vive um povo em ânsias de libertação.

Das matas onde as lavouras se adensam aos descampados do pastoreio ou à dormência das águas nas pescarias, o homem luta e reage.

O *eixo econômico* varia muito. Está em relação direta com os vários aspectos da zona.

Acontece, porém, que se poderia identificar os mais comuns. As roças, nas matas marginais e nos centros; as casas de engenho, as fazendas e a canoa primitiva, além do comércio e dos barcos e igaritês aparelhados de velas. Daí os tipos regionais que iremos estudar mais adiante – o lavrador bisonho, o

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

vaqueiro amolentado, o pescador heróico, o barqueiro decidido e o vareiro rijo como um touro.

Nesse *espaço ecumênico* esses tipos sacodem a vida e modificam a paisagem ao impulso de sua marcha para a posse definitiva da terra.

*

* *

É na habitação que se reflete a evolução do homem.

As casas da baixada maranhense são de três tipos. Variam com as sub-zonas. Nas matas, o lavrador arma a sua choupana coberta e tapada de pindoba verde. Os mais abastados , erguem paredes de barro, embuçadas de argila vermelhas. As casas são sempre às margens dos caminhos, que nestas bandas são comumente estradas amplas e abatidas. O espirito desses habitantes traduz muita solidariedade. O isolamento como que amedronta os povos da baixada. Raros vivem isolados. Os *sítios* são verdadeiros arraiais. E se, mingua a população, não minguam as vizinhanças...

Explica-se nisso a influência dos meios já desenvolvidos e o contato mais fácil com as cidades e a capital.

Daí, também, com exceção das casas de fazenda, as habitações comuns da baixada, dão a impressão de que os seus donos não gostam de hospedar... Todas as casas são fechadas, os varandados ficam para os fundos ao contrário do que acontece no sertão. A hospitalidade, nestas plagas, existe, sim, generosa e boa, porém, um tanto reservada.

As casas de *sítio* e as fazendas abastadas são geralmente solarengas, espaçosas em tudo. Não raro cobertas de telha, com amplos salões e já aparelhadas pela civilização.

Há casas de fazendas, como a de N. S. da Conceição, e a de Simaúme dos Barões de Itaparí, em Viana, que oferecem muito conforto.

Ainda hoje, sítios antiquíssimos, onde outrora se desenvolveram grandes lavouras ao tempo da escravatura, existem com o prestígio da *Casa Grande*, onde os remanescentes dessa antiga nobreza de lavradores, netos e tetranetos de velhos senhores, recebem o tratamento respeitoso dos pretos velhos e caboclos e das moleques que tomam a bênção aos mais velhos...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Nos campos encharcados as casas são curiosas e típicas armadas sobre jiraus com o soalho de carnaúba ou de bacabas, a evocar as habitações remotas das populações lacustres...

As condições e vida da zona representam uma abastança em tudo.

Não há fome nesta Canaã farta prodigiosa.

Há fartura em toda parte. Por isso mesmo, a preguiça é aí uma doença regional...

Na baixada a *sesta* faz parte da vida. A soneca de após o almoço é uma instituição francamente regional. A alimentação do povo é variada e abundante. Predomina, no entanto, o peixe, e a caça de campo.

As pescarias são o mais forte eixo econômico da zona. Variadíssima, no gênero, constituem um verdadeiro "meio de vida" de populações inteiras.

No inverno cru, assoberbados os campos e lagos pelas cheias, o pescador desenvolve uma grande atividade para adquirir o pescado.

Evoca os processos indígenas da flecha e do arco. Operam milagre na destreza com que arpoa os mais ariscos peixes que *borbuiam* nas águas limpas dos lagos...

A pesca de linha e caniço, ou a de tarrafas e espinhel compensam bem. Mas, a mais curiosa são ás *camboas* e as "mopongas" no fim das quais se reproduz o prodígio bíblico da pesca miraculosa.

No abaixamento das águas, são as tapagens, das enseadas que dão milhões de peixes, ou os *jiquis* traiçoeiros.

O timbó ou o tinguí são raramente usados na zona.

Quando é o tempo da seca, o mais típico destas regiões são as migrações das salgas.

Armam-se às margens dos lagos fartos, verdadeiras cidades de pescadores. Os ranchos de palha; cujos beirais tocam o chão como esquisitas barracas de acampamento; abrigam famílias inteiras.

Nos terreiros, em jiraus enormes e no chão varrido o peixe seca. As tarrafas enxugam e os pescadores descansam de dia para pescarem de noite.

Quando o galo canta pela primeira vez as buzinas estrugem acordando os pescadores para as lides da pescaria.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Não é o búzio do mar; é um chifre de boi furado na ponta a tuba langorosa que movimenta centenas de homens, que trazem ao amanhecer as suas canoas atulhadas de peixes, em que, predominam as traíras; o *bacalhau* da baixada maranhense.

Ao lado do pescador agem os caçadores de marreca nos campos baixos, de jaçanãs e jurarás (mussuãs) nos campos altos.

As caçadas de marreca são singulares. Há três processos regionais: com "o boi marrequeiro" animal ensinado, que não pisca olho, como dizem, mas domesticado, facilita a pontaria ao caçador; com as "chamas", isto é, uma tocaia de mato e duas marrecas mansas que chamam as companheiras, e o processo típico e original das cabaças soltas n'água, dentro das quais o caçador esconde a cabeça, e, assim, facilmente, faz sem barulho, a colheita dos marrecos, que aos bandos mergulham no lago...

Nos centros de lavoura, o peixe é pescado nos ribeirões ou lagoas, ou vão empilhados da *beira*, que é uma expressão genérica com que o caboclo traduz as regiões piscosas dos lagos.

A caça do mato, tatus e veados, queixadas e cutias constituem o prato variado dos roceiros.

Nesta parte da baixada a vida é mais bucólica. O homem está preso à gleba com mais estabilidade. A existência se lhe decorre entre as lavras das roças, a casa de farinhada e as *eiras* onde seca o arroz.

A lavoura como em todo o Estado é primitiva. O fogo é o agente preponderante que continua a devastação secular das matas, abrindo capoeiras e fazendo desertos.

Há nesse trabalho uma tarefa rude para o lavrador. Arroteia o mato, faz a broca, a derribada, acera e queima. Depois vêm as *coivaras* e a cerca. Os roçados aqui são todos cercados para evitar o dano feito pelo gado .

Nesses trabalhos observam-se, como nos sertões, o mesmo regime da ajuda em comum.

Como nas pescarias; os pescadores repartem eqüitativamente entre si o peixe, nas roças, os lavradores auxiliam-se mutuamente em tudo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Colhidos os cereais é nas casas de forno que se encontram todas as atividades.

A mandioca é posta de infusão nas poções, para a farinha d'água, e as rodas de cobre cheias de dentes, que substituem os *catetús* sertanejos, rodam e ralam a mandioca para a farinha seca, que servirá para os doentes e crianças, e para o pirão escaldado e gordo com que os nossos lavradores se regalam com prazer.

*

* *

Aqui nestas paragens descritas; o cavalo é o animal comum para o transporte. O burro é pouco utilizado.

Além do cavalo, os habitantes destas zonas se servem dos "*bois-cavalos*", coisa curiosa, mas útil, porque o "boi-cavalo" que é novilho manso, com as ventas trespassadas por um cabresto de corda, prestam relevantes serviços, para a montada do homem da baixada, isto porque são mais seguros, nas travessias dos "atoleiros" enormes que, em tremedais de lama negra e perigosa, existem por aquelas plagas.

Os cães vivem aos magotes em toda casa. Há sítios e fazendas que têm verdadeiras matilhas de cães magros atrevidos.

Nos campos altos de Santa Helena, Pinheiro e S. Bento, há uma caçada curiosa, a dos *mussuãs*, que chamam também de *jurarás*, pequenos quelônios que vivem aos milheiros nos capinzais das chapadas.

A caça é original. Os caçadores de mussuãs; fazem um aceiro num largo trecho dos campos. Tocam fogo no capim e esperam, em absoluto silêncio; armados de chuchos, a saída dos jurarás. Si falarem, ou gritarem os mussuãs morrem queimados, mas não saem dos esconderijos.

Nesta região, onde o leite é ótimo e abundante o povo faz dele o seu grande alimento, além de queijos e da manteiga fresca.

Nas sêcas, os campos de S. Bento, por exemplo, onde os lagos antigos da legendária bacia lacustre de Agassis, já se transformaram por "colmatagem" em enseadas, o chão negro abre-se em milhares de frinchas e quadriláteros,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

de triângulos e de milhares de figuras geométricas, dessa *torroada* característica das zonas.

É aí que os *muçuns* se ocultam na terra ressequida, e mergulham cada vez mais no subsolo, tornando-se, segundo dizem, para pescá-los, necessário molhar o terreno endurecido, e, só assim essas *enguias* se manifestam por um grunhido estranho que alerta os pescadores de tão apreciada iguaria...

*

* *

A vida pastoril, que não é pequena, contrasta com a do sertão.

As casas de fazendas são verdadeiros solares coloniais.

Os vaqueiros daqui não conhecem o gibão, porque desnecessário lhe é para os seus misteres, visto que os campos, onde passem os gados são limpos e abertos como as cochilas do sul.

A coalhada daqui é a coalhada fresca. A escorrida não é conhecida.

As ferras do gado são festas memoráveis, mais inteiramente diversa das vaquejadas sertanejas.

Há muita gente. Reúnem-se muitos vaqueiros, mas o cerimonial da ferra não são as correrias pelos campos, para "quebrar" as reses, mas sim para laçar o animal, exercício que constitui uma semelhança muito forte com os laçadores gaúchos nos potreiros dos pampas.

Os golpes da laçada não falham nunca.

Por outro lado, o mais curioso de tudo é a *espera* dos touros. Vai, nessas diversões, muito das reminiscências castelhanas dos toureiros de Salvaterra.

Aqui, terminada a ferra e a distribuição das *sortes*, dá-se começo à *espera*.

Os vaqueiros alegres, descem para o terreiro dos currais. Armados de varas de ferrão, que são fortes vergônteas compridas e flexíveis, mas resistente de madeira amejú ou aroeira, assada ao fogo, em cuja extremidade com um pontaço de ferro temperado que se aguça numa farpa rija, e aguardam à saída das porteiras os touros e novilhos brabos.

Estugado o animal, esturrando e escalvando o chão, enfurecido, parte como louco para o vaqueiro. O gesto é rápido. Tem a duração de segundos. Quando o touro se abaixa para ferir o vaqueiro com as pontas aguçadas dos

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Chifres, o homem decidido fere o novilho no toutiço; com o ferrão de aço. A vara verga, o ferrão entra, o boi esturra desesperadamente.

A luta é de centauros. O homem adestrado nesses divertimentos, castiga bem o animal selvagem, até que, afinal, este se resolva a fugir...

*

* *

A crença do povo é eivada de fetichismo e das influências de ritos africanos e indígenas.

Além das ladainhas destacam-se os Bailes de São Gonçalo, as Ceias de S. Lázaro, as festas do Divino Espírito Santo.

São duas festividades religiosas bem típicas.

Na primeira, o rito se desenvolve entre cantorias e danças, bailados e recitativos mais ou menos monótonos.

O *guia*, de báculo à mão, acompanhado das personagens vistosas, estanca diante de uma cortina e exclama:

"Rompa-se o véu do Templo!"
"Apareça S. Gonçalo"

A cortina abre-se e no altar o santo casamenteiro surge iluminado à luz de velas de estearina, enquanto os hinos prosseguem e as danças recomeçam ao som de rabecas humildes e acompanhamentos de violão.

Nas ceias de S. Lázaro, os convivas são os cães da redondeza.

No chão, em alvíssima toalha, os pratos se enfileiram cheios dos melhores quitutes postos ali para os cachorros.

O que fez a promessa e foi atendido pelo santo, come no mesmo prato com um dos cães, à sua escolha. Essas festas são originalíssimas, evocam reminiscências longínquas das ceias pagãs e terminam quase sempre por entre brigas da canzoada rebelde.

Só depois dos cães é que chega a vez das pessoas convidadas e a festa, após lautos jantares, entra pela noite a dentro com as danças dos "chorados" e mazurcas ou as quadrilhas comandadas num francês mutilada por quatro gerações de matutos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Além desses cultos, as populações acreditam nos "feitiços" e nas "pajelanças". O *curandeiro* ou *pajé*, recebe um dia o *chamamento* da gente do *fundo*.

Começou a perder o sono, a dar gritos estranhos, a ser atuado pelos espíritos.

A divindade é quase sempre, aqui, filha das águas, a *mãe d'água* por exemplo, que o *flechou*, em horas desertas, à beira dos poços.

Desses sintomas para o "maracá" não custa. Um dos *curandeiros* já iniciado faz, uma "*sala*" para receber o novo curador.

É geralmente, uma reunião concorrida. Num varandado, em noite escura, portas fechadas, faz-se a iniciação. Muita gente. Todos respeitosos. Ninguém fuma. Todos cantam os cantos da pajelança.

"Vai chegar, vai chegar, Vai chegar, gente do fundo..."

O curandeiro entoa numa toada monótona esse estribilho. O povo responde.

Depois o *taquari* entra em cena. Os defumadouros de alfazemas e incenso queimam e enchem as salas.

O pajé sacode o *maracá*. Vai a uma porta secreta. Faz a chamada dos *guias*.

Novos cantos. Novas danças na sala. O que se vai iniciar entra. Dança com o pajé. Depois recebe a "defumação". Bebe o trago sagrado da *pinga* em tijelinhas de louça.

A sessão vai até muito tarde. Quando o galo canta a primeira vez, tudo termina. Ninguém se poderá retirar antes, porque sofrerá desastres no caminho.

A pajelança é bem desenvolvida nesta zona. Os curandeiros operam impunemente. Tiram "bicho" do corpo, dão "garrafadas". Benzem de erisipela, "espinhela caída" e desencravam os cascos da cabeça, fazem "rezas fortes".

Vivem, daqui para ali, em verdadeiras missões dessa medicina curiosa.

Além dessa crendice e desses cultos de origem ameríndia, há as crenças do afro escravo .

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Há os negros que viram bicho às sextas-feiras. A meia noite, quando todos dormem o negro se transmuda em fera. Avança pelos caminhos desertos, ou faz das pessoas a sua montada e vai em festas deixando os pacientes amarrados nas cercas até o galo cantar.

A "*cavala-canga*", ou *coroaganga*, também existem e são geralmente velhas que deixam o corpo em casa e vão com as cabeças faiscantes assombrar os viajantes retardados...

Lendas, ainda, existem, na maioria de origem afro-ameríndia.

As mães d'água de cabelos verdes e olhos penetrantes tomam banho desnudas, nas fontes.

Os *curupiras* de pés para trás fazem caçadas nas matas
e pedem fumo aso caçadores assombrando os cachorros que sempre perdem o faro.

Há casas assombradas em que jogam pedras e há choro de meninos pagãos que pedem batismo, nos cemitérios "Mangudas" são visões que diminuem e crescem dentro da noite fazendo os cães tremerem de pavor e o gado fugir de medo.

Essas lendas dominam toda a região variando aqui e ali apenas em ligeiros coloridos.

*

* *

Nesta região os *prejuízos* da civilização não são pequenos.

O seráfico fr. João de S. José, si fizesse, por estas bandas, a resenha de homens e cousas, como fez na Amazônia em 1 762, segundo diz Euclides da Cunha, assentaria, também, que "a raiz dos vícios da terra é a preguiça", e se o furto não é desenfreado, a *lascívia* e a *bebedice* concorrem para que se confirme nestes rincões as palavras austeras de Russell Wallace de que as gentes descuidadas da vida fazem a existência inconscientemente; "bebendo, dançando, zombando..."

Na baixada, os costumes não são austeros como nos sertões. O homem transplantado sofre fortíssima ação do meio. Os seus instintos reprodutivos, excitados pela alimentação logarenha em que o peixe predomina, pela

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

interferência das águas, – símbolo freudiano da fecundação; e pelo senso imaginativo, tudo isso lhe desenvolve o descontrole sexual, e o projeta no quadro das poligamias.

As *caseiras*, ou mancebias são aqui comuns.

Há um índice grande de casos de honra, que, geralmente, degeneram em longas e intermináveis questões em que os advogados e provisionados agem, quase sempre, na delonga dos fatos para que os lucros sejam maiores...

Ao lado, porém, desses desvios sociais, oriundos da influência das cidades, a virtude ressalta, na beleza dos lares felizes, onde a honestidade resplandece a toda prova.

Há, nessas sociedades de homens simples o encanto da honra e a grandeza dos deuses lares, enchendo de alcandores os sítios, ou fazendas e as casas de engenho, onde trabalham essas populações na ânsia de um equilíbrio social mais estável.

Verifica-se, nestas terras da baixada, que a mulher, é mais para o lar. Quase nunca auxilia o homem fora das atividades domésticas.

Nas terras de lavoura as mulheres trabalham quando muito no plantio do arroz e do milho, na apanha dos legumes e do algodão. Ao homem compete as tarefas mais árduas.

Sobre as suas responsabilidades estão a terra, o lar e a tradição.

As suas tendências, como veremos no estudo da tipologia regional, é, cada dia; mais acentuada no sentido de uma adaptação mais eficiente e definitiva.

Entre o Homem e a Paisagem, destas zonas da baixada maranhense, dá-se o mais expressivo dos rompimentos, pela vitória sobre-humana dos vários agrupamentos sociais, que marcham para o progresso, sacudidos pelo dinamismo inflexível de uma ação enérgica, sob cujos auspícios o ecúmeno se apodera da terra; modifica. a paisagem e domina o seu *habitat* vitoriosamente nesse conflito biogeográfico em que por sobre a natureza ríspida paira, afinal, a Beleza dourada do psiquismo civilizador.

*

* *

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Quando, da orla litorânea, desaparece, aos poucos, a cinta azulada das matas, lá onde se extinguem os mangues verdes e começam os areais enormes, á costa que dali se estende uniforme e extensa, prenuncia o nordeste.

O relevo do solo oferece então um contraste bizarro, entre a vida e a paisagem.

Das barrancas do mar as terras sobem, desnudas e ásperas.

As dunas imensas que se alargam, intermináveis e batidas dos ventos, mordidas de sol, surgem agitadas aos caprichos dos sopros do mar, que lhes desnastram as areias movediças, brancas, lavadas, espelhantes e transfiguradas na alvura singular de seus cabeços enormes. Os "lençóis" dão nos a impressão de ondas paradas, na evocação de um mar, que secasse de chofre à beira das brancas praias.

Os cômoros de areias sobem, alteiam-se, altivos e bizarros, qual mais alvo, ou mais faiscante aos ardores da luz; esbatidos uns, desnudos outros, e, quanto mais sobem e mais invadem o interior, tomam aqui e ali, aspectos e formas estranhas, até se definirem, mais além, nos montículos e morros ásperos, mamelões, onde a vida persistente começa, de logo, a se manifestar no verde castigado da vegetação tolhiça, que os adorna.

Marcham, daí, dessa estranha cadeia de morros e dunas, que se acastelam por sobre a concha azul do velho mar em fúria, as tombadores e tabuleiros indefinidos, que constituem a zona dos territórios arenosos do Maranhão-Oriental.

— "Esta zona, que de certo modo prenuncia a grande região árida do Nordeste brasileiro, (Piauí, Pernambuco, Bahia), forma, no Maranhão, um distrito verdadeiramente à parte, emoldurado pelos vales de dois grandes rios e pelo oceano".

"Assim, também, estereograficamente, ela se apresenta distinta, como um tablado, aliás de insignificante relevo, no seu enquadramento de costas e *talvegs*.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

"Também se nota como a mais seca, provavelmente pela porosidade do terreno e a mais intensa, consequentemente, à concentração da vida".(12)

Ali, a paisagem é irritante e contrasta com a vida, que se afirma na ânsia de vencer.

Palmeirais viçosas se erguem; cajueiros nanicos se amesquinham; e o solo cobre-se de vegetação mirrada, que luta desesperadamente, sobre areais inóspitos, enquanto os carnaubais flabelam as palmas em leques no fausto magnífico de suas grimpas vitoriosas, como legendários guerreiros, que, em pleno deserto, aguardassem, perfilados, uma ordem de marcha...

A terra ressequida demonstra a invasão do nordeste em plagas maranhenses, mas a vida, que recua dos areais, se vem firmar às margens dos rios pobres, que derivam, em todas as direções, numa ânsia de minorar o sofrimento secular da terra.

A paisagem é triste e monótona, paisagem crua das zonas desérticas, em que a vida parou diante dos estendais de areia, sem ânimo para ultrapassar os limites dos cômoros brancos, na inquieta incerteza do que se estenderá para mais além.

Nesse tablado inóspito, que, no Maranhão é tão grande quanto os campos da baixada, o homem ou alonga a vista para a baixada parnaibana "apertada entre os contrafortes da Ibiapaba, e os tabuleiros que se estendem do lado maranhense", na assimetria chocante das duas zonas em que se enquadra, ou recua, então, na ânsia de se apoiar num "eixo econômico", mais definitivo, no meio.

Dá-se aí o fenômeno do povoamento, que, obedecendo à correlação da paisagem, torna-se centrífugo; e as populações, seguindo as leis decisivas do meio, armam os seus "habitats" às margens da pobre rede potamográfica, cujo veio mais forte é o Munim, a cujas margens os andirobais fixam o homem em torno de um eixo de economia já definido.

Como conseqüência do choque entre essa paisagem ríspida da zona leste do Estado e o homem, o nomadismo sacode aquela gente, e lhe traça, na luta

(12) R. Lopes - Opus cit.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

pela vida, os "zig-zags", de uma inquietude bem curiosa, que se lhe manifesta inteira na trama psicológica.

A terra seca é variada pelos ventos do mar, que, providencialmente, pela aproximação em que espumam as suas vagas, evita que essa vasta área se transmude na completa desolação das sub-zonas desérticas o nordeste brasileiro.

Nessas regiões, onde a vida mirrada, quase se extingue, porque os flagícios climáticos e a adustez do solo conspiram contra ela, o homem maranhense trava uma das suas mais heróicas lutas para vencer o deserto, na conquista do pão.

A terra, que secou, em épocas de combustão secular, oferece na sua confirmação geogênica, esse aspecto de quase "sahell" semi-árido, onde os "tirs" são reduzidos em fertilidade, constituindo um "espaço ecumênico" bastante pequeno".

Ali, falham as determinantes da concepção feliz de Humbolt, que enquadra "nos espaços ecumênicos, todas as atividades do homem, nos seus misteres reprodutivos.

Sendo o ecúmeno reduzido, os fatores de diferenciação avultam e atuam, sobre os grupos por ali espalhados, nessa área que é, geograficamente, desértica, profundamente relacionada com os terrenos das zonas nordestinas.

Na procura de melhores terras, as "gens" dessas paragens se refugiaram, como era natural, nas reservas de matas e às margens dos rios minguados.

A influência do clima, amparado, sobretudo; pela ação do mar, impulsiona a vida lentamente, mas realiza nos aldeamentos e aglomerados de populações que se reúnem em vilas e cidades, o esforço titânico de uma existência, que se desenvolve em ímpetos de luta, sobre um solo, onde a própria vida parece extinguir-se.

As cidades dessa zona não são, propriamente, ribeirinhas. Edificaram-nas no centro das terras férteis, ficando às margens dos rios, como acontece com o Parnaíba, pequenas localidades das quais depende o centro mais desenvolvido.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O desenvolvimento, pois, desses núcleos de população da zona leste está dependendo da geografia dinâmica. O homem tem que alcançar o seu "espaço ecumênico". Para isso cumpre vencer o deserto pelo processo quase sobre-humano das irrigações.

A natureza ali como que falhou. O Maranhão possui uma potamografia estupenda, que, até os rincões abandonados dos tombadores sertanejos apresenta rios que cavam por entre os "gerais", os seus cursos que se espalham numa excelente irrigação natural. Aqui, porém, na parte oriental, é pobre de rios.

O Munim, o Iguará, o Preto e o Mucambo, têm um regime precário, acontecendo que nas sêcas esses rios, cujos leitos são escadarias de pedras, ficam reduzidos a ribeiros humildes, dentro de margens atulhadas de cômoros de areias.

A precariedade das terras, provoca uma evaporação violenta das águas.

Os cursos d'água desta zona, em seus espraiados, não oferecem margens e aspectos dos rios da baixada, cheios de sangradouros e perizes e furos e lagunas e de margens baixas, onde os alagadiços despejam "corrixos de grande e pequeno vulto", em cujos baixios as lamas, ou tijuco enegrecido, como que afloram nos pantanais, que evocam o Nilo pejado de lodo...

Na época hibernal, com os destemperos das chuvas e o avanço das cheias, a vida se torna tão difícil como antes, com a agravante de que, assoberbados os rios, os caminhos fechados, prejudicam o intercâmbio da zona com os centros de terras pingues .

É por isso que essa zona quase não, influi na economia do Estado. A lavoura e a pecuária são reduzidas. O esforço dos habitantes do Maranhão oriental é grande para se manter com relativa independência dos núcleos desenvolvidos das outras zonas.

*

* *

Foi aí, nessa vasta região que se desenrolou a "BALAIADA", que no dizer de Raimundo Lopes "Formou-se no Maranhão oriental e ficou reduzida aos tabuleiros e areais dessa zona e às suas cercanias. Ainda se expandiu para

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Caxias e o limiar do Alto Sertão (alto Itapicurú). É de notar, juntamente, com essa localização, a sua extrema mobilidade dentro dêsse círculo restrito, onde se desenvolveu. Raimundo Gomes, vagueando de Manga para o Piauí e voltando daí para o Itapicurú, revela "esse nomadismo intenso, que a própria natureza da região indica".

Si é fato que para a expansão dessa revolta as influências do solo foram positivas e fortes, também é certo, que o meio não influiu, assim, tão poderosamente para o incremento da luta.

"O que produz o nomadismo não é apenas o deserto. Regiões há no Saara francês, como a do M'zab, onde vivem tipos de populações ressudarias do interior sahariano que permanecem num nomadismo regional, apenas circunscrito ao seu próprio "habitat".

Há os chamados "focos de apelo" de Brunhes e Valeaux, que determinam as migrações.

O "eixo da economia" é, afora as causas de ordem climática e biológica, a causa mais preponderante das migrações.

Regiões inóspitas, por vezes, se povoam rápidas, num ímpeto desde que nelas surjam vantagens e economia e posse de riqueza fácil.

O Maranhão mesmo já sofreu as influências desses "Focos de apelo" ao tempo em que, na Amazônia a borracha foi, o que foi o ouro faiscante, na Califórnia. Ainda hoje, na baixada maranhense, por exemplo, esse nomadismo se evidencia nas sêcas, em que populações inteiras de pescadores se mudam para as margens dos lagos e barrancos dos rios piscosos, onde armam as suas rancharias numa curiosa e efêmera cidade de casebres de palha.

A "**BALAIADA**", como veremos, si nasceu na zona oriental, si tem no seu afluxo e refluxo sangrentos as interferências e correlações com o meio não surgiu, como veremos depois, sob o aspecto de uma "razia" de sertanejos famintos, caindo, levados pelo saque, por sobre as terras pingues de zonas circunvizinhas.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

JOSÉ RAIMUNDO SANTOS
DOAÇÃO
São Luís - MA.

O HOMEM

... O traço definitivo do homem maranhense já reponta nos características de alguns tipos regionais...

A Terra maranhense dá-nos uma impressão forte de movimento. Movimento em todos os sentidos. Do centro para o litoral e do litoral para o sertão. Movimento em todos os quadrantes, deslocando-se de todas as partes, entrechocando-se e acelerando os ritmos da vida que marcha, que estanca, avança e prossegue.

A terra corre acelerada do planalto goiano para as terras altas do Tocantins e desce das chapadas adustas para os vales frios e dos vales para os baixões e campos, ou sobe aos morros, altéia-se nos píncaros das serras, volteia pelas encostas, desce pelas faldas e raízes e vai abismar-se nos socavões de golfos extintos, para subir logo em seguida nos *platôs* e escorregar pelos *tombadores*, que, por sua vez, se inclinam e morrem mergulhados nos lençóis brancos das areias das praias, que se afundam no mar...

E tudo se move. A terra, o céu, e o oceano. As águas virgens, que correm pelos contrastes coleantes dos rios, espumam nos remansos e fervem e fremem no referver das corredeiras, andam aos gorgolejos nos riachos e ribeiros, param tranqüilas nos brejos e lagoas, espraiam-se nervosas nas cheias dos campos, ou ficam sonhando nas conchas azuladas dos lagos cismarentos e tristes, onde há festas de asas em largos movimentos, inquietos vôos...

Na faixa litorânea, o mar devasta as terras. Movimenta-se para os rios. Invade essas artérias de águas mansas, sacudindo-lhe os leitos e dinamizando-lhes os *talwegs*, com o ronco das pororocas que atroam nos *cavaleiros* espumantes que cavalgam as marés grandes, no tumulto das águas que lambem as ribas, escanhoam e encobrem os arrecifes e as coroas de esmeris e os peráus...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Nesse conflito das águas a terra resiste. Os mangues emaranham as raízes avançadas, numa trama de resistência inútil. A luta prossegue. O mar avança. Desmoronam-se barreiras enormes. Fendem-se as terras minadas. A água avassala. Domina. Afoga largos trechos. Abre canais. Afunda ilhas e pontas. Devora terras e campos.

No fluxo e refluxo das ondas, as terras vencidas, por seu turno também se movem. O mar conquista o litoral, e as areias dessa derrocada entopem os portos, alteiam-se aqui e ali, em dunas e coroas, em ilhas que surgem e se adornam de vegetação mirrada, e que resistem, afinal, vitoriosas, em meio à espumarada tumultuária do oceano...

Não pára o movimento, antes recrudesce. Desta feita, é do litoral para o sertão. A mata verde escala os centros das terras. Vem da Amazônia. Mergulha as frondes povoadas de mistérios no céu escampo. Soberba de seiva, pejada de sombras, avança e se estende até os *agrestes* maninhos.

Há nela agitação, arfar de frondes, de ninhos, andar de feras e ritmos de asas, de águas que escorrem, de ventos que sopram, de vozes que andam, perturbando a imensa catedral das selvas impenetráveis.

As paisagens, também se movem. A luz, que é a alma da natureza toma nas suas transmutações divinas, os tons mais variadas, as cores mais complexas e esquisitas.

Do alto a luz dispara. Escorre pela terra. Empoça. Espraia-se em apoteoses. Vitaliza os seres. Sacode e arrebata, alumbra e deslumbra, irradia e transfigura: Arde em tudo: no sol, na lua nas estrelas. Chispa nas pedras e nos lajedos; espelha-se nas águas, arde nas flores, queima nos perfumes, crepita nos frutos, requeima nas seivas...

Abrasa nos clarões da aurora em movimento de cores vivas; fuzila nos meios-dias em combustão de sol a pino; esvai-se nos crepúsculos em vascas de agonias na prismatização do entardecer; e, suave se arrebata pelo infinito, porejando mistérios, do alto as estrelas.

Da terra se levantam os seres; criados pela imaginação. São duendes do subconsciente das sub-raças que se encontram nesse prodígio da terra em movimento.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Das selvas, das águas, do mar, inúmeras divindades primitivas surgiram enchendo o espaço, que medeia entre o homem e a terra, nas lutas pela sua libertação em face do terror cósmico. Andam e se agitam criando o mistério. Empolgam e arrebatam as *gens* que se entregam ao doce prazer desses arrebatamentos dos seres, que vencendo o medo buscam, no entanto, ainda os novos rumos da sua adaptação.

Nesse tumultuar da natureza agitada as raças se encontram acelerando, pelo cruzamento do sangue, e pela posse da terra, mais ainda o movimento impressionante.

Surgiram as eras da conquista. Já não é só a terra, que nos dá idéia dessa marcha, é a história que nela se agita.

Vingando o mar, as caravelas dos donatários se esfacelam nos escolhos da barra. Outras mais partem de Lisboa e têm o mesmo destino. Não vingam as terras que Vicente Pinzon já conhecera muito antes e desaparecem nos baixios tenebrosos devorados pelas ondas, ou mortos pelo selvagem.

Não para a história. Navios franceses atingem Javiré. Dominam as suas plagas mãos fidalgas. Batizam-na vitoriosamente com um nome de santo, à luz da maior civilização do século. Sábios e santas abrem-lhe caminhos para o centro. Criam-se núcleos civilizadores. Fraternizam com os bárbaros. Batizam tribos inteiras e plantam cruzes por toda parte. Do bojo das naus *Regente*, *Carlota* e *Santana* partiu o grande impulso para as terras marananguaras.

Sopros adversos sacodem os domínios francos. Os lusos reconquistam as terras. Jerônimo de Albuquerque acelera a marcha dos acontecimentos. A luta é rija. Batem-se leões.

Vencem os portugueses, que se apossam das terras que seus maiores não puderam, há um século; dominar.

O movimento colonizador invade o litoral. Sobe pelos rios Itapecurú, Pindaré e Mearim. O Jesuíta audaz ajunta os índios para a catequese.

Travam-se lutas. Criam-se arraiais. Fundam-se missões.

Mas, um outro impulso sacode os ritmos da vida maranhense.

Armas de Holanda invadem de surpresa aquelas plagas. Apossam-se das terras conquistadas. Dominam no primeiro impulso a ilha de Javiré.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Do centro o movimento e reação se desencadeia. Mais uma vez as armas portuguesas expulsam o invasor e fundam, definitivamente, nos rincões das terras das palmeiras a maior porção do Reino português na América.

Um outro movimento se acentua nas terras altas dos sertões. Dos rincões escaldantes do nordeste os sertanistas avançam para os campos gerais, do Maranhão.

Os povoadores que desceram pelo S. Francisco — "o grande caminho da civilização brasileira", atingem os famosos Pastos Bons, primeiro núcleo civilizador dos sertões maranhenses, e a mais histórica das Repúblicas democráticas do Brasil.

O índio bravo que espreita as selvas, agita-se e reage. Estrugem as vozes guturais do selvagem. As inúbias despertam as tabas, no alarma secular das tribos ameaçadas. Há choques de tacape e da pucema rija, e estoiros de bacamartes no sacrifício brutal do íncola imolado aos caprichos da civilização nascente...

Abrem-se caminhos pela mataria espessa. Arraiais surgem nos desertos. E as *bandeiras* dos conquistadores sacudidas pela cobiça do ouro, ou à cata de pastos e campos para o gado, sobem o alto sertão e vão espalhando núcleos e povoados, devastando as terras virgens e semeando a iniquidade pelos caminhos...

Desvirginada a terra o homem desbravador executa inconscientemente a mestiçagem, criando aqui e ali, o cruzamento do sangue que dará mais tarde o *metting-pot* que se definirá no tipo maranhense, sujeito às leis da herança e com uma grande responsabilidade perante a história.

A duração dêsse movimento é de duzentos anos...

Tudo se move, mas só o homem está parado, quase indiferente como se os panoramas que o cercam não o dominassem ao menos um instante na vida atormentada.

Nada mais esquisito do que esse estado psicológico do homem maranhense.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Há, entre ele e a natureza, ainda uma certa desassociação. Dir-se-ia que não se vinculou de todo à terra, si bem que sobre ele a correlação do meio já se manifeste impressionante.

Pesa-lhe sobre o destino inquieto o fatalismo de uma eterna incoerência.

Vive num paradoxo com o meio e a realidade maranhense. Descendente de raças, aventureiras tornou-se pacato e manso, acomodado a uma quase resignação fatalística.

A imaginação viva, exacerbada pelo atavismo do negro e do índio, cria-lhe *painéis* e horizontes na miragem de sonhos inatingidos.

No meio de uma natureza farta, vive pobre. Contenta-se com o pouco do passado e estende os limites de suas ambições ao lirismo da exaltação de uma grandeza que se perdeu.

Há um paradoxo irritante: aqui a água é que esmaga o homem. Morre-se à mingua, porque há superabundância de água.

Nesse contraste vive um povo triste e com ele se anulam todos os surtos criadores de progresso, que, afinal, é uma forte expressão de luta numa terra em movimento.

A alma das raças resistirá.

O homem será bom porque o meio lhe modificou os ritmos do sangue, e a sua marcha pelos séculos a dentro será lenta, mas vitoriosa porque, aqui e ali, o traço definitivo do homem maranhense reponta nos característicos dos tipos regionais, que lutam e que operam no prodígio das terras tropicais, que se estendem iluminadas e cheias de suaves encantos com o melhor *habitat* para o homem de amanhã, que há-de ser forte e há-de ser rijo, mas sempre generoso e bom, de alma aberta aos impulsos nobres de suas virtualidades, sem arremessos de crimes, sem ímpetos de maldade e tendência alguma para as lutas do caudilhismo desnaturado.

Ainda, assim, a terra vence, constituindo-se na melhor *matriz* em que se funde o tipo impressionante do maranhense, que é bravo, mas não é mau; sabe lutar, mas não tem alma desordeira e nem se subordina às tendências do arrojo primitivo da alma dos povoadores, que sofreram em seus descendentes

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

a influência poderosa das *forças secretas* da terra, modificando-as sob o influxo renovador das sub-raças em cruzamentos .

No homem do Maranhão, como no homem do norte, e quiçá de todo o país, a gota mesclada de sangue passou pelo cadinho de quase três séculos até vascolejar, com mais vitalidade, o organismo da raça nova.

Para uma terra exuberante, cujo tropicalismo conduzia a todos os excessos do espírito e dos sentidos, fascinante na vibração infensa da luz, provocadora de desejos fortes de a verdadeira consubstanciação do homem com a natureza trouxe o luso conquistador o esbanjamento de um sensualismo forte, que aqui, em contato com a natureza virgem e a terra imatura, ais se desenfreou, traumatizando de tal sorte os lusônios que as transformou de modo irresistível num como cego instrumento de reprodução, cujo papel era criar mestiços para *povoar* um solo imenso e rico...

O português, por sua vez, já era, como íbero-insular "um clássico mestiço" sendo; também, certo o que já dizia *Topinard* que, em nenhuma parte, há um homem, que se possa gabar de não ser mais ou menos mestiço".

No sangue português vinham com as energias reprodutivas "o temperamento aventureiro das raças primitivas que se fundiram ou caldearam para a formação da Lusitânia, ou de Portucale..." (12)

"Esse *élan* vital de reprodução ainda continuou nas penetrações do Norte do Brasil e nas bandeiras que desenvolveram tanto a província de S. Paulo".

O dominador das terras edênicas do Brasil trazia, além dêsse sensualismo antropológico, um forte e exacerbado *recalque*.

Vencedor de "mares nunca dantes navegados", nesses longos périplos, o português é saturado da nostalgia do mar; atormentado por uma abstinência prolongada. Quando saltou nestes brasis, o instinto sexual cresceu diante de uma natureza prodigiosa, em que há raízes que se abraçam, troncos que se esfregam, ramos pesados de frutos, galhos palpitantes de seiva, idílios por toda a parte sob um morno e sensual sopro de vida que vibra em tudo, nos seres animados e inanimados, e, máxime, diante de índias nuas, e de

(12) Batista Pereira.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

indígenas "que vivem *secudum naturam*", e tão luxuosos que não há pecado de luxúria que não cometam".

Por outro lado, o sangue mestiço requeima a trama reprodutora do luso-conquistador diante do elemento negro, tão fecundo e sensual, e que desperta no lusônio esse apetite racial e estranho, que, em última análise, é o instinto criador de uma raça depuradora, no cósmico desejo de purificar um sangue impuro, perpetuando-se num tipo novo.

No estudo do homem maranhense, esse *élan* do português é o ponto de partida; há nele de modo decisivo, atuando-lhe na psique e no instinto reprodutivo, a "memória biológica" que se conserva eficiente através dos tempos e não obstante as distâncias do espaço".

Um tipo destas plagas, oferecerá um impressionante esquema através do qual os elementos raciais que o formaram se revelam vivos, si bem que modificados pelo meio, "porque a influência do meio físico é poderosa, não só sobre o estado mental e orgânico dos seres, como também sobre o seu estado social.

Diante disso poderemos armar a equação do caldeamento de três raças na formação típica do homem maranhense. E teremos:

a) português + índio, no primeiro ciclo do povoamento;
b) português + negro e o negro + índio, no segundo ciclo de dominação.

O cruzamento do luso com o índio era um determinismo biológico.

Apesar da ação dos franceses no Maranhão, no princípio do século XVI a mestiçagem do português era inevitável com o índio.

A vida dissoluta do íncola, o fácil domínio e posse da mulher, a natureza convidativa, o descontrole natural do civilizado, que deixava a Europa da Renascença e nas plagas americanas se entregava à vertigem de todas as seduções, saturando-se da lascívia da natureza virgem, tudo isso aumentava os imperativos do instinto de reprodução.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Por outro lado, a Metrópole que mandava para o Brasil, fidalgos e bandidos, sábios e calcetas, anarquistas e santos, esquecera-se de mandar mulheres.

Já a Bíblia ensina, que "não é bom que o homem esteja só" e foi, por isso, que Jeová criou a mulher para companheira do homem.

No Brasil "havia porém, falta completa de mulheres brancas. Das diferentes expedições, que percorreram no primeiro quartel do século XVI o litoral da colônia em nenhum se assinala a presença de casais ou de mulheres solteiras".

"A primeira mulher branca de que há notícia no Brasil é a de João Gonçalves, meirinho em S. Vicente e de que fala uma petição datada de 1538.

Segundo os termos desse documento o casal devia ter chegada um ano antes, em 1537. Tomé de Souza, em 1549, para aqui trouxe algumas mulheres casadas com empregados que vinham temporariamente para a colônia. Só mais tarde, em 1551, diz Gabriel Soares, chegaram mulheres para casar com os moradores principais da terra. Traziam como dotes ofícios de fazenda e justiça. Na frota de Bois-le-Comte, (1556) refere Jean de Lery, que embarcaram cinco raparigas solteiras acompanhadas por uma governante.

Foram as primeiras francesas que conheceram o Brasil. Casaram-se com os seus patrícios do forte de Villegaignon". (13)

É por isso, pela falta de mulheres brancas que o colono se unia com a índia, e mais tarde às negras. O padre Nobrega profligava o pecado de "*terem os homens quase todos suas negras por mancebas*", e o ilustre varão, em cartas escritas, em 1549 a 1560, pedia ao rei de Portugal, que mandasse "muitas órfãs, e se não houver muitas, venham de mistura delas e quaisquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá; que a quaisquer farão cá muito bem à terra e elas se ganharão e os homens de cá afastar-se-ão do pecado".

No Maranhão as mulheres brancas, como no resto do país, eram *mercadorias* disputadíssimas.

---

(13) Caio Prado.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Só em 1624 é que vão chegando para essas terras as primeiras filhas de Eva. Vinham das ilhas açorianas, conforme se lê na "*Relação Sumária das coisas do Maranhão*" de Simão Estácio da Silveira.

– "Na nau de que fui por capitão se embarcaram perto de trezentas pessoas, algumas com muitas filhas donzelas que logo chegando casaram todas e tiveram vida que cá, Lisboa, lhes estava muito embaraçada e se lhes deram suas léguas de terra..."

Mais tarde, afirma João Lisboa, "às mulheres vedou-se particularmente o regresso para o reino, salvo sendo com seus maridos a quem tivessem seguido às colônias, no caso de obterem eles mesmos licença para voltar. A infração de qualquer destas disposições era punida com penas mais ou menos severas, além dos procedimentos arbitrários a que se expunham os seus autores."

Ainda resta a notícia da vinda das ilhas açorianas para o Maranhão de duas mulheres de nomes Ursula de Albernaz e Maria de Freitas, ambas degredadas por sentença, por crime de feitiçarias e malefícios como confessaram pelas suas "*boquas*" (sic) e porque o povo contra elas se queixasse, em 1866, a Câmara requisitou "ao vigário geral que as mandasse cumprir seu degredo em algum lugar onde fossem menos danosas".

A propósito é preciso, aqui, relembrar que degredados, geralmente, não eram só malfeitores, mas "súditos dos melhores, do reino" (Gilberto Freire) e, na maioria por crimes de religião. As ordenações manuelinas davam chances a inúmeras sentenças dessa natureza.

"Além de que, os mais desses degredados deviam ser, ou inteiramente inocentes, ou apenas culpados de simples venalidades e de delitos que hoje caberiam quando muito na alçada da polícia correcional. Duzentos e cinqüenta casos de degredo acumulados em um código já atestam, só de per si, a monstruosidade da legislação; e ainda aqui não atendemos na espantosa penalidade contida nas leis ditas extravagantes. A legislação portuguesa punia com prisão, com o degredo, com açoites e com a morte, não os crimes somente, mas também os pecados, os maus costumes, a simples imoralidade, as opiniões e os pensamentos e até o exercício de qualquer indústria honesta e pacífica, por isso só que o indivíduo de um sexo se aplicava a alguma que

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

parecia mais, própria do sexo diferente. Bem se pode julgar, à vista disto, que o número dos condenados era consideravelmente superior ao dos verdadeiros culpados". (14)

A jurisprudência portuguesa dos tempos colonizadores era severíssima e cruel. Do misticismo violento, que surgiu depois da guerra com os mouros nasceram todas as atrocidades dessas sentenças que eram aplicadas ao menor pecado contra pessoas dignas e honestas.

D. Diniz, em uma de suas célebres legislações "mandava tirar a língua pelo pescoço e queimar vivo os que descriam de Deus, ou dirigiam doestos a Deus, ou aos Santos", e, por usar feitiçarias "porque uma pessoa queira bem ou mal outra", como por outros crimes místicos e imaginários era o português nos séculos XVI e XVII "degredado para sempre para o Brasil". (15)

Diante disso as duas mulheres degredadas para o Maranhão não nos devem merecer desprezo, mesmo que as condenassem os tribunais como feiticeiras...

As primeiras mulheres brancas que vieram para o Maranhão, foram, certamente, aquelas francesas que se casaram em Paris com os seis índios que Cláudio d'Abbeville levou de S. Luís para a França; mulheres que segundo João Lisboa "não deviam ser de primeira nobreza, nem porventura de uma pureza imaculada". Essas mulheres, quando Diogo de Campos visitou a colônia de França em S. Luís, depois do tratado de tréguas, teve a oportunidade de vê-las de braços dados com os seus maridos "que traziam consigo suas mulheres moças francesas brancas, vestidas de dama, com tais cotas, vestidos e adereços, que tudo era sedas, guarnição de ouro em que se manifestava atenção com que estas despesas ditas eram feitas." (16)

O português, à falta, pois, de mulheres brancas teve de se unir com a índia, cujo priapismo muito concorreu para esse caldeamento, que, através dos séculos, tem se processado no homem maranhense.

A miscibilidade do português, o seu formidável pendor para se unir com mulheres estranhas à sua raça, sem o menor preconceito; o meio ambiente, o estado de desregramento sexual do índio, foram os mais fortes impulsos para

(14) João Lisboa.
(15) Gilberto Freire – "Casa Grande e Senzala".

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

essa mesclagem que se refundiu em terras de América, num tipo novo e resistente de homem mestiço.

Além demais "o longo contato com os sarracenas deixava idealizada entre o português e a figura da *moura encantada*, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envolta em misticismo sexual, – sempre de encarnado, sempre penteados os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas águas das fontes mal-assombradas – que os colonizadores vieram encontrar, parecido, quase igual, entre as índias nuas e de cabelo solto do Brasil". (17)

O português gostou da índia, viu nela, através de suas formas arredondadas, o tipo arisco das mouras e por isso as cobiçou, as possuiu com maior intensidade quando é certo que a índia se dava por qualquer pedaço de espelho...

A nossa sociedade nasceu dêsse modo, com poucas mulheres brancas e inúmeras índias.

Num ambiente de depravação o português decaiu, por sua vez em todos os excessos. Soçobraria nos vícios, os mais torpes, si a *consciência da espécie* não o reanimasse a cumprir no mundo a sua grande missão de povoador e de procriador.

A imoralidade dos primeiros colonos era calamitosa. O padre Simão de Vasconcelos, citado por João Lisboa, diz: "Os costumes dos portugueses moradores que então se achavam nestas vilas vinham a ser quase como os índios; porque, sendo cristãos, viviam a modo dos gentios. Na sensualidade era grande a sua devassidão, amancebando-se ordinariamente de portas a dentro com as suas mesmas índias, ou fossem casados, ou solteiros." (18)

De tão vasta miscibilidade do luso é de se compreender que o sangue ameríndio tenha influído de modo poderoso para que na trama da vida do homem maranhense a índole do íncola se manifeste, ainda hoje, apesar de quase trezentos anos de nossa formação histórica.

*

* *

(16) João Lisboa - Op. cit.
(17) Gilberto Freire.
(18) J. F. Lisboa.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A marcha dos povoadores do Maranhão, a crescente ambição em que se lhes degenerou o espirito aventureiro, que era a *oceânidade* se transformando em *continentalidade* para a posse da terra núbil, movimento esse sacudido pelos impulsos da fome sexual e do instinto trófico, acabou numa desenfreada aventura comercial da *caça ao índio* que, segundo o relatório do holandês Gedeon Mories, era o melhor negócio dos portugueses na capitania.

A escravidão vermelha, no Maranhão, foi tão grande que em menos de quarenta anos já o índio escasseava de tal maneira "que ao governador André Vidal de Negreiros nunca foi possível juntar mais de oitocentos índios de guerra". (19)

Padre Vieira, que João Lisboa diz exagerava, estimou a população indígena do Maranhão em mais 500 aldeias calculando "em mais de dois milhões de índios com quinhentas povoações e *grandes cidades*".

Cláudio d'Abbeville dá doze mil almas na ilha de S. Luís, e cerca de dez mil em Tapuitapéra e Cuman.

O flamengo Gedeon Mories, no seu já citado relatório, diz que no Maranhão "cerca de 400 léguas da costa são aí ocupadas apenas por 1 400 a 1 500 portugueses e 40 000 índios". Isto em 1637.

O fato, porém, é que a população indígena foi minguando já pelo desgaste humano, já pelos trabalhos por demais pesados para o Íncola acostumado à vida nômade e em liberdade, como, também, pelos despovoamentos naturais provocados pela constantes migrações de tribos que, à medida que o branco se apossava da terra iam se ocultar nos rincões mais afastados das terras imaturas.

"E o gasto do índio era de tal sorte que em 1667 não havia autóctones, ao longa da costa, desde o Gurupá até o Maranhão." (20)

A ação dos Jesuítas, no heróico trabalho das missões, o decidido lutar do Padre Vieira, o *Gran-Pai* dos selvagens maranhenses, os alvarás e decretos régios em prol do índio escravizado de nada valeram diante da crescente cobiça e fúria escravagista dos colonos, sempre prontos à revolta e a relaxar todas as determinações de além mar.

---

(19) J. Lisboa.
(20) Roberto Simonsen – História Econômica do Brasil.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Com esse estado de coisas, a apavorante crise de braço era dia a dia pior, tornando a vasta capitania uma terra em que a miséria reinava e a decadência era tal que o Padre Vieira clamava pedindo socorro a el-rei de Portugal.

"As crônicas da época acentuavam a miséria extrema que então reinava: homens descalços e os de maior representação vestiam-se de pano de algodão, tintos de preto: Os escravos andavam nus, nas cidades e fazendas. Em 1661, muitas famílias de homens nobres deixaram de ir à cidade por ocasião do Natal, por não terem as donzelas com o que se vestir.

"Em 1662 escrevia o Padre Vieira :

"Na vida dos índios consiste toda a riqueza e remédio dos moradores e é muito ordinário virem a cair em pouco tempo em, grande pobreza os que se têm por mui ricos e afazendados, porque a fazenda não consiste nas terras, que são comuns, senão nos frutos, ou indústrias com que cada um os fabrica e de que são os únicos instrumentos os braços dos índios."

"Em 1680; fazia ainda o Padre Vieira as seguintes apreciações sobre a situação econômica do Estado do Maranhão:

> "O estilo ou pouco governo, com que se vive naquelas partes, porque exceto a cidade de São Luís do Maranhão, onde de poucos tempos para cá se corta carne algumas vezes, em todo o Estado não há açougue, nem ribeira, nem horta, nem tenda onde se vendam as coisas usuais para o comer ordinário, nem ainda um arrátel de açúcar, com que se fazer na terra. E, sendo que no Pará todos os caminhos são por água, não há em toda a cidade um barco ou canoa de aluguel para nenhuma passagem, de que tudo se segue, e vem a ser o estilo de viver ordinário que para um homem ter o pão da terra há-de ter roça; para comer carne, há-de ter caçador; para comer peixe, pescador; para vestir roupa lavada, lavadeira; e para ir à missa ou qualquer parte, canoa e remeiro... Na ilha do Maranhão, responde muito mal a terra com o pão natural daquelas partes, que é a mandioca, e no Pará, por serem as terras todas alugadas, são tão poucos os lugares capazes da planta dita mandioca, que é

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

necessário aos moradores mudarem muitas vezes as suas casas e fazendas, deixando perdidas despovoadas as que tinham e ir fabricar outras de novo dali a muitas léguas, com excessivos trabalhos e despesas. As madeiras com o fabrico dos navios, a destruição das roças, em que se derrubam e queimam, já são menos e muito distante. As canas de açúcar não se plantam uma só vez como no Brasil, mas quase é necessário que se vão replantando todos os anos. As terras capazes de tabaco também se vão já buscar muito longe. O comer ordinário é a caça e o pescado, e a caça sendo antigamente tanta, que quase se metia pelas casas, hoje, pela continuação com que têm batido os matos, está quase extinta. E no peixe se tem experimentado quase o mesmo, sendo no principio infinito. E a razão de tudo é não serem as terras da América tão criadoras, como também mostrou a experiência no Brasil, para onde se carrega de Portugal tanto peixe seco, ajudando muito no Maranhão a esterilizar os mares e os rios os modos de pescar, que se usam sem nenhuma providência; com que é mais o que destroem, que o que se aproveita, e se perde totalmente a criação; e como a gente cresce e o sustento diminui, é força que se peça muito."

João Lisboa referindo-se a esse estado de miséria e decadência da Província traça um panorama triste da situação destas terras e da capital onde "os processos agrícolas eram grosseiros e nulos".

"As subsistências, aliás escassas e simples tiravam-se principalmente da caça e da pesca; uma ou duas reses mortas aos sábados, e não mais, bastavam a suprir o açougue.

As penúrias e carestias não eram raras; faltavam freqüentemente o sal, o vinho e outros gêneros importados do reino. O comércio, como na infância das sociedades, fazia-se por meio de permutas, servindo-se comumente de moeda o fio e pano grosso de algodão e pagando-se o soldo à tropa em peixe, farinha e outros gêneros. As casas de taipa, mal construídas e em geral parte cobertas

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

de palhas, agrupavam-se em torno dos conventos, fortalezas e residências dos governadores; as ruas não calçadas e cheias de escavões designavam-se pelos nomes dos seus mais notáveis moradores; os poucos edifícios públicos, as igrejas, as fontes, existiam de ordinário em estado de ruínas".

Uma carta régia dessa mesma época de abandono em que jazia o Maranhão, às lutas com os selvagens que foragidos tomavam as mais sérias vinditas nos diz:

> "Os Moradores das ribeiras afugentados pelo gentio, os engenhos abandonados, a cultura do algodão extinta, porque os lavradores haviam sido forçados a preferir a do açúcar, o porto sem carga e deserto de navios, o comércio enfim, arruinado."

A decadência era tanta que até a língua portuguesa se corrompera de tal modo que em S. Luís e Belém só se falava o tupi até mesmo no púlpito.

Por sua vez a raça indígena estava tão rebaixada e vencida, em tal estado de miséria é embrutecimento que não é de se estranhar o famoso jesuíta João Daniel lhe receitasse jovialmente "pau e pão, como únicos meios apropriados e mais, que suficientes para os levar".

*

* *

É nesta fase de ruína da grande terra maranhense, quando o braço forte do Jesuíta expulso pelas sucessivas revoluções e pelo poderio de Pombal, que foi incontestavelmente um grande amigo do Maranhão, que surgiu como problema de importância capital, para solucionar a crise de braços, a introdução na capitania da escravidão negra.

Vinha, assim, por um fatalismo de ordem econômica, o sangue negro entrar para o caldeamento do homem maranhense, dando-lhe as suas tendências e todo o vigor de suas heranças no eterno mistério das raças, que se fundem para formar um tipo novo com as arestas e os caracteres eternamente ligados ao fulcro dos sangues que se misturam.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Não são acordes os escritores quanto à entrada do negro no Brasil. O fato, porém, é que em 1538, segunda Calógera, já a Bahia importava negros, e em 1535 alguns engenhos de S. Vicente se utilizavam do africano como trabalhador escravo.

No século XVI com o desenvolvimento da indústria açucareira aumentou o tráfico de negros para o Brasil que já atingiam de 16 a 20 mil.

No Maranhão, só depois da expulsão dos holandeses é que começaram as primeiras entradas de negros.

A Companhia de Comércio do Maranhão, em 1682 assinou contrato, propondo-se a introduzir no Estado dez mil negros no prazo de vinte anos. Além dêsse contrato foi feito um "assento" para a introdução, no Estado, de escravos africanos, a 160 mil réis cada um. Os rendimentos da colônia não permitiam, porém, a aquisição de braço tão caro". (21)

Francisco Xavier, a propósito da penúria maranhense escrevia :

> "Este Estado e principalmente esta capitania se acha reduzido à extrema miséria. Todos seus moradores estão na última consternação. São poucos os que ainda cultivam algum gênero. A maior parte conserva alguns índios escravos, para lhe irem buscar ao rio e ao mato o miserável sustento quotidiano, com que passam pobrissimamente, metidos em uma choupana a que chamam choça." (22)

Em face dessa situação ocorreu mais uma vez aos moradores da Província a idéia de introduzir no Estado o braço escravo.

Pensaram em organizar, no Maranhão, uma companhia para o tráfico do negro o que, afinal, apesar dos aplausos e apoio do Capitão General, não se realizou à falta de recursos monetários.

(21) Roberto Simonsen – História Econômica do Brasil.
(22) ofício de 30/11/1751.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Reunidos os recursos só atingiram a soma de 32 mil cruzados "o máximo que se pôde reunir para tão importante negócio, e, como observou Mendonça, era a última substância da capitania". (23)

Pombal, que em tudo se revelou um político de pulso grande protetor do Maranhão formulou a organização de um amparo a esta parte da América Portuguesa e, assim, sob a orientação do capitalista José Francisco da Cruz formou-se a Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão com um "capital de um milhão e duzentos mil cruzados e cerca de cento e trinta mil libras esterlinas". (24)

A política pombalina prosseguiu no extremo norte do Brasil, dando todo apoio à Companhia, arrancando do poderio dos Jesuítas as aldeias e libertando os índios.

Essa luta do grande ministro contra as missões dos discípulos de Loyola foi gigantesca. Os religiosos apelaram para o Rei, mas a verdade é que Pombal venceu e a Província antes abandonada, começou a prosperar. Evidenciou-se, igualmente, que a propalada riqueza dos aldeamentos entregue a Jesuítas era fictícia; pois de logo se verificou com as medidas adotadas, o crescente impulso da exportação maranhense.

A Companhia, por seu lado, introduziu no Estado as primeiras moedas metálicas, modificando o sistema que era a compra por meio de meadas de fio única moeda corrente em todo o Maranhão. (25)

Para evitar o extravio desses 100 mil cruzados de prata e cobre que entravam para a Província em 1684 uma carta régia de 12 de setembro de 1684 limitava a dois o número de ourives que poderiam existir no Maranhão.

Com tais medidas e o braço escravo, mais eficiente que o indígena, e a fase da revolução industrial na Europa, a vasta província nortista cresceu em franca prosperidade.

---

(23) João Lúcio de Azevedo.

(24) Roberto Simonsen – História Econômica do Brasil.

(25) "Um edital do governador João da Maia Gama, de 18 de Agosto de 1724 declara que como a moeda da terra eram rolos de pano e novelos de fios, costumavam falsificá-la, metendo dentro dos novelos trapos, páus, etc., e ao pano, tecendo-o ralo e de dezoito e vinte cabrestilhos, em vez de vinte e seis, taxados pelo alvará de 22 de Março de 1688, de modo que correndo o rolo de pano ralo por vinte mil réis na terra, mandado para Lisboa não dava mais de cinco ou seis. Pelo que determinava o mesmo governador, sob pena de três meses de prisão fulminada no sobredito alvará, que em vez de novelos se usassem meadas de fio, e que o pano bem tapado, e de vinte e seis cabrestilhos, trouxesse o nome do tecelão".

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O número de negros na província era grande. Martius, quando a visitou anotou:

"O número de negros, na província, monta agora, avaliando-se baixo, a 80 000 e daí em diante se tornou muito maior do que na vizinha província do Pará; com razão se atribui à falta de braços a pouca cultura desta província do Brasil, tão ricamente dotada. A primeira determinante da numerosa importação de escravos negros, e, com isso, o grande progresso da lavoura, deve-se fazer remontar aos favores com que foi exclusivamente privilegiada a Companhia de Comércio do Gran-Pará e Maranhão, fundada em 1756 facilitando a compra dessa infeliz raça humana". (26)

A Companhia emprestando aos fazendeiros grandes capitais e vendendo-lhes negros a **100** cruzeiros, recebendo em pagamento o produtos das lavouras, proporcionou grandes vantagens para a vida econômica do Estado.

Vinham para o Maranhão, a princípio, negros de Cacheú, Bissáu, Farim, Zuiquixor, do noroeste da África e os de Bisságo e Balanta. Depois passaram, a vir da Bahia, por longas caminhadas e viagens penosas por terra.

Só em 1783 foram importados para o Maranhão 1602 negros vendidos por **173.738,00**. (Martius e Gaioso). De 1812 a 1820 entravam para esse Estado **36.356** escravos não incluindo os que vieram da Bahia para Caxias.

Há a assinalar aqui um fato curioso.

Pela entrada desses escravos era pago um direito à Metrópole. A polícia do Rio recebeu de sisa dos escravos, que vieram para o Maranhão, de 1812 a 1821, a quantia de **30.239,40**.

Esse imposto, que era cobrado na Alfândega, na base de **9,00** por escravo vindo da África, era gasto com a iluminação e a policia do Rio de Janeiro! (27)

O Maranhão começou a prosperar com o impulso forte do braço, negro, e esses infelizes deram ao grande Estado nortista o surto de uma vida nova.

Jogados naquelas terras, como alimárias, tidos e havidos como peças, ou apenas como "*fôlego vivos*", a favor dessa massa humana torturada e sofredora, que para aqui nos trouxe, com as saudades de suas terras e a nostálgica dolência de suas almas, a gota de sangue do mestiço brasileiro; a

(26) Martius - viagens pelo Brasil.
(27) Cesar Marques.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

favor desses negros, nenhuma voz de amparo se ergueu. Os apóstolos como Vieira e outros, que tanto se bateram pela liberdade do índio, jamais se ergueram na defesa do negro de Guiné ou de Bissago, para, pelo menos, os aliviar um pouco dos penosos encargos da escravidão!

A enorme tarja negra do *homo-afer* sarapintou o Estado inteiro.

As lavras rejuvenesceram. Os engenhos, que segundo o alvará de 21 de abril de 1688 se achavam desmantelados, "por falta de escravos", merecendo, assim, de el-rei a "mercê", e aos lavradores em geral, de não poderem, por espaço de seis anos, ser executados por dividas, nos ditos engenhos, suas terras e escravos", tiveram grande desenvolvimento.

A vida intensificou-se por toda parte; e os navios começaram a visitar a província conduzindo para a Europa grandes exportações de produtos maranhenses.

O negro mais resistente do que o índio, e com uma envergadura superior ao íncola, de uma capacidade excepcional de adaptar-se ao calor, psicologicamente mais evoluído que o ameríndio, foi o mais poderoso fator de vida progressiva do Maranhão.

As *Casas Grandes* se ergueram, e dentro delas, essa nobreza agrária dos tempos coloniais do Maranhão, que se firmou nos mais esquisitos privilégios de casta, repudiando o negro e seus descendentes, mas vivendo dele e com ele se misturando nos coitos das senzalas, onde os senhores de engenho procriavam com negras na mais desbragada das concubinagens, que tanto escandalizavam ao pundonor de Gabriel Soares.

A sociedade colonial começou a receber a influência do africano, em todos os sentidos, e, por uma estranha e incrível assimilação, a atuação do escravo negro foi tão poderosa, que os seus costumes, as suas taras, os seus defeitos e virtudes se mesclaram na vida da colônia, com o mesmo fatalismo com que o sangue ia se caldeando nas veias do mulato, ou do cafuzo e mameluco.

O português achou-se, mais uma vez, nestas terras, em oportunidade excelente para dar ensanchas à sua fome reprodutora.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O cruzamento com negro não lhe era novidade. Em Lisboa e na cidade do Porto grandes massas de negros já se ali arrastavam em ofícios de escravidão e de reprodução.

Aqui, nestas bandas, onde as mulheres brancas, apesar das já numerosas existentes, não bastavam ainda, o colono libidinoso fazia da negra a barregã preferida, com quem matava o instinto gerador e cumpria a missão secular de fazer filhos mestiços, num inconsciente impulso de povoadores ousados...

Começa aqui, para o Maranhão, a segunda fase de seu povoamento em que se mesclam o negro e o português no segundo ciclo de nossa vida colonial.

*

* *

A entrada do negro, no Maranhão, trouxe, como era de se esperar, uma sensível mudança na vida econômica e social da província.

A lavoura, que se arruinava em toda a colônia, à falta de braços, os engenhos e as fazendas em decadência, e o comércio em declínio, tomaram vida nova.

O braço escravo, torturado e sofredor sacudiu a velha terra abandonada, acelerou os ritmos de sua economia, deu prestígio a uma sociedade que, depois cresceu; em preconceitos e foros de nobreza.

O povoamento que nascera com os franceses, cuja colonização no dizer de João Lisboa, era verdadeiramente civilizadora, estacionou. Todo o esforço depois dos portugueses, que após a tomada e reconquista das terras das armas de França espalharam fazendas e fizeram aldeamentos com o auxilio poderoso do Jesuíta, que, por sua vez; em benefício das missões, criaram cidades e vilas, plantaram fazendas enormes, arruinou-se. Os poderes administrativos nada puderam realizar em proveito do Estado; em vão o Padre Vieira por seu turno, clamava pedindo a El-Rei todo amparo. A província estacionara na mais triste das decadências.

Os índios fugiam para os sertões, ou atacavam os engenhos, as fazendas, prejudicando a lavoura e o comércio. Nesse ambiente é o negro, a favor de quem nenhuma voz de amparo se elevou; que surgiu dos areais escaldantes da África para as terras úmidas do Maranhão.

BENEDITO LEITE
DOAÇÃO

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Essa massa humana, negra e torturada, foi o carvão que veio arder no sacrifício criador de seus martírios, em prol da colônia, que depois viria a ser, no afirmar de Berrêdo: "porção maior da América nos vastos domínios portugueses".

Pelas ruas da cidade histórica de S. Luís, pelos engenhos, nos eitos dos canaviais, ou nas tarefas das roças de cem braças, nas casas de forno, nas fazendas e nos igapós da baixada, o negro gingava ao peso do trabalho, servindo os senhores moços, à branca vaidosa, ou cavava a terra, movimentando a lavoura, agitando num impulso forte e resignado toda a máquina da vida da província.

Dia e noite, ralados de nostalgias, ou retalhados pelo relho de feitores desumanos, presos com os pés inchados em troncos de bacuri, ou silenciosos nos serões das senzalas, o negro escravo era a única base econômica da província. Nele se firmava todo o orgulho de uma sociedade de burgueses, que naqueles tempos já disputavam os títulos e as comendas de barões e cidadãos do Porto.

Essa poderosa energia resignada, ia aos poucos influindo no meio social. A sua tristeza, o seu canto, a sua música, os seus alimentos com o seu sangue foram aos poucos assimilados pelos senhores que os consideravam como simples peças de trabalho.

Assim, num desses mistérios da natureza indecifrável, evidencia-se, também, essa coisa estranha do africano ligando-se de corpo e alma à nossa vida, sofrendo, lutando conosco, querendo-nos bem, iluminando as terras de seu cativeiro com a bondade alvestelar e profundamente impressionante da Mãe-Preta, alma feita de angústias e de ternuras supremas, e que se alcandorava até as glórias dos sacrifícios...

O negro passou a viver a nossa vida, e o sangue do branco entrou a clarear o sangue africano, vascolejando as veias do escravo, diluindo todas as impurezas das sub-raças até se afinar e refinar no caldeamento do sangue mestiço, que ainda não é a raça, mas que já demonstra os prenúncios do homem definitivo do Maranhão, com as suas raízes mergulhadas na caudal das três raças primitivas que lhe deram origem.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O povoamento cresceu com a vinda do negro. Por seu turno de Portugal a emigração dos elementos brancos aumentou; e, assim, o branco dominou crescendo a massa ariana da província, sob cuja ação modeladora estava sujeita a massa "passiva e improgressiva" (28) do negro.

As atividades do negro davam ao Estado grande impulso. O espírito de aventura comercial acentuou-se. As artérias fluviais como o Itapecurú, o Mearim e o Pindaré foram sulcadas vitoriosamente, pelos sertanistas e mascates. Às margens desses rios formou-se uma aristocracia agrária.

O instinto civilizador das entradas abriam estradas de penetração pelas matas do Pindaré rumo ao Gran-Pará. Os boiadeiros do Piauí buscavam o Maranhão; o mesmo acontecendo com os de Goiás. Os povoadores da terra maranhense, que vieram de Pernambuco, fundam Pastos Bons.

Manoel Valentim Fernandes, consegue a paz com os piscobiés e situa o Porto da Chapada, mais tarde *S. Paulo do Norte*, em homenagem aos bandeirantes. Os sertões são devassados em todas as direções e mais tarde esse mesmo espírito de aventura dos sertanistas povoadores levam os irmãos Pimenteis até o descobrimento dos famosos campos do Xingú. (29)

Por toda a parte o impulso criador se manifesta. O negro movimenta a máquina econômica e a máquina social.

Pombal vê nestas terras grandes possibilidades e mais negros entram para o Maranhão, massa negra que se atulha em toda parte, que vem nos porões dos navios, ou marcham a pé nos centros da Bahia pelos sertões a dentro até Caxias, onde o africano ergueu, ás portas do grande sertão, uma cidade rica e próspera.

A onda negra avassalou o Maranhão e a sua grande sombra de mártir incompreendido projetou-se em mais de um século de nossa história sempre resignada e triste, mas sempre heróica e devotada.

*

* *

O Maranhão ressurgiu. A introdução do elemento africano e de grandes capitais por intermédio da Companhia de Comércio, a ação da política

(28) Oliveira Viana - Evolução do Povo Brasileiro.
(29) Sertões (Carlota Carvalho).

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

econômica de Pombal, deu-lhe um grande impulso. Deslocou-se de novo para a grande província o eixo econômico do extremo norte. O comércio exportador aumentou. Gaioso, no seu livro, mostra o desenvolvimento político econômico do Estado entre **1760** e **1771**. Roberto Simonsen acrescenta: "A exportação de algodão subiu de **651** a **25 473** arrobas. O movimento do porto passou de **3** para **10** navios em **1769**. Em **1788**, exportavam-se em **26** navios; valores na importância de **687:746$788**, ou sejam cerca de £ **190.000**! Nesse total, o algodão estava representado por **11 351** sacos, pesando **63 510** arrobas, valendo **444:577$344** e o arroz em **56 510** sacos, pesando **313 744** arrobas, valendo **176:039$3207**."

"O algodão em pluma se cotava a **7,50** a arroba e o arroz a **550** réis. De **1805** a **1812** a exportação média do algodão foi de **48 314** sacas, ou sejam **250 000** arrobas. Em 1808, a exportação foi representada com as notícias da invasão francesa. Em 1809, os preços eram metades dos de 1788, mas assim mesmo o algodão atingiu a **935:000$000**, ou sejam cerca de £ **270 000**! A de arroz atingiu a £ **48 000** o que elevou a exportação a um total .de £ **300 000**."

Constata-se, por exemplo, que, no ano de 1817, a exportação atingiu a cerca de £ 1 000 000 – em 155 navios, ultrapassando a Pernambuco e ombreando com a Bahia!" (30)

Como se evidencia, o Maranhão, antes arruinado, ressurgira para um período de intensa prosperidade. A economia pública e particular dera-lhe os faustos de uma grande riqueza.

As aristocracias locais arrastavam por entre o prestígio do tempo, o orgulho de nobres cidadãos do porto, título que os envaidecia, porque deles lhes vinha o fastígio dessa era em que o Maranhão atingiu grande prosperidade.

As lavouras cresciam e com elas se multiplicavam os trabalhos do escravo no eito. Nas fazendas e nos engenhos, o negro suportava todo o peso de uma sociedade, que se erguia, par entre o fausto e o luxo dos sobradões de

(30) História Econômica do Brasil - Roberto Simonsen

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

mirantes e de azulejos, e que eram os solares respeitáveis dos nobres senhores da época.

Do interior da colônia, através das três correntes históricas dos rios Itapicurú, Mearim e Pindaré, desciam para á capital os produtos valiosos da lavoura, as especiarias apreciadas e, também, as dádivas dos talentos mais invejáveis, que o Maranhão já possuiu e que foram todo o brilho dessa época de prosperidade indiscutível.

Terra à parte do Brasil, constituindo um Estado separado do resto do país, regendo-se por leis e ordenações, decretos e *leis-extravagantes*, que lhe vinham diretamente de Lisboa, o Maranhão constituiu na história de nossa formação nacional, um bloco isolado, cheio de dificuldades sem conta, sacudido por inúmeras lutas, retalhado pelos arrebatamentos de motins sucessivos, e, sobretudo, pelo antagonismo de castas, que, nessas épocas, surgiam na vida e desenvolvimento do povo, com os maiores entraves ao espírito de integração nacional.

O Marquês de Pombal, que firmara o seu plano econômico no Estado em que supunha recursos vastos, foi o responsável intelectual dessa marcha acelerada do Maranhão, para os esplendores em que viveu nos fins do século XVIII.

*

* *

Na formação social e econômica da província não é justo desprezar o papel importante dos rios Itapicurú, Mearim e Pindaré, onde os negros mourejavam criando as riquezas dos tempos, mesmo à custa de seus martírios grandes.

A influência desses rios foi decisiva, e urge assinalar, aqui, para que melhor se firmem todos os fulcros da formação histórica do Maranhão, condição *sine qua non*, para podermos, mais adiante, definir os tipos regionais, no complexo de suas virtudes e vícios, e no pleno funcionamento de sua psicologia em acordo com os fatores ponderáveis e preponderantes do meio ambiente.

*

* *

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O rio Itapicurú, ou o *caminho eriçado* de pedras, na etimologia indígena, cortando o centro do Maranhão num grande arco ao rio Parnaíba, constitui a artéria mais histórica do Estado.

As suas águas barrentas, cheias de manchas pesadas como se nele houvessem derramado óleo, escorrem no seu sossegado curso, ora apertado em torcicolos e curvas enormes, ora espraiado em *estirões* e *remansos* pitorescos, ora ainda agitado, em rumorosos rebojos de suas cachoeiras.

Essas águas rolam pelos quatro séculos de formação histórica do Maranhão, a refletir os mais intensos episódios de sua vida política, a carrear para o mar milhões de toneladas de terras desagregadas, e para a capital os mais importantes frutos das lavras maranhenses.

O rio Itapicurú foi o caminho mais importante daquelas arremetidas civilizadoras.

Surgindo aos borbulhos de lamaçal de um brejo sombreado de buritizeiros e buritiranas, nas faldas da serra que lhe deu o nome, pacato e matuto escorre manso e quase esquecido, por entre os matos úmidos e pontas de carrascos, que se eriçam às margens, lambendo troncos e molhando escalvados, umedecendo raízes e polindo pedras "cabeça de negro", avança, prossegue, sombreado pela folhagem, ou iluminado pela canícula sertaneja até Mirador, de onde começa a se alargar aumentando de volume com as águas do rio Alpercatas, afundando-se em seguida e sendo já navegável para descer nas suas 250 léguas de curso, rumo ao oceano, entumecido; volumoso, cheio do prestígio das águas e do prestígio da história.

Por essa caudal, subiram, antanho, os primeiros conquistadores das terras "marananguaras", apóstolo e nobres de França no impulso civilizador, semeando às suas margens os primeiros núcleos e arraiais, as lavouras e os engenhos; subiram, também, portugueses e holandeses, e, mais tarde, as caravanas dos sertanistas, que vingaram terras mais altas do sertão nos arrojos de suas *entradas* gloriosas.

Por essas águas pardas desceram também, os que expulsaram o francês, o flamengo arrojado, nas guerras da restauração; os que lutaram, depois, pela

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

coroa de Portugal, e os que sofreram ungidos de heroísmo nas lutas cruas pela nossa Independência.

Águas que na vida política tiveram as virtudes das águas do Nilo, fecundando as lavouras e incrementando a nossa economia; águas, que na vida mental, tiveram as virtudes das águas do Jordão, purificando o espírito e iluminando a terra com os clarões das inteligências dos varões assinalados, que, do Itapicurú, desceram para o fausto das cidades.

A maior lira que foi Gonçalves Dias, e o maior polígrafo que foi João Lisboa; maior panfletário que foi José Cândido de Morais e Silva e o gênio das Matemáticas, que explodiu em Gomes de Souza, e tantos outros que deram ao Maranhão renome e fama desceram por essas águas do Itapicurú.

No Maranhão, que é à terra dos paradoxos, nenhum supera, por certo, ao do rio Itapicurú, tão simples, quase ingênuo, no seu leito incoerente, mas tão importante na vida do Estado, tão definitivo em sua formação histórica. Base principal de nossa economia, o rio Itapicurú, sofreu, com o desgaste do índio uma grande decadência. No governo Sá de Menezes a miséria nessa região da província era tanta, que o Presidente resolveu ir até a vila na persuasão de debelar o mal. Mas nada foi feito.

Só o Marquês de Pombal, com o seu plano de soerguimento da colônia é que para essa importante zona de lavoura maranhense voltou as suas vistas, preocupado.

Por sua ordem, embarcaram para o Maranhão, algumas famílias com os objetivos de ensinar a criação do bicho da seda e a fiação de seus casulos. Joaquim de Melo e Póvoas, então governador, determinou se fizesse às margens do rio grandes plantações de amoreiras. Relembro, aqui, a propósito, os seguintes versos do poeta Lourenço Belfort, por mim citados em meu livro "Caxias e o seu Governo Civil na Província do Maranhão":

"Ainda se praticou outro projeto,
Por fazer a lavoura mais rendosa,
Fazendo vir da Europa aquele inseto,
Que fia a rica sede preciosa:
Altíssimas palmeiras
Dão lugar a frondosas amoreiras,
Que dão pasto agradável,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Ao frondífero povo inumerável,
Porém o clima desta zona ardente,
Numa reprodução continuada,
Atenua a prolífica semente,
E nunca pode ser climatizada:
Só uma porção fia
Que a capital da Lusitânia envia,
De que o Rei entendido
Para honrar o autor, faz um vestido."

Uma carta de 8 de novembro de 1760 do governador Gonçalo Lobato e Souza diz às cortes de Lisboa:

"À cerca das amoreiras e bichos de seda já a V. Excia. haverá informado o bispo de Leiria ao que vimos na fazenda de Lourenço Belfort nos princípios de agosto do ano passado e agora o fará ele pessoalmente a V. Excia., pois me diz passa a, corte a purificar nela, como pátria comum, as suas inquirições vindos da Irlanda donde é natural, como se resolvera na Mesa de consciência."

Medidas sucessivas de amparo às lavouras desta zona foram tomadas; favores concedidos como à firma Diogo Mane & Cia. em virtude de montagem de uma fábrica de serrar madeira no valor de 80 000 cruzados. O Itapicurú foi zelosamente cuidado. Mas, a verdade é que o seu grande período de prosperidade começou quando as massas de negros subiram para as fazendas, engenhos e lavouras de suas margens.

O destino conduziu, dessa maneira, pelas águas tranqüilas do Itapicurú histórico, milhares de negros escravos, braços para o trabalho, energia e força para um dos grandes centros de riquezas maranhenses.

E desceu a fartura sobre a terra...

*

* *

O rio Mearim, que é na vasta rede hidrográfica do Maranhão, o mais antigo dos rios, traz no seu curso as reminiscências selvagens de suas cabeceiras.

Nasce oculto no seio de uma floresta espessa, entre serras tristes e vem coleante, torturado e perigosamente traiçoeiro nas suas águas a molhar uma vasta e rica faixa de terra onde ao lado dos ímpetos da vida que é fartura e riqueza, espreguiça-se a morte fria nos lânguidos e perigosos efeitos do impaludismo...

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Refletindo no espraiado de suas águas tranqüilas, o verde escuro das matas enormes, dos palmeirais de babaçu, este rio desce, quase sem margens, a se arrastar contorcido em leitos de pedra e talwegs de lajes, até abrir-se no golfo maranhense onde o Pindaré vem com o Itapicurú despejar as suas águas no mar...

Nas sêcas o seu curso é insidioso. O canal muda constantemente, e as lajes enormes que o forram lhe dão aspectos perigosos, tornando-o arriscado para as navegações que lhe sobem as águas alvas.

No inverno, porém, o rio calmo entumece pela ação dos constantes *repiquetes* e das inúmeras calhas que o engrossam no seu longo percurso. As enchentes do Mearim são devastadoras. As águas sobem pelos barrancos, espraiam-se em catadupas pelos terraços e pelas planícies de mato-baixo e terras pantanosas. A invernia fustiga. Dos pontos mais longínquos do sertão águas selvagens se precipitam para o rio. Já não é a mesma caudal pacata, é um ímpeto, uma serpe coleante espicaçada de varas e de troncos verdes, "como um touro selvagem", rugindo, ameaçador e sombrio.

As águas recrescem. O rio túrgido invade as propriedades, alaga as cidades e vilas, toma casas, assoberba-se nos engenhos, demolindo roças e canaviais, tarefas sem conta de algodoais, semeando por toda parte a ruína e a desolação.

Essa avalanche destroem tudo. As terras do Mearim, onde se assenta a zona mais rica e desenvolvida da lavoura maranhense, tomadas de assalto pelas cheias, fendem-se em abismos, abrem-se em tremedais enormes, reduzem-se a pântanos medonhos.

Ninguém lhe ousará transpor os domínios lamacentos. O trânsito fica interrompido. Só embarcado é possível levar socorro a essas zonas do mais antigo dos rios maranhenses.

O rio invade as planícies. Assalta os baixos e domina as terras crespas dos pontos mais altos do solo.

As águas *queimam* a vegetação. Quando se escoam deixam a devastação nas matas. As árvores perdem a folhagem e, par toda parte, o rio deixou vestígios impressionantes de sua passagem.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Ruínas nas habitações e nas propriedades, nas fazendas e nos engenhos em todos os recantos, ruínas.

É no abaixamento das águas que o Mearim oferece o maior perigo.

Dos pantanais o miasma deletério gera o paludismo, que rivaliza com o do Amazonas. As populações se dizimam assustadoramente e o amarelão, a verminose e a anquilostomia completam a calamidade.

É aí nesse "habitat", que o homem maranhense oferece um, exemplo raro de tenacidade.

É de ver-se, em meio a uma série de fatores contrários, o lutar constante das populações mearinenses, num labor persistente e tenaz de vencer um meio ingrato cheio de surpresas e imprevistos, que o rio periodicamente oferece.

O que impressiona, no entanto, é a vitória do homem sobre a natureza. A terra; por seu turno, recompensa generosamente ao homem do Mearim. É a zona onde mais se desenvolve o comércio, onde a lavoura dá estupendas colheitas.

Durante os meses da seca, qualquer vilarejo do Mearim é um grande parque comercial. O dinheiro, ali, circula em milhares de contos de réis. O comércio de algodão é intenso. Tudo é vendável. É valorizado.

É, por isso, também, que, para o Mearim; se voltam as vistas de todos os aventureiros. As populações são heterogêneas. Nelas predomina a mobilidade constante. Nascem e desaparecem arraiais, como nascem e desaparecem as dunas de areias.

O ádvena, em qualquer recanto, arma o, seu barracão. Movimenta um comércio enorme. Vende tudo a bom dinheiro e desaparece, depois. Comerciantes ambulantes mascateiam, vindos dos portos mais afastados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

Nessas terras foragidos de tôdas as penitenciárias, criminosos de outras partes buscam refúgio. Daí sucessivos crimes, roubos; mortes friamente cometidos, por êsses elementos que infestam o Mearim.

A justiça anda por lá nos cueiros e a lei, a mais comum é a faca ou o bacamarte.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O Mearim representa para a economia maranhense uma caudal de grande curso, mas constitui, ainda, um dos centros mais precisos de amparo e de justiça.

O elemento cearense, ou mais certo, o elemento nordestino, é o que mais predomina. Verifica-se, porisso, uma grande invasão de tracoma que assola as populações de toda essa enorme área agrícola, que se reduzirá a uma enfraquecida população de cegos, se medidas de relevo sanitárias não vierem a tempo combater o mal.

Esse rio, cuja história, na história do Maranhão, não é assinalada por grandes feitos. Os episódios de seu povoamento são comuns. Não ultrapassaram as lutas como os selvagens ferozes que lhe disputavam o domínio do ímpeto do branco conquistador.

Nessas águas os sertanistas avançaram lentamente. As armas dos povoadores dizimaram inúmeras vidas. Os predadores de índios assaltaram grande número de aldeias, e a voz apostolar de Frei Inácio dos Anjos pregou os Evangelhos e só se calou amortecida pelos acessos da maleita insidiosa, que o vitimou. No primeiro ciclo da história maranhense os poderes públicos procuraram levar a civilização ao Mearim, num esforço sobre-humano. Mais tarde provisões régias de 12 de maio de 1751 determinavam o descobrimento do rio, "mande-se jesuítas para a conversão dos gentios e uma escolta a fim e guardá-los". (31)

Foram gastos, só na conversão dos *gamelas* quase seis mil cruzados.

Das Minas de Goiás o decidido sertanista José Monteiro Guimarães, sacudido pela ambição de minérios havia demandado terras do Mearim onde se firmou a serviço do rei, e, parece que foi ele quem mais introduziu pretos na zona.

As lutas com os nativos foram enormes. Medidas severas foram tomadas como até a da construção de uma *casa forte* lá pelo ano de 1804.

Como elemento preponderante civilizador do Mearim um nome aparece, porque heróico na preocupação de lhe sulcar as águas por meio de uma navegação a vapor. Esse homem chama-se Mr. Portal, maquinista humilde,

(31) Cesar Marques.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

mas a quem o Maranhão deve essa importante iniciativa de tão grande vantagem para o seu operário.

Na história colonial o rio Mearim evoca a figura legendária de Beckman preso no seu engenho pela traição de Lázaro de Melo. No movimento da BALAIADA, que é o objeto deste livro, ainda o Mearim nos evoca a figura singular do Padre Inácio, vigário do Arari; de quem Raimundo Gomes era vaqueiro, e; foi, nas matas do Mearim; que o célebre preto Cosme, que tanto se salientou na guerra dos balaios, foi preso para o justiçamento, mais tarde; na cidade do Itapicurú, onde foi enforcado.

A atuação do escravo-africano nessas terras foi grande.

Atestam ainda hoje as ruínas das grandes fazendas e dos engenhos do Baixo-Mearim, como a enorme reserva de pretos que ainda hoje existe, acontecendo, como tive a oportunidade de verificar, povoações só de pretos, como o lugar denominado Bom Jesus, no município de Pedreiras, que mais me pareceu Adis-Adeba do que um povoado maranhense...

Este rio é sobretudo célebre pelo fenômeno estupendo, que nele se verifica, chamado *pororoca.*

As suas águas, que sofrem a influência da maré, agitam-se, nas montantes, tornam-se perigosas. A pororoca nasce violenta com a resposta da maré. Vem, sacudida por milhões de energias secretas, rugidora, encrespada, violenta, brutal. Dir-se-ia que os arremessos do mar se condenassem, de chofre, nessa tumultuária conjugação das águas, que disparam do oceano invadindo o rio, num atroar de monstro enfurecido.

O fenômeno é surpreendente. No leito do rio a maré baixa deixa à mostra os bancos de lajes enormes, ou de areias alvas que se espalham à luz .

O rio escorre, descendo, lento, preguiçoso, quase sem movimento algum.

Águas paradas... Lamas paradas. Bancos e lajes parados. Um vento frio anuncia a maré. Lá longe resposta. Acima do nível do rio vem caminhando uma vaga hirsuta. Não é maré que sobe, é uma avalanche que marcha; não se assemelha ao fluxo comum das águas, é uma montanha de água, que se desloca.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O vento assobia. O rio estremece. As águas rebojam. O ar atroa num arruído de terras que se desmoronam. É uma catadupa, que recresce lá longe.

Veloz, feroz, rebrame e ruge aos ímpetos e saltos, louca, desvairada, salta num turbilhão de vagas, que se escanhoam, lutam, encristam, cabeceiam, tumultuam e correm alucinadas rio acima.

Por onde passam essas águas o rio assoberba, cheio; prenhe de ruídos, de estrondos, que estouram sacudindo o chão, derribando as margens, engolindo barreiras, troncos, árvores, pedaços de terras, com mangues verdes.

As águas invadem tudo. Dominam o rio. Aceleradas sobem, rugindo, velozes, tremendas, soberbas, no mistério que as sacode, assim, alucinadas nesse estranho fenômeno que as desloca.

É a pororoca.

E isso é o Mearim.

*

* *

Cheio de grandes voltas, molhando as margens sombreadas, onde bandos de capivaras, dormem sossegadas e fartas em volutuosa sesta na lama, e os jacarés de olhos acesos se esponjam malandramente, avança o rio Pindaré ou Pinaré, no mais tranqüilo dos cursos, sem grandes lances históricos a não ser as *entradas* dos que lhe vingaram; em tempos remotos; os pontos mais afastados, na cobiça do ouro jamais achado.

Rezam as crônicas da época que El-lei sabedor de que, no Pindaré, grandes minas de ouro existiam, tomou severas medidas no sentido de as encontrar.

Surgiram visionários que se diziam conhecedores de roteiros de minas e até dos tesouros, que padres jesuítas ocultaram antes de expulsos da província.

Avultam, aqui, como sonhadores de minas de ouro, dentre muitos, Marcos da Boa Vida, que apesar de toda a boa sorte de sua vida nada descobriu. Depois surgiu Bartolomeu Morais Frasão, que de Minas Gerais veio ao Maranhão seduzido pela fome de ouro do Pindaré.

Em tantas contas e aventuras se meteu e andou este mineiro, que foi parar preso na cadeia do *Limoeiro*, em Lisboa, de onde saiu após largos anos de

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

prisão. Tantas aventuras foram malogradas e tal a decepção que o fracasso das minas produziu no ânimo de El-Rei, que este por uma provisão régia de 31 de maio de 1730 determinou que "os povos da capitania do Maranhão não se entendessem com minas, e se aplicassem à agricultura, que era o que mais lhe convinha".

E foi assim que El-Rei Nosso Senhor acabou com as minas de ouro do Pindaré!

Gesto igual, já na República, havia de ter certo governador do Maranhão, que baixou, segundo dizem, após uma epidemia de gripe o seguinte decreto:

"Art. I – Fica extinta a gripe no Maranhão.

Art. II – Revogam-se as disposições em contrário."

Além da vila de Monção e da cidade de Viana – grandes núcleos de lavoura do Estado, o Pindaré, em tempos idos, foi um grande centro de lavoura de cacau, cana de açúcar, algodão e café.

Grandes lagos, magníficos e ricos atestam a sua impressionante característica amazônica, principalmente na zona da baixada, onde a terra sobe lentamente, formando o formidável aterro de camadas terciárias em plena formação geogênica.

Foram, num grande esforço do sertanejo, abertos os primeiros caminhos de penetração do alto sertão com os campos do Xingú e da baixada maranhense, sendo ainda aberta, de acordo com o governo do Pará, uma grande estrada ligando a alto Pindaré, os campos de vitória do baixo Mearim com o Pará.

Para essa importante zona do Estado, excelente em suas terras e riquezas naturais, encaminharam-se grandes levas de negros, que, ali também, ergueram as bases de uma prosperidade, que de tão apreciável ainda hoje resiste nas ruínas das *Casas Grandes* em taperas ocultas, aqui e ali, na espessa mataria, que cresceu afogando o trabalho, o sacrifício de algumas gerações de latifundiários e criadores, que fizeram todo o patrimônio de sua riqueza na desventura do negro escravo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

*

* *

Distribuídas, pelas grandes áreas agrícolas, as massas sofredoras dos africanos, a província entrou na fase áurea de seu desenvolvimento. A sociedade, rica e próspera por seu turno, à medida que os negros se inclinavam para a terra cavando o chão dos messes fartos, mais e mais se erguia em orgulho e vaidades.

Os títulos de nobreza foram comprados, e os cidadãos, mui nobres senhores de engenho e de lavouras abastadas, armaram as suas casas solarengas onde o preconceito de casta tinha a primazia sobre todos os preconceitos.

Rezam, as crônicas da época que "os habitantes das antigas capitanias do Estado do Maranhão, se dividiam em raças e classes..." (32)

esses na costas de Pernambuco, os quais rotos e despidos lançavam pela mesma costa a baixo, e se vinham recolher no Maranhão, onde os que ordinariamente se deixavam ficar eram aqueles que menos remédios e esperanças tinham em outra parte. Finalmente, o resto da gente de que o Maranhão se povoa quase todos os anos são os degredados que para lá se manda do Limoeiro de Lisboa, que, também, são de ordinário os que cá têm menos remédio e valia, e como toda esta gente chega àquele Estado sem cabedal e logo que viver nele ao uso e exemplo da terra, ainda que vivam com maior largueza do que nunca tiveram lhes parece grande estreiteza e opressão a sua".

Apesar do possível exagero de Vieira, era essa a *nobreza maranhense* que, afinal, só se tornou mais coesa e forte depois que os negros entraram na província.

Apesar dessa origem mesclada de taras e tarados é estranho que nestas terras o preconceito se erguesse como uma das mais desabusadas tiranias. Encontram-se casos típicos dessas barreiras erguidas para separar castas, e, a tal ponto que até no culto divino a divisão se notava, acontecendo, como no

(32) João Lisboa.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

caso da ermida de Nossa Senhora da Conceição, que foi construída pelos mulatos, e a de Nossa Senhora do Rosário levantada pelos pretos de S. Luís.

O erudito João Lisboa narra o episódio de um tribunal que se constituiu para julgar uma senhora D. Clara Carmela, mulher de Custódio Afonso, cidadão do Porto. Narra o referido escritor que esse tribunal processou àquela senhora por denúncia de Pêro Pinto que viu, em uma missa, a D. Clara Carmela que "*trazia* coberto um capotim que lhe dava por cima da cinta, de roxa cor de pombinho faixada ao redor pela banda de fora com uma renda de ouro e prata entretecida de vermelho, e de largura de dois dedos de mulher, e cobertas as costuras do cabeção com a mesma renda, e forrado por dentro de tafetá verde, da largura o forro de um palmo todo de roda; que a dita Clara Carmela trazia um vestido um roupão de tafetá preto com dois debruns de veludo preto pelas bordas, com as mangas abertas e abertura dos debruns do dito veludo e o cabeção todo debruado, e vestido por baixo languira de pano vermelho com uma barra de veludo verde por baixo ao redor, de dois dedos em largo, afestoada de tafetá amarelo e umas espiguilhas em cada borda da pestana; e pela ver trazer a dita sede e coisas defesas por lei, ele meirinho a levou perante Pedro Dias, Juiz ordinário do dito conselho e lhe houvera por contados os ditos vestidos".

"Propôs o meirinho o seu libelo, concluindo fosse a ré condenada na perda dos vestidos e em seis mil réis de multa, tudo em benefício dele".

*

* *

A história maranhense não estacionou. Nem poderia estacionar nessa comédia ridícula de castas e preconceitos. A sua marcha prosseguiu com a mesma intensidade de movimento. É certo que na sua "espiral" de progresso há curvas fechadas e suaves com seus episódios simples, seus lances de heroísmo seus capítulos dramáticos e as suas cenas vazias e comuns.

Dos primeiros dias das *entradas* e do povoamento até o século agitado e sombrio da Regência, a vida maranhense oferece os mais variados aspectos históricos. Nesse andamento até o episódio da BALAIADA, lá se vão mais de duzentos anos de lutas, em que os tumultos das sub-raças travaram, ali,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

violentos entrechoques. Apesar, porém, de tudo isso, a legendária Província surgia e crescia, iluminada pelo fausto de sua nobreza, pelo brilho de suas tradições e também, pela inteligência de seus mulatos geniais.

Há grandes épocas de paz, de trabalho construtor em que se edificaram palácios e templos magníficos, se construíram cidades florescentes e se exploraram a terra nas suas dádivas mais preciosas.

O Maranhão cobria de velas audaciosas muitas rotas marítimas e abarrotava os celeiros de Portugal o de grandes centros europeus. Ao seu porto insidioso, vinham galeras de muitas terras longínquas buscar algodão e arroz, madeiras de lei e especiarias, com que o intenso e crescente comércio da colônia mantinha em equilíbrio a sua pauta de exportação. Era a época das "espigas cheias" do sonho de José do Egito, a época da abastança e da fartura, a grande fase áurea do Maranhão em que tamanha era a prosperidade econômica que até os frades não se preocupavam com a vida; e, por não terem muito lá o que fazer nos seus conventos, passavam o tempo a processar formigas...

Esse período de prosperidade maranhense é impressionante, porém, não pôde anular aquele espírito de supremo desprezo, que existia entre a massa anônima de negros e mestiços e os nobres da Província. Esse ódio surdo, essa repulsa já vinha de longe, e era como herança maldita oriunda de um dos mais graves erros da metrópole portuguesa. A criação em terras do Maranhão; de uma nobreza forjada por decretos, produziu dois resultados decisivos: – ligou mais do que nunca os "nobres" a Portugal, e fixou, de modo definitivo, as castas humilhadas á terra maranhense. Todo emigrado perde a *sua alma*, e só depois, em contato com o nosso *habitat* é que se lhe desperta uma *outra alma*, com raízes espirituais precisas para uma adaptação definitiva. Enquanto não se casa comi o solo, enquanto não realiza o equilíbrio de suas emoções e sentimentos com a intimidade da terra, há no emigrado, um *vazio* capaz de ser preenchido com tumultos e paixões estranhas.

Foi o que se deu no Maranhão com a criação da *nobreza*. Aqueles "degredados" de Portugal, alguns descendentes de ciganos e de calcetas das prisões do Limoeiro, e até mesmo os verdadeiros nobres, que de Lisboa

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

partiram para o Maranhão à cata de fortuna e aventuras, eleitos "nobres" não se casaram mais com a terra. Ficaram presos a ela apenas para explorá-la em suas riquezas, qual mais exacerbado pela cobiça do *aura sacra fames*. Não se aproximaram psicologicamente da terra, antes fugiram dela espiritualmente, realizando um retorno *à alma primitiva*, cheios de ambições, querendo se desligar do jugo de Portugal, no que se refere apenas à posse de bens materiais, senhores que desejavam ser da terra e dos frutos dela, mas, em verdade, cheios de Portugal, agindo na colônia com espírito e sentimentos portugueses, desassociados de, todo o resto do aglomerado humano que se agitava nas terras fartas da colônia.

Os efeitos foram calamitosos e constituem todo esse *passivo de lutas*, que traumatizou a Província em mais de dois séculos de sua formação histórica. À medida que mais e mais se afidalgavam os "cidadãos do Porto", e que neles cresciam os preconceitos de castas, a grande massa de negros e mestiços se fixava, decididamente, no solo maranhense, crescendo em apego à terra, tanto mais quanto nela recrudescia o ódio pelos nobres. Nessa enorme reserva humana, sacudida pelo calor do sangue tropical, – sangue vigoroso dos cruzamentos ilícitos ,de nobres com negras escravas e índias violentadas, *uma alma nova* se manifestava profundamente irmanada à gleba maranhense. Os resultados não se fizeram esperar: a história passou a ser movimentada pelo povo, ou, mais apropriadamente, pela massa. Os nobres constituíam uma *elite*, e, assim, organizados, viviam unidos pelo domínio de Portugal; pela posse absoluta da terra maranhense como *reserva a ser explorada*, e não como um patrimônio conquistado, por inúmeros sacrifícios, para ser livre. Como instinto de defesa de seus brasões, essa casta de nobres apoderava-se dos cargos e postos de mando, – constituía a *elite* que governava.

Travou-se, então, a luta secular entre a nobreza e a plebe. Nasceu daí o espírito nativista do homem que se fixara à terra contra o homem transplantado, mas que se não despira do espírito de conquistador.

Os mestiços tinham o sentimento da terra; os nobres, a repulsa, ou indiferença por ela. O espírito colonizador foi obrigado a se defrontar com o espírito libertador. Nesses duzentos anos de história maranhense, a luta não

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

diminuiu, antes cresceu com o tempo. O nativo passou a odiar o luso de quem descendia. Surgiram atritos e choques que culminaram em dramas de sangue. Dêsse caos nasceram as revoltas populares. O povo passou a combater a nobreza e os que nela se apoiavam, não somente com o desprezo, o ódio surdo nas almas, mas, também, com as armas na mão.

Da resistência passiva passaram as classes oprimidas para o terreno da ação. Cresceram os ódios, aumentou a luta. Uniram-se os combatentes de sua grei. A batalha tomou contornos decisivos. Definiram-se os campos de luta e apareceram os líderes dos nobres e os líderes do povo.

A nobreza orientada pelos mais prestimosos rebentos da fidalguia e pelas mais colendas figuras de dignitários importados da metrópole, dominava do alto de seus casarões de pedra, dos seus palácios de azulejos, de suas *quintas* históricas a grande massa humana que se dividia em várias classes já definida e subdividida pelas ordenações reais.

A sociedade nobre, rica e orgulhosa enchia os salões de seus solares com a vida inútil que se desdobrava remansosa entre as prazeres da cama e os da mesa, dos minuetos ritmados ao compasso solene das orquestras, e das missas e *Te-Deum* nos templos solenes em que até os santos tinham ares de nobres vestidos de ouro e púrpura.

Nem os santos fugiram a essa luta de castas; e, é assim, que surgiu S. Benedito, o santo dos pretos e dos mulatos, cujo culto até hoje rivaliza em prestígio com o de S. Antônio de Lisboa, orago dos portugueses. Por sua vez, o clero se dividiu. A luta se alastrou entre eles: Os padres e frades de S. Antônio e do Convento do Carmo não toleravam os Jesuítas de Nossa Senhora da Luz .

Franciscanos antes pacíficos surgiram coléricos dos púlpitos e das tribunas populares incentivando a massa heterogênea de mestiços e plebeus às sucessivas revoltas contra os nobres e contra os jesuítas. Nos templos, esse espírito nativista, culminava nas representações de certas comédias burlescas, que eram escritas para criticar e ferir intencionalmente o português, ou os nobres.

No quadrilátero dessa luta os problemas vitais da Província eram descurados e toda aquela prosperidade se firmava em terreno movediço. Da

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

capital aos mais longínquos rincões do Maranhão o mesmo espírito de reação da massa contra o nobre. Em S. Luís, os nobres fidalgos na ostentação de seu fastígio político; no interior, os senhores de engenho e da *Casa Grande*, donos de muitas léguas de terra, e de milhares de escravos e de muita chibança. Gentis-homens de punhos de renda e damas orgulhosas, ricas de jóias e de sedas, dominavam o cenário social na mais deliciosa das horas inúteis, como se aquele fausto fora de sempre durar.

Essa era a *elite*, que governava o aglomerado dos homens de cor.

À ilharga dessa *elite*, a massa heterogênea se agitava, oprimida, mas rancorosa, pronta a explodir ao primeiro contato de uma chama oportuna.

... E vieram as revoltas armadas. O fermento era secular. O choque se daria, inevitavelmente. Sem querer assinalar os movimentos regionais, aqui e ali, nas várias freguesias, ou os conflitos entre as correntes do interior, basta citar, como expressão viva daquele espírito nativista, as duas mais expressivas revoluções do povo, – a de Beckman e a da Independência. Nesses dois movimentos revolucionários, a ação pelas armas foi executada pelo povo contra os nobres, pelo elemento fixado à gleba contra o lusônio dominador.

Beckman insurgiu-se contra o Estanco, que era uma opressão ao povo, monopólio odioso que as cortes concederam a comerciantes portugueses, e que dava aos assentistes privilégios de matar a vida comercial dos nativos da colônia. O ímpeto dessa revolta traduzia bem o espírito de reação da massa. Tomaram parte nela elementos de todas as classes oprimidas, até mesmo elementos do clero regular e secular, que, aderindo ao movimento, visavam o desprestígio do jesuíta, dono já, em toda a Província, de ricas posses de terra; senhores de engenho e de valiosas fazendas. Essa revolta que terminou, com a execução do seu chefe, só falhou, porque Beckman, admitindo a separação de castas, impopularizou o movimento, afastando dele o prestígio do povo.

A luta dos independentistas é o mais surpreendente dos movimentos populares do Maranhão.

Nasceu da alma do povo, frutificou ao calor das soalheiras do sertão, e daquelas terras altas o movimento desceu vitorioso como se fora uma torrente

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

que se despejasse dos famosos Pastos Bons até os campos baixos dos perizes, inundando, alagando tudo.

Homens rudes dos campos, vaqueiros, e lavradores do alto Itapicurú aos chapadões do Riachão e agrestes do Tocantins empunharam armas pela Independência. Quando os pioneiros do Ceará e do Piauí, comandados por José Pereira Filgueira, Tristão de Alencar Araripe, Simplício Dias da Silva e Pedro Paulo de Morais Rego atravessaram o Parnaíba para encurralar em Caxias João José da Cunha Fidié, já os sertanejos independentistas do Maranhão sob a chefia de Militão Bandeira Barros proclamavam na manhã de seis de abril de 1823, na vila de S. José de Matões, a adesão do Maranhão à Independência.

Essa é que é a verdade histórica. Lord Cockrane nada fez pelo Maranhão. O 28 de julho poderá ser uma data, *oficialmente* declarada da independência maranhense, mas, o que é certo é que o poder continuou em mãos do português.

Os independentistas vitoriosos passaram para a situação dos vencidos e a luta secular do Maranhão continuou, já, agora, sob um novo aspecto: o político-partidária.

O fenômeno era inevitável. A luta travada entre o espírito nativista e as forças reacionárias do lusônio cristalizaram-se em fórmulas políticas. As duas correntes passaram a se defrontar no campo movediço das disputas eleitorais. Surgiram ardorosamente na sua expressão mais peculiar cada qual mais enrijada ao calor de sucessivas refregas. Definiram-se decididamente as posições: de um lado, o Partido Liberal, e de outro, o Conservador. O primeiro era a torrente impetuosa do povo nas suas mais justas reivindicações; o segundo, o quebra-mar dos que dominavam a terra explorando-a em todas as suas energias e possibilidades.

Essa luta assinala um dos mais gloriosos capítulos da história maranhense, e serviu para projetar na arena grandes lideres, homens que, de parte a parte, tinham o aprumo de gigantes nos seus arrojos e ímpetos.

Há figuras do partido conservador como Odorico Mendes e Sotéro dos Reis, que enchem os séculos com a fama e prestígio dos seus nomes; enquanto no

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Partido Liberal aparecem, por sua vez, homens do porte de um João Lisboa, de um José Cândido de Morais e Silva, o Farol, e de tantos outros que lutaram e sofreram pela terra e pelos direitos do povo, iluminando com seus exemplos, gerações e gerações...

O que é preciso salientar ainda é o contingente de lutadores saindo do anonimato das ruas e que escreveram, nessas pugnas, grandes páginas de heroísmo e bravura.

As vitórias eleitorais não se fizeram esperar para o Partido Liberal. A reação, por sua vez, não demorou por parte dos conservadores. Os métodos adotados pelos reacionários, nos seus processos de violências e falsificações de atas eleitorais, – toda a cabala e corrução para vencer foi adotada pelos que combatiam os liberais, no desejo enorme de esmagá-los nos seus direitos. João Lisboa, no "*Jornal do Timom,*" descreve essa época em páginas de fogo e bronze.

O povo, porém, é como a vaga. Ninguém lhe poderá medir o ímpeto vingador. No meio dessa arremangada política oficial que o Partido Conservador explorava, o povo venceu e impôs aos impulsos e violências dos governistas uma das mais vitoriosas instituições da época: os juizes de paz.

Era a garantia do povo. A mais democrática de todas as instituições daquele atormentado período de história pátria.

Era a democracia que vencia galhardamente. O Juiz de Paz, passou a ser pelo prestígio de sua autoridade um freio enérgico e necessário aos desmandos dos reacionários.

Encarnando o espírito de justiça coletiva, e, os sentimentos nativistas da grande massa popular, os juizes de paz, realizaram, naqueles tempos, a mais importante das tarefas qual a de garantir lares sem conta, quase sempre violentados pela brutalidade dos conservadores. Essa conquista dos liberais não se fez sem muito sacrifício; grandes sofrimentos atormentaram aqueles lutadores até a vitória de tão excelente instituição.

Mas, o espírito reacionário não tem limites. Medidas arbitrárias foram adotadas pelos conservadores com o premeditado objetivo de desagregar os liberais. Passam a se utilizar do recrutamento como arma de truculent

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

vingança. Assentavam-se praça nos mais expressivos líderes do povo, que, assim, eram jogados para os quartéis e porões de navios, sem a menor formalidade, com um desumano desprezo à liberdade alheia. Os recrutamentos se fizeram em massa e foram aumentados quase sempre nas épocas das eleições. Os meios para vencer os liberais eram os mais bárbaros, iam dos conflitos propositais, das urnas quebradas até o assassínio brutal e covarde de figuras expressivas do Partido Liberal.

Tudo isso merecia bem o dístico sombrio da ode camoniana: era uma época "de apagada e vil tristeza".

As manobras dos conservadores para esmagar o adversário culminaram no Governo de Vicente Camargo, sob cujos ombros recai inteiro todo o peso de haver deflagrado a BALAIADA.

Surdo aos reclamos do povo, indiferentes às ponderações do humano e da justiça, esse governo bandeou-se para os conservadores, executando, por ele, os mais impetuosos atos de *barbárie*.

Cego e energúmeno, imponderado em tudo, resolveu acabar com os Juizes de Paz, e criou; então, a célebre lei dos Prefeitos, a mais alta expressão de violência reacionária, e, com ela desencadeou, na histórica Província, a tempestade que se castelava há séculos, e que, deploravelmente; rugiu, feroz, dantesca e prenhe de funestos estragos.

A atitude de Vicente Pires Camargo, instituindo a lei dos Prefeitos, criando, assim, como ele dizia "*um só agente em cujas mãos se acumulem as funções policiais de uma comarca*", dando-se-lhe mais ainda "além das funções policiais do Juiz de Paz e do Chefe de Polícia, a de inspecionar as Escolas, qualificar jurados, proceder ou mandar proceder corpos de delitos, e executar as sentenças criminais dentro de suas comarcas; essa atitude de Pires Camargo, diziamos, refletia, na sua mais truculenta e brutal expressão, todo o velho ódio de casta, que através de dois séculos armara o braço do português contra o povo maranhense, agitado pelos mais nobres impulsos de seu exuberante nativismo.

Há na criação dos prefeitos uma vitória do espírito do colonizador primitivo que deixou de se fixar à terra. A própria idéia era européia. Enquanto as

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Juizes de paz nasceram do voto popular, da vontade expressa das massas oprimidas, que elegiam, assim, os seus magistrados, – criação essencialmente democrática, – a idéia de prefeitos, como assinala o ciclópico João Lisboa, "é copiada de França, mas convém notar que não corresponde totalmente ao que lá chamam de *maires*".

Vicente Camargo além de copiar a idéia punha em execução uma lei cujos efeitos ruinosos já se manifestara em outras Províncias. O próprio secretário do governo de Pires Camargo, o Sr. Peretti que segundo João Lisboa era quem passava "por autor dos discursos de S. Excia.", em Pernambuco já se opusera a um projeto semelhante e até escrevera classificando a lei de prefeitos "como obra da ambição da família aristocrática dos Cavalcantis". Em Minas também falhara a criação dos prefeitos e em São Paulo o Sr. Antônio Carlos de Andrada a ela se referindo dizia:

> "Uma lei, menos prudente, da Assembléia passada, oposta à índole do sistema, arrancara das mãos de empregados de eleição popular poderes importantes para os entregar a uma criatura do só presidente, concentrara de mais energias dispersas e disseminadas e restituíra certamente os detestados capitães mores com o nome de prefeitos, travara a ação do poder municipal, criara conflitos repetidos de jurisdições e gerara uma odiosidade perigosa contra toda ação do poder executiva provincial, odiosidade que cada dia se aumentava; graças aos atos opressivos dos prefeitos, na escolha de cujo pessoal se tinha tido ao que parece mais em vista obter fanáticos agentes, do que ilustrados e sisudos executores agentes de ordens legais. Vossa sabedoria abrigando a lei e restituindo o direito antigo extinguiu de um golpe o incêndio que lavrara, cortou pela raiz o espírito de resistência no povo e aumentou assim a força real do governo."

Assim foi em S. Paulo, em Minas, em Pernambuco e seria no Maranhão, – uma calamidade.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Como se vê a célebre lei de prefeitos já era podre quando nasceu. Serviu no Maranhão, como instrumento de vingança terrível em mãos dos governistas cujo espírito de facção era sanhudo e açaimado, senão vesânico.

Os efeitos não se fizeram esperar aquela centena de tiranetes "vestidos de farda verde e comprida", semearam pelos pontos mais afastados da província o terror e a desordem. O ódio antigo aumentou e a poderosa energia que brota da alma do povo nas suas grandes horas de desespero, e que através dos tempos e dos séculos, sempre se manifestou contra todas as fórmulas de tirania, vingadora e indomável, sacudiu também os rincões mais afastados do Maranhão e, congregando forças heterogêneas, fundindo almas rudes e primitivas despejou sobre quase toda a província e sobre a ilha histórica de S. Luís, onde se acastelavam os donatários da época, a avalanche de ódio e sangue, de vingança e terror, que se acumulavam brutais e impetuosos na rebentina sertaneja da vila de Manga.

Surgiu, assim, a **BALAIADA**, o mais caluniado de todos os episódios históricos e o mais impressionante de todos os resíduos das lutas independentistas no Brasil-caboclo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

ASTOLFO SERRA
(da Academia Maranhense de Letras)

A BALAIADA

3ª EDIÇÃO

PARTE II

1948
DEDESCHI
RIO DE JANEIRO

Reprodução da **Fundação Nezinho Soares** - *Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Paisagístico Cultural de Viana e do Meio Ambiente do Rosário de Lagos do Maracu* VIANA/MA.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

JOSÉ RAIMUNDO SANTOS
DOAÇÃO
São Luís - MA.

A HISTÓRIA

A BALAIADA é, antes de tudo, Rebelião de massa...

A BALAIADA foi um fenômeno que fugiu à geografia maranhense. Dentro da paisagem rica e farta daquelas terras esse movimento revolucionário foi ilógico. Não há proporções entre o *meio* e a luta, entre o *clima* e a rebentina, que sacudiu a milhares de sertanejos: Si é ilógico dentro do cenário geográfico, o mesmo não acontece com relação à paisagem da história. **A BALAIADA**, sob esse aspecto, é uma impressionante manifestação da lógica dos acontecimentos. Foi um efeito, cujas causas se articularam em duzentos anos da formação político-social do Maranhão.

Antes de evidenciar, porém, essas afirmativas, urge reparar, aqui, uma falta, até hoje inexplicável no desenrolar de tudo o que se tem escrito acerca da **BALAIADA**.

É preciso *localizá-la* no seu tempo, dando-lhe, assim, a sua *verdadeira* posição na história, no que se refere à ordem cronológica dos fatos.

A história não é simples narração; é, antes de tudo, um encadeamento de fatos que se sucedem, criando, em cada época, um "estado de espírito", ou um *clima psicológico*, que gera a maior ou menor intensidade dos acontecimentos. É sob a influência dêsse *clima* que os povos cristalizam as suas aspirações, retemperam os seus impulsos; ou deflagram os seus instintos. Todo fato histórico tem que se prender a um elo da cadeia normal dos acontecimentos: É sempre uma conseqüência capaz de provocar inúmeras outras conseqüências. É possível que surjam aqui ou ali fatos aparentemente incoerentes no conjunto das conseqüências históricas; porém, essa *fisionomia* é simplesmente uma *camuflagem*, um disfarce para armar, depois, efeitos mais

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

surpreendentes dentro do andamento da história, que não pára porque é renovação, e renovar é viver e a vida é sempre movimento...

O que urge assinalar, também, é o caráter cíclico dos acontecimentos o que confirma a filosofia popular de que a história se repete... O certo, é que os povos se agitam nos ciclos das eras históricas. Cada era, por sua vez, tem o seu caráter, as suas influências, a curva de sua evolução.

A BALAIADA surgiu sob a curva do ciclo histórico da Regência. A Regência assinala, no Brasil, uma era revolucionária, "em que a política se havia constituído o centro de todas as atividades humanas".

Fase gravíssima do Brasil Império, a Regência criou um clima de lutas. As atividades dos homens públicos desenvolviam-se entre o uso e o abuso do poder, suscitando na massa dirigida, ou oprimida, o espírito de resistência, que é, em última análise, instinto de conservação. O povo começou a rebelar-se, a princípio sob a forma de resistência passiva; e depois com as armas na mão. Criada por *esse clima* de uso e abuso de poder, a desordem espiritual no aglomerado dirigido, não foi difícil aparecerem sintomas de rebeldias mais graves. Já o fenômeno da independência criara o *ciclo da libertação*, e as idéias liberais da Revolução Francesa floresciam em terras da América, produzindo, no Brasil, um *clima* perigoso, capaz de suscitar em pouco tempo, como suscitou, um espírito revolucionário; que agitou o Império em várias décadas. A Regência deu, pois, a República de Piratiní, a revolução Federalista, no sul; a Sabinada na Bahia, a revolução Praieira, em Pernambuco; a Vinagrada no Pará e a ***BALAIADA*** no Maranhão.

O ciclo é o mesmo. Não há razão de ordem histórica, ou social para não se colocar a **BALAIADA** na era revolucionária da Regência. Todos os pronunciamentos revolucionários da época nasceram sob o mesmo ciclo. Não há porque recusar à **BALAIADA** o seu lugar nesse quadro de revoluções. O raio de ação do espírito de rebeldia, que agitava o período da Regência, si teve influências em gaúchos e nordestinos, em baianos e marajoáras, por que não haveria também de ir atingir os camponeses maranhenses? Na apreciação dos acontecimentos históricos não importam os elementos que se fizeram autores

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

dos fatos; o que nos deve impressionar são os fatos em si, na sua realidade, no seu desenvolvimento, na sua *localização* no tempo. O grau de cultura, ou a intensidade deste ou daquele elemento em atividade na história, não influirá no julgamento, ou na classificação do episódio por ele provocado. A cultura poderá ser um índice de elevação moral ou social, de uma classe, porque a cultura é, afinal, ainda; um privilégio de *elites*; porém, um *ideal* não é monopólio de castas. É uma força divina que poderá se manifestar no homem de cultura, como no inculto; nas elites, como na massa; dominará a todos os que por ele forem iluminados, muito especialmente se esse *ideal* dominar as almas sob as fórmulas de anseios de Liberdade ou de Justiça.

O ideal de Liberdade e de Justiça é aspiração comum; é um anseio de todos; até, mesmo, os animais sentem a falta de Liberdade... Não é, pois, diminuir a história no ciclo da Regência si reajustarmos nele a **BALAIADA** como sendo um dos surtos revolucionários da época. O que não é possível é deixar-se a revolta maranhense à margem dos acontecimentos, dando-se-lhe essa fisionomia ridícula de um surto de banditismo, só e tão somente porque *falhou* no seu destino. Como teremos a oportunidade de estudar, a **BALAIADA** poderá não ser uma revolta de *elites*, de pequenos-burgueses, mas, nem por isso, deixará de pertencer ao quadro de sua época. A plebe é que se revoltou? Foram vaqueiros e lavradores, camponeses e artesãos, negros e mestiços, que pegaram em arma? Que importa isso? Foi em todos os sentidos uma revolta em grande estilo. Perturbou grandemente a vida do Império. Não venceu, mas poderia também vingar. A sua fisionomia, o seu caráter, quaisquer que sejam não lhe modificarão o sentido histórico. **A BALAIADA**, nasceu do povo, teve aspectos de rebeldia popular, mas a sua característica, a sua *alma* criadora foi a que se manifestou em muitas formas de rebelião no período agitado da Regência em que como assinala Luiz Viana Filho, "até o governo conspirava!"

Nesse período de grandes calamidades públicas; oriundas dos resíduos históricos que ficaram da revolução de 7 de abril de 1831, isto é, da abdicação, o desassossego dos espíritos era uma doença coletiva. Os saudosistas ou os *regressistas*, que sonhavam com a volta de D. Pedro I, no poder, encarnavam o espírito reacionário, enquanto Feijó e seus adeptos se

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

batiam pelo fortalecimento das idéias vitoriosas no movimento de 7 de abril. Entre esses tumultos de paixões e essas inúmeras manifestações de rebeldia, o Império se estorcia preso da mais triste desordem que já descambava para a desenfreada anarquia. O sangue de brasileiros ensopava o chão patrício aqui, ali, e acolá. A revolta, ou as sedições e rebeldias eram derivativos urna como que necessidade psicológica de destruir para construir depois.

Todos buscavam na revolução o remédio para tão grandes males.

Revoltar-se valia por uma afirmativa de patriotismo! Só os que conspiravam, ou se revoltavam melhormente se entendiam.

A confusão era geral; como diria Machado de Assis.

Pairava sobre todos a desconfiança, o medo, a covardia.

Era o caos.

Numa época de transição como essa surgiu a **BALAIADA**. A sua *vida* cresceu com os mesmos ímpetos das revoluções que se sucediam por todo o país. Não foi uma exceção no quadro geral. É possível que as suas tendências fossem mais dó que políticas, e que as *circunstâncias* em que surgiu lhe dessem um aspecto muito primitivo de rebelião da mais baixa ralé. De uma forma, ou de outra, a **BALAIADA** é um fruto bem sazonado da época da Regência. Trouxe o mesmo espírito daqueles tempos agitados que eram, por sua vez, ainda uma coisa normalíssima com relação ao encadeamento dos fatos históricos que, em tudo e por tudo, se revelavam ali com todo o prestígio inflexível da evolução no curso da vida, bem como na marcha dos acontecimentos, ressaltando bem viva a luta entre o espírito novo e o espírito velho. Com a proclamação romântica da "Independência ou Morte", pela audácia cavalheiresca de um Príncipe português de origem, o nativismo viveu horas de intensa vibração. Passada, porém, a fase de *deslumbramento* os arrojados independentistas começaram a hostilizar o libertador, por uma surda desconfiança, que recrudesceu com o tempo e à medida que D. Pedro I mais se desmandava em sua vida desregrada é irreverente.

O 7 de abril assinala na história do Brasil o início de um novo ciclo político, ou, diríamos melhor, o início de uma nova *idade* na história do povo brasileiro.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Eduardo Meier, estudando os helenos, acha que todos os povos "têm a sua idade antiga, a sua idade média e a sua idade moderna". Acontece, porém, que entre o fim de *uma idade* e o início *da outra* há uma época de transição, quase sempre povoada de inúmeras desordens, que nada mais são, em suma, do que a luta que se trava entre o espírito velho (da idade que se extingue) e o espírito novo (da idade que vai começar).

A época da Regência é, na história do Brasil, a época da transição da idade antiga (colonização e primeiro império) para a *idade média* do segundo império.

As desordens da era da Regência são as que nascem como conseqüência inevitável em todo período de transição. A BALAIADA é, pois, na sua desenvoltura, um fenômeno natural da época, pelo que a sua *posição* é a dos movimentos que surgiram no ciclo revolucionário da Regência.

*

* *

A BALAIADA é, antes de tudo, Rebelião de massa. É esse, sem dúvida, o seu mais impressionante característico. Por "massa", aqui, se entende o termo na sua significação integral, o vocábulo no sentido estrito e lato da palavra. Milhares de camponeses se unem pelo mesmo espírito de rebeldia. São elementos os mais heterogêneos, vindos das mais ínfimas camadas sociais, da ralé desprezível. Criaturas anônimas dos campos e das cidades, das vilas abandonadas e das senzalas, das casas de farinhada e dos canaviais, dos chapadões e dos currais, toda a vasa fermentada e indócil que de um dia para o outro, surge arrebatada, fanatizada, e em estranhos arremessos de crimes e heroísmos.

Dessa fermentação enorme de espíritos rudes, de almas primárias nasceu a revolta e se alastrou de modo profundamente misterioso. O contágio – essa força secreta da psicologia das multidões, – se fez tão violento, quanto rápido. A revolta dos Bem-te-vis manifestou-se como um vigoroso surto de socialismo primitivo. Desde o seu início a sua dominante é a das rebentinas de massa. O pequeno grupo de vaqueiros chefiados pelo mulato Raimundo Gomes constituía, a clássica "multidão psicológica" de Le Bon, isto porque, dêsse

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

grupo se irradiou para outros grupos, o hipnotismo das massas inconscientes, que, em épocas decisivas da história, tomam a si a responsabilidade de numerosos acontecimentos.

Há na alma das multidões impulsividades de todos os matizes.

É sob o império dessa força geralmente cega que a multidão se agita. Por isso atua bruscamente, porque não agindo normalmente por si mesma, quando age é sempre pela "ação direta" que é o modo de agir das massas. "Quando a massa atua por si mesma, lincha". É a violência.

O desenvolvimento de toda revolta ou rebelião de massa depende, portanto, dos fatores psicológicos que a deflagram, e mais ainda dos líderes que explorem, o mais possível, o *instinto servil* da massa. Há de parecer chocante, mas é coisa vulgaríssima dizer-se que o segredo do êxito de todos os condutores de massa está justamente no espírito servil das multidões. A multidão adora com os olhos. Faz mais: gosta de ser conduzida.

Ora, o fenômeno da **BALAIADA** se manifestou, de maneira insofismável, precisamente, quando uma onda de descrença, de desesperos surdos, se alastrava por todas as classes oprimidas do Maranhão. A grande massa de sertanejos esperava a palavra de ordem de seus mentores políticos. Entre o governo, ou mais certo, entre os chefes da política dominante e a massa de todas as camadas sociais, cavou-se um abismo. A cisão era evidente, tendo-se quebrado todos os vínculos de direção entre o poder público e o povo. Faltando a diretriz do governo, – que representava a opressão a massa passou a ouvir e se orientar pelos chefes da oposição, que se constituíam em líderes de libertação popular. Como teremos de assinalar mais adiante, a ação psicológica da oposição no preparo da luta dos Bem-te-vis foi decisiva: Mas, à medida que a massa crescia em prestígio os líderes do povo também falharam, fugindo à responsabilidade do levante, e, assim, a massa abandonada ao seu próprio destino entregou-se aos primeiros audaciosos que dentre ela apareceram e nasceu o levante, surgiu a rebelião, como uma fuga da massa da ação dos primeiros chefes, para o *servilismo* aos seus próprios guias, saídos, então, todos eles, do seio da própria massa rebelada.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

As primeiras notícias da revolta já lhe assinalavam esse caráter de revolução organizada pela baixa classe. Desde o motim da vila de Manga até os mais dramáticos episódios dessa revolta de sertanejos maranhenses, as narrativas oficiais dos acontecimentos assinalam a sua impressionante fisionomia de guerra civil, mas conduzida e propagada pela gente baixa, pela massa anônima de pretos, índios, e mestiços. É a mais unânime de todas as opiniões acerca da **BALAIADA** a de que ela surgiu da ralé. Todos os documentos da época, classificam-na assim: como sendo uma autêntica rebelião de massa.

É facílimo comprovar:

A primeira noticia publicada acerca da **BALAIADA** encontra-se **no jornal de João Lisboa** "Crônica Maranhense" em sua edição de 23 de dezembro de 1838. Lá está a classificação dos elementos que iniciaram o levante.

— "*Consta-nos que há poucos dias uma partida de proletários (ao muito 15 homens)* atacaram o quartel da vila de Manga do qual se apossaram..."

O historiador Ribeiro do Amaral, em todo o decorrer de suas narrativas, dá-nos as características do movimento de massa:

... "indivíduos tirados da última ralé da sociedade, pois tais eram os chefes da revolução !..."

Escreve mais adiante:

"Se as massas indisciplinadas, apanhadas aqui e ali da mais baixa ralé da sociedade... e tendo por chefes homens embrutecidos e ignorantes..." etc.

Acrescenta o mesmo historiador:

"A insurreição tornou-se geral nas classes inferiores."

.....

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

> ... "a que ponto teriam chegado as coisas se à irritação, desenfreamento, e avidez de pilhagem das classes inferiores, etc."

Por sua vez o escritor Belarmino de Matos assim se expressa:

> "... e que apresentasse como chefe dêsse movimento político a um miserável baldo de tudo e seguido apenas de nove companheiros."

João Lisboa ainda assim escreve :

> "... um bando de miseráveis manchados com roubos e assassínios e impelidos ao crime pela ignorância e indigência e pela opressão de odiosos mandões."

Ao lado desses elementos "miseráveis" da "mais baixa ralé" viam-se igualmente índios, conforme se lê do seguinte documento – Ofício do Tenente-Coronel Comandante das Forças Expedicionárias ao Presidente da Província, Manoel Felizardo de Souza Melo:

> "... mandei chamar o principal dos índios de S. Miguel, Sebastião José de Matos; fiz-lhe conhecer as vantagens que dá obediência ao governo resultam a todos, mostrando-se convencido queixou-se de violências praticadas e de queimar (sic) nove casas de índios..."

O elemento negro veio logo depois engrossar prodigiosamente o levante.

"...O Subprefeito por causa do levante dos negros do Itapicurú tinha por cautela uma força na vila de Manga de vinte homens os quais se reuniram logo ao dito cafuz, etc." (Of. do Coronel Henrique Pereira da Silva Coqueiro).

O mesmo documento acrescenta em seguida:

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

— "...Os malvados mandaram avisar aos Camaristas para com a resolução da Câmara levantarem os Juizes de Paz...

.....

"e o mais acérrimo é o tal João Juliano que quer ser juiz de órfãos e *um mulato* por nome Manoel Francisco que se diz *Tenente dos pretos* e este é o que mais tem seduzido à *gente de cor* porque esta gente muito acredita em seu semelhante etc. ..."

... "Foi aí que apareceu o Cosme. Evadido das cadeias dá capital tido e havido por feiticeiro e gozando por isso de grande ascendência entre os de sua raça pôs-se este famigerado bandido à testa de três mil escravos sublevados, trazendo por esta forma novo e inesperado concurso para a rebelião."

Todos esses trechos e fragmentos de documentos oficiais de historiadores da época da **BALAIADA** revelam os elementos que se revoltaram: vaqueiros, cafuzos, mulatos, negros e índios, todo o aglutinado da baixa ralé pegou em armas, evidenciando, assim, o caráter típico da **BALAIADA** como autêntico levante de massa.

Os Chefes são todos eles também da mais ínfima esfera social.

Raimundo Gomes.

Os documentos históricos traçam-lhe o seguinte perfil:

... "Nascido no Piauí e filho dessa raça cruzada de índios e negros de que tratamos, criado no campo entre o gado que pastoreava, prestando a sua faca às vinganças próprias e alheias, leigo nas letras humanas, etc."

.....

"A treze deste mês apareceu na Manga um cafuz por nome Raimundo Gomes, acompanhado de nove homens e sem respeito às autoridades arrombou a cadeia..." etc.

.....

... "Raimundo Gomes é o chefe da nova desordem. Mal se pode compreender que um homem ignorante, saído das últimas classes da

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

sociedade, tivesse a força precisa pára levantá-las e assolar o território de grande parte de uma província durante o longo período de mais de dois anos."

.....

Carlota Carvalho, com tintas mais humanas assim nos dá informes acerca de Raimundo Gomes:

"Rico fazendeiro de gado vacum e cavalar o padre Inácio Mendes de Morais e Silva, vigário da Freguesia do Araí e encarregado da de Vitória, ambas do Baixo-Mearim, tinha um administrador de fazenda, homem de reconhecida probidade e merecedor de toda confiança para depositar na mão dele o valor monetário das boiadas.

Raimundo Gomes Vieira é o nome deste empregado do padre Inácio e incumbido de levar às feiras e vender as ditas boiadas.

No exercício deste mandato, Raimundo Gomes teve de passar nas imediações da Vila de Manga do Iguará, onde o Prefeito policial, adversário político do padre Inácio, no propósito de dar prejuízos a este, mandou prender e meter na cadeia um certo número de tangedores de bois que impossibilitasse a marcha.

Não se portando com o devido acatamento e dizendo palavras inconvenientes foi também preso um irmão de Raimundo Gomes, seu imediato no comando, sob o pretexto de ser criminoso não se sabia onde. Temendo as iras do Prefeito ninguém se alugava para substituir os boiadeiros presos. Raimundo Gomes não pôde achar homens para prosseguir nem em número suficiente para pastorear o gado e começou a sofrer prejuízos resultantes de fuga e de morte pela fome.

Depois de esgotar os meios persuasivos e as atitudes humildes, pedidos e súplicas, ameaçado de prisão e por se tornar aborrecido pela insistência, Raimundo Gomes e nove companheiros, que estavam soltos, praticaram uma audaciosa surpresa. Subitamente invadiram e tomaram o, quartel e cadeia guardada por 23 soldados sob o comando de um oficial inferior, soltaram os presos e apoderaram-se do armamento, deixando livres os soldados desarmados.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Depois de muita reflexão, os soldados, temendo castigo militar voltaram e aderiram.

Estava iniciada a revolta."

.....

O BALAIO:

É o Dr. Sabás da Costa quem lhe traça o perfil:

... "Entre o Itapicurumirim e o Coroatá, vilas situadas à margem do rio Itapicurú, nas circunvizinhanças do lugar denominado "Pau-de-Estopa", em acanhada mas vistosa casinha, morava Manoel Francisco dos Anjos Ferreira e sua família, que era composta de mulher e duas filhas moças bonitas.

Ferreira trabalhava em balaios feitos de talos de guarimã e os vendia no Coroatá e Itapicurumirim, com cujo produto sustentava, em parte, sua família, que se ocupava na pequena indústria de costura, que diversos fazendeiros lhe encomendavam.

Com toda decência e honestidade Ferreira vivia como homem resignado aos recursos que Deus lhe concedia, e considerava-se feliz, vendo sua mulher e suas filhas satisfeitas com o pouco que o labor dele e delas produzia. A indústria de que se ocupava, trouxe-lhe o apelido pelo qual era conhecido – *Balaio*; e tão avultar era aquela alcunha que todos o tratavam por Balaio sem que ele se amofinasse.

Ferreira, ou *Balaio era descendente de gente de classe baixa da sociedade*, porém, o modo porque se conduzia lhe tinha angariado a estima de todos que o conheciam e o respeitavam na qualidade de cidadão útil e bom pai de família."

Carlota Carvalho assim o retrata:

"Manoel Francisco Ferreira dos Anjos, que presidiu o Conselho Militar, que aclamou a Junta e deu poderes à deputação, tem uma história interessante.

Branco, alto, esbelto, bem apessoado, era um desses homens que possuem o quer que seja de majestade no seu porte e que a natureza parece tê-las

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

talhado para providências. Moralmente faltava-lhe capacidade para dirigir devido à crassa ignorância de política, normas de governo e lições de História. Mal sabia ler.

.....

Ribeiro do Amaral assinala:

"... quando parecia restabelecida a paz na província, novo chefe de rebelde aparece à frente de numeroso grupo e avantajando-se aos demais nas atrocidades que vai cometendo, consegue, dentro em pouco, estender seu nome à revolução. É Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, por alcunha o *Balaio*, assim apelidado pelo seu ofício de fazer e vender balaios."

.....

Belarmino de Matos assim escreve :

"Essa revolução, nascida de circunstâncias imprevistas foi agravada pelos que deviam acalmá-la. Quem veio dar-lhe força foi o *Balaio*, e bem se sabe, o historiador mesmo o confirma, que a vingança justa pela desonra que lhe trouxe ao teto hospitaleiro um oficial do exército, enviado pelo governo para sufocar o movimento revolucionário, foi que o compeliu a pegar em armas e a tornar-se, por assim dizer, o verdadeiro chefe da rebelião."

.....

O Visconde de Araguaia diz :

"... outro rebelde à frente de numeroso grupo começou a ter nomeada pelas suas atrocidades; foi o célebre *Balaio*, que deu seu nome a todos os rebeldes."

.....

E logo depois:

... "Balaio, posto que de baixa esfera e pobre, assim ferido na sua honra, jurou lavar com sangue a honra de suas filhas..."

O PRETO COSME

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Novo elemento engrossou a rebentina. Os negros aquilombados sob o comando do preto Cosme ou de Dom Cosme Bento das Chagas, tutor e Imperador dos Liberdades Bem-te-vis.

"Evadido das cadeias, diz o professor Amaral, tido e havido por feiticeiro e gozando de grande ascendência entre os de sua raça; pôs-se este famigerado bandido à testa de três mil escravos sublevados..."

LÍVIO CASTELO BRANCO

"... E como se não bastassem tantos e tão copiosos auxílios que, quase diariamente recebiam os rebeldes, e que mais e mais lhe vinham engrossar as fileiras e aumentar a audácia, apareceu-lhes ainda Lívio Lopes Castelo Branco e Silva à testa de uma força de 600 homens e Milhome que trouxe uns 300 a 400 de Pastos Bons."

.....

"... Era Lívio Lopes natural de Campo Maior, na província do Piauí."

Este revoltoso foge à regra dos anônimos, mas nem deixou de ser "homem-massa" só pelo fato de ser um

> "... homem abastado, inteligente e ativo e bastante popular, mas de um espírito inquieto..." etc.

.....

— "Presidente da Província do Ceará há por bem concedido a gratificação de um conto de réis a todo aquele (excetuadas as autoridades) que prender o Alferes Lívio Lopes Castelo Branco e Silva e o entregar ao mesmo Presidente, ou a qualquer autoridade que ao governo faça efetiva a sua apresentação.

.....

Ao lado desses três chefes principais da **BALAIADA** surgem numerosos outros nomes à frente de centenas de grupos de rebeldes, que, por toda parte; aparecem, engrossando, de modo nunca visto, a corrente açaimada de

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

rebeldia. E são todos criaturas do povo, gente da ralé, grande massa anônima de homens rudes que tomam na luta, nomes de guerra.

E são eles o Relâmpago, Trovão, Corisco, Raio, Canino, Sete Estrelas, Tetéu, Andorinha, Tigre, João Cardoso, Gitirana, assolando as regiões do Brejo e Tutóia, Miritiba e Itapicurú. Ali apareceram os Ruivos, Cocque, Mulagueta e o velho Matruá de cento e muitos anos de idade, Francisco Ranelinho, José Gomes, e até um Dom Antônio Castelo Branco e números lutadores broncos que, pelos sertões, agitaram as suas hordas na mais crua e terrível de todas as guerras civis.

*

* *

Apresentados, como fizemos, os elementos de direção e de ação revolucionária da rebelião dos *Bem-te-vis*, todos saídos da classe baixa, da massa do povo oprimida pelo mandonismo da época; estudadas à luz dos documentos e narrativas históricas a *matéria prima* da **BALAIADA**, ou mais certo, o elemento humano que nela tomou parte, agitando grande parte do território maranhense, podemos, agora, melhormente analisar os característicos dessa verdadeira rebelião de massa.

Chegamos, afinal, ao ponto nevrálgico da questão. A massa é antes de tudo um *estado psicológico*. Não é um elemento dinâmico na sociedade. Não age por si. É impulsionada. Sendo a maior porção de humanidade é, no entanto, apenas *quantidade*, dominada pela *minoria* qualificada. Infelizmente os acontecimentos históricos, sempre sofreram, através dos séculos, influxos estranhos. É como o barro virgem, capaz de tomar formas palpitantes ao sopro de energias vitais e criadoras...

As responsabilidades do andamento histórico não caem, senão excepcionalmente, sobre a massa; e são, até os nossos dias, uma função das minorias. Ortega y Gasset sustenta que "existem na sociedade operações, atividades, funções de várias ordens e que são, pela sua própria natureza, especiais e, por conseqüências não podem ser executadas sem dotes também especiais". Segundo o mesmo pensador essas tarefas competem às minorias. O normal é pois a *minoria qualificada* que manda e movimenta a história. Essa é

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

a regra a exceção é que, por vezes, a massa também se apresenta para fazer aquelas tarefas e misteres da minoria. Surgem, então, as grandes crises cujos resultados são bem conhecidos; a massa deixa o seu ponto-morto, e transforma-se no monstrengo insaciável, alucinado e violento, quebrando todas as amarras e controles e assim brutal, sem lei, espalha pela sociedade horas dramáticas de sangue e ódio. É isso que se chama Rebelião de Massa; isto é, uma inversão de valores. A minoria perde o seu nível na aristocracia social como porção humana qualificada, afasta-se de suas funções especializadas, e entrega a direção dos acontecimentos aos impulsos e arrebatamentos da Massa.

É a desordem, porquanto a ordem, o normal, é a direção dos acontecimentos pelas minorias seletas.

Foi o que se deu no Maranhão, naqueles tempos atormentados de sua política. A luta partidária entre *Cabanos* e *Bem-te-vis* não rompeu, por longo tempo, por mais acirrada que fosse a refrega, o equilíbrio da ordem social; pois, a disputa gera posse do poder era afinal dirigida por duas *minorias qualificadas*. Os *saquaremas*, ou os conservadores em perfeita harmonia de nível social na direção da *sua massa* de eleitores ou adeptos; e os *Bem-te-vis* ou liberais, também, em equilíbrio com a sua *massa* de seguidores pelo que se conclui que, ambos os partidos, cada qual nos seus setores, lutavam, absolutamente seguros na orientação e direção de suas responsabilidades. Essas minorias *qualificadas* não deixavam a massa intervir na luta; esta ficava *passivamente* conduzida pelos seus líderes.

O rompimento das amarras da *minoria liberal* com a sua massa, que secularmente vinha sendo trabalhada por uma série de agentes psicológicos e sempre *dirigida* e *conduzida* no sentido da luta contra o poder reacionário dos conservadores, começou por um fato psicológico, – o levantamento do nível da massa com relação ao nível da sua minoria .

A massa intensamente trabalhada, em quase dois séculos de luta política, passou a ter já uma certa consciência de responsabilidade e, por sua vez, movimentou-se disposta a intervir nos assuntos políticos. A subida do *nível* aumentava na proporção das opressões partidas da minoria adversária.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Quanto mais se acirravam as lutas partidárias maiores eram os seus reflexos sobre a massa liberal.

O fenômeno é deveras interessante, por isso que todo aglutinado multitudinário, quando se apresenta, assim, com *desejos especializados* torna-se já um elemento de direção, e, portanto, capaz de movimentar a história. O comum das multidões é terem elas *desejos genéricos*, coincidências comuns entre todos os elementos que a compõem. Uma vez que aparecem nesses elementos *qualidades especializadas* é que já se deu, então, um rompimento no eixo normal das multidões, passando à fase de utilização dos mesmos meios de que se utilizavam antes as minorias selecionadas, e isso é o que se chama subir de nível.

Em síntese: a massa dos *Bem-te-vis* maranhenses, até então conduzida pelos seus órgãos dirigentes saiu do *ponto-morto*, passou a sentir algo que a impeliu para a luta, deliberou agir por si, e, dessa deliberação, resultou o movimento revolucionário da **BALAIADA**.

Repetiu-se, no Maranhão, o que tantas vezes aconteceu na história. Os responsáveis pela direção da massa não lhe puderam conter os ímpetos. Romperam-se todos os diques, e a multidão rebelada, sem os freios da direção antiga, atira-se desorientada a todos os surtos de violências. Passam a dominar, em sua plenitude, os excessos primários. A multidão entregue a esses assomos é cruel, é criminosa. Nada lhe estorvará os ímpetos. É uma força inconsciente e cega. Flamejam, então, na alma da massa convulsionada, ódios alucinantes, e os gestos mais brutais revelam toda a fúria dos elementos em desordem.

Já não é o material humano conduzido pela disciplinada ação de uma autoridade moral e intelectual. É a desordem que campeia. Os *lideres intelectuais*, que, antes do *estouro* mantinham subjugada a multidão, tornam-se incapazes de contê-la. Perderam o seu prestígio perante a massa. A multidão já não os reconhece, porque, rebelada, obedece cegamente a *novos* chefes, agitadores que aparecem como frutos da própria rebeldia, semi-loucos e bárbaros, capazes de arrastar a torrente convulsa aos maiores desatinos. Mesmo revoltada, a multidão é sempre "um rebanho servil, que não poderá

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

existir sem dono"; e, por isso é que do seu seio se erguem para espicaçá-la nos seus arremessos, os mais atrevidos agitadores, sob cuja autoridade despótica praticam as massas populares os mais duros atentados.

Explicam-se, assim, os crimes que as multidões cometem nas horas de suas revoltas. A fôrça que as movimenta é a da loucura. Na **BALAIADA** os crimes cometidos foram, também, conseqüências dêsse estado psicológico da massa revoltada; não foram *causa* do movimento, e só assim, é que poderemos julgar a revolta sem cair nos excessos de classificá-la entre as *razias* e surtos de banditismo.

Todas as desordens que se deram durante aquele período agitado da **BALAIADA**, são especificamente normais nas rebeliões de massa. A história está cheia de exemplos idênticos. Na Revolução Francesa, por exemplo, evidencia-se de maneira trágica, até que ponto chegam os excessos da multidão quando resolve interferir nos destinos de um pais.

Foi sempre assim: a massa não raciocina quando delibera agir. Julga pelas aparências, e, por isso, condena inocentes como criminosos. Não há povo; por mais civilizado que seja, que escape aos excessos de suas rebeldias. Não se pode julgar uma rebeldia pelos atos de vandalismo que dela decorrem. Os sertanejos rebelados do Maranhão não agiram no crime pelo prazer do crime. Eram uma horda de rebeldes, mas não um bando de celerados conscientemente celerados. É injustiça perante a história dar-se à **BALAIADA** uma expressão essencialmente de banditismo. Iremos demonstrar, mais adiante, que essa revolta até hoje mal estudada, não surgiu sob o impulso de bandidos. Houve, é certo, numerosos crimes; apareceram nela bandidos classificados, porém, o que é fora de dúvidas é que a revolução, como revolução, nasceu de causas estranhas ao fascínio do mal, e si, durante o seu curso, tomou os rumos do crime, é isso, próprio das multidões rebeladas, para as quais não há moral ou preconceitos, nem lógica no seu comportamento.

Há uma grande confusão na apreciação dos fatos da **BALAIADA**. O erro é por demais grosseiro. Julgaram-na apenas pelos informes oficiais, pelas narrativas político-partidárias sem mais exame que o do episódio em si, estudado à luz simplista das impressões por ele provocadas, impressões

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

geradas pelo terror, ou pelo desprezo dos julgadores de sua época, impressões que atravessaram mais de um século, sem uma investigação conscienciosa das causas e das razões da **BALAIADA**. A luz, porém, de um exame mais acurado dos fatos, investigando-se as causas remotas e próximas do levante, as suas coordenadas psicológicas, a sua constante na, fase histórica em que surgiu, a **BALAIADA** não é tão feia como se pinta... Na apreciação de um acontecimento histórico devemos despi-lo de toda roupagem para que apareça nua a verdade. É certo que a *Verdade* histórica é muito problemática; porém, não é impossível vislumbrá-la de mais de perto si nos dispusermos a olhar acima das paixões da época dos fatos:

O mal dos julgadores está, principalmente, no desprezo do que é julgado. Um criminoso, pode ser criminoso, mas, nem por isso devemos desprezá-lo ou caluniá-lo. O julgamento é um *veredictum* de consciência. Todo julgamento implica, por isso mesmo, numa responsabilidade tão simbolicamente traduzida na balança de Temis: Será bom julgador o que estabelecer o equilíbrio entre: os pratos da balança, de tal modo que o *fiel* da mesma assinale entre o objeto pesado e o peso, uma igualdade absoluta. Não é possível achar-se o peso exato de um objeto com parcialidades na sua aferição.

No julgar dos fatos históricos dá-se o mesmo: para se ter a verdade, mesmo a verdade relativa que é a humanamente possível, precisamos pesar, medir, contar, e aferir, enfim, todos os elementos ponderáveis que se possam encontrar como determinantes do fato histórico. Não basta isso. É preciso ir mais além: urge investigar-se o fenômeno psicológico que animou o acontecimento, as idéias da época, o clima dominante, as circunstâncias ocasionais, os antecedentes e conseqüentes dos fatos. História é algo de anatomia e muito de psicologia aplicada. Nos seus estudos terá o historiador muitas vezes, à maneira dos paleontologistas, de recompor de um pequeno fato todo o arcabouço da fato geral. Não devemos, pois, confundir as conseqüências do fato com as causas que lhe deram origem, nem os acidentes com a sua *personalidade*.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Na **BALAIADA** tem havido um deplorável desprezo pelo movimento. Foi uma revolta até hoje caluniada.

Não lhe quiseram dar nem um lugar na história! Tudo isso porque essa violenta rebelião de sertanejos, surgiu numa terra onde o preconceito de casta era o élan das classes qualificadas e tão forte se enraizou no subconsciente daqueles povos que um movimento tão impressionante como o dos *balaios* não achou o menor apoio nas camadas sociais só e tão somente porque foi feito por "gente da mais baixa classe!" Fora uma revolução promovida entre as castas da pequena burguesia partidária e teria passada à história com os mesmos cenários da *Sabinada* ou da *Farroupilha*.

A culpa não é de ninguém, nem é da história, é dos "fantasmas" que segundo Gustavo Le Bon, geram as lutas em política!

Hoje, que assistimos, dia a dia, crescer o prestígio da massa, e que já se dá a essa *quantidade genérica* da humanidade, uma consciência de responsabilidades e até direitos políticos, a **BALAIADA**, rebelião de massa perfeitamente caracterizada, já poderá ser melhormente compreendida, através de um estudo sincero, que, si por um lado possa assinalar os crimes enormes da multidão rebelada, não se esqueça, também, de apontar os heroísmos daqueles milhares de lavradores e vaqueiros, de homens rudes dos campos e das fazendas maranhenses, que se ergueram numa luta de vida e de morte por alguma cousa mais nobre e mais elevada que o roubo, a pilhagem e o crime.

Naquela massa humana rebelada houve, também, lampejos de idealismo, que não foram de todo apagados no fragor das lutas, nem extintos pela brutalidade e pela rudeza dos crimes praticados.

*

* *

As crônicas da época, os documentos oficiais, as narrativas da imprensa e até mesmo romances e novelas são unânimes em chamar os balaios de bandidos.

— Estarão certos?

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

É um julgamento que me parece errado, ou melhor, precipitado, feito de maneira simplista, si bem que à feição da mentalidade dos tempos dá revolta.

Já, agora, em face do "crescimento" da massa, que começa a aparecer com mesmo nível das "minorias selecionadas", como já assinalamos, poderemos apreciar, em toda a sua extensão a **BALAIADA**. Há cem anos atrás, uma revolta de negros e mulatos, de índios e mestiços não poderia ser entendida pelo espirito da época. Para classificá-la, na sua curva de violência, só havia mesmo uma categoria: a dos bandidos.

Os que a entenderam, assim, não têm culpa; a culpa é dos tempos, e, sobretudo, da má sorte da revolta, que se precipitou um século antes da massa ter prestígio!... O que não é mais possível é deixarmos continue, através da História, persistindo o mesmo erro, só e tão só, por ser mais cômodo copiar a palavra dos antigos. Urge restabelecer a verdade. A verdade em assuntos de história, já dissemos, é muito relativa, mas existe. Não se trata aqui, de *reabilitar* os *balaios*; ou torná-los inocentes e sem máculas, perante o juízo dos homens. Não nos interessamos, neste ensaio, *pelo fato*, em si, mas pelo *fenômeno*. O que procuramos é restabelecer as causas, e não entrar na apreciação do efeito; é, em suma, classificar a revolta com a sinceridade e análise de quem estuda e classifica uma doença. As revoluções, quaisquer que sejam, são apenas *sintomas*; e tais sintomas são, muitas vezes, tão ocultos, que é dificílimo apreendê-los a olhos nus numa diagnose sumaríssima. O critério científico deverá ser da análise espectral, isto é, decompor o fenômeno em suas cores primitivas.

A revolta dos balaios não poderá escapar a essa análise. As suas cores são locais, e, também, gerais. Há no movimento um impulso subterrâneo, que o conduz e nas espirais de seu crescimento e de seu declínio existe uma estranha energia, muito mais forte, e mais humana do que o ímpeto de taras que se deflagram na trama de almas primitivas, cujo destino é o crime. Nessa multidão cega, que se rebela, que se agita *inconsciente*, há, no entanto, uma certa responsabilidade que dá aos "balaios" uma outra atitude diferente da que se nota nos valhacoutos, nas hordas de criminosos comuns, ligados entre si apenas pelo instinto: de rapinagem .

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Os *balaios* poderiam ser legalmente criminosos, porém psicologicamente não o eram.

Estariam fora da lei, mas absolutamente integrados nos seus direitos de Justiça e Liberdade. Não pegaram em armas pelo espírito de rapinagem, mas pelo instinto de defesa. Mataram, roubaram, praticaram desatinos e atentados à vida e à propriedade; mas, assim, agiram, como multidão sob o fascínio de sugestões imprevistas, que, tornam a multidão capaz de atos os mais ferozes, sem que por isso os elementos dessa multidão sejam criminosos ordinários.

Os crimes das multidões são frutos do estranho sadismo que existe na alma coletiva... Há inúmeros casos da história que vêm aqui a calhar como elemento de simples ilustração.

Nos tempos das lutas religiosas com que requintes de barbarismo eram esfolados vivos ou assados em fogueiras os *réus* de crimes de incredulidades! Com que prazer o povo tem aplaudido as maiores atrocidades. É célebre o episódio da tomada da Bastilha em que Launay, infeliz governador dessa prisão foi cortado em pedacinhos por um pacatíssimo cozinheiro! Não são poucos os casos de esquartejamentos públicos de decapitações, enforcamentos e outros processos de morte, em que a massa se rejubila como se assistisse a um grande espetáculo público! O que é fora de dúvida é que a multidão mata inconscientemente. A razão é simples: toda multidão é um aglutinado criminoso; o seu maior anseio de libertação é geralmente uma aventura de desatinos .

A **BALAIADA** não fugiu a essa conduta. Movimento de massa praticou violências e cometeu crimes. Acontece, porém, que a sua conduta não foi orientada para o crime. Não surgiu objetivando a pilhagem, o assassínio, as depredações. Tudo isso foi *conseqüência* surgida de *circunstâncias* oriundas dos vários estados psicológicos da multidão rebelada.

Podemos, agora, estudar mais a fundo o fenômeno da **BALAIADA** sem os exageros da classificação antiga afirmando não terem sido "bandidos" os "balaios", e isto porque 1º) *a geografia maranhense não dá bandidos*; 2º) *os grupos armados que surgiram não eram de elementos do crime;* 3º) *os objetivos*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

iniciais do levante não visavam a rapinagem e o assalto a vidas e propriedades; e 4º) *a revolta teve "um ideal", que não foi o crime.*

*

* *

É fora de dúvida, que o movimento na sua formação no seu desenvolvimento, fugiu à geografia maranhense, mas isso na sua classificação como movimento de massa. Poder-se-ia até pitorescamente dizer que a **BALAIADA** foi um "precipitado" social, dentro da harmonia geográfica da velha Província nortista. Surgiu a revolta como um salto na evolução. As suas características são as de rebeliões proletárias. Houve na **BALAIADA** uns "cenários" bem interessantes de revolta socialista. No seu "painel" apareceram aqui e ali tonalidades bem impressionantes de um socialismo primitivo tais os ímpetos estranhos com que se ergueram homens das vilas, e camponeses, — todos da *baixa-ralé*, mas ligados por um *contágio*; que os irmanou na luta, convencidos de que se batiam pelo programa dos *Bem-te-vis*, partido político que representava, no Maranhão, a tradição, dos velhos nativistas.

Foi uma fuga da geografia como movimento, como *multidão* rebelada tão somente; porém, os seus elementos, não podem fugir ao determinismo geográfico, e porque não fogem é que sustentamos não ser um movimento de bandidos. A tese é sugestiva .

Antes não existiam esses guerreiros. As vilas e aldeias e povoados e fazendas e roças estavam tranqüilos. As populações esparsas, aqui e ali, viviam separadas por distâncias enormes. As terras imaturas pediam braços, as fazendas moviam-se entre os trabalhos lerdos do negro escravo, ou na pacata existência dos latifundiários. Tudo calmo, monótono, quase insípido e patriarcal. Depois do episódio logarenho de Raimundo Gomes que arrebenta as portas de uma cadeia, na vila de Iguará, muda-se de chofre o cenário. Realiza-se o "*cheio*" de que nos fala Ortega y Gasset. A multidão aparece; toma uma atitude na história; movimenta os acontecimentos; surge violenta e brutal através da máscara rude de onze mil sertanejos em armas! Onde estava toda essa gente? por que de chofre, assim, se revela? Quem armou tão separados povos, populações tão heterogêneas? Há de haver, em todo esse *crescimento*,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

uma determinante. O crime? Um objetivo nobre? Mas, o crime não seria uma fôrça capaz de, assim, reunir os mais diferentes elementos trabalhadores da Província. O crime arregimentaria quando muito vários grupos, até mesmo uma horda; mas não conseguiria congregar de maneira permanente tantas almas ingênuas, tanta gente antes apegada à vida simples dos trabalhos rurais. A **BALAIADA** reuniu onze mil sertanejos em armas, e isto em pontos diferentes do Maranhão. Esses guerreiros, pelo menos na sua quase totalidade, eram caboclos pacatos, negros trabalhadores, vaqueiros dedicados ao pastoreio, índios mansos e acostumados às lides roceiras. De uma hora para outra erguem-se eles em uma das mais graves rebeliões daqueles tempos. Quem os sacudiu? A paixão pelo roubo? a inclinação para o crime? Não é possível. Houve um contágio mais nobre que os rebelou, uma ambição mais justa e mais humana que os reuniu. E é aqui que os reabilitam perante á história as leis do equilíbrio que sempre existe como assegura o conde de Keiserling "*entre o homem filho da terra e o homem explorador da terra*". Os balaios eram na maioria quase absoluta *filhos da terra*, pelo que deveria existir entre eles e a terra uma forte "aproximação psicológica".

Não é possível quebrarem-se os vínculos dessa milenar conexão entre o homem e a terra. As relações entre o homem e a terra é que formam a harmonia dos povos. Os que mais se prendem à terra são justamente os que mais se harmonizam; e os que fogem da sua gleba são deploravelmente os que estão sujeitos aos mais arrojados impulsos de desumanidade. Ora, todo bandido é um fugitivo das leis do meio em que vive, por isso que é um desassociado, um assimétrico na sociedade pelo que atua sempre criminosamente... Não poderá ser *bandido* o que se vincula à terra, ligando-se a ela sentimental e espiritualmente, vivendo nela pela harmonia de vida enobrecida pelo trabalho. **A BALAIADA** reuniu homens que estavam presos à terra por laços seculares de sacrifícios e de trabalho. Muitos dos *balaios* eram elementos que vinham das lutas liberais pela posse e libertação da terra; as suas mais exaltadas proclamações, ou ingênuas ordens do dia, como veremos, depois, estão cheias de emoções e apego à terra, falam sempre de expulsão dos postos administrativos do elemento português, isto é, do elemento alheio à

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

terra! Ora, si existia um acordo entre a maior parte dos *balaios* e o espírito da terra, não é possível classificá-los, só porque pegaram em armas, como hordas de bandidos.

– "A geografia de um povo resume positivamente a sua história, prefigura e amplia o seu destino com o rigorismo de uma fórmula matemática e é o espelho que reflete as energias psicológicas da nacionalidade".

Já assinalamos que a **BALAIADA** fugiu à geografia maranhense como rebelião de massa, surgida, digamos, por antecipação de mais de um século. O que, porém, é fora de dúvida, é que também foge à geografia a classificação de *bandidos* aos *balaios*.

A geografia maranhense não tem clima para dar bandidos. "O contorno" ou o *cenário* que é "o resultado das ações e reações entre a natureza e o homem", não projetam o homem maranhense para a curva do crime. Há nessa região nortista; caracterizada já atrás; como terra de transição entre a Amazônia e o Nordeste, um fator geográfico que dá ao homem um *tono* de bondade, e uma forte inclinação para o sonho. O maranhense é, sobretudo, um sonhador. A imaginação é nele a sua mais forte e acentuada faculdade. Tornou-se, por isso, o Maranhão, a terra dos poetas. É um assomo geográfico predisposto à humanização em todas as direções. A terra é farta. É rica e convidativa para a posse. Há nela muito húmus e muita abundância de seiva. As raízes e os homens facilmente se vinculam ao solo. Não existem nomadismos no Maranhão. Aquelas terras que descem do planalto goiano em direção do mar, são recortadas de rios em todos os sentidos. Uma abundância de água por toda parte. A água é um elemento de purificação. Os povos guerreiros não surgem à beira dos mananciais ou de lagos e rios fartos. As virtudes da água são as virtudes da vida iluminada pelo misticismo. Já a Bíblia, na página da criação, assinala o Espírito de Deus pairando sobre as águas. Na rica floração dos mitos ameríndios as mais formosas lendas brasileiras nascem do seio das águas. Tudo isto poderá ser *fantasia*, mas o que é fora de dúvida é que geográfica e cientificamente uma região fertilíssima e bem irrigada como é o Maranhão não tem *ambiente* para criar o banditismo, que é fruto da falta de vinculação do Homem à Gleba.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Dividindo o território maranhense em zonas de estudo; teremos que chegar à evidência de que a terra é farta de mais para dar bandidos.

Na região que, no Maranhão corresponde à Amazônia, – terra de lagos e de ribeirões e lagoas fartas, – o homem se fixou ao solo cheio de suave imaginação, saturado de sonhos, sem grandes arremessos de trabalho e sem nenhum espírito de luta .

Não há na história dessa região um episódio de vulto, um drama de violência e de ódio.

A influência do meio é por demais impressionante sobre o homem da baixada maranhense. A terra em plena formação, feitas de terrenos sedimentários está na fase do crescimento, surge das águas, molhada e lamacenta. É terra novíssima, cujas forças se revelam no homem sob duplo esbanjamento, nos enlevas da imaginação, e no vigor de procriação. Na Amazônia maranhense o homem hão tem espírito de briga. É pacatíssimo. Vive sob a ação de uma luz empenumbrada pelo excesso de evaporação das águas. Ama a terra, procura conquistá-la o mais passível. Arma, por isso, o seu lar à beira dos lagos, ou mesma dentro dos campos encharcados, e pacientemente, espera o abaixamento das águas. São pescadores e lavradores, alimentando-se mais de peixe, tornam-se, por isso mesmo, procriadores abundantes. A alma do homem da baixada maranhense é avessa aos surtos da violência. Com facilidade de vida, – abundância de peixe, fartura de caça e rebanhos de gado médio, o homem da baixada não tem rixas, nem desavenças fortes.

A *Baixada maranhense* já definiu um tipo regional: o vareiro. É um herói que vence a fúria dos elementos com a vara ao peito e a coragem e resignação com que empurra a velha canoa feita de troncos de madeira. Esse pedaço de geografia não deu um elemento sequer para a **BALAIADA**. Nessa região a revolta não teve adeptos. O instinto guerreiro do homem dali não se definiu ainda...

Já na região das matas, zona dos grandes rios o homem venceu as águas. Vive pisando um chão seco; as suas lutas se travam pela posse da terra firme. Nessa parte do Maranhão o homem, cada hora que passa, reage contra o seu

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

meio, disposto a dominá-lo. Os tipos regionais são essencialmente lavradores. A psicologia desses homens é de apego à terra que lhes dá a riqueza das searas. Cada etapa de vida do homem dessa região é assinalada pela sua fixação à terra. A sua casa oferece ao desconhecido agasalho e mesa farta. É certo que esses homens são reservados, não mantêm muitas amizades. A luz que os ilumina, filtrada através das ramagens abundantes de matas seculares, enche aquelas almas de certo receio cósmico e é, justamente, por isso, que nessa região, não há lutas nem tragédias. Enrijados nas tarefas do amanho da terra, os tipos definidos dessa região – a das matas – não têm inclinação para o crime.

Durante as lutas da BALAIADA a zona da Mata não deu revoltosos. Toda essa região que se desdobra do Alto Turí ao Alto Pindaré e vai morrer nas matas do Mearim, o mais antigo dos rios maranhenses, oferece um *habitat* magnifico aos homens pacíficos que nela vivem. São populações de apreciáveis energias para o trabalho. Não influíram, através dos tempos, nos acontecimentos históricos políticos do Maranhão. Nessa vasta parte geográfica maranhense, que é como a base do trapézio, que mergulha no mar, onde a água exerce uma forte e decisiva influência, não há pruridos guerreiros. Por seu turno, não há tendências para o crime. Nem existe sequer um episódio dramático na história. As perturbações de ordem, ali, porventura, verificadas, em duzentos anos de formação, foram as de caráter puramente político. Não foram além das competições eleitorais. A vida dessa região maranhense é muito pitoresca, desenrolando-se entre os povos dessa parte do Estado, ou da antiga Província, um intenso pendor festeiro. É a região onde se realizam os mais variados tipos de festas populares. Por toda a baixada, zona litorânea e parte do Pindaré e Mearim, o homem se diverte mais do que trabalha. Há festa por qualquer motivo. Dança-se por tudo. A variedade desses festejos é admirável. São novenas em capelas e igrejas com música no largo, ou violões nos coros, cheias de cantos alegres; são ladainhas à sombra de ramadas verdes, ou novenas em casa, ao choro das rabecas. Logo após as rezas, fecham-se os oratórios, cobrem-se os santos, e a dança começa, enquanto o café com bolo é fartamente distribuído. Vêm as festas em série: Natal,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Pastorinhas, Reis, Queima de palhinhas de presepe, S. João com bumba-boi, S. Pedro, Bailes de S. Gonçalo, Divino Espirito Santo, com seus farranchos alegres, Mesas de S. Lázaro, – originalíssimos banquetes oferecidos aos cachorros, entrudo, bailes de aniversário, surpresas alegres – tudo motiva para danças festivas. O espírito de festa não para aí. Alastra-se por todas as camadas sociais. São os *tambores* de negros, roncando noite inteira nas *pungas* dos terreiros; são curiosas noitadas de "Serra-Velha", maneira curiosa com que os amigos festejam, às vésperas de S. José, (18 de março) a velhice dos que já têm netos. Essa interessante tendência para a dança vai até os ritos dos cultos das minas, e das salas de curandeiros, em que o *curador* esconjura o feitiço e tira *bichos vivos*, ou *coisa-feitas* dos corpos dos doentes, ao som dos maracás sagrados e aos ritmos de suas danças curiosas.

Ora, um povo que tem uma ,alma aberta, dessa maneira, aos, mais alegres divertimentos populares, não poderá ser material humano inclinado para o crime. Todas essas populações que se divertem à vontade não brigam, não se adensam jamais em grupos de bandidos. São povos psicologicamente sadios, gente feliz, que se reúne para se divertir, que se entrega mais aos prazeres do que ao trabalho. A *preguiça* na grande parte dessa população é mal antigo... O trabalho existe, há mesmo relativo progresso, mas isso devido, sobretudo, à facilidade de meios de comunicação com a capital do Estado, ou da Província, por mar e por terra. É curioso assinalar ainda aqui o seguinte: vivendo esses povos relativamente tão perto da capital e si "as cidades, como diz Kaserling, não são mais do que cérebros do corpo nacional", as populações em análise quase nunca sofreram influência decisiva das agitações políticas desenroladas em S. Luís do Maranhão. A parte de responsabilidade política dessa região maranhense não ia além do voto eleitoral. Durante a época da BALAIADA, por exemplo, houve ligeiro distúrbio na cidade de **Viana,** já no governo de **Caxias**, mas essa perturbação teve origem e efeitos puramente políticos. Foi um distúrbio vulgaríssimo, por ocasião de uma passeata em comemoração à maioridade do Imperador, agressões quase pessoais entre dois grupos políticos tendo tudo, como narra a história da época, terminado "por uma ceia lauta e um esplêndido baile em casa do Sr. Manoel Antônio de Souza".

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Como se evidencia, nessa região; até as brigas são pretextos para "uma lauta ceia e um esplêndido baile".

O homem da baixada e o homem da mata não oferecem, como se vê, margem para um esquema de crimes. O clima e a alimentação não lhe dão impulsos de banditismo. Nessas duas zonas típicas do Maranhão, a presença do homem é assinalada pelos ritmos de sua vida simples e alegre. A psicologia desses elementos humanos é a do apego espiritual às alegrias da terra. As suas atividades se desenrolam entre as funções normais da vida e o aproveitamento das horas em folganças regionais.

Não existem, pois, nessas duas zonas elementos tarados, cujas reações possam contrastar com os *contornos* de sua geografia. Si nesses dois tipos regionais – o homem da mata e o homem da Amazônia – não há inclinações para o crime é fácil concluir-se, agora, em favor da tese: o Maranhão, pelo menos já nestas duas zonas, não tem clima para dar bandidos.

Vejamos, a seguir, as outras zonas.

A geografia, onde se deram as lutas da BALAIADA, também não oferece *contornos* para um surto de banditismo. A revolta surgiu da zona pobre da Província, cresceu às ilhargas do Itapicurú, tomou vulto nos sertões de Caxias, Matões, Picos, Mirador, Pastos Bons, atingiu Parnaguá, e voltou depois até mocambos de negros nas fazendas e engenhos nos campos de Rosário e Coroatá.

Em todas essas regiões, o homem isolado ou em agrupamentos não oferece sintomas de banditismo. A terra, por exemplo, onde nasceu a BALAIADA é de *transição*, é justamente a região arenosa, que liga o Maranhão ao nordeste. Aí nessa faixa de terra o homem já não é o mesmo que o da baixada e o das zonas da mata. Há nesse elemento humano algo de estranha atitude. Certo espírito de intranqüilidade. São as influências do fator-geográfico. A terra é pobre, pouco irrigada, apesar de existirem nela vastas zonas agrícolas e campos de criação. Aquela inquietação espiritual acima assinalada poderá vir de dois fatores: dos sopros do nordeste que requeimam e secam todo o debruamento litorâneo do Maranhão oriental, espalhando cômoros de areias e dunas movediças, transformando largo trecho do território em extensas praias

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

com aspectos característicos de faixas desérticas, com a mesma desolação e a mesma pobreza de vegetação própria das regiões ressequidas, e outro da luta do homem para evitar o nomadismo, no afã glorioso de se fixar à terra, arrancando dela o máximo de produção através de trabalhos exaustivos.

Ainda, assim, julgado, o homem dessa região, a sua rebeldia é fecunda, porque nasce da tenacidade de um espírito de luta do homem contra as asperezas da terra, procurando, através de séculos, modificar a fisionomia do terreno, humanizá-lo pelo trabalho.

Nessa pitoresca zona maranhense a luta do homem contra a natureza, apesar das características desérticas da região, não é esmagadora. A terra não é tão indomável, nem tão avarenta que chegue a resistir à ação do homem. A sociografia dessa parte do Maranhão não oferece uma paisagem de desalentos. Verifica-se que o homem, muito embora sentindo a influência do meio reage, de maneira vitoriosa, contra a ação da terra. É, até certo ponto, uma luta magnífica do homem que arranca da terra pobre fartura e abundância para o seu lar. Os *eixos* de economia são ali bastantes para fixar à terra o homem da região. Ora, não há em todas as populações disseminadas por aquelas plagas o menor sintoma de "*gosto do crime*", no sentido das aventuras de grupos sequiosos de pilhagem. As populações que operam e agem nessas terras são apegadas aos seus fogos. Não fogem do seu *clima* para outros pontos da Província. Já se fixaram ao solo. Da orla litorânea até as águas pobres do Muniam evidencia-se um grande esforço de trabalho. Não há tipos regionais propriamente dito; há material humano capaz de executar na sua "área-de-luta" as mais árduas e especiais tarefas de obreiro do progresso. É que, si por um lado, a aproximação do nordeste, a aspereza do solo a quentura da luz escaldam a trama nervosa do homem da região, por outra parte os verdadeiros oásis que se revelam com tamanha riqueza bíblica nas várias *faixas de apelo* da mesma região, são por demais suficientes para suprir as deficiências das partes empobrecidas da terra, e dar aos povos dali bastante, apego nativo à gleba explorada. Num povo que assim opera, sequioso por manter bem seguro o seu pacto com o solo, não é possível um deslocamento de suas posses para as lutas incertas do crime, do caudilhismo e do roubo. Não há nada mais forte

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

e sagrado nos seres do que o desejo de posse. Nasceram dêsse impulso as mais cruas lutas da humanidade. Na disputa milenar da "posse", o homem não cede conscientemente; cede pela fôrça. O crime é, pois, o excesso do mais forte contra o direito de posse do mais fraco. As sociedades elaboram códigos de garantias dos fracos e dão a todos os mesmos direitos de possuírem o que bem lhes possam interessar. A posse da terra é o mais antigo de todos os direitos. Possuir a terra é civilizar-se. Ora, na zona geográfica em que nasceu a revolta, apesar de pobre, as populações possuíam a terra, isto é, nela se fixaram definitivamente. Não há movimentos dispersivos de populações fugindo para outros *eixos de economia*. Não existe nomadismo. Todos se entregam ao trabalho do cultivo da terra, ou de suas atividades comuns. É, assim, que se podem observar aqui e ali um *nível de progresso*, e o intercâmbio entre os mais humildes lugarejos e a capital dá-se com absoluto êxito.

Explicar que o homem dessa região se tenha rebelado e aderido ao vaqueiro Raimundo Gomes por uma violenta inclinação para o roubo, é dar uma conclusão maior que as premissas. Ninguém pegaria em armas, só e tão só para avassalar os domínios e posses alheios. Um povo que em quase duzentos anos de trabalho já construíra o seu *habitat*, que saíra da "idade do couro" e do "curral" para o período agrícola e industrial, e que edificara suas posses, que vinham passando de geração em geração como patrimônio secular de família, não deixaria tudo isso por uma aventura de saques. Nem se argumente que era a *baixa ralé*, sem eira nem beira, que se revoltou ávida de crimes e de pilhagem. Foram homens rústicos e simples, é certo, mas lavradores, posseiros, enfim, gente que si não tinha terras ou bens, tinha, todavia, lavoura, ou atividades em fazendas e campos, nos eitos dos roçados, ou no pastoreio dos campos. Bandidos não têm profissão. São nômades em grupos de assalto. Agem *permanentemente* impulsionados pelo crime. Roubam, porque não cultivam, não plantam, não comerciam, não guardam manadas de gado; matam e depredam por instinto do mal, por tremendos e primários recalques, por mero sadismo de crueldades.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Os nove vaqueiros da vila de Manga e os que lhe seguiram a trilha em toda a zona pobre da geografia em que se deu o levante não arrombaram a cadeia, nem se atiraram à luta somente para matar, roubar. Como veremos, mais adiante, os assaltos e mortes deram-se muito tempo depois do episódio da vila do Iguará.

Já não era então o pequeno grupo de nove vaqueiros, e sim mais de 3 mil homens de todas as camadas sociais, em face de pleno crescimento da revolta, a massa rebelada e como tal inconscientemente inclinada para o crime e para a violência...

*

* *

Um ofício anuncia a Revolta:

> ... "a treze deste mês (33) apareceu na Manga um cafuz por nome Raimundo Gomes, acompanhado de nove homens, e, sem respeito às autoridades, arrombou a cadeia, soltou os presos etc."

Como se vê, a BALAIADA teve início num cenário pobre; serviu-lhe de pretexto, por sua vez, episódio vulgaríssimo.

Um vaqueiro acompanhado de nove comparsas arromba uma cadeia, solta os presos, e com isso surge uma Revolução!

A simples narrativa dêsse fato evidenciaria o ilogismo do movimento, si, para trás dessa audácia sertaneja de dez caboclos boiadeiros, *outros motivos* mais fortes e mais profundamente enraizados pela história a dentro na alma popular não justificassem a amplitude que tomou a rebelião após início tão prosaico.

A desordem dos vaqueiros da Manga, lugarejo humilde e apagado nas terras pobres do Maranhão oriental, já não é mais um sintoma, é a manifestação inevitável daquela desordem espiritual feita de ódios e de desesperos que há séculos dormia no subconsciente do povo maranhense. O mal irrompeu na vila de Manga, assim, ridículo, como poderia ter-se

(33) Dezembro de 1838.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

manifestado violento em outra parte, sem que, por isso, deixasse de ser um mal cujas funestas conseqüências a história veio demonstrar depois.

É certo que a relação entre o episódio da Manga e a curva alucinante, que tomou a revolta, é, por demais, surpreendente. Não há menor proporção entre essa causa e os efeitos dela. É desconcertante tudo o que se segue. De um fato comum na vida do interior maranhense nasce uma revolução de caráter tão grave e tão violento que não é possível estudá-la sem procurar muito longe as suas determinantes.

Nem se fizeram esperar as conseqüências.

> ... "tinha por cautela uma fôrça na vila da Manga de vinte e tantos homens os quais se reuniram logo ao dito cafuz, com dois ou três soldados de linha que existiam no destacamento etc."

Aos vaqueiros broncos une-se logo o destacamento da vila. O movimento toma um outro aspecto. É a fôrça mantenedora da ordem que se une aos provocadores da desordem: quer dizer que havia, portanto, um elo comum de aproximação entre os vaqueiros e os soldados.

O ofício assinala esse ponto de contato:

> ... "estes paisanos que se achavam destacados são das antigas Guardas Nacionais, onde há a maior insubordinação possível, etc."

O mal aí está: a insubordinação...

É por isso que se unem os vaqueiros rebelados e a soldadesca da vila. Unem-se na ação, uma vez que já se achavam irmanados pelo espírito de insubordinação.

O movimento começa a definir-se melhor:

> ... "Estão prendendo todos os Comissários e tencionam hoje ou amanhã virem prender ao subprefeito e talvez se lembrem de mim, porém, não sei o que será."

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O ofício prossegue a narrativa, e neste ponto, revela aspectos políticos da rebeldia:

> ... "os malvados mandaram avisar aos camaristas para com a resolução da Câmara levantarem os juízes de Paz e cuido que assim o farão, porque todos os vereadores são *Bem-te-vis*, etc."

As adesões engrossam o grupo dos boiadeiros de Raimundo Gomes. Aparecem, aqui, o primeiro *líder* dos homens de cor e o primeiro oportunista.

> ... "e o mais acérrimo é o tal João Juliano, que quer ser juiz de órfãos, e um mulato por nome Manoel Francisco que se diz ser tenente dos pretos e este é o que mais tem seduzido a gente de cor, porque essa gente muito acredita no seu semelhante, etc."

Embrionário, embora, o levante já tem, no entanto, fisionomia caracterizada.

Outros documentos lhe traçam a pouco e pouco o crescimento. As primeiras notícias prenunciam novos elementos de apoio ao movimento.

> ... "a, tropa de Raimundo Gomes não é grande, mas dizem que esperam mais; e eu rogo a V. S. me mande tropa suficiente em meu auxílio e deste Termo."

O acontecimento foi surpreender o Presidente Camargo num de seus passeios à Alcântara. Ali não se demorou. Imediatamente começou a agir. Da velha Tapuitapera deu as suas ordens, para que se fizesse marchar para o Iguará.

> "Uma força de 30 homens comandados por um oficial de confiança, etc."

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Fez mais:

Ordena que o Major às ordens do governo, entenda-se "com o major comandante do Corpo de Polícia lhe preste tudo quanto for por ele requisitado para a mais rápida marcha do destacamento que, por ordem do mesmo governo hoje, impreterivelmente, deve partir para o Iguará".

As ordens foram executadas com toda presteza como assinalava o Major Falcão:

> ... "Seguiu para a vila de Munim, com destino ao Iguará, o alferes do Corpo de meu Comando, Francisco Joaquim da Graça, levando sob seu comando uma corneta e 30 praças do mesmo corpo (inclusive um sargento e um cabo) armados para 14 dias..."
> ... "tudo mais foi arranjado no Corpo, no escasso prazo de 5 horas e 45 minutos."

Enquanto essa tropa legal partia de S. Luís, já de Itapicurumirim o prefeito Joaquim José Gonçalves informava o, governo que o subprefeito da Manga teria marchado com 40 homens sobre os sediciosos da Vila da Manga, onde já não os achara por se terem evadido", acrescentando ainda essa mesma comunicação do Itapicurú não ser exato houvesse o Juiz de Paz "batido dentro da vila os sediciosos" "pois eles se retiraram voluntariamente e sem violência alguma, aterrados sem dúvida pela notícia da fôrça que contra eles fiz marchar e dos 40 homens com que se lhe aproximava o dito subprefeito, etc."

Da vila da Manga os rebeldes saíram para Chapadinha, onde não há notícia de se terem ali praticado qualquer violência. Os documentos oficiais declaram; até que "parte das pessoas que iam em sua companhia (de Raimundo Gomes) têm se debandado, só poderá levar sete ou oito do número daqueles com que se evadiu e esses mesmos são o seu irmão, dois desertores e outros que se temem retirar por causa de suas péssimas condutas e malvadeza"

Pôr esses informes do comandante da fôrça legalista verifica-se que o movimento rebelde não tivera até então outras conseqüências além do

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

arrombamento da cadeia da vila de Manga, nem praticara Raimundo Gomes, apesar de "*suas péssimas condutas e malvadeza*" qualquer atentado a vida do próximo.

O fato, porém, é que a revolta não estava extinta. Enquanto o governo e seus prefeitos, numa desordem lastimável, armavam gente para combater os sediciosos, a rebentina ia crescendo e silenciosamente o audacioso vaqueiro aliava aqui e ali novos elementos, como a sua ação já se fazia sentir em vários pontos do território maranhense.

Um mês depois, em 22 de janeiro, Raimundo Gomes aparece na vila de Tutóia à frente de uma centena de homens. Logo no dia seguinte chega também à Tutóia o comandante das forças legais, o capitão Pedro Alexandrino, mas o cafuzo Raimundo Gomes viajava rumo ao rio Parnaíba.

O primeiro choque das armas foi se verificar na Barra do Longa, entre os rebeldes e a tropa do prefeito de Parnaíba.

"Tiveram os rebeldes 3 mortos, dois feridos e 18 prisioneiros.

As forças legais apenas perderam 1 soldado, não morto pelo inimigo, mas pelo seu próprio camarada, involuntariamente."

Com os resultados dessa primeira escaramuça o governo maranhense deu por terminada a revolta, mesmo sabendo que Raimundo Gomes se havia internado novamente no Maranhão.

É o próprio Sr. Vicente Pires Camargo quem escreve:

> ... "Com o aniquilamento destes desordeiros ficou a Província no gozo da mais completa tranqüilidade, pedindo a verdade se assevere que ainda mesmo quando eles se achavam com as armas na mão, pouco abalo no sossego e confiança pública davam à vista das providências que a tempo foram empregadas e prometiam o resultado que, por fim, vimos a colher."

— Seriam sinceras estas afirmativas? Não; não poderiam ser. São palavras quase cínicas.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O movimento iniciado na Vila de Manga, pelo mestiço boiadeiro, causou uma profunda e crescente desordem causando frouxidão no governo. As medidas tomadas foram tímidas, demoradas, inexpressivas.

Durante mais de dois meses Raimundo Gomes dominou larga faixa do Maranhão oriental, sem sofrer o menor incômodo. Agiu livremente, senhor absoluto da situação, e, só encontrando resistência do lado do Piauí, tanto assim, que regressou para o Maranhão onde continuou a sua luta...

Foi neste pé que o governo da Regência, descontente com os negócios da pública administração resolveu substituir o Sr. Camargo pelo Sr. Manoel Felisardo de Souza Melo, "capitão graduado do imperial corpo de engenharia".

Essa mudança não influiu para modificar o panorama Maranhense. O novo Presidente não resistiu à tentação partidária.

Vinte e cinco dias após a sua posse, apesar de ter "assegurado achar-se a província em paz e a rebelião inteiramente abafada" teve que chegar à realidade bem dura de que o movimento iniciado pelo vaqueiro Raimundo Gomes estava tão bem vivo quanto fortemente evoluído.

Homens afetos à luta vieram de Campo Maior para as fileiras rebeldes. Numerosos sertanejos dispostos às incertezas da revolta, a ela buscaram, crescendo o movimento que já dominava, "os lugares do Mucambo, Queimada da Soledade, Espigão, Miritiba, Belas Águas, Chapadinha, Mariquitas e Caiçara". A onda se espraiava espumejante por toda parte. O movimento crescia. Todos os rancores seculares trovejaram. Uniram-se os descontentes é rebeldes de todas as classes. Já não é mais o episódio ridículo da vila de Manga. É já uma torrente em marcha. Quem a poderá deter?

Novos chefes se apresentam com as suas comitivas de rebeldes. Já não está sozinho o vaqueiro, aparecem outros chefes com seus bandos. Tomam atitudes perigosas. Designam-se mutuamente por nomes simbólicos e "são Relâmpago, Corisco, Raio, Caninana, Sete Estrelas, Tetéu, Andorinha, Tigre, etc." – toda uma série de homens rudes e sequiosos de aventuras e de vinditas.

É neste passo do movimento em pleno desenvolvimento que aparece na história da ***BALAIADA*** o elemento negro para engrossá-la definitivamente.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Ás margens fecundas do rio Itapicurú, onde floresciam grandes lavouras da época, cerca de vinte mil africanos trabalhavam no eito e na indústria de numerosos estabelecimentos agrários. Dessas terras lavradas, os negros fugiam para as matas "de onde em sortidas iam roubar as fazendas circunvizinhas sendo necessário, fôrça armada para capturá-los". Várias revoltas de negros se deram por aquelas terras. Toda a vasta região. Situada entre Tutóia e o Preá estava infestada de negros fugidos. Essa poderosa reserva de escravos entrou para á revolta de Raimundo Gomes.

O celebérrimo negro Cosme, chefe dos quilombados, aderiu à **BALAIADA**. Gozando de fama e prestígio de feiticeiro entre os de sua raça, Cosme pôs-se à frente de 3.000 escravos, fanáticos e sedentos de vingança, e todos esses sugestionados por aquele escravo constituíram o mais poderoso reforço à rebelião.

Esse negro que se assinava D. Cosme Bento das Chagas, tutor e imperador das liberdades *Bem-te-vis* distribuía postos e títulos aos seus asseclas e unindo-se aos vaqueiros rebelados deu à **BALAIADA** novos rumos, mais perigosos e mais discutidos...

Reuniam-se, dessa maneira, para a luta rija, todos os mestiços, todas as castas oprimidas, todos os resíduos humanos espalhados pelas perseguições, ou acossados pelas violências dos poderes públicos ou dos senhores de engenho, numa solidariedade enorme e brutal, desgostosos aqui e ali nos vários quadros de perseguidos, a se aproveitarem daquela chance de lutas para se vingarem em cheio de seus sofrimentos há muito sopitados.

O perigo crescia para a paz do governo e da Província.

Como se evidencia; o simples episódio caboclo da vila de Manga atingia a sua fase aguda de irradiação psicológica. Da arruaça passara para a desordem e desta para franca rebelião armada. Os elementos mais heterogêneos, espalhados nos pontos mais afastados do Maranhão oriental, com a notícia do levante; começaram a se manifestar também pela revolta. Formaram-se novos grupos e apareceram novas zonas de revolução. É espantosa a rapidez como agora se caracterizam na Província "os vários focos de apelo" revolucionário. A

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

grande fermentação de todas as iras seculares, entumece, cresce, incha; atufa, e explode.

É o povo anônimo, a massa grisu de espíritos conturbados que se anima. É a multidão alucinada, que se congrega; o "disforme" das psicologias turvas que toma corpo e marcha cega, heróica, agitada, violenta, criminosa e sarapintada de lampejos de ideais na mais acesa das lutas primitivas.

Ninguém poderá conter mais a avalanche, que se anuncia bramindo...

E ela desceu vertiginosa por sobre as terras pobres do Munim e logo depois rolou sobre o sertão imenso do Itapicurú, até vingar as regiões do alto e baixo Parnaíba.

O choque não se fez demorar.

"Saindo da Chapadinha, em fins de fevereiro, uma diligência de 13 soldados para o "Mocambo" a fim de prender a Francisco Ferreira, um dos sequazes de Raimundo Gomes, que ali se achava com bastante gente reunida, aconteceu ser ela atacada por uma guerrilha um tanto numerosa do dito Ferreira, dando em resultado a morte de um soldado de 1ª linha e quatro feridos, inclusive o comandante. Trinta homens dessa guerrilha atacaram ainda, em seguida, a casa de um certo Calixto, resultando o ferimento deste, a morte de um rapaz e a de um dos da guerrilha".

O mês de março foi iniciado sob os melhores auspícios para os rebeldes. Da cidade do Brejo o seu prefeito partiu para combater os revoltosos. O encontro foi rápido e os legais derrotados "com dois mortos e dez feridos".

O governo maranhense compreendeu então o erro de haver anunciado aos quatro cantos do Império achar-se a Província em paz; diante do vulto que tomava a revolução, ora dominadora em vários termos o presidente Manoel Felisardo começou a temer diante da grave convulsão que ameaçava todo o território maranhense. Acelerou medidas de emergências. Novas tropas foram aparelhadas e dirigidas para o teatro da luta, sob o comando do valoroso major Feliciano Antônio Falcão. Outras medidas foram adotadas quer com relação aos funcionários civis; cujas "dispensas concedidas" ficaram interrompidas, quer com relação a manutenção da ordem na capital. Para isso determinou patrulhamentos especiais dia e noite.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O número dos rebeldes crescera assustadoramente. Segundo os primeiros informes do major Falcão, em 15 de abril, o grupo perseguido por esse oficial atingia a 500 homens, que se distribuíam em vários pontos; de Chapadinha a Laranjeiras e do Surrão a Mocambinho.

O terceiro encontro verificou-se no lugar denominado "Mutuns" com um grupo de rebeldes sob o comando do "pardo Manoel Rodrigues Cocque, ex-cabo do extinto corpo de policia desta província".

Esse combate foi dos mais rijos e as perdas enormes de parte a parte.

O mais rude golpe infligido nos legais foi sem dúvida o que se verificou no lugar "Angicos", a 18 de abril de 1838, com o esmagamento total da fôrça legal sob o comando do infeliz capitão Pedro Alexandrino. A expedição malograda partira rumo ao Brejo no intuito de esmagar os rebeldes. Fatigada e quase sem suprimentos a tropa marchava sob as mais graves ameaças do inimigo "quase sempre coberto pelas matas". Em Chapadinha acampou; não encontrando ali viva alma em todas as casas, tendo fugido espavoridos os habitantes, "encontrando-se apenas um homem mentecapto". A munição era escassíssima: "cinco ou seis cartuchos para cada praça". Rumou a tropa para os Angicos. "Ao entrarem na primeira mata, por estreitas veredas, foram incontinente salteados e sofreram fogo por espaço de três quartos de légua". "As quatro horas da tarde chegaram em Angicos, fatigados, maltrapilhos, sem munição restando a poucos soldados um ou dois cartuchos".

Não lhes deram tréguas os revoltosos. Durante três dias a tropa sofreu terríveis provações "sem comer e quase sem beber".

"No dia 18, ao amanhecer, reconhecida a impossibilidade de prolongar-se a resistência, só no interesse de uma vã e dolorosa esperança de socorro, mandou o capitão Pedro Alexandrino fazer proposições aos rebeldes, que as aceitaram prontamente, e depois de algumas conferências com o Chefe Antônio José do Couto Pinheiro (o Mulunguêta) e aparências de uma capitulação formou-se a nossa brava mas infeliz tropa, entregou as armas e rendeu-se prisioneira"...

"Às 5 horas da tarde, saindo o capitão Pedro Alexandrino de casa, onde se achava para ir ao aquartelamento dos chefes rebeldes foi assassinado com

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

tiros; o tenente-coronel João José Alves, que jazia molestado e quebrantado numa rede foi cosido a facadas e os três oficiais restantes, dois alferes de polícia e um ajudante de segunda linha, teriam a mesma sorte se lhe não valessem os seus próprios rogos os pareceres em contrário dos rebeldes em disputa e o seu capricho sanguinário já satisfeito por então com duas vítimas"

.

Esse episódio sangrento e bárbaro produzia dois efeitos: aumentando o terror fez engrossar as hostes rebeldes; e, provocando o pânico na capital agitou o governo que passou a encarar com mais gravidade o movimento revolucionário que crescia dia a dia. De um lado e do outro cresciam os combatentes. Os sucessos de vitória dos rebeldes lhes aumentavam o prestígio junto a massa anônima. Por seu turno o governo incentivou o recrutamento, acelerou os meios de defesa, arregimentou tropas em todas as direções. Como medida urgente procurou preservar a capital de qualquer golpe de surpresa. Foram abertas numerosas trincheiras e reforçados os destacamentos da ilha na parte do estreito dos Mosquitos. Seguiram novos reforços para o interior e medidas acauteladoras da ordem pública foram determinadas sob rigoroso controle. A população da capital ficou de sobreaviso, não sendo permitido abrirem-se as casas quando os baluartes dessem dois tiros de rebate, não saindo ninguém à rua, sob pena de prisão como suspeito, ficando, igualmente, estabelecido que, em hora de perigo, toda a guarda nacional e bem assim os demais habitantes da cidade se reunissem armados no largo do Carmo, "para a defesa de suas vidas e propriedades". Os escravos, por sua vez, estavam sujeitos às mesmas penas. Há um detalhe interessante a acrescentar: é que "si o rebate se verificasse de noite todas as janelas deveriam ser iluminadas".

Em terra era assim, e no mar o comandante do brigue "Três de Maio" encarregar-se-ia da vigilância e "comando de todas as embarcações de guerra surtas no porto".

Do Ceará e do Pará chegavam grandes contingentes que foram logo encaminhados para o interior. Era esse o ambiente, quando o presidente mais acirrou o ódio partidário a quando da abertura da assembléia da província,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

apresentando um *Relatório*, que mereceu as mais severas críticas de João Lisboa, sendo por este classificado como documento "longo, cansado e estéril".

Longe de desanuviar o ambiente o Sr. Manoel Felisardo o tornou mais sombrio do que nunca conduzindo os negócios da pública administração pelas curvas fechadas do ódio político.

*

* *

No cenário da revolução a sorte estava para os rebeldes. O episódio dos "Angicos" levara o terror por toda parte e na cidade do Brejo, onde o prefeito local dispunha de cerca de 200 homens em armas a notícia do desastre do major Pedro Alexandrino provocou verdadeiro pânico. O prefeito fugiu e com ele a tropa e após esta deu-se o êxodo da população para as brenhas.

Os revoltosos crescendo em audácia e animados com os sucessos de suas armas aumentaram em seus assaltos e assim, avançaram num ímpeto sobre a cidade do Brejo, onde entraram sem resistência alguma, e onde praticaram desatinos e violências em várias pessoas que não puderam fugir em tempo.

Os êxitos adquiridos despertaram naquelas almas primitivas instintos de vingança. Com elementos os mais heterogêneos e gente de todas as raças, que afluíam de toda parte para engrossar a rebentina era impossível conter tamanha sede de ódios antigos que se haviam cristalizado na alma dessa gente rude que pegou em armas.

Sem disciplina alguma, afeitos à vida rústica dos campos, os ímpetos e impulsos primários acordaram, nessa luta, violentos e irrechassáveis .

A guerra brutaliza qualquer homem. É justamente no torvelinho das guerras que se evidencia que a civilização é apenas um polimento. O homem civilizado, ou inculto, na guerra, é o mesmo animal selvagem, que apenas se diferenciam pelos métodos de matar.

Os sertanejos maranhenses dessa luta em curso não fugiram a esse dramático cenário de guerra.

Do Brejo a revolução tomou impulso maior. Caíram, em seguida, Tutóia, Miritiba e de ponto em ponto vitoriosos chegaram a Coroatá, onde "oitenta e tantos lavradores daquela localidade (entre os quais o cidadão Fábio Gomes

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Belfort além de muitas famílias) que tiveram a coragem de resistir a torrente de sublevação e não quiseram abandonar aos furores do inimigo as suas fazendas e haveres, viram-se, em um momento, sitiados por cerca de 200 rebeldes capitaneados pelo célebre Cocque". Entregaram-se sem resistência e, também, nada sofreram, ali.

Nada mais poderia conter a revolução em marcha. O *lastro* de material revolucionário era enorme em toda a Província. Nem se poderia explicar a rapidez com que o levante se propagara por essa larga faixa do território conflagrado.

"Senhores de quase todo o território leste, centro e sul da província, compreendido entre os rios Parnaíba e Itapicurú, onde livremente exerciam as suas correrias e devastações; conhecedores da fraqueza do governo que se limitava a medidas de pura defensiva; enriquecidos de todos os elementos com que se faz a guerra; depois de haverem feito junção de todas as suas forças na vila do Brejo, puseram-se, finalmente, em marcha os rebeldes, a 7 de Março, com direção a Caxias, a cujas portas se apresentaram em 24 do mesmo mês."

Neste ponto da narrativa histórica da **BALAIADA** podemos compreender e avaliar bem o volume de sua progressão e a facilidade como a rebeldia se alastrara na alma dos sertanejos.

Caxias, a segunda cidade da Província, um dos centros mais ricos de produção maranhense, irradiando sua influência de "Princesa do Sertão" aos pontos mais afastados do alto Mearim e Itapicurú, como do Parnaíba ao Tocantins e até mesmo nos sertões de Goiás, Caxias representava como ainda representa hoje um elemento destacado na vida e progresso do Maranhão .

Na história das lutas da província, Caxias tem relevo especial. A antiga "Aldeias Altas" dos índios escreveu capítulos impressionantes nas lutas nativistas e até hoje o "Morro do Alecrim", que mereceu do poeta Gonçalves Dias a exaltação de imortais estrofes, é, na cidade secular, um símbolo da bravura daquela gente e daquele povo, que guarda na sua história as mais expressivas laureais de seu valor e prestígio.

Terras de poetas imortais, como Gonçalves Dias, de santos e sábios como Teixeira Mendes, de escritores eméritos como Coelho Neto, Caxias vive no

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

coração das terras marananguaras a sua história povoada de legendas gloriosas.

Na época da **BALAIADA** Caxias era um foco de rebeldias liberais, porque mais ali se fizera sentir a tirania dos conservadores. Violências, assassinatos e perseguições diárias faziam de Caxias um terreno fértil para as lutas e reações contra o regime de terror e violências do governo. Dessa cidade eram constantes os rumores de que estaria ali prestes a rebentar uma revolução. O governo Pires Camargo chegou a destacar para lá uma fôrça embalada. O espirito de revolta aumentou mais ainda com o assassínio frio do liberal Teixeira Mendes, homem de grande prestígio no cenário político local e da Província.

Caxias era, pois, um importante "foco de apelo" revolucionário.

A conquista da cidade sertaneja seria inevitável. A revolução dominava por toda parte. Desciam dos sertões e de várias pontos do Piauí, também, sacudido em várias localidades pela rebeldia, levas e levas de revoltosos. Dir-se-ia que todas as camadas de trabalhadores e camponeses do Maranhão e Piauí estavam unidas para lutar. A conflagração era total "nas classes baixas".

Caxias era como o centro de aplicação de todas essas torrentes de agitação popular. Apesar do esforço enorme de seu prefeito coronel João Paulo para livrar a cidade de qualquer ação revolucionária, deu-se o inevitável. No dia 24 de maio de 1838 a bela cidade histórica amanheceu completamente cercada pelos rebeldes. À frente de seus bandos armados estavam os chefes principais, o Gitirana, o Ruivo, o Balaio, o Mulunguêta, o J. Teixeira, o Silveira. Três dias depois, 27 de maio, chegaram ainda novos grupos sob o comando de Violeta, de Moura, de Cocque do famoso Lívio Castelo Branco, piauiense, que, de Campo Maior, partira "à testa de uma fôrça de 600 homens"; vindo, também, de Pastos Bons, o Milhome com o seu contingente de 400 homens.

Caxias procurou resistir o mais possível; mas, tudo em vão. Os rebeldes tomaram-na em 1° de Julho, após sete dias de cerco, tendo nela entrado triunfalmente a onda rebelde já agora cada vez mais feroz e sedenta de vingança.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Inúmeras mortes e espancamentos se verificaram, bem como pesadas perseguições foram feitas tendo atingido os prejuízos com a contribuição de guerra a mais de 4 mil contos de réis.

A queda de Caxias foi o mais grave de todos os acontecimentos verificados até então.

Como presa de guerra era substancial para os revoltosos, que ali se refizeram e melhormente se aparelharam para a luta.

O governo maranhense, diante do perigo deu mais uma vez a desoladora amostra de sua fraqueza. O pânico lavrou na capital e os rumores de novos perigos deram aos habitantes de S. Luís terríveis dias de expectativa.

O movimento da Manga tinha uma enorme amplitude. A sua influência se projetava sobre toda a Província. Com a tomada de Caxias foi constituída uma "Junta Provisória", tomando a Rebelião um caráter mais grave ainda com essa espécie de poder civil organizado politicamente para se impor e fazer exigências também de ordem política.

Essa *Junta Provisória*, como veremos, mais adiante, quando estudarmos as características do levante, fora constituída de pessoas, as mais representativas da cidade. Os rebeldes constituíram-se num "Conselho Militar" – "reunião informe de todos os Chefes rebeldes", mas que, em verdade, mandava e ditava *as suas leis*.

Todos esses desastres foram ecoar na Corte. Aquele episódio vulgaríssimo do vaqueiro Raimundo Gomes, arrombando uma cadeia no Iguará, se esparramava agora no sul. O Regente mediu bem a gravidade do assunto e surgiram as primeiras medidas pela pacificação da velha Província.

Uma escuna de guerra – a "Legalidade" – procedente do Pará, trouxera um novo comandante, vários oficiais e "70 praças de primeira linha".

Ordens superiores foram transmitidas igualmente "aos presidentes da Bahia, Pernambuco, Paraíba do Norte, Alagoas, Ceará e Piauí", para prestarem auxilio ao presidente do Maranhão .

Numerosos combates sacudiam todo o teatro da guerra. A luta se generalizara. A Revolução estava em pleno apogeu. As listas de mortos e feridos era grande. E o desespero campeava.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

O governo já conseguira reunir 2000 homens em armas. Colunas expedicionárias desciam do Piauí, mas a **BALAIADA** já era como a hidra de Lerna, possuía muitas cabeças, que se agitavam por toda parte.

As providências do governo progrediam. O próprio presidente aventurou-se a ir inspecionar a sua tropa em Icatú, cidade de origem amerindia e que significa "águas boas".

De outros pontos do Império chegavam mais reforços e precisamos assinalar a chegada à S. Luís do Maranhão de várias unidades da Marinha de Guerra como a charrua "Cibélle", a corveta "Dois de Julho" e finalmente o vapor "Maranhense" trazendo a seu bordo o *capitão-tenente Joaquim Marques Lisboa depois falecido almirante, Marquês de Tamandaré*, para comandante das forças navais desta província o Maranhão".

Como se evidencia a luta que prosseguia em todo o território maranhense arregimentava já milhares de combatentes. O cômputo da parte de lutadores rebeldes ia a cerca de onze mil sertanejos em armas. Os combatentes se sucediam ininterruptos e a ação do governo já se ia sentindo dia a dia mais forte. O Visconde de Parnaíba, presidente do Piauí, organizava grandes reforços e os enviava na defesa de seu território tanto para o alto como para o baixo Parnaíba.

Essa fôrça piauiense atravessou o Parnaíba para o Maranhão na vila de S. Francisco e foi combater em Manga, Veados, Pastos Bons, Mirador, Passagem Franca, S. José dos Matões e desceu ao Bananal, Santo Antônio, Cruz e Barra das Pombas e estacionando junto a Caxias, sendo, afinal, esta cidade libertada para cair logo em seguida novamente em poder dos rebeldes.

O *Balaio*, nesta segunda tomada de Caxias, tomou sérias represálias. Acabou perecendo, também, às mãos de um francês de nome Isidoro, há muito residente em Caxias, e que "da primeira vez fora respeitado pelos rebeldes", mas desta feita; porém, o *Balaio* o intimou a "que lhe entregasse todo o dinheiro e fazendas que tinha em seu poder, não só suas, como de Lívio Lopes. O francês não quis entregar e deu um tiro no *Balaio* do que resultou a este quebrar-se-lhe uma das pernas e receber dois caroços de chumbo no ventre. Vendo-se ferido ordenou imediatamente o *Balaio* aos seus que

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

matassem o francês e todos quanto com ele moravam, o que foi em ato continuo executado, seguindo-se uma horrível carnificina à qual pereceram o francês, duas mulheres e oito crianças, roubando-se-lhe ao mesmo tempo tudo quanto tinha em casa!"

O *Balaio*, abandonando Caxias, morreu em caminho.

Novos revezes sofriam os rebeldes aqui e ali, sendo já restauradas as Comarcas do Brejo e Tutóia, pelo que as armas legais parece que entraram em fase de vitórias...

A revolução em quase um ano de crescentes atividades, depois de traçar uma enorme curva em sua amplitude povoada de dramáticos episódios entrava na fase da desagregação. O fenômeno é curioso, porém, normal. No primeiro impulso da revolta, quando a centelha da rebeldia se manifestou, o incêndio foi rápido, à feição do fogo nas caatingas e agrestes sertanejos em que as chamas se multiplicam violentas ao sopro do vento, que as espalham levando o fogo por léguas e léguas de chão a dentro... É assim, o fenômeno das agitações populares. Comunicada a revolta na alma das multidões, os indivíduos, ou grupos atuados pelo "espírito secreto das revoluções" se adensam e se congregam, unem-se e se reúnem pelos mesmos ritmos e emoções, e alucinados, se atiram a todos os atos de violências e rebeldias, sacudidos nos vórtices das paixões, capazes de todos os heroísmos e também de todas as covardias. São os instantes perigosos do povo agitado ao sopro cálido de seus arremessos primários, na audácia de atos e atitudes criados, na ocasião, pela mais complexa das psicologias, tão bem analisadas por Orteg y Gasset.

É o período que marca na plenitude do espírito de afinidade coletiva as horas decisivas da Humanidade. Há um entrelaçamento espiritual de almas que se "encontram" inopinadamente, sem querer, no mesmo caminho... Cedem a esses impulsos terríveis e avançam, dominam e se impõe com toda a realidade brutal de seus instintos despertados.

Passada essa fase de interpenetração de desejos e vontades comuns, vêm o recuo, a indecisão e logo em seguida o desmoronamento das forças em

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

plenitude de ação. Passam os indivíduos de cada grupo a divergir, e dêsse divergir para a cisão é um passo, apenas.

A BALAIADA não fugiu à regra. A desordem da Manga transformou-se numa revolução. Cresceu em ímpetos e em raio de ação; atingiu a maioria das cidades e vilas do interior; tornou-se, enfim, uma terrível manifestação da massa anônima, ou do povo no seu direito de rebelar-se...

Depois, começou a declinar. Aquela união de almas passou a enfraquecer-se. Apareceram as vaidades de chefia e os vários comandantes de tropas seduzidos pelos êxitos de início disputavam entre eles o que mais de aventuras pudessem realizar.

Homens rústicos, com um horizonte intelectual limitadíssimo, sem uma unidade de comando e disciplina conseguiram o máximo de agitação enquanto a flama revolucionária não se propagara por todas as regiões onde ela dormia latente, ou enquanto a revolta vivia o *ciclo do crescimento.*

Passando para o terreno das afirmativas de um plano político, falharam. As suas proclamações, como veremos, depois, as pretensões e imposições do "programa" que desejaram impor ao governo, por fôrça das armas, eram sem dúvida, de profunda realidade nativista, constituíam o "programa" há muito reclamado pelas correntes liberais, e que os camponeses maranhenses, agora em armas, "queriam" impor, mas que não foi aceito por ser apresentado por "*gente de baixa-ralé*!"

No estudo que faremos mais adiante, a quando da análise do movimento da **BALAIADA**, verificaremos que aos revoltosos faltaram *guias espirituais*, os líderes que os arrastaram a essa luta através de uma preparação sistematizada e persistente, e que, na hora da luta, não apareceram.

Sem Chefes de *porte social*, senhores embora de quase toda a província, esses atrevidos lavradores e vaqueiros e negros e índios maranhenses, que se revoltaram unindo-se a eles os povos mais afastados do Ceará e Piauí, – toda a vasa anônima que dois séculos de injustiças sociais e de desmandos políticos faziam fermentar, toda essa "vasa revolucionária", desceu dos mais longínquos contrafortes sertanejos, ou subiu à orla litorânea, dominou temporariamente a Província, mas acabou se desagregando única e tão

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

somente porque faltaram disciplina, e um comando intelectualmente orientado.

A sorte do governo firmou-se nesse "quase nada", mas que foi o tudo para os êxitos de tamanha empreitada.

As revoluções si não vencem no período de seu crescimento, no ciclo de seus ímpetos e rebeldias em marcha, falham, inevitavelmente.

No seu primeiro impulso ninguém lhes poderá conter o arrojo, máxime quando as revoltas nascem do subconsciente das multidões e encontram, como a **BALAIADA**, "afinidades" por parte.

Após essa fase, si não há um espírito de comando uma ação coordenadora e disciplinada desses ímpetos formidáveis do povo, haverá desordem no sentido trágico do termo; e, os mais nobres impulsos de revolta humana passam para o domínio das represálias do instinto. É a selvageria animal.

A revolta do vaqueiro Raimundo Gomes em um ano de crescimento venceu; mas, veio-lhe depois o período de involução.

Enfraquecidos no comando, sem o fortalecimento da disciplina, os rebeldes, após tão grandes êxitos, já não eram mais uma vaga prenhe de energias vingadoras, transformaram-se em grupos armados, desassociados e selvagens, assaltando aqui e ali, matando por matar, saqueando por destruir, invadindo lares por se vingar. Já agora, nesta fase aguda da revolução, desaparecia entre as hostes rebeldes a pureza daquele espírito de revolta coletiva, que se manifesta impressionante no trágico-sublime das multidões alucinadas, quando sacudidas por um ideal de justiça e Liberdade. Já não era mais a *massa* em ação reabilitadora; eram grupos em armas sob o mais brutal e inflexível desatino das hordas...

É aqui que a **BALAIADA** toma aspectos mais tristes, não só porque os seus responsáveis não tinham fôrça para contê-la, como a fraqueza do governo era o maior impulso aos desatinos dos amotinados.

A velha Província de João de Barros atravessava horas gravíssimas. Uma calamidade enorme pesava-lhe sobre o destino. Por todas as regiões o mesmo aspecto sombrio: espíritos e homens armados. Onde não haviam rebeldes, existiam rebelados; onde não se deram revoluções, motins se assinalaram.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A política partidária prosseguia avassalando os últimos redutos de pacíficos. Liberais e conservadores enterreirados nos seus pontos de vista, tornavam a ação dos poderes públicos absolutamente nula. Ninguém se entendia. Era o caos político e o caos espiritual. Só havia uma realidade crua: a luta desesperada entre *Cabanos* e *Bem-te-vis*. E assim fechou a revolução o seu primeiro ciclo de vida, que durou tanto quanto um ano de pleno crescimento.

*

* *

Os acontecimentos dramáticos do Maranhão iam já repercutindo de modo impressionante em todo o Império. A luta selvagem que se travava no território nortista fora aos poucos sendo focalizada nos jornais da corte. As atenções dos poderes públicos voltaram-se para aquela guerra que em um ano atingia os pontos mais afastados da província e ameaçava já os territórios vizinhos. Só a parte oeste do Maranhão permanecia fora da revolução. O restante estava ensangüentado. Nos grandes órgãos da capital do Império tiveram início as narrativas do que se passava nas terras maranhenses. O *Jornal do Comércio* e o *Despertador* publicavam extensos noticiários do Maranhão que vinham através de cartas, todas narrando o desolador estado em que se mergulhavam homens e coisas da província. Nessa correspondência de origem, aliás, governista, punha-se em destaque a fraqueza do Presidente Manoel Felisardo e a incapacidade do comandante das forças legais para jugularem a revolta.

_ "O presidente cada vez mais com o seu sistema de perdão seráfico, e os rebeldes rindo-se, insultando as nossas forças, engrossando à vista de nossa forçada fraqueza" etc.

"O Sérgio (comandante dos legalistas) cada vez confirma mais a opinião que dele fazemos, é um espantalho militar, é uma nulidade na sua profissão. Forte azêmola cá nos mandaram!" (Cartas de S. Luís de 27 de setembro de 1839 para o *Despertador*) .

E mais:

_ "No Maranhão o presidente não é uma autoridade é um nome".

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

– "O Comandante das forças de certo não é o homem de que precisamos para acabar a guerra que assola está província, porque com a fôrça que tem à sua disposição, si tivesse habilidade e atividade precisas, muito poderia ter feito".

Pede-se a mudança de governo e de comando:

– "... não há míngua de material, mas si o governo central nos não acudir com melhores administradores, não sei onde isto vai parar..."

– "Precisamos, a meu ver, de mais forças, de suspensão de garantias e de um presidente militar, ou antes de um hábil general".

Essas e outras notícias veiculadas pelos jornais do Rio levaram à Câmara dos Deputados, na capital do Império, a seguinte proposta, em sessão de 7 de outubro de 1839:

– "1 – Poder suspender no Pará as sociedades secretas e mesmo públicas para que tais sociedades se não pudessem estabelecer sem consentimento do presidente;

2 – Autorização para se poder no Maranhão e Santa Catarina deportar para fora das províncias e suspensão de várias outras garantias a respeito do Rio Grande do Sul."

*

* *

Só em 12 de dezembro de 1839 às vésperas justamente do 1.° aniversário de sedição de Raimundo Gomes é que o Regente resolveu o assunto nomeando o coronel Luiz Alves de Lima, (futuro Duque de Caxias), para Presidente e comandante das forças no Maranhão.

Recaia, assim, a escolha num militar afeito a tão importantes encargos.

A **BALAIADA** dominava o vasto território maranhense, mas para combatê-la ia, agora, um pulso de aço. ,

O que foi a ação política do novo Presidente já estudamos em nosso livro **"CAXIAS E O SEU GOVÊRNO CIVIL NA PROVÍNCIA DO MARANHÃO"** (34). A sua ação militar é por demais conhecida para se tornar aqui narrar, pois Caxias, em pouco mais de um ano extinguiu a **BALAIADA** numa ação enérgica

(34) Edições de 1943-1944 – Prefácio do Ministro Eurico Dutra.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

em que revelou, sobretudo, a sua visão política e a sua têmpera de militar. Os métodos empregados foram severos, porque o Presidente não sabia ceder como militar, apesar do seu espírito profundamente conciliador como cidadão revestido de poderes civis.

Assumindo a direção dos negócios públicos do Maranhão e do comando das forças em operações, deu logo novos rumos aos acontecimentos.

As lutas políticas que tão acesas iam quando a revolta sertaneja deflagrou cessaram. Inflexivelmente imparcial, sem nem querer saber o nome dos partidos dominantes, o novo Presidente agiu com o máximo de energia. Pôs em ordem a administração civil e militar e pessoalmente seguiu para combater os revoltosos nos seus pontos vitais.

É preciso, porém, salientar aqui a intensidade da revolta e também a têmpera de seus lutadores. Aqueles sertanejos broncos prosseguiam por toda parte com uma tal coragem e audácia, que a Caxias não foram poucos os meses de sacrifício para exterminá-los.

As raízes do levante, como teremos oportunidade de examinar, no decorrer deste estudo, eram por demais profundas para arrancá-las de só um golpe.

É certo que a **BALAIADA**, no seu segundo ano, já estava na fase da involução. Partiram-se todos os elos de cooperação entre os rebeldes. Já não eram eles uma fôrça subterrânea em articulação espiritual. Era uma correria cega e doida de homens armados e vivendo em grupos mais ou menos numerosos, em ação de pilhagem e vinditas. Na primeira fase a revolta se caracterizara por um espírito de profunda efervescência nativista, embora sacudindo as mais baixas camadas sociais. Era a massa anônima, a ralé, numa agitação, que teve as suas horas saturadas de anseios de justiça e liberdade.

Só depois, à falta de um comando intelectual, é que a **BALAIADA** mudou de curso e cresceu desorientada para cair nos excessos de todas as violências de que são capazes as multidões alucinadas e entregues aos seus arremessos de ódio e vingança.

É por isso que a ação do coronel Luiz Alves de Lima, apesar de se dizer ele "mais militar do que político", foi *mais* política do que militar. Não vai nisso

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

negar a sua formidável ação militar no que se refere ao combate à Revolta; essa ação foi realmente bem digna das laureais do ilustre militar. O que, porém, é fora de dúvidas é que a sua ação foi *mas política do que militar*. O seu gênio guerreiro viu logo, com uma acuidade profunda, que na política se achava a maior desordem da Província. Civis e militares apaixonadamente desavindos nas lutas partidárias brechavam toda a ação no combate à **BALAIADA**. Dessa desordem na política, nascia o enfraquecimento do governo, da fôrça para realizar a tarefa de pacificação na província. Caxias compreendeu que o maior drama já não era o do campo de batalhas, era o que existia nos espíritos cegos pela paixão partidária. Todas as reservas morais estavam desarticuladas. Havia desordem espiritual em alto grau. Entre os homens mais acatados dos dois grupos políticos existia um abismo.

Urgiam medidas salutares de reconciliação. Caxias sentiu isso de maneira realista. Colocando-se com absoluta imparcialidade entre os dois partidos impõe-se à confiança pública. E "servindo de paradeiro às exigências dos partidos, dizia ele, quebrei-lhes as forças e ambos me coadjuvaram". Compreendeu que o ódio não era só dos partidos, mas "antes das famílias", e, psicólogo, resolveu agir, primeiramente pacificando os ânimos, para, depois, pacificar os rebeldes.

Criado o seu ambiente de confiança, não foi difícil a Caxias resolver o caso militar. Nessa parte tomou medidas simplistas. Feito o cômputo dos rebeldes chegou, após um minucioso exame da situação, que atingiam estes "a 11 mil bandidos".

Para combater a revolta o coronel Luiz Alves de Lima tomou as seguintes providências por ele assim narradas:

"... Elevei a divisão pacificadora para oito mil homens com os apresentados e recrutados; estabeleci hospitais em todos os acampamentos, e melhorei o Hospital Central na capital, nos quais constantemente se trataram dois mil enfermos. Contratei médicos, cirurgiões e capelães; criei um depósito de tropas na capital; aboli as aparatosas brigadas e o comissariado geral de víveres; nomeei para os substituir comissões compradoras; e graças à boa economia não avultaram as despesas com este acréscimo de forças, etc. "

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Assim aparelhado, o futuro Duque de Caxias deu combate sem tréguas à revolução até extingui-la em todo o território assolado.

Durante mais de um ano a luta foi crua. As hostes legais tiveram de fazer um esforço enorme para combater os rebeldes e só a energia do comandante armado como se achava de poderes excepcionais conseguiu por termo a tão violento surto revolucionário.

A BALAIADA encheu com dois anos de lutas o território maranhense. Foi, sem a menor dúvida, um dos mais impressionantes capítulos da história, em que se revelaram naquela Vasta região nortista, em toda a sua plenitude, as forças secretas da alma do povo, que em horas tão graves se revoltam, enchendo de espanto e de horror, os mistérios do tempo e a serenidade da história.

*

* *

Prossigamos a nossa tese.

A larga faixa de território maranhense, que se estende em escalada para os sertões, e que é fartamente irrigada pelo rio Itapicurú, constitui, sem dúvida, uma das mais ricas porções de terra da legendária Província de João de Barros. Esse rio, que na língua dos primitivos donos da terra, quer dizer "*caminho eriçado de pedra*", representa, na história do Maranhão, o seu mais precioso veículo civilizador. As águas tranqüilas dessa caudal, como já assinalamos, banham léguas e léguas de chão farto, e, através de dois séculos, o Itapicurú conduziu nas suas águas os "germens" da maior parte da riqueza maranhense.

Há entre esse rio e o destino político do Maranhão uma constante e decisiva atuação. Poder-se-ia assegurar que o rio Itapicurú foi, até hoje, o maior e mais precioso influxo de energias na vida do Estado. A sua influência é típica e impressionante. O seu curso marca, no mapa da Província, uma linha, que poderíamos chamar de linha da vida...

Descendo dos rincões longínquos do sul maranhense, o Itapicurú descreve um gráfico decisivo no "painel" maranhense; abre-se em estirões enormes ou

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

espraia-se molhando e fecundando as mais pitorescas regiões, mergulha, por vezes, em trechos de matas virgens, ou descreve, aqui e ali, curvas enormes, como se quisesse, caprichosamente, aumentar o seu curso, para tornar mais difícil a posse de suas terras preciosas.

Foi, justamente, aí às margens fartas do Itapicurú, que a **BALAIADA** tomou o seu maior desenvolvimento. Apareceram, aos milhares, negros e mestiços de todas as castas armados para a luta. A revolta subiu rio acima, atingiu São Miguel, Coroatá e Codó; foi crescer em Caxias e Matões, e dai se alastrou, violentamente, por toda a região sertaneja, especialmente na vasta área compreendida no arco, que é formado pelo Parnaíba e o Itapicurú. A rebelião nessa vasta parte da Província, obteve seu máximo desenvolvimento.

Constituiriam, porventura; as populações daquela região um valhacouto sombrio de tarados e de bandidos? Será que o *Balaio* só por ter sido filho daquelas terras irrigadas pelo Itapicurú transmitisse a responsabilidade da luta aos habitantes de toda a zona? Seria ele mesmo um bandido? Seriam, também, bandidos todos os lutadores, que pegaram em armas, por ali?

Não é possível concluir-se pela afirmativa. É certo que a história do Maranhão regista vários motins nascidos naqueles pagos. As lutas no Itapicurú foram inúmeras, e, muitas delas tiveram até uma feição e caráter bem graves. Não são, porém, as revoltas e motins que caracterizam o banditismo, nem tão pouco se poderá julgar, em assuntos de história, um fenômeno, ou o estado psicológico de um povo, desprezando-se as origens que os determinam.

O homem da região itapicuruense não é e nem foi, jamais, predisposto ao crime. As influências da terra marcaram-lhe um destino de audácias e ascensão. No plano inclinado do território maranhense a região banhada pelo Itapicurú é feita de camadas sólidas. O solo é rijo. O homem dominou muito cedo a natureza, vencendo o rio. Plantou as suas lavouras, ergueu as suas fazendas, criou o seu gado, venceu galhardamente o ciclo do nomadismo, e, passou a viver feliz e com fartura.

As populações ali disseminadas eram e são geralmente de lavradores. Os próprios vaqueiros já não correm atrás do gado, como o vaqueiro nordestino.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Fazem o pastoreio *por obrigação*, e não *por espírito de aventura*. Cada vaqueiro; após as tarefas do campo, vai cuidar de seu roçado. Por outra parte, as fazendas e os engenhos se multiplicaram por todo o Itapicurú. A fixação do homem dessa região ao solo cultivado não foi coisa difícil. Com a facilidade de vida os sertanejos do Itapicurú não se dariam aos horrores da pilhagem. Vivendo em abundância e fixados ao solo, nada mais queriam.

O povoamento da área do Itapicurú se fez em dois séculos de lutas do homem para domar o solo. A verdade, porém, é que essa luta não foi infrutífera. A terra desvirginada produziu frutos insuperáveis. Daquelas terras, desceram as riquezas do solo e as dádivas da inteligência maranhense, e também, quando preciso, os mais decididos libertadores. Na guerra com os holandeses foram os povos do Itapicurú que libertaram a colônia; na guerra pela Independência foram ainda essas populações que tomaram a si a tarefa de nossa libertação. Como se vê, esse pedaço de geografia maranhense, tão prodigiosamente irrigado pelo Itapicurú, espécie de Nilo caboclo, não tem "contornos" para arregimentar bandidos. A psicologia da *gens*, que ali vive e trabalha, é a dos homens que domaram a terra inculta semeando nela a sua prosperidade agrícola. Os vários agrupamentos humanos, por lá ganglionados em povoados, vilas e cidade, fundiram o seu habitat ao calor do trabalho, e edificaram naquelas paragens ubérrimas, seus lares humildes ou abastados, porém; iluminados à luz de suas crenças imortais e de uma viva expressão de nativismo criador. O homem da zona do Itapicurú sempre amou a sua gleba, os seus domínios, e vive, desde os tempos mais antigos, preso às leis rijas da formação sertaneja. Naquelas terras, é sempre assim – o homem abre as portas da alma e do lar ao viajor, que passa, mas, também, sabe lavar com sangue as ofensas recebidas na sua honra.

Aqueles povos têm em seu favor mais de dois séculos de prestígio histórico: Firmaram-se nos seus domínios após um esforço enorme de sacrifícios inúmeros. A formação maranhense deve-lhes uma influência decisiva. Nunca se registrou entre essa densa população de caboclos maranhenses, ou de fazendeiros ricos uma inclinação para as aventuras do crime. Os episódios de lutas ali assinalados foram impulsos salutares, oriundos, na maioria, de

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

resíduos políticos. Todas as vezes que o Maranhão precisou da bravura de seus filhos, ou das reservas da sua inteligência foi, justamente, a zona do Itapicurú a mais pródiga de todas as zonas coletadas...

Quando se deu o levante da **BALAIADA** a zona do Itapicurú era, sem dúvida, a mais próspera da Província. As suas fazendas, os seus engenhos, as suas lavouras e o seu comércio atingiam plena maturação. Nos campos de criar o gado era abundante e por toda parte havia um dinamismo construtor. Fora das perturbações provenientes das lutas da político-partidária, sempre extremada por toda a Província, só alguns levantes de negros quilômbolas perturbavam a paz daquelas terras.

Sob o ponto de vista social, e especialmente, do desenvolvimento da riqueza, o clima era de absoluto progresso.

Ora, em tal situação de franca prosperidade real que ia beneficiar indistintamente a todas as camadas sociais da zona, não é cabível se erguessem em armas a maioria quase absoluta dos camponeses do Itapicurú, antes tão aferrados ao labor agrícola, e somente para o roubo, para o assassinato e a rapinagem. Seria absurdo que um povo de formação rija, prezando a honra e a propriedade alheia, rompesse, assim, abruptamente, com todo o seu passado histórico, e jogasse fora o seu patrimônio moral, assim, sem mais nem menos, de um dia para outro, para se entregar aos excessos de depredações e assaltos aos bens alheios. Nem se diga que a **BALAIADA** fosse o primeiro surto de revolta ali verificado, pelo que tivéssemos de levantar a hipótese de que fosse essa; realmente, a primeira vez que se ofereceu *uma oportunidade* para deflagrar naquelas almas os instintos primários, ou as taras de criminosos e bandidos.

Vários motins nasceram no Itapicurú. A influência dos agentes liberais bem cedo atingiu àquelas plagas. Revoluções se fizeram por lá, porém, nunca se manifestaram nelas o *gosto pelo crime*. Por que, somente agora com a **BALAIADA** haveria de se revelar aqueles sintomas de banditismo? Só por que foi uma revolta caracteristicamente do povo? Mas, o povo, pelo fato de ser povo, e de se rebelar, não assume, por isso, uma feição diferente na luta, no que se refere aos seus objetivos. O povo poderá, como povo, praticar desatinos

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

e crimes, mas, ainda assim, esses "desatinos e crimes" não definem um caráter de banditismo.

Os *balaios* do Itapicurú não entraram na luta pelo sabor da luta. Foram conduzidos pelo mesmo contágio, que, tantas vezes na história, arrastou as multidões para os vórtices das maiores calamidades públicas.

A rebeldia é algo de loucura. É justamente por isso que é uma fôrça inconsciente. Domina, empolga, traumatiza, e hipnotiza e sacode a milhões de almas. Sob a sua influência o homem poderá cometer atos de bandidos, sem nunca ser bandido!

Na **BALAIADA** a zona do Itapicurú foi a mais pródiga de todas as contribuintes de guerra. Deu o grosso dos revoltosos; mas, si é certo, que muitos deles foram bandidos, a maioria não queria o roubo nem a pilhagem, porque, apesar de toda a primitividade agressiva dos lutadores, havia, naquelas almas rudes, algo de uma justa reivindicação.

*

* *

As terras altas dos sertões maranhenses também não dão *clima* para o banditismo. São plagas amenas, em que a vida é uma expressão de constante fertilidade. Aquelas terras descobertas pelos antigos sertanistas, que vieram das margens do S. Francisco, na conquista dos domínios transparnaibanos, foram chamadas de "pastos bons", pela magnífica situação de seus campos apropriados para a criação de gado. Clima magnífico, e de uma suavidade deliciosa, superabundância de água, aquelas terras abrigaram os seus desbravadores, dando-se a eles com tais vantagens, que de logo nela se fixaram plantando ali inúmeras fazendas que foram, mais tarde, origem dos primeiros núcleos do povoamento sertanejo.

A marcha para oeste, encaminhada por Dom Francisco de Almeida, governador de Pernambuco, conduziu a emigração baiana e pernambucana que "Transpôs o Rio Parnaíba e fundou na margem esquerda dêsse rio, em 1764, uma vila em cujo largo centro edificou monumental templo católico, destinado a atos religiosos e reuniões deliberativas".

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

"Tendo a Carta Régia de 29 de julho de 1758 (a que criou a capitania do Piauí) determinado que a margem esquerda do Piauí ficava pertencendo à Capitania do Maranhão, nenhuma dúvida houve em 1764 quanto à jurisdição a que pertencia a nova vila".

"Pastos Bons" surgiu assim, a principio como denominação de toda a extensão interminável das terras, que se iam perder nos mais afastados rincões do Tocantins, rio que as bandeiras paulistas atingiram e que "encontrando-o nas cabeceiras, supuseram ser o Maranhão, descoberto por Vicente Pinzon em 1500, descido por Orellana em 1540..."

Dêsse primeiro núcleo as *entradas* partiram e conquistaram grandes áreas de território maranhense.

"Pastos Bons", essa primeira vila de povoamento do alto sertão maranhense, irradiou a sua influência das margens do Parnaíba ao alto e baixo Itapicurú, das ribanceiras do Alpercatas ao Tocantins e Araguaia. Foi o centro civilizador dos sertões, a cabeça política daquelas plagas.

Carlota Carvalho faz, assim, o histórico da secular vila maranhense:

"Foi sede de governo colonial, residência do capitão-mor; teve aquartelamento e permanência de muita fôrça militar vinda do Maranhão e aumentada por engajamento e recrutamento.

"Foi, depois, a sede do governo civil (cabeça de comarca) de todo o sul do Maranhão, dividido, atualmente em seis ou sete comarcas .

"Muito decaída de sua passada grandeza, existe ainda a vila que foi naquele tempo a sede de um governo central. "Aí o nativismo dos independentes de 1823, enganados e ludibriados pela adesão, sonharam em 1835, uma república nacional e democrática, que ficou em idealização abstrata.

"Pastos Bons é uma reminiscência histórica mal zelada por seus filhos. Existe quase esquecida. Tem o valor de um monumento, que desperta recordações umas sentimentais, bucólicas; outras prazenteiras, alegres;

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

algumas tristes, dolorosas, com o suplício dos prisioneiros de 1840; e até entusiastas como esse sonho "da República de Pastos Bons". (35)

Evidencia-se que os povoadores do sertão maranhense, procederam dos sertões da Bahia e Pernambuco. Eram, pois, pernambucanos e baianos, sertanistas nordestinos.

O espírito de aventura os conduziu através de todo o Piauí e, atravessando o Parnaíba, foram plantar os seus currais nos famosos *pastos bons*.

Vingando as terras maranhenses esses *bandeirantes* do nordeste ficaram deslumbrados diante da fertilidade da região atingida.

Sacudidos pelo clima das plagas nordestinas, tostados de sol e impelidos pelo nomadismo para fora de sua *geografia*, os sertanistas de Domingos Afonso Sertão, – fundador de *Pastos Bons* – deslumbraram-se na posse da Canaã conquistada, que segundo as *Memórias* de Manoel Antônio Xavier era "aquele terreno tão fértil e o clima tão temperado, basta só dizer que um pé de algodoeiro ali dá sucessivamente até 15 e 20 anos, melhor algodão e maior carga de fruto, quando de "Aldeias Altas" para o Norte apenas dá de dois anos, quando muito três, e mal chega aos quatro anos".

Tão magníficas eram as terras que na descrição feita por Joaquim de Melo, em 1767, ele assevera "serem tão boas aquelas terras, porque os moradores delas não roçam mais que uma só vez na vida e ali fazem todos os anos as suas plantações e sempre as terras as produzem à imitação da Europa".

Compreende-se, perfeitamente, o que se deu depois: os primeiros povoadores, filhos das terras ardentes do nordeste, prenderam-se muito cedo ao novo *habitat*. Ao contato daquele clima delicioso e sob as influências do meio ambiente foram aos poucos se amolentando, perderam a rusticidade de *bandeirantes*, e acabaram vencidos da terra, a ela jungidos e presos e modificados por ela, ou pela estranha magia de suas forças irrechassáveis.

Nasceu, dêsse *aventureiro* nordestino; o homem dos sertões maranhenses. Surgiu do *nômada*, o homem que se fixou ao solo, lutando, como leão, pela posse do terreno, e, evolvendo aos poucos, de geração em geração, chegou a

(35) Carlota Carvalho – Sertões, pág. 19.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

dono de fazendas de gado, senhor de numerosos escravos. Começou, assim, a primeira organização econômica e social dos sertões maranhenses. Firmou-se nos currais e nos roçados. Todo aquele espírito de aventura das *entradas* se dissipou. O homem transplantado das margens do São Francisco para os *Pastos Bons* transparnaibanos começou a defender com ardor enorme as suas posses de terras. Brotou, de maneira violenta, o espírito nativista, e foi, por isso, que os sertanejos maranhenses, nas lutas independentistas, escreveram páginas admiráveis de bravura e de sacrifício. Tais e tantos foram os seus pendores nacionalistas, que até sonharam com uma república, muito antes do Império!

Não é possível, de ânimo sereno e com imparcialidade se *admitir* que desses povoadores saíssem hordas de bandidos através dos séculos a, dentro. O normal é que há sempre evolução do pior para o melhor. A lógica da história assinala que os povos marcham da barbaria para a civilização. Como, pois, aceitar que desses homens fundadores de povoados e de vilas maranhenses, saíssem as *piaras* de milhares de bandidos?

Já vimos, na primeira parte estudo, que na vasta área sertaneja, o homem do Maranhão, até hoje vive uma existência patriarcal. As virtudes lares e as divisas da honra e da bondade formam, no homem do sertão, o seu mais belo aspecto moral e intelectual. As populações sertanejas comandam um destino. Caminham seguras de suas possibilidades, e, no arrojo dessa caminhada, à medida que avançam, mais e mais se apegam à terra.

Não há no homem sertanejo desequilíbrio de glândulas. As funções de sua trama sensorial não se alteram. O clima atua de modo criador sobre esses aglomerados humanos, de tal maneira que se confraternizam, quase existindo entre eles vida socialista, tais os princípios de solidariedade que observam. Ligados profundamente à Mãe-Terra perderam aquela agilidade e inquietação antiga do nordestino e passaram a viver serenos e calmos, embora capazes de largos gestos de bravura, e, também, de impressionantes atitudes romanescas.

Essa, a psicologia do homem do sertão. Amigos leais, intransigentes nos imperativos da honra, são nobres na luta, cavalheirescos nos seus idealismos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Incapazes de traições, não ofendem os bens do próximo nem a honra alheia. Há um código sertanejo que dita a conduta do homem: não ceder em questões de honra. O *Bandido* não pode proceder de homens como esses. O bandido é um anormal. Mata, por covardia, ou por sadismo cruel. Não se arregimenta para cooperar, age para destruir. Não se fixa, porque é, justamente, por causa de sua mobilidade que ele atua no mal.

Os *balaios* não eram bandidos sertanejos. Toda a enorme massa de homens que desceram dos *Pastos Bons* reunidos em luta armada, eram pequenos lavradores, vaqueiros e até donos de fazendas de gado!

A verdade histórica é essa.

Si esses rebeldes sertanejos passaram à história apelidados de bandidos, a culpa é a da mentalidade da época em que surgiram de armas na mão para repelir o opressor e a tirania política que os esmagavam. Numa terra em que predominava o preconceito de casta, até mesmo entre os lideres tidos e havidos como liberais, e, em que o português, de olhos voltados para Lisboa, dominava em toda a província, não é possível passasse à história essa gente da "baixa-ralé" que se rebelou senão, assim, crismada de bandidos! ,

Todo o nativismo porventura nela existente, ou todo nobre impulso de luta pela liberdade e pela justiça desapareceriam, fatalmente, perante a mentalidade dos descendentes de *nobres cidadãos do Porto*, e, perante um governo que armou até estrangeiros para combater os rebeldes maranhenses, como se lê da História escrita pelo professor Ribeiro Amaral:

... "Foi também nesta ocasião que, acudindo ao apelo do governo, sob o título de "Batalhão Provisório Auxiliador", — teve lugar nesta cidade (São Luís do Maranhão) a criação de um batalhão de estrangeiros, composto na sua quase totalidade de portugueses, e de que era comandante o major **ANTÔNIO JOSÉ DE CARVALHO**, que mais tarde aqui faleceu já no posto de brigadeiro".

Há mais ainda os seguintes ofícios:

"Ilmo. & Exmo. Snr.

Rogo a V. Excia. se digne declarar-me o motivo porque nesta capital se organizou um corpo de Portugueses com o título de Batalhão Provisório Auxiliador; se este Corpo é ou não considerado

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

como tropas do Brasil; se recebe soldo, ou pensão, e, finalmente, se os indivíduos que nele figuram de oficiais sob a designação de primeiros, segundos e terceiros comandantes de Companhia, têm alguma patente passada pelas autoridades do Império, ou receberam condecoração por virtude de seus postos e quem lhes conferiu estes.

Deus guarde a V. Excia. — Vice-cônsul de Portugal no Maranhão, em 3 de dezembro de 1839. Ilmo. Exmo. Sr. Manoel Felisardo de Souza e Melo, D. Presidente da Província.

José Gonçalves Franco."

"Ilmo. Snr.

Em resposta ao seu ofício de 3 do corrente tenho a comunicar-lhe que o Batalhão Provisório Auxiliador, composto de Estrangeiros e Nacionais é uma reunião voluntária de homens que receberão certa organização para defenderem suas vidas e propriedades se desgraçadamente forem postos em perigo pela invasão da *horda bárbara* que assola o interior desta província.

Deus guarde a V. Excia. — Palácio do Governo do Maranhão em 4 de dezembro de 1839 — Manoel Felisardo de Souza e Melo — Snr. José Gonçalves Franco — Vice-cônsul interino de Portugal."

*

* *

Aí está. Não é preciso dizer-se mais do que isso. E concluir esta parte da tese: o Maranhão não tem geografia para dar bandidos e banditismo.

*

* *

Os grupos armados, que movimentaram nos sertões a luta dos *Bem-te-vis*, não eram constituídos de elementos, propriamente, do crime. É preciso assinalar bem isto, que a revolta nasceu e se alastrou coletando "*gente da mais baixa ralé*", porém; a maioria quase absoluta dessa "gente de baixa classe" já vivia fixada ao solo, tinha a sua conexão com a terra, nos vários

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

zoneamentos de onde procediam, e toda essa massa agitada e rebelada era um aglutinado irrequieto de caboclos lavradores, vaqueiros, artesãos, e até abastados fazendeiros. É certo que à revolta se uniram centenas de bandoleiros, resíduos humanos desses muitos que desciam, de quando em quando, das plagas nordestinas, impelidos pelo espírito de aventura e vinham exercitar os seus instintos primários nas correrias pelas terras do alto Parnaíba. Dos sertões de Pernambuco, Ceará e Bahia, grupos de bandoleiros desciam, às vezes, em incursões, até os extremos do Piauí. O Maranhão, raramente sofreu os efeitos dessas *razias* da gente nômada em ação armada. São raríssimos os casos dessas organizações armadas em território maranhense. A terra, com a sua *poderosa fôrça*, como que amolenta ao seu primeiro contato os que a ela vêm, e de tal forma modifica a índole dessa gente, que nas populações o que mais nos impressiona é o *sabor da terra*. Verifiquei, durante cinco anos em que vivi; no alto sertão maranhense, esse enorme apego do sertanejo pela terra, fenômeno de adaptação e fixação que não é igual na zona da baixada. As brigas e desavenças mais comuns na região do alto Itapicurú e Alpercatas são justamente por questões de terra. Os foros são movimentados quase que exclusivamente por essas disputas pela posse da terra. São latifundiários que invadem as posses de outros, ou são *posseiros* que retiram as extremas do vizinho, ou brocam roçados em terras de outros donos. Vêm dessas lutas os crimes de morte; ou os atentados à propriedade alheia. É bem original, no alto sertão, esse acentuado apego ao solo. Não há maior patrimônio nem mais sagrado para o homem do alto sertão do que a sua propriedade, as suas terras, que passam de geração para geração como legado de família. São guardadas as mais preciosas escrituras de terra em latões de folha-de-flandres, documentos que, em mapas primitivos, assinalam os limites de cada *posse*. Muitas dessas terras de lavouras ou de campos de criar foram "descobertas", há mais de século, pelos velhos sertanejos tataravós de numerosos caboclos lavradores, ou campeiros. São respeitosamente conservadas venerandas árvores, ou troncos anosos e enormes pedras fincadas no meio dos matos, por assinalarem os rumos das posses de terra. Naquelas terras os agrimensores, até hoje, não meteram a

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

sabedoria dos seus trânsitos para as demarcações, mas, mesmo assim, o sertanejo sabe, onde ficam as suas propriedades e discutem com absoluto apego à terra os seus limites, acontecendo não raro verter o sangue pela posse e conservação do que recebeu de herança de seus antepassados. Já assinalamos, neste ensaio, as curvas psicológicas da gente que se rebelou no Maranhão. É a mais clamorosa das injustiças essa que os historiadores oficiais, ou os políticos da época e os cronistas apressados, cometeram até então, classificando os balaios como simples criminosos.

O crime dessa gente foi de mera sedição, e não crime comum de salteadores. As diretrizes da **BALAIADA** não foram estudadas até agora, e a sua orientação não se acha suficientemente esclarecida nos que a estudaram; e, tudo isso, porque aos homens da época e aos que depois escreveram sobre o assunto, esse movimento não foi compreendido, não pôde ser mesmo compreendido pelos julgadores do tempo em face dos preconceitos dominantes na sociedade e na política, e nem pelos que apreciaram depois a revolta, por um lamentável desinteresse no estudo de um fenômeno social, que passou á história como um fato desprezível, oriundo da gente baixa na escala social.

Os vários escritos acerca da **BALAIADA**; dão-lhe sempre, sistematicamente, os mesmos rumos, na apreciação do episódio, e repetem os mesmos erros na classificação dos acontecimentos. Uma visada, porém, mais profunda, e serena nesses mesmíssimos escritos verifica-se o flagrante das objurgatórias cheias de tamanha contradição que uma expressão de revolta nos domina diante de tão injusto apreciar dos nossos fatos históricos. Como iremos ver mais adiante há uma absurda divergência entre os vários escritores que trataram da **BALAIADA**. Há coisas tão chocantes; que bem evidenciam a olhos nus o gosto novelesco de quem escreve, o exagero da imaginação dominando assuntos históricos .

O Visconde de Araguaia, por exemplo, escreveu com tanta paixão e exagero sobre os *balaios*, que dá como fato histórico o absurdo deste caso para acusar os *Bem-te-vis* como bandidos:

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

... "Um só fato apontarei: a um mísero ancião octogenário cortaram o ventre e nele coseram um leitão vivo, que lhe roía as entranhas; esta recordação horrível de um suplício tártaro foi feita ante os olhos dos filhos e da esposa do desgraçado velho e nem o deixaram os frios algozes, que galhofavam, nem o ver exalar o último expiro no meio de cruéis vascas e dolorosos gritos da família, que além dêsse martírio foi espancada em despedida." (A Revolta. Cap. X, pág. 49) .

Não é preciso mais nada para se ter, aqui, a noção perfeita dos exageros dramáticos do Visconde de Araguaia, para narrar os *crimes* dos *balaios*.

Essas cores assim tão vivas não são aliás para se estranhar em Domingos de Magalhães, o primeiro poeta, em data, do romantismo brasileiro...

*

* *

Na apreciação do movimento revolucionário dos *balaios* foram unânimes os historiadores em classificar os sertanejos maranhenses como uma simples horda de bandoleiros, que se ergueram em armas para o roubo e assassínio.

Nada mais injusto, quanto errado, no domínio dos estudos históricos, do que essa condenação, assim, *in limine* dos *atos e fatos* de uma época, ou de um povo, sem uma análise e crítica, ou um estudo consciente e humano dos acontecimentos .

Não há porque exaltarem-se as rebentinas, por exemplo dos farroupilhas, ou os sabinos, na Bahia, e deixarem para o plano dos bandoleiros os pobres caboclos maranhenses, só porque eram elementos de baixa classe, massa anônima de trabalhadores e de negros em ação tão ilegal quanto aqueles, mas também sacudidos, na luta, por interesses comuns, na defesa de seus direitos, em franca solidariedade, brutal, mas humana, contra a violência e opressão de sua época.

René Allendy assinala em seu livro "**O CRIME E AS PERVERSÕES INSTINTIVAS**", que a vida "é um espetáculo de luta" e a violência uma característica do mais forte. Nesses dramas de luta, que variam e se manifestam, por toda parte, na escala evolutiva dos seres, acentua-se uma estranha fôrça de coesão ligando fortemente entre si os elementos oprimidos,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

que se unem, num como pacto de reação, sejam mesmo os mais humildes na sociedade, criando-se, assim, em face do *direito do forte*, si é que é um *direito*, o direito do *fraco* que é também um candidato à vida!

Essa solidariedade social assinala-se entre os próprios animais, que começam por não se hostilizar entre os de sua mesma espécie, e, nasce daí a defesa mútua, entre eles, lutando todos, decididamente, contra outros grupos agressores. Sob esse aspecto são notáveis os estudos de Meterlinck acerca das formigas e abelhas.

Na escala humana, verifica-se, à medida que os povos avançam e crescem em civilização, aquele *mesmo direito* dos fracos contra os fortes, manter-se vitorioso nas sociedades. Que são as *leis* elaboradas para a própria segurança da coletividade, senão reações contra os excessos dos mais fortes.

"As sociedades têm assim elaborado suas leis em virtude das quais o indivíduo que exerce um abuso contra um outro vê erguer-se contra ele toda a força pública para o conter e o punir. Desta reação nasceu a noção de crime. O crime em sua definição atual designa um ato previsto e condenado por lei penal".

Como se evidencia a noção de crime é arbitrária, depende muito das convenções sociais, pelo que está sempre o crime condicionado a uma circunstância.

Um mesmo ato poderá ser, ou não criminoso. Matar um homem, por exemplo. É um crime, si a *circunstância* não for legal. Matar por vingança, por instinto perverso. Matar em legitima defesa, ou porque foi ordenado por lei, e por autoridade legítima, já não seria crime. (36)

Isto posto, chegaremos à conclusão de Lombroso, que todo homem é um criminoso ocasional...

---

(36) Um mesmo indivíduo pode ser hoje o executor da lei, e amanhã atentar contra ela. É, pois, a circunstância que define o criminoso e o crime. Vem, aqui, a calhar, um caso típico: o de **Feijó**

Caxias, quando o foi prender, traduziu de maneira inconfundível, o valor jurídico da circunstância, na apreciação de um fato histórico de rebeldia.

— "Então, General, ontem ao lado do povo, hoje contra êle".

— Engano, Eminência ontem ao lado da lei, hoje ainda ao lado da lei!"

Aí está: Caxias foi sempre o executor da lei, Feijó, porém, ficou a se rebelar, contra a Lei. Tornou-se, por essa circunstância: criminoso!

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Quad naturam o homem tem "um gosto acentuado para a violência"... Há um estranho sabor em mostrarem-se os homens como dominadores, ou sempre como o mais forte.

Freud acha nisso umas raízes profundas de sexualidade, um sadismo comum a todos. Essa tendência da humanidade para a *ferocidade* revela-se a cada instante. Basta que se lhe quebrem os *elos legais de controle* para que apareça em toda a plenitude de sua brutalidade até nos que eram antes, como assinala René Allendy, *pacatos pais de família!*

Durante as guerras e revoluções aquele instinto de *ferocidade* atinge, por vezes, o paroxismo. As matanças e execuções em massa, os fuzilamentos sumários de centenas e centenas de *reféns*, agora por ocasião desta guerra, confirmam de maneira impressionante os estudos do livro d'Hamon sobre a *psicologia do Militar Profissional*. Hitler e seus asseclas após se proclamarem supercivilizados, com a pretensa exaltação de uma raça pura, deram ao mundo a mais dramática experiência de absoluta selvageria.

Esse *gosto pelo crime*, essa ferocidade tão peculiar aos, indivíduos, quando se lhe rebentam os freios morais e legais, tornam-se mais acentuados nas multidões.

Scipio Lighele, segundo Allendy, em seu estudo intitulado "*A Multidão Criminosa*" compara esta ferocidade coletiva à loucura coletiva das seitas místicas, dos *clubes* dos suicidas. "A Multidão, diz ele, é predisposta por uma fatal lei psicológica, mais para o mal dó que para o bem. Há na multidão uma tendência oculta para a ferocidade".

A **BALAIADA**, como "multidão", teve essa *ferocidade coletiva*. Os seus elementos, por sua vez, a exercitaram na luta. Nas demais revoluções do mesmo ciclo da ***BALAIADA***, – época da Regência – aquela *ferocidade* também existiu, com os mesmos característicos psicológicos de todas as atrocidades cometidas pela massa. As circunstâncias políticas eram as mesmíssimas, e, os *rebeldes* (não importa, aqui, a que espécie de rebelião pertençam) *todos eles*, na luta, foram impelidos para a *ferocidade* por iguais operações psicomotrizes, e, portanto, tanto a ***BALAIADA*** como as *outras revoluções* da época, quaisquer

BIBLIOTECA PÚBLICA
BENEDITO LEITE
DOAÇÃO

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

que sejam, são, perante o Estado, *crimes*, e como sempre criminosas serão todas as rebeliões, que não se tornem vitoriosas.

Sob esse aspecto não é justo atribuir-se somente aos *balaios* todo o horror da história, aos seus crimes oriundos da natural *ferocidade* existente em todas as multidões. Os *balaios* surgiram como as outras rebentinas do período da Regência, sob o mesmo contágio. Eram afinal todas essas rebeliões contra as leis do Estado, tanto que o Estado as procurava esmagar, pelo que, mais uma vez, se evidencia o caráter também político do crime. O criminalista Corre, acha que o crime aumenta ou recrudesce nos períodos agitados da política ou das grandes crises econômicas, como logo após as grandes guerras. Quintilio Saldana diz, por sua vez, que como fenômeno político "o crime é o resultado de um regime moral, político, social e econômico. Sob esse ponto de vista, todo crime é um fenômeno político porque é sempre o resultado de um de seus fatores". Vindo ao encontro do autor da *Evolução do Crime*, Tristão Burrow aprofunda mais o mesmo enunciado, acrescentando que "o crime, como a loucura, é uma doença do indivíduo que implica na responsabilidade da sociedade inteira".

O Julgamento, pois, da *ferocidade* dos *balaios* não poderá fugir aos princípios julgadores, que devem presidir na aferição de toda *ferocidade*, seja ela de quem for. A justiça deve ser igual para todos. Não é possível exercer a lei com todo o rigorismo para os homens de classe inferior e com absoluta tolerância para os *gros-bonets* da sociedade. É por isso que os gregos fizeram Temis, cega. Para não *ver* o julgado, ou o criminoso, mas não na fizeram surda, porque ouvindo poderia, mesmo sem ver o réu, julgá-lo conscientemente...

Para a escola clássica de Beccaria "o crime não se impõe à pessoa, mas é obra da vontade humana".

Na apreciação dos *balaios* devemos julgá-lo com o mesmo critério de julgamento adotado na história, com relação aos demais rebeldes. Julgar a obra revolucionária, e não somente a *pessoa* do revolucionário. A deturpada apreciação daquele movimento revolucionário do Maranhão nasceu do preconceito dos julgadores, da caracterizada má vontade com que os rebeldes

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

foram estudados. Não se encarou até agora o fenômeno social, as causas e razões do levante maranhense. Viram-se apenas os aspectos dos lutadores: "gente da mais baixa ralé", isto é, lavradores, vaqueiros, negros fugidos. Será que nessa massa anônima não poderia haver um *direito* a reclamar, contra uma injustiça manifesta? Mas, a posse do direito não se obtém sem luta.

Shering afirma isso categoricamente:

"Todo direito do mundo tem de ser adquirido pela luta estes princípios de direito, que hoje estão em vigor foi necessário impô-los pela luta aos que não os aceitavam, motivo porque todo direito, tanto de um povo como de um indivíduo, supõe que o indivíduo e o povo estão dispostos a defendê-lo .

"As conquistas, enfim, da civilização se fazem sempre pela posse de um direito, que "*não é lógica, porém, idéia de fôrça*", e toda luta, pacífica ou armada, é sempre entre dois indivíduos ou povos ou grupos que lutam, pela posse do direito de justiça, contra o "direito" do injusto"...

Não lutariam também os balaios pela posse de um direito? É o que iremos estudar mais adiante, quando analisarmos os objetivos da rebelião. O que importa apreciar, agora, é a *criminalidade* que é, afinal, uma *expressão psicossociológica* de adaptação dos indivíduos à lei. O *criminoso* é pois, um inadaptado, e o crime uma fuga da lei.

É fácil, portanto desdobrar o nosso argumento de um modo mais objetivo. Perante o julgamento da história a ***BALAIADA*** deve ser encarada, abstraindo-se dela, toda idéia, de *inferioridade* de seus elementos, mas apreciando-a como realmente deve ser: uma pura e simples rebelião. Ora, uma rebelião é, antes de tudo, uma reação contra uma ordem legal, e, portanto, uma *inadaptação*, isto é, um crime, e como tal deve ser punido pelo Estado. Ora, perante a história não deverá haver distinção entre rebeldes e rebeldes. Basta, ser "ilegal", o ser "rebelde". Logo, os *balaios* e os *farroupilhas* ou os *sabinos*, considerados como elementos rebelados são iguais perante a história, porque, são igualmente "ilegais". O que os diferencia são os motivos e objetivos da luta as curvas de *crescimento* de cada rebelião e, mais ainda a consciência de *responsabilidade* de cada grupo rebelado e os seus métodos de ação.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Na **BALAIADA**, como noutra qualquer revolta, há os mesmos impulsos da multidão em suas graves horas de rebeldia. Não há *massa* rebelada, já ó demonstramos, que seja consciente, que não seja capaz de um gesto de *ferocidade*. Si fôssemos aferir o grau de civilização de um povo pela ferocidade de seus motins, não encontraríamos um só que atingisse o grau chamado civilizado! Na história do Mundo, não há povo que não se revoltasse. As revoluções são, até sob certo aspecto, índices de evolução. Não há revoluções pacíficas; juridicamente elas atentam contra *uma ordem* dominante, e, si atentam contra *essa ordem* é reação, e, sob o ponto de vista dessa ordem, essa reação é "ilegal".

Na Índia, por exemplo, Gandi, instituiu a resistência pacífica. É isso, sem dúvida, uma revolução branca, poderá não haver luta armada, mas a verdade é *que A Resistência Pacífica*, julgada como reação à ordem existente, ou imposta pelo domínio inglês, é "ilegal". Poderá ser uma revolta conduzida por uma causa nobre; mas, enquanto não destrói a ordem que ela combate é *criminosa* perante esta que a repele. Verifica-se aqui, mais uma vez, o valor da *circunstância* no julgamento de um *crime*. A *Revolta* em si é um *direito*. É a manifestação de uma *liberdade*. Todo homem, e porque não dizer, todo ser, é *livre* para se rebelar. A rebeldia, assegura Ingenieros, é a *disciplina do caráter*. Mas, ninguém se rebela, só pelo gosto da rebeldia. É preciso que haja um choque de direitos, que provoque a *necessidade* de mudar um direito por outro, porque direito, segundo Shering "será eternamente o *mudar*". Ora, os conflitos nascem pois dessa *mudança*. Si vinga o ímpeto de mudar, deixará de haver uma ilegalidade, porque desaparecendo os direitos da ordem combatida, passará a vigorar em face da mudança, e a ser legal, o que antes era ilegalíssimo. Evidencia-se, assim, que o direito é como Janos, tem duas caras... A luz destes raciocínios chegamos, afinal, à esta conclusão simplista: uma rebelião é o direito de um grupo, que pega em armas para mudar o direito de outro grupo dominante. Si é vitoriosa, torna-se a mudança legal, si fracassar, é legalmente criminosa.

Sob o aspecto jurídico não há porque achar diferença entre a **BALAIADA** *e todas as demais revoluções cíclicas da época da Regência.*

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Conclui-se, logicamente, que si as rebentinas da época foram tidas e havidas pelos historiadores como revoltas comuns de brasileiros, sacudidos por um idealismo qualquer, a **BALAIADA**, também, o foi, mesmo que seus combatentes nos apareçam como homens rústicos, caboclos broncos dos sertões maranhenses, mas igualmente brasileiros, que se arvoraram de armas na mão convictos de que lutavam também na defesa de seus ideais de justiça e liberdade.

Esclarecida, dessa maneira, a situação jurídica da **BALAIADA**, acreditamos que ninguém de ânimo sereno, possa ainda classificar a revolta dos sertanejos maranhenses de banditismo .

Si a **BALAIADA** como "movimento" ou como *rebelião* em si, na acepção jurídica do termo, não foi um surto de *banditismo*, mas somente, como toda *revolução derrotada*, uma *ilegalidade*, resta-nos saber si foi um surto de banditismo, encarando-a, agora, sob a concepção sociológica.

A rebeldia é um fato social normal. Cada membro de uma sociedade tem direito a livremente se manifestar, pensar, querer algo, que não seja uma usurpação do bem estar geral. A isto, a discordar, enfim, dos demais, chamaríamos, talvez, *evolver*. Ora, a evolução é um fenômeno normal. É mais do que isso: evoluir é mudar, e *mudar* é sempre uma luta, exige um esforço, e, por vezes, conflitos e atritos.

Numa sociedade esses conflitos são normalíssimos entre indivíduos e até entre grupos. É que, a evolução pressupõe uma diferenciação de tipos sociais; porque nem todos os elementos componentes de uma sociedade poderão evoluir na mesma escala e atingir, portanto, o mesmo crescimento e altitude. Verificam-se, por isso, numa mesma sociedade, vários níveis de crescimento social, ou vários tipos evoluídos, cada qual sujeito à sua "fase" de evolução.

A rebeldia é, portanto, variável nos seus impulsos e efeitos neste ou naquele tipo social determinado, conforme a fase correspondente à sua evolução.

Ora, segundo a concepção de Durkheim em suas *Regras do Método Sociológico*, "a criminalidade é um fato normal". Mas, o crime si é normal torna-se, porém, condicionado às leis da evolução de cada tipo social

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

determinado. Não seria possível admitir-se uma sociedade isenta de crimes. Mas, os crimes diminuem à medida que crescem na sociedade e entre os membros dela o respeito à dignidade humana; pelo que, si o crime está ligado "às condições fundamentais de toda vida social" os sentimentos coletivos devem ser apurados e quanto mais se apuram estes, mais elevam a evolução da moral e do direito e a sociedade lucra, aperfeiçoando-se no uso de suas justas rebeldias.

Essas rebeldias não devem ser consideradas um mal, porque são necessárias para dar constante plasticidade ao organismo social em marcha evolutiva. Para os excessos desses impulsos há os meios normais de controle criados pelo convênio da maioria componente das sociedades humanas. Seria o que chamamos o *remédio penal.* A conclusão nos parece lógica: Si a rebeldia é normal nos indivíduos, e si o crime está "ligado às condições fundamentais de toda a vida social", não há tipo social que não esteja sujeito a rebelar-se ou a praticar um crime. Acontece, porém, que o crime é inadaptação a uma lei da sociedade, e como tal fere o direito geral de *toda a coletividade*, ao passo que a rebeldia é uma inadaptação a uma ordem legal, ou melhor, uma reação particular de um grupo ou indivíduo de uma coletividade contra uma ordem ou norma social de que divergem por se acharem num certo e determinado plano de evolução social.

A diferença entre o crime de rebeldia e o crime comum é, como se vê, social e juridicamente enorme.

Verifica-se, ainda, esta cousa interessante que é assinalada nos estudos de René Allendy:

> As estatísticas oficiais de crimes revelam sempre notadamente que quando aumentam os roubos, e vagabundagens, diminuem as brigas e rebeliões, como si a violência das rebeldias fizesse diminuir os atentados à propriedade alheia!

Esse fato é curioso, sem que, por ele, se firme uma necessidade de se aumentarem os roubos para desaparecer as violências ou se provocarem

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

rebeldias para diminuírem-se os delitos morais e os da rapinagem. Uma conclusão, porém, nos poderá servir, é a de que si é uma conseqüência psicológica o fato da rebeldia diminuir os crimes da rapinagem e convênios de banditismo, a ***BALAIADA***, sendo uma exuberante manifestação de rebeldia popular, não poderia também, deixar de influir para a diminuição daqueles delitos?

E na verdade, assim aconteceu. Uma análise fria e consciente dos acontecimentos históricos nos dizem bem desta verdade: os *balaios* não se organizaram em luta por *animus latrocinii*. Não há maior injustiça do que essa até hoje mantida nos escritos acerca da **BALAIADA**, de que os revoltosos "Bem-te-vis" eram, na vida dos sertões maranhenses, uma *razia* de ladrões e criminosos. Aquela formidável massa de homens rústicos, metidos em luta, poderiam ser na sua agressividade e turbulência, cruéis, maus e vingativos; porém, não eram tarados, nem formavam uma congérie de bandidos. Na trama psicológica daquela gente existiam tonalidades humanas capazes de lhe dar às atitudes arremessos cavalheirescos nas lutas pela posse de um certo ideal porque brigavam. Não os animava o espírito de rapinagem, antes se ufanavam de lutarem eles pelas *liberdades Bem-te-vis*; davam "*vivas à Religião, ao Imperador e à Constituição do Império!*" As suas ingênuas proclamações são interessantes documentos, que através de seus atropelos ortográficos e o desaguisado da linguagem, revelam, porém, à compita, naquelas almas rudes, sentimentos humanos respeitáveis, brilhando no claro-escuro dos motivos, que os arrastaram à luta, e que, absolutamente, não são impulsos neuróticos dos loucos e tarados. Todo esse documentário, que transcreveremos quando chegar a sua vez, no seu capítulo competente, nos vão dizer coisas que até hoje os historiadores da **BALAIADA** não disseram, porque não ligaram, na apreciação do movimento, as falas e depoimentos dos próprios rebeldes.

Através daquelas almas rudes de sertanejos em armas um sentimento mais puro que o de roubos e correrias criminosas se manifestava; e que não era o saque, o roubo, que os agitava, são os fatos e o próprio testemunho dos documentos oficiais e dos historiadores da Revolta, que nos vão dizer mesmo aqueles mais apaixonados como o Sr. Domingos de Magalhães.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

É fácil pôr isso em evidência entrando aqui, um pouco, nos pormenores deste julgamento dos balaios:

Poderíamos começar por uma análise dos chefes da Revolta.

*

* *

Dão os historiadores da **BALAIADA** à revolta uma estatística de onze mil sertanejos em armas. O Duque de Caxias confirma essa estimativa.

A população, porém, do Maranhão computava-se, na época da ***BALAIADA***, segundo Domingos de Magalhães, "em duzentas e dezessete mil almas, entre brancos, mesclados e negros, espalhados em uma superfície de mais de oitocentas léguas quadradas". Ora, si prevalecesse o critério dêsse julgamento injusto contra os *balaios* de que eram eles um aglomerado de bandidos, e de que, como escrevia o façanhudo Barão da Parnaíba, ao então presidente da Bahia, "nenhum tom político tem esta infernal revolta; a rapina acompanhada do assassínio é só o fim de tal canalha"; – si prevalecesse afinal, esse juízo, teríamos de admitir que, numa população de duzentos mil e dezessete maranhenses, *10 por centos* eram bandidos, assassinos e ladrões. Essa conclusão é francamente absurda. As estatísticas de crimes no Maranhão, assinalam que a maioria dos criminosos são adventícios, foragidos de outras terras, e que, na maior parte dos crimes, o Maranhão entrou apenas, com as vítimas...

As várias categorias de revoltosos eram compostas de elementos, antes pacatos, deles, aos milhares, sem nenhum precedente de rebeldias, e na sua quase totalidade resíduos de lutadores das épocas da independência. Os elementos propriamente *bandoleiros* eram uma reduzida minoria, adventícios ao contágio da rebelião e que aos rebeldes se uniram por instinto de rapinagem.

Os mais destacados chefes de bandos, ou "caudilhos" como erradamente são, por vezes chamados, os chefes dos revoltosos, eram, na maioria, homens sem antecedentes de crimes, ou de roubo.

Para não entrar no exaustivo das citações de numerosos nomes basta-nos estudar, aqui, os três principais chefes de revolta, e analisá-los nos seus

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

antecedentes criminosos e na curva de sua ação durante a revolta. Três são dos que, propriamente, dirigiram a **BALAIADA**: Raimundo Gomes, Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, chamado o *Balaio*, que deu nome à Revolta, e o preto Cosme. Este último, constitui, para mim, um capítulo à parte na revolta. Não é um "balaio" propriamente dito. É anterior à Revolução. Já *existia*, comandando os seus negros, quando estalou o movimento. Pode-se dizer que os *negros* se aproveitaram do movimento para tiraram também a sua desforra. Mas, de qualquer maneira, o preto Cosme pode ser analisado, aqui, ao lado de Raimundo Gomes e do Balaio, como *aliado*; e para os *Bem-te-vis* em armas, até certo ponto utilíssimo. Quanto a Lívio Castelo Branco, não o encaramos como um chefe do porte daqueles, mas, nem por isso, deixaremos à margem desta apreciação.

Entremos, pois, no estudo dos três primeiros chefes de revolta: Raimundo Gomes, o *Balaio* e também do negro Cosme.

*

* *

Raimundo Gomes, todos os principais historiadores da Revolta são acordes em lhe definir os caracteres como sendo mestiço, e tendo a profissão de vaqueiro. Acrescentam, ainda, que ele "nascido nos sertões do Piauí", era "coberto de crimes", emprestando a sua faca às vinganças próprias e alheias".

Será essa a história verdadeira dêsse chefe rebelde, o primeiro responsável, na ordem cronológica, pela **BALAIADA**?

As prevenções que lhe cercam o nome são enormes e palpáveis. Não há provas provadas de que Raimundo Gomes, antes de arrombar a cadeia da vila de Manga já fosse um assassino ou criminoso de morte. É certo que as afirmativas nesse sentido são quase unânimes entre os historiadores. O professor Amaral, porém, não o positiva; e Carlota Carvalho, o exculpa dessas faltas. Quem estará certo? Vamos examinar. A verdade de tudo isso nos parece ser a seguinte: Primeiro: Raimundo Gomes, era mestiço, ou cafuz, "filho dessa raça cruzada de índio e negro". Segundo: era vaqueiro, "criado no campo entre o gado que pastoreava".

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Essas duas qualidades de *mestiço* e *de vaqueiro* já o tornavam desde logo antipatizado pelos *burgueses* da época eivados de preconceitos. No Maranhão, terra de preconceitos de casta, ser *mulato* e *vaqueiro* já era quase ser criminoso...

O Dr. Sabás da Costa, que escreveu a história romanceada dos *Balaios*, assim julga o vaqueiro:

> "A vida de vaqueiro nos campos do Brasil é já um terrível atestado da índole e dos maus bofes do indivíduo.
>
> "Um vaqueiro no interior é o terror dos que sabem quanto eles são capazes de praticar. E à muita gente só a vestimenta de couro avermelhado pelo urucú causa desagradável impressão .
>
> "Acostumado ao ferrão e à faca de ponta, a derramar o sangue das reses habitua-se facilmente a sangrar o próximo e a enviá-lo para o outro mundo, ou desta para a melhor vida, a vida eterna."

Essa era a *mentalidade da época* em relação ao *vaqueiro*, que só mais tarde, graças ao gênio de Euclides da Cunha, passou a viver no cenário do país como um "guerreiro antigo exausto de fadiga. As vestes são uma armadura. Envolto no *gibão* de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até às virilhas, articulando em *joelheiras* de sola; e resguardando os pés e as mãos pelas *luvas e guarda-pés* de pele de veado – é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo".

No Maranhão, então, o vaqueiro é diferente do vaqueiro nordestino. Como já assinalei em meu livro *Terra Enfeitada e Rica*, não é tão ágil como o vaqueiro euclidiano. As suas carreiras são vigorosas é verdade, mas há nelas mais de obrigação do que a paixão de correr. Ao encalço do boi o vaqueiro maranhense atira-se num ímpeto. Dispara. Penetra fundo os "fechados" de unha de gato, ou os tabocais duros. Falta-lhe, no entanto, o espirito do vaqueiro do nordeste, sequioso de aventuras romanescas e de combates cavalheirescos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Evidenciam-se ainda no vaqueiro ótimas qualidades morais. Euclides da Cunha assinala que o vaqueiro é de uma probidade à toda prova. Nunca, jamais nas partilhas que faz ao tempo das ferras do gado ele será capaz de violar o seu pacto. "O vaqueiro, diz Euclides, separa escrupulosamente a grande maioria de novas cabeças pertencentes ao patrão (nas quais imprime o sinal da fazenda) das poucas, um quarto, que lhe couberam por sorte. Grava nestas o seu sinal particular; e conserva-as e vende-as. Escreve ao patão dando-lhe conta minuciosa de todo o movimento do sítio alongando-se aos mínimos pormenores; e continua a faina ininterrupta".

Raimundo Gomes era vaqueiro. Admita-se que fosse um "bárbaro, impetuoso e abrupto" no sentido euclidiano, porém, as virtudes do vaqueiro deveriam existir nele como nos demais companheiros. Por esse lado, pois, pela sua profissão de vaqueiro, não é possível tê-lo como predestinado ao crime...

Carlota Carvalho em seu interessante estudo sobre a **BALAIADA**, apesar de certos exageros, confirma que Raimundo Gomes era vaqueiro, e exercia a sua atividade nas fazendas do Padre Inácio Mendes de Morais e Silva, vigário da freguesia do Arari.

"A Crônica Maranhense", jornal criterioso de João Lisboa, em sua edição de 23 de dezembro de 1839 diz: Depois de havermos escrito o artigo acima, soubemos que o chefe dos amotinados da Manga é um tal Raimundo Gomes, que foi vaqueiro do Padre Inácio, no Mearim".

Ora, o fato de ser Raimundo Gomes vaqueiro de um dos mais ricos fazendeiros da época, e ainda de um padre, mesmo admitindo-se a hipótese que este não fosse um homem levado ao cheiro de santidade, ainda assim, já é um argumento favorável em prol dos antecedentes de Raimundo Gomes, o primeiro chefe dos balaios, pois, si ele fora um profissional do crime, um bandido no sentido literal do termo, não era possível crer fosse aceito numa fazenda para nela exercer a responsabilidade e guarda de milhares de cabeças de gado.

Conforme assegura Carlota Carvalho, "Raimundo Gomes Vieira é o nome deste empregado incumbido de levar às feiras e vender as ditas boiadas".

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Era pois, esse vaqueiro "homem de reconhecida probidade e merecedor de toda confiança para depositar na mão dele o valor monetário das boiadas".

Que Raimundo Gomes não era esse perverso tenebroso que aparece nas histórias da **BALAIADA**, nem o ladrão alucinado pela rapinagem diz o próprio Dr. Domingos de Magalhães, o mais apaixonado dos historiadores da rebentina maranhense, quando assim escreve em seu livro **A REVOLTA** às páginas 114, o perfil de Raimundo Gomes:

> ... "Dali seguiu o presidente Duque de Caxias para Miritiba, onde se embrenhava Raimundo Gomes, e por uma escolta o mandou buscar a sua presença. Insignificante era sua figura; quase negro, a que chamamos fula, baixo, grosso, pernas arqueadas, testa larga e achatada, olhar tímido e vacilante, pouco atilado de entendimento, voz baixa e humilde, nenhuma audácia de conspirador; e posto fosse o chefe dos sediciosos, mais obedecia do que mandava e nunca marchou à frente dos seus em momento de peleja e na retaguarda se conservava, prestes sempre a fugir; *nem foi de todos o mais ladrão e cruel, antes, comparado a outros parecia humano.*"

Por esse retrato feito com o rigor do Visconde de Araguaia, homem que apesar de ter sido secretário do governo de Caxias não lhe seguiu às pegadas da imparcialidade no julgamento dos homens e fatos do Maranhão, por esse retrato do vaqueiro chefe dos *Balaios*, não era esse caboclo rebelde um bandido na acepção vulgaríssima do termo.

Vê-se-lhe nas atitudes humildes a índole pacífica dos sertanejos que só pegaram em armas jogados para a luta pelos dramas seculares da formação histórico-social do Maranhão, onde as injustiças eram os menores percalços da situação política dominante.

Os documentos oficiais assinalam que Raimundo Gomes e seus nove companheiros, quando perturbaram a ordem na vila de Manga, não agiram por banditismo, nem por espírito de rapinagem.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Houve um motivo mais nobre. É o historiador José Ribeiro do Amaral quem assim escreve:

"Raimundo Gomes, chefe do primeiro rompimento insurrecionou-se e sublevou o destacamento da vila de Manga por lhe haver o subprefeito José Egito recrutado alguns dos seus, e não ter querido Gomes entregar-lhe um desertor que tinha acoitado. Antes do rompimento esteve ele quatro dias em casa do subprefeito de quem era parente bastardo e digno guarda-costas".

Era o recrutamento uma das medidas de opressão utilizadas na época pelos governistas, isto é: pelos *Cabanos* que dele se serviam para perseguir as *Bem-te-vis*.

– "Mais de um documento, poderíamos apresentar, escreve Ribeiro do Amaral, testemunho vergonhoso dos vexames, correrias e violências de toda sorte, exercidas então por esses novos capitães-mores, pois a história política da província, daqueles tempos, é fértil neles, etc. "

Um ofício de 27 de agosto de 1839, dirigido pelo Tenente Coronel Francisco Sérgio de Oliveira, comandante das forças legais descreve o terror de que se achavam possuídos até os aldeamentos de índios com as violências praticadas pelos *Cabanos* que até casas queimaram por onde passavam.

Referindo-se ao regime dominante da época o historiador Amaral, o que melhor reuniu documentários em torno do movimento, assim acrescenta:

– "Violências de toda sorte, o recrutamento na mais larga escala, os ataques à liberdade individual e de imprensa, as prisões, perseguições, ameaças – o suborno, enfim, o desrespeito à lei, eis a história dessa ruinosa administração nos três últimos meses antes das eleições".

Raimundo Gomes reagiu apenas contra essas violências. O mesmo professor Amaral assim acrescenta: "Raimundo Gomes, ao entrar na vila de Manga, dizem, fora seu primeiro cuidado abrir as portas da cadeia a seu irmão que se achava nos troncos".

Segundo a opinião da escritora maranhense, D. Carlota Carvalho, o caso da vila de Manga foi motivado por uma questiúncula política. O Prefeito da vila era inimigo do Padre Inácio, fazendeiro no Araí. Como Raimundo Gomes e seu irmão e mais outros vaqueiros passassem por Iguará conduzindo grandes

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

boiadas, o Prefeito, no propósito de causar prejuízos ao padre "mandou prender e meter na cadeia um certo número de tangedores de bois, que impossibilitasse a marcha.

"Não se portando com o devido acatamento e dizendo palavras inconvenientes, foi também preso um irmão de Raimundo Gomes, seu imediato no comando sob pretexto de ser criminoso não se sabia onde. Temendo as iras do Prefeito ninguém se alugava para substituir os boiadeiros presos. Raimundo Gomes não pode achar homens para prosseguir, nem em número suficiente para pastorear o gado e começou a sofrer prejuízo resultante da fuga e morte pela fome.

Depois de esgotar os meios persuasivos e as atitudes humildes, pedidos e súplicas, ameaçado de prisão por se tornar aborrecido pela insistência, Raimundo Gomes e nove companheiros, que restavam soltos, praticaram uma audaciosa surpresa.

Subitamente invadiram e tomaram o quartel e cadeia guardada por vinte e três soldados e apoderaram-se do armamento, deixando livre os soldados desarmados.

Depois de muita reflexão, os soldados, temendo o castigo militar, voltaram e aderiram.

Estava iniciada a revolta."

Esta narrativa da autora dos SERTÕES parece-nos bem aceitável. A luta entre *Bem-te-vis* e *Cabanos* já vimos era das mais extremadas possíveis. A ação dos *Cabanos* senhores do poder fazia-se sentir através de violências, prisões e recrutamentos. Ora, nada mais admissível do que esse abuso de autoridade do prefeito da vila de Manga, no desejo de dar prejuízos ao Padre Inácio, seu adversário político, mandar recolher à cadeia alguns boiadeiros e tangerinos, dificultando, dessa maneira, a descida do gado para as soltas, ou para a feira.

Que Raimundo Gomes agiu como simples homem esgotado na paciência não há a menor dúvida. O vaqueiro do Padre Inácio agiu no sentido de romper contra a violência. Reagiu à maneira do sertanejo, violência contra violência. O

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

seu ato é sob o ponto, de vista jurídico, uma ilegalidade; mas, sob o ponto de vista social, uma legítima defesa...

Que o audacioso e seus companheiros boiadeiros, nessa aventura, não agiram por espírito de roubo ou de banditismo, não resta também a menor dúvida. É a palavra autorizada dos documentos oficiais que registra o que afirmamos.

"A Crônica Maranhense" número 196, de 19 de dezembro de 1839 diz que "É necessário confessar que os rebeldes em geral não têm praticado crueldades etc."

Um ofício do prefeito de Itapicurú, de 22 de dezembro de 1838, inserido no "O Publicador Oficial" diz que os rebeldes da vila de Manga, "se retiraram voluntariamente e sem violência alguma" da Vila de Manga. (37)

De tudo isto que aí fica resta-nos uma conclusão: e é a de que o vaqueiro Raimundo Gomes, primeiro chefe dos balaios não fez desordem pelo gosto do crime, por instinto primário de banditismo. Não é possível chegar-se a essa conclusão injusta, uma vez que vários documentos oficiais e escritos da época assinalam claramente que o caso da vila de Manga não fugiu às lutas do humilde caboclo maranhense perseguido e maltratado, e que, afinal, cansado de sofrer injustiças de todos os lados resolve com a sua agressividade de homem inculto, reagir por si mesmo, já que os mantenedores da ordem, as autoridades da época se fizeram os camartelos de todas as injustiças sociais.

*

* *

Na história da revolta de sertanejos maranhenses, um homem surgiu de repente como o chefe supremo dando ao movimento o batismo de sua alcunha: Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, o *Balaio*.

Esse caboclo rude e cruel, bárbaro nas suas arremetidas, encheu de terror as cidades sertanejas, sacrificou vidas e manchou as suas mãos em sangue, espalhando, por onde andava, a devastação e o crime.

(37) De uma correspondência de Manuel Gonçalves Ferreira Nina, inserta na Crônica Maranhense n- 253 de julho de 1840, citada por José Ribeiro do Amaral diz: "Sabe-se geralmente que até a época do falecido Pedro Alexandrino nenhum habitante do interior abandonou a sua casa"

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

É o que dizem os historiadores da época. É o que narram os documentos da ***BALAIADA***.

Não é possível escurecer isso, sem ocultar a verdade histórica dos fatos; porém, o que é preciso para se analisar a figura dêsse *caudilho*, projetada no seu quadro como um bandido vulgar e sinistro, é não esquecer *os seus antecedentes*, nem olvidar as *circunstâncias* que ó projetaram na luta. O *Balaio* quando apareceu no cenário da rebelião sertaneja não era um criminoso habitual. Não existiam crimes na sua vida antes da luta. Era um homem pacatíssimo. Vivia honestamente de seu trabalho. O que o fez, porém, de uma hora para outra tornar-se um homem capaz das maiores atrocidades?

São claríssimos os motivos. Todos os documentos oficiais e as narrativas da época os assinalam. O Balaio fez-se rebelde na defesa de sua honra de sertanejo rudemente ferida por um oficial da polícia maranhense Antônio Raimundo Guimarães, que lhe prostituiu as duas filhas.

É o Visconde de Araguaia quem assim escreve:

... "outro rebelde à frente de numeroso grupo começou a ter nomeada pelas suas atrocidades; foi este o célebre *Balaio*, que deu seu nome a todos os rebeldes. Motivo de vingança o arrastaram ás fileiras da rebelião. Contam que duas filhas suas tinham sido desfloradas, por um certo Guimarães, oficial de comissão que da vila do Itapicurumirim marchara com um golpe de gente para atacar Raimundo Gomes na Chapadinha, logo em princípios da revolta. *Balaio*, posto que de baixa esfera e pobre, assim ferido na sua honra jurou lavar com sangue a nódoa de suas filhas; cheio de indignação publicou a sua desonra, excitou os ânimos de amigos e conhecidos, que aqueles homens da legalidade, vendidos aos portugueses, queriam exterminar os da sua côr; que as suas vidas, honras e bens, pátria e liberdade não tinham outros recursos, senão o das armas: e desta arte colocou-se *Balaio* á testa de um enxame de rebelados e começou a semear por onde passava destruições e mortes. Nenhum outro o avantajou nas crueldades, que muito o enfurecia a sede implacável de vingança".

Não será preciso citar-se mais nada para se compreender perfeitamente o drama do *Balaio*. O Visconde de Araguaia geralmente tão apaixonado e ao

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

mesmo tempo lacunoso em suas narrativas em torno da *Revolução* maranhense, nesse trecho acima dá-nos um material excelente para a análise que nos importa fazer da *gênese* do banditismo do *Balaio*.

Nada escapou à pena do secretário de Caxias, nesse interessante trecho. É facílimo, agora, apreciar o fato.

O *Balaio* era, pois, um homem pacatíssimo. Humilde pai de família, vivia "do ofício de fazer balaios, e a família segundo escreve o Dr. Sabás da Costa, "de pequena indústria de costura, que diversos fazendeiros lhe encomendavam".

Como todo sertanejo o *Balaio* tinha acima de tudo os sentimentos de honra e de hospitalidade, – as duas virtudes máximas dos caboclos do sertão. Não há lar, por mais humilde que não tenha ao viajor desconhecido, um prato a mais na mesa, e um lugar para a dormida, como se diz, para *arranchar*, no canto do avarandado. Não se pergunta, nos sertões, ao que chega, quem é e de onde vem, ou para que vem. Salva-se o visitante com um *"pode arranchar"!* acolhedor e dá-se-lhe tudo o que a hospitalidade cabocla, pode fazer e oferecer.

Si é assim o sentimento de hospitalidade, o da honra vai aos extremos. A honra para o sertanejo é sagrada. Nada lhe poderá saldar as dívidas da honra. Só há uma reparação, – o sangue do agressor á honra alheia. O sertanejo maranhense, até hoje, tem em elevado grau o sentimento de honra. Ai de quem ferir a honra de um lar! A virgindade das moças sertanejas são premissas do casamento. Ninguém desflora uma donzela impunemente. Quando uma sertaneja aparece, desflorada, o sertanejo diz: fulana foi *desonrada*. É o maior escândalo nos sertões. Já vimos, na primeira parte deste estudo, quando analisamos as populações sertanejas, que não há, prostitutas nos sertões. O homem se casa, ou "amiga-se", isto é, arranja um meio de legalizar a sua amancebia. Quando não há padres ou juizes para os casamentos, casam-se nas fogueiras. O fato porém, é que a honra de um lar é sacratíssima. O *Balaio* não podia deixar de ter, em elevado grau, esses dois sentimentos dos lares sertanejos: honra e hospitalidade.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

É pois, de se compreender, aqui, a seu enorme desespero, a sua quase loucura e a vergonha imensa que o esmagou ao saber que o oficial da polícia maranhense que ele hospedara lhe havia desonrado o lar prostituindo-lhe as duas filhas moças!

Para um sertanejo, o hóspede é sagrado, e, por isso, é que o crime dêsse hóspede que prostituí duas filhas do lar, tornou-se tão grande, tão nefando perante a alma simples daquele pobre caboclo, que só lhe poderiam despertar alucinados impulsos de vingança .

E foi por isso que o *Balaio* se fez um monstro de ódios. Quebraram-se nele todas as amarras de sua vida simples. Via-se desonrado de uma hora para outra. Publicou a sua desonra, e, louco de dor e vergonha viu naquela crueldade do oficial maranhense, um perigo não só para si, mas também para todos os pais de família de sua região. Os sertanejos são irmanados sempre no sentimento de dor; vivem vida quase patriarcal, numa encantadora comunhão de socialismo primitivo, dividindo entre si os dias úteis do trabalho, as dádivas da terra, as alegrias e as tristezas. É comuníssimo entre uma família e outra a *troca* de um produto por outro. Quem tem arroz *troca* por milho, farinha por feijão e, assim, vivem numa sociedade feliz e amiga.

Ora, a desonra do lar do *Balaio* há-de ter abalado profundamente a *sua sociedade de amigos e conhecidos*. Na sua desonra o *Balaio* passou a ver mais do que um atentado ao seu lar, passou a aceitar aquilo, como sendo já uma coisa mais séria e mais grave: a luta de um grupo (os da legalidade) "vendidos aos portugueses" para o extermínio da gente de côr, das populações caboclas. Aquela explosão passou psicologicamente a ampliar o perigo e de tal maneira cresceu que aos olhos daquela gente, daqueles homens indignados, o crime do oficial de polícia já era agora um atentado contra todos os homens de côr, e um crime provocado pelos portugueses!

Vê-se bem, aqui, o aspecto interessante que o caso toma, e, como nasce de um fato assim comum, uma idéia nova dêsse mesmo fato. Acordam naquelas almas simples os velhos rancores políticos contra os portugueses, despertam-se-lhes nos subconscientes as agressividades dos homens de cor contra os brancos e, de um caso particular, gera-se um caso geral. É interessantíssimo

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

esse processamento psicológico. O lar do *Balaio* passou a ser *todos os lares* de seus amigos e conhecidos. A honra ofendida já não foi só a de um homem, mas a de todos os de sua sociedade. O oficial criminoso, já não é o único responsável, responsáveis serão agora todas os demais oficiais da legalidade. O crime já não é comum e passou a ser político. E como o agressor era um elemento governista, e para os sertanejos o governista era sempre o elemento português, que durante séculos dominou o Maranhão, o caso toma nova feição, faz reviver as lutas independentistas, a guerra crua do homem do sertão para se libertar do jugo lusônio, jugo que custou aos sertanejos sacrifícios enormes.

Ampliado, assim, o caso do Balaio, era normalíssima a sua adesão aos elementos de Raimundo Gomes:

Como a luta política do Maranhão era travada entre *Cabanos* e *Bem-te-vis*, e como os *Cabanos* representavam a herança da opressão portuguesa e os *Bem-te-vis* a herança dos *patriotas* pela independência, todos os que se rebelavam contra os *Cabanos* eram *Bem-te-vis*, razão por que Raimundo Gomes, um vaqueiro que liberta seu irmão dos troncos, passou a ser rebelado político e *Bem-te-vi*.

O contágio da revolta de Raimundo Gomes não poderia deixar de atingir o *Balaio* e seus amigos excitados até à vingança contra os *legais*, ou *Cabanos*.

O resto do processamento psicológico foi facílimo. *Balaio* reúne um grupo de amigos também psicologicamente *contagiados* e vai se unir ao grupo do vaqueiro rebelado.

Esse engrossamento de rebelados, numa época agitada como a em que vivia, então, o Maranhão, só poderia aumentar o *contágio* e a rebeldia como os incêndios nos chapadões e agrestes sertanejos, se alastrou com toda a violência que só aconteceu, quando as massas oprimidas quebram todas as amarras da servidão humana!

*

* *

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

A ação do preto Cosme na **BALAIADA** foi de simples colaboração. Diria melhor, o famoso *líder* dos negros no Maranhão aproveitou-se do movimento o mais que pôde.

Os negros participaram da revolta como *oportunidade* que se lhe ofereceu, e, em verdade, não constituíram um contingente com os mesmos fins dos balaios.

A revolta do preto Cosme, constitui um capítulo à parte. Não faz parte da **BALAIADA** senão acidentalmente. E só assim é que aqui estudaremos a participação do Cosme. Pretendo, em outro estudo acerca dos negros no Maranhão, melhormente apreciar a rebeldia dos pretos. Como, porém, a ação dos negros não deixou de ser decisiva no crescimento da revolta, é justo que apreciemos, embora a largos traços, as atividades dos africanos, e sobretudo, o porte e atitude do seu *líder*.

A figura do preto Cosme tem sido focalizada, em vários estudos da época da **BALAIADA**, como a de um paranóico, cuja loucura foi causa dos mais impressionantes dramas de sangue. Não há um historiador que não atribua a esse negro os mais ferozes instintos de bandido.

Seria mesmo o preto Cosme um bandido vulgar, ou um *líder* cruel à altura da gente de sua raça?

Seria um *balaio*, ou já era um revoltoso antes da **BALAIADA**? Vamos por parte. Quando a **BALAIADA** surgiu, agitando os mais afastados rincões da velha província nortista, já a revolta de negros se alastrava por todos os municípios. Caxias, Codó, Itapicurú, principalmente Itapicurú, sofriam as maiores rebentinas dos negros. Várias vezes o governo teve que tomar medidas enérgicas e enviar tropas para dizimar os negros aquilombados. Toda uma legislação essencialíssima foi criada para dar combate aos pretos fugidos. Instituíram-se prêmios e bonificações a quem prendesse um negro, ou a quem os dispensasse de seus palmares.

Segundo um ofício do Coronel Henrique Pereira da Silva, saído no "Publicador Oficial" n. 663 de 20 de dezembro de 1838, "o subprefeito por causa do levante dos negros do Itapicurú tinha por cautela uma fôrça na vila de Manga de vinte e tantos homens, etc.".

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Ora, por ai se vê que quando Raimundo Gomes apareceu no cenário já no Itapicurú havia revolta de negros. O historiador Ribeiro do Amaral vem confirmar o que assinalamos:

"Por aqueles mesmos tempos e quase sem que o governo soubesse novo elemento se preparava para dar mais fôrça e vigor à revolução.

"Então, como ainda hoje, era o Itapicurú o principal rio da província. Em toda a longa extensão de suas margens descobriam-se numerosas propriedades, belíssimas fazendas, ricas e florescentes vilas e povoações, atestado vivo da prosperidade e felicidade que fruíam os seus habitantes. Só a escravatura, que animava àqueles diversos estabelecimentos agrários computava-se em vinte mil africanos, o que não poucas vezes ameaçava o sossego público, subtraindo-se parte dela ao jugo do senhorio e aquilombando-se nas matas, donde em sortidas iam roubar as fazendas circunvizinhas, sendo necessário fôrça armada para capturá-los. Isto que se dava em tempos normais, que era o fato que estava a chamar constantemente a atenção e os cuidados de todos os governos, que chegou a reproduzir-se mesmo em nossos dias, havia dobrado de intensidade com o aparecimento da rebelião. Fugitivos de suas casas deixavam os fazendeiros à mercê dos rebeldes seus casais e escravos, e aproveitando-se estes do ensejo para fugir do trabalho das lavouras devastadas, iam-se acoitando naquela parte da costa que fica entre as bandas de Tutóia e Preá. Foi aí que apareceu o Cosme.

"Evadido das cadeias da capital tido e havido por feiticeiro, e gozando por isso de grande ascendente entre os de sua raça pôs-se este famigerado bandido à testa de três mil escravos sublevados, trazendo, por esta forma, novo e inesperado concurso à rebelião".

Nada mais claro do que esse trecho do velho e probo historiador da **BALAIADA**. Vê-se pois, que antes da revolta dos balaios já havia uma revolta permanente de negros e que o preto Cosme quando aparece no cenário da **BALAIADA** já é como *líder* de grande prestígio entre os de sua raça, reunindo em torno de sua pessoa, nada menos do que 3 000 negros em armas!

Esse *preto* tinha, por certo, um prestígio enorme entre os negros. Não há dúvida que era um chefe à altura da gente que dirigia.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Surgiu como um perfeito comandante. Intitulava-se, para poder melhormente dominar a sua gente, em guia espiritual. Assinava-se, por isso, com a sua fantasia de nobre, com um espanholado *Dom* Cosme Bento das *Chagas*, *tutor* e Imperador das liberdades *Bem-te-vis*. Convicto de seus títulos de *enviado libertador* dos escravos dirigia aos negros proclamações e galardoava aos de sua laia com títulos e comendas, bem como conferia postos e patentes.

O fato é que esse negro fugido das cadeias da capital assumira a liderança dos pretos fugidos. Tinha uma soma enorme de prestígio e dele usava e abusava a seu talante.

Figura pitoresca de escravo, curioso *Chefe* de negros em ânsias de liberdade, "*D. Cosme*" merece um estudo mais à parte – e mais profundo.

Bandido? Facínora? Paranóico? Quem em sã consciência o poderá julgar principalmente agora, que já são passados mais de um século de sua atuação?

Que havia nesse negro uma ardorosa consciência de liberdade de sua raça, não há dúvida. Si era bárbaro, cruel; si punia com a morte faltas veniais, a verdade é, no entanto, esta: há em torno do preto Cosme muito mais cenários de lendas do que realidade histórica. Uma coisa é verdadeira: Cosme queria melhorar o padrão dos negros foragidos.

O Visconde de Araguaia traça-lhe este perfil:

"O negro Cosme, o facinoroso fugitivo das cadeias da Capital começou a ser então a importante figura que mais assustava os fazendeiros, por achar-se à frente de 3 000 escravos sublevados.

"Assinava-se – D. Cosme, tutor e imperador das liberdades Bem-te-vis; proclamava a escravatura, dava títulos, postos, estabeleceu uma escola de ler e escrever, e aquilombados nas cabeceiras do Rio Preto, comarca do Brejo, na fazenda Lagoa Amarela, tinha piquetes avançados e mandava partidas roubar e insurrecionar as fazendas circunvizinhas."

Era esse o elemento que veio engrossar a rebelião dos balaios. Mas, o que se pode provar, também, é que o preto Cosme não seguiu os mesmos ritmos da revolta. Ele quis foi dela se aproveitar o mais possível, tanto que mais tarde, quando a rebelião já ia em declínio, prendeu Raimundo Gomes,

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

aproveitou-se dele para fazer pólvora e ia fuzilar esse chefe dos *balaios* quando a este surgiu uma oportunidade para fugir...

A BALAIADA recebeu grande incremento dos negros. Foi-lhe, sem dúvida, como elemento de colaboração à revolta, essa ajuda dos negros de sua importância; mas, o que é, historicamente, verdadeiro é que a revolta dos negros constitui um capítulo à parte. O Duque de Caxias põe isto em relevo, quando aproveitava os serviços dos próprios *balaios* anistiados para combater os negros.

É do Visconde de Araguaia o seguinte trecho, que confirma o que dissemos:

"Por um emissário soube o Presidente (Luiz Alves de Lima) que Francisco Ferreira Pedrosa, Chefe de mil e seiscentos facciosos acoitados na Bela Água, desejava apresentar-se por já não poder sustentar-se e temer não ser perdoado, mandou certificar-lhe que o aceitaria com a condição de fazer primeiro algum serviço em desconto de haver empunhado as armas contra o governo; *que fosse bater os negros e depois se apresentasse.*"

Assim ele obrou; os negros em debandada e fugitivos depois do ataque à Lagoa Amarela, correram para a Bela Água cuidando aí achar apoio, e acharam morte e sujeição.

"*Foi sempre política do Presidente impedir a junção dos rebeldes com os escravos, indispondo-os contra os segundos*, o que de certo foi uma felicidade para a província."

Nada mais claro: Os *balaios* eram rebeldes diferentes dos rebeldes do preto Cosme. Não houve propriamente entre os negros e os rebeldes de Raimundo Gomes uma injunção. Houve, apenas, certa articulação incoerente, mas, afinal; para os dois grupos útil na época do crescimento da Rebelião.

Para terminar este capítulo sejamos justos na apreciação dos fatos. **A BALAIADA** não foi um surto de banditismo. Houve através dessa rebelião de sertanejos um idealismo, e, porque não dizer, francamente: uma eloqüente idéia de libertação e de justiça.

Pouco importa que à margem da idéia primitiva que agitou essa onda humana rebelada, dramas de crueldade surgissem. O fato histórico, porém, é

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

esse aí exposto à luz de uma análise rigorosamente justa, a revolta nasceu do subconsciente da massa indócil e servil, cegamente, capaz de grandes surtos de idealismo, mas, também, de atrocidades peculiares a toda multidão revoltada.

Pela geografia, a revolta, não foi de bandidos; pelos seus *líderes*, também, não o foi Seria pelos motivos?

É o que vamos ver no capítulo seguinte.

*

* *

Os objetivos da revolução não apareceram de início. A audaciosa aventura dos vaqueiros de Raimundo Gomes, parece que não visava a princípio uma atitude política.

É certo que os ofícios e demais documentos, que levaram ao Presidente da Província, as primeiras notícias da rebentina, falam que Raimundo Gomes" arrombou a cadeia. Soltou os presos e apresentou um papel em que dizia (sic) que não queriam o atual Presidente da Província e sim o Vice-Presidente e que nem queriam também os Prefeitos e subprefeitos, e só, sim, os juizes de paz, exceto José Egito Pereira da Silva Coqueiro por não ser Bem-te-vi".

Só com a tomada de Caxias, a segunda cidade do Maranhão, das mais ricas e mais célebres pela sua importância social, política e econômica, é que melhormente se definem os objetivos políticos da **BALAIADA**.

Já agora o levante se corporifica, assume uma atitude política mais definida e toma uma posição decisiva no quadro da luta. Até então, a revolta se desenvolvera no sentido puramente revolucionário, como impulso de rebeldia assinaladamente dominador entre as classes baixas, como movimento caracterizado de massa rebelada, que saía do seu ponto de inércia impelida para os arremessos de que são capazes as multidões alucinadas. O fenômeno social estava definido, muito bem definido, em todas as suas linhas de ação dinâmica, porém, o *carisma* político não se acentuara de modo definitivo. Até então, era a massa indócil, sacudindo os recantos matutos do Maranhão oriental. Era a torrente em perspectiva de marcha, engrossada a pouco e pouco pela coleta de todos os cursos esparsos aqui e ali no organismo social.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Só depois é que apareceram os primeiros sinais da personalidade dessa rebeldia .

A tomada de Caxias pelos *balaios* foi o sopro vitalizador da política assoberbante, agindo e atuando sobre a levante. Aquela massa de sertanejo toma uma atitude no cenário político. As armas vitoriosas passam a impor princípios, e, assim, a Revolta assume a posição de luta por um *direito* e sentindo-se forte objetiva essa atitude num ultimato de exigências impostas ao governo.

É à evidência dêsse documentário histórico que se opõe mais do que nunca ao julgamento até hoje dominante de que a **BALAIADA** era uma simples aventura de bandoleiros.

Não é possível silenciar essa documentação, passar por cima dessa interessantíssima e preciosa matéria histórica sem lhe dar o devido apreço no julgamento da Revolta.

A história há de ser um depoimento sereno e de consciência, e, sobretudo, um relato de documentários para o juízo inflexível dos porvindouros.

É isso que desejamos ressaltar neste estudo. Nada mais me revolta do que o desprêzo até hoje havido com relação aos documentos dos rebeldes.

Logo que os *balaios* tomaram a cidade de Caxias, a revolta teve uma orientação. Foi em Caxias o seu maior e mais expressivo triunfo. Depois de Caxias, veio a fase do declínio. É então a marcha para a derrota, e com ela todo o cortejo de ruínas e degradações de miséria e crimes praticados.

Compreende-se bem o fenômeno.

Caxias constituía na Província um rincão dos mais privilegiados. Fora sempre, na história do Maranhão, a cidade "leader". Há nos fastos de Caxias legendas de glória, páginas de heroísmo e rutilações de seus filhos geniais. Desde a formação histórico-social da velha Província Caxias deu as mais puras reservas de suas energias numa esplêndida cristalização de valores vitais. Na luta pela Independência, naquelas terras privilegiadas, cuja pitoresca geografia se altéia em morros soberbos, se escancelar em chapadas amplas e varadas de luz, ou se adensa ainda em mataria espessa, há todo um

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

relicário de reminiscências históricas e até as mais formosas lendas de bravura cabocla e de cavalheirismo ousado.

No coração das terras sertanejas a Princesa do Sertão representa mais do que um assomo geográfico. É uma terra humanizada em todos os sentidos. Domina as regiões mais afastadas do *hinterland* maranhense e, até então, os pontos mais distantes do Piauí. A antiga *Aldeias Altas* dos índios teve, na formação política da província o seu papel preponderante; na história econômica, o seu valor expressivo, e na parte intelectual o seu maior prestígio. É ali que nasceram os mais fortes impulsos liberais, depois de Pastos Bons. Pela sua posição, pelas suas possibilidades e riquezas, Caxias constituiu-se um dos mais fortes aglomerados humanos do Maranhão. Só a sua escravatura atingia, na época **da BALAIADA**, a cerca de vinte mil negros! Por outro lado, sob o aspecto meramente político, Caxias era um foco de agitações partidárias. Quando estalou o movimento na vila de Manga, dera-se já na cidade sertaneja fatos de suma gravidade. Falou-se francamente, rebentaria ali uma revolução, e o governo chegou a enviar uma fôrça para lá, que regressou depois, como prudente medida administrativa...

As cousas estavam ali, naquelas plagas, em plena agitação. Caxias era um foco de rebeldias...

A BALAIADA atingiu o seu máximo desenvolvimento na histórica cidade maranhense. Após uma luta renhida os rebeldes tomaram a terra de Gonçalves Dias e aparece-nos, então, a revolta constituindo o seu primeiro corpo de responsáveis políticos sob a forma de uma *Junta Provisória.*

Faziam parte dessa Junta criada pelo *Conselho Militar* dos *balaios* as mais expressivas figuras sociais de Caxias.

O historiador Ribeiro do Amaral cita os seguintes:

> "Dr. Francisco de Melo Coutinho Vilhena, o tenente-coronel Hermenegildo da Costa Nunes, e os cidadãos Severino de Oliveira e Costa, Domingos Antônio de Mesquita e João Batista Viana."

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Vê-se já, aqui; os rumos políticos da **BALAIADA**. Passou do impulso primário das armas para agir politicamente. Os rebeldes sentiam-se bastante fortes. Com a tomada de Caxias, segundo assinala o Visconde de Araguaia, dominavam os *Bem-te-vis* a mais vasta região da província. Bem municiados agora, pois, em Caxias os *balaios* encontraram na igreja de Nossa Senhora dos Remédios "que servia de Armazém, ou depósito de artigos bélicos aos legais – 300 barris de pólvora, 40 000 cartuchos embalados, e muito armamento". Tudo isso dera aos rebeldes uma soma de poderio enorme e uma situação capaz de se considerarem com o direito de impor condições ao governo.

Para os rumos deste livro, que objetiva uma análise fria dos acontecimentos e dar à **BALAIADA** um sentido histórico, mais realista, pouco importam as dúvidas suscitadas pelo professor Amaral, de que os membros da junta Provisória não eram coniventes com os *balaios*, mas que dela fizeram parte "uns por coação, outros a instâncias de infelizes amigos seus, retidos como prisioneiros"; o que importa, no caso, não é dar a esses membros da Junta uma *responsabilidade no levante ou uma absoluta inculpabilidade*, no caso. Não interessa, na apreciação da Revolta, o julgamento dessa Junta, si foi organizada sob coação, ou não; o que é preciso pôr em evidência é o *fato* em si dessa organização. Assinalar o que isso representa, no sentido histórico dêsse julgamento, para melhormente se entender os objetivos dos rebeldes. Essa atitude dos *balaios* dando amplos poderes a uma Junta dos mais respeitáveis cidadãos caxienses revela que havia naquela massa ignorante de sertanejos rebelados um espírito mais elevado do que o de roubos e assassínios, de rapinagem ou de banditismo.

Não é possível, por mais rigorismo que se use no julgamento dos *balaios*, deixar de reconhecer que a revolta não foi uma aventura de bandoleiros. Houve também ao lado dos crimes cometidos uma orientação politicamente bem assinalada.

Definem-se os objetivos rebeldes através de órgãos militares e políticos. Há um *Conselho Militar* que pode ser "uma reunião informe de todos os chefes rebeldes", mas era um órgão de comando; há uma Junta Provisória, composta de cidadãos respeitáveis de Caxias, coagidos ou não, mas constitui um órgão

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

civil de administração; e há logo em seguida uma deputação composta de um sacerdote e de vários cidadãos que os rebeldes impõem para o término da luta. Tudo isso indica que a revolta foge ao quadrilátero das *razias* de bandidos vulgares.

Agora, falem os documentos.

Eis o teor do ofício do *Conselho Militar* endereçado de Caxias, por intermédio da delegação acima referida ao Presidente da Província:

> "Ilmo. e Exmo. Sr. – O Conselho Militar reunido na cidade de Caxias, e composto dos comandantes das forças do partido Bem-te-vi, que conta seis mil homens bem armados e municiados, tomou por medida salutar e mui conveniente ao sossego da província mandar perante V. Excia. uma deputação composta dos Srs. João Fernandes de Morais, Hermenegildo da Costa Nunes, João da Cruz, Feliciano José Martins, padre Raimundo de Almeida Sampaio, brasileiros probos e dignos de toda a consideração para apresentar a V. Excia. os desejos e votos do partido Bem-te-vi, os recursos com que conta, e a firme determinação em que se acha para fazer respeitar as leis, a constituição e o trono augusto de S. M. o Imperador; e muito confia que V. Excia. convocando imediatamente a assembléia provincial, haja de adotar as medidas que se propõe, porque elas são sem dúvida a declaração da vontade da província. Caxias, 10 de julho de 1839 – Ilmo. e Exmo. Sr. Manoel Felisardo de Souza e Melo. Seguem-se as assinaturas."

Além deste ofício do conselho militar, vejamos o seguinte discurso da deputação cujo original temos ante os olhos.

> "Ilmo. e Exmo. Snr. – O partido denominado Bem-te-vi, que parecia fraco, mas que tem adquirido forças e muitos elementos de resistência a outro qualquer que o pretenda suplantar, havendo à custa de esforços e trabalhos conseguida apoderar-se e tornar sua

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

toda a província maranhense, respeitando sempre as leis e o trono augusto de S. M. o Imperador, nos manda em deputação perante V. Excia. a representar a V. Excia. o estado de engrandecimento em que se acha, e as medidas que julga convenientes ao bem da província, a fim de que V. Excia. tomando-as na devida consideração, as adote para salvar a província das imensidades de males que a ameaçam, si elas não foram aprovadas. Não há dúvida, Exmo. Snr. que alguns excessos praticou este partido no seu começo; hoje, porém, que ele acaba de tomar Caxias, onde se municia de oitenta mil cartuchos embalados, mil armas, peças de artilharia, e mais de trezentos barris de pólvora, apoiado em seis mil homens apresenta uma barreira irresistível, e manifesta a vontade da província. Assim, Snr. o partido Bem-te-vi, querendo sustentar os objetos mais caros aos bons Brasileiros, nos manda perante V. Excia. oferecer-lhe as instruções juntas que nos deu, e muito confia que V. Excia. como muito interessado no sossego da província, haja de lhe dar uma resposta satisfatória, ou as condições que julgar convenientes, porque a deputação está autorizada a recebê-las ou modificá-las."

Vejamos as instruções do conselho militar à deputação.

Art. 1° – O Conselho Militar e tropa reconhece e respeita o governo de S. M. o Imperador, as leis e constituição do Império.

Art. 2° – O Conselho Militar declara que o povo e tropa, que se acha reunido e se conserva com as armas nas mãos, não tem outras vistas mais que pedir ao Exmo. Snr. Presidente da Província abrogação das leis provinciais que criaram as prefeituras, e ofenderam a lei geral sobre a organização de uma Guarda Nacional, além dos artigos seguintes.

Art. 3° – Que o Exmo. Snr. Presidente da Província, reunindo extraordinariamente a Assembléia Provincial conceda uma anistia àquelas pessoas que de qualquer modo se acham comprometidas na

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

presente luta, por quanto ela só tem por fim lançar por terra aquelas leis, que ameaçam as liberdades pátrias.

Art. 4° – Pede ao Exmo. Snr. Presidente da Província oitenta contos de réis em dinheiro, para indenização da tropa, por quanto a contribuição imposta aos habitantes desta cidade (Caxias) que lhe fizeram a mais decidida oposição, não é suficiente para cobrir os déficits dos respectivos presos.

Art. 5° – Que os presos do Estado que se achavam em custódia, sendo processados legalmente, respeitando-se o foro de cada indivíduo, conforme a constituição do Império e leis existentes, sejam obrigados a cumprir suas sentenças, havendo recursos delas na forma do código do processo.

Art. 6° – Que saiam da província os portugueses, propriamente falando, ficando somente os adotivos, a quem não será permitido os empregos públicos, a venda de armas de qualquer natureza, munições ou quaisquer outros gêneros combustíveis, sob pena de serem tomados pela, fazenda pública, com denúncia ou sem ela, e por inabilitados de pegar em armas em qualquer ocasião.

Art. 7° – Que dentre as forças Bem-te-vis sejam considerados em seus respectivos postos aqueles oficiais de melhor conduta, e que mereçam a opinião, assim do governo como do público, para serem empregados nos Corpos da Província.

Art. 8° – Que o conselho militar obriga-se a fazer depor as armas, logo que estas requisições sejam adotadas pelo Exmo. Snr. Presidente da Província e Assembléia Provincial, podendo admitir-se aquelas modificações que a deputação entender fazer, em cumprimento dos interesses e dignidades do partido Bem-te-vi."

Vê-se logo á simples leitura dêsse documentário que o dedo político andou por aí. Uma orientação intelectual, acima do nível da massa rebelde evidencia-se dessa página que transcrevemos. Os *balaios* tiveram, sem dúvida, a solícita colaboração da política. Todas essas exigências demonstram à compita que o

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

roubo não era o móvel dos rebeldes. Os *balaios* confessam nesse documento "que alguns excessos praticou este partido (Bem-te-vis ou revoltosos) no seu começo; hoje porém... manifesta a vontade, da Província".

Não são esses documentos páginas apócrifas. Todos os historiadores os transcrevem, pelo que só uma conclusão se nos oferece: A BALAIADA foi uma luta de origens profundas na formação social do Maranhão, e de acentuadas características liberais, mesmo oferecendo capítulos brutais de violências e rapinagens. O que faltou aos *balaios*, como veremos depois, foi a orientação intelectual dos responsáveis morais que a predicaram. Isso sim, é que deu origem a aparecerem no cenário da luta apenas os afoitos matutos, os sertanejos rudes, porque escondidos ficaram os autores intelectuais do levante...

Há outros documentos que vêm ao encontro do nosso ponto de vista, quando não queremos aceitar a **BALAIADA** no quadro das hordas de banditismo.

Vejamos por exemplo mais estas *requisições dos rebeldes* endereçadas ainda ao governo maranhense, muito antes da tomada de Caxias.

As requisições eram assim concebidas:

Nº 1

Ilmo. e Exmo. Snr.

Achando-me na qualidade de Comandante em Chefe de todas as tropas presentemente reunidas, e estacionadas nesta vila, e nos diferentes pontos de toda a província, tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Excia. que achando-nos com as armas na mão protestamos não largarmos enquanto não forem derrogadas: as Leis Provinciais números 61, de 8 de Junho, e 79, de 29 de Julho do ano passado de 1838, sendo aquela da criação dos Oficiais das Guardas Nacionais e esta dos Prefeitos, ficando a primeira em vigor somente pelas Leis Gerais, e a segunda de nenhum efeito combinando-se em tudo com os artigos datados em o 1° de Novembro do mesmo ano de 1838, remetidos a V. Excia. pelo comandante Pedro José Gitirama, e porque se ache a

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Assembléia Provincial reunida, levar ao conhecimento dela a fim da mesma Decretar sobre os objetos expendidos. – Deus Guarde a V. Excia. – Quartel do Comando da Fôrça Armada na Vila de São Bernardo, 7 de Maio de 1839 – Ilmo. e Exmo. Sr. Manoel Felisardo de Souza e Melo Presidente do Mrm. – Pedro Alex dos Santos, Comte.

Nº 2

Autorizado pelo povo reunido com as armas na mão Comandante em chefe, cumpre-me levar ao Conhecimento de V. Excia. os inclusos.

Artigos, a fim de V. Excia. os fazer efetivos por achar-se de presente reunida a Assembléia Provincial não fazendo menção do artigo 4° por já se achar remediado pela resolução do Governo Supremo. – Deus Guarde a V. Excia. – Vila do Brejo, 5 de maio de 1839. – Ilmo. e Exmo. Snr. Manoel Felisardo de Souza e Melo Presidente da Província. – O alferes Comandante da Fôrça Armada Pedro José Gitirama.

REQUISIÇÕES

– "Os habitantes deste Município vem em marcha reunida representar a Ilustre Câmara da Assembléia Geral.

Art. 1°

Da vontade dos povos para sossego e bem estar da Província inteira.

Art. 2°

Que seja sustentada a Constituição do Brasil garantia dos direitos do cidadão Brasileiro que lhe conseguem a sua liberdade.

Art. 3°

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Que sejam despedidos os Prefeitos e Subprefeitos e Comissários de Polícia, pois têm aquebrantado todas as Leis do Brasil, e tem sofrido o Brasil todo o despotismo a respeito desta Lei; ficando somente em vigor as Leis Gerais e Provinciais que não forem de encontro à Constituição do Império.

Art. 4°

Que seja já demitido o Presidente da Província, e entregue o Governo ao Vice-Presidente.

Que sejam expulsos os portugueses dos empregos políticos, e despejarem a Província dentro em quinze dias, com a exceção dos que juraram a independência e os que casaram com famílias brasileiras e os velhos de 60 anos para cima; e protestamos não largarmos as armas das mãos sem primeiro vermos tomadas estas medidas acima expedidas ao Governo, certificando que seguramos as vidas dos cidadãos sem ser debaixo do fogo, e seguramos todos os seus cabedais na tranqüilidade do País. – Maranhão, 1° de Novembro de 1839."

Sendo de absoluta necessidade criar-se quanto antes neste acampamento uma comissão composta de cidadãos de reconhecida inteligência, probidade e patriotismo, para com prudência e acerto dirigirem as operações e ordens, que devem sair deste ponto não só para obstar as hostilidades, que este partido regenerador como mesmo para com a máxima brevidade conseguirmos os honrosos fins a que nos propomos, e tendo o *meritíssimo comandante em chefe* deste acampamento *convidado* os cidadãos abaixo assinados para a designação do dia em que se deve eleger a mesma comissão, convidamos a V. S. como um dos cidadãos acima caracterizados para que compareça neste acampamento no dia 22 do corrente aprazado para a referida eleição, e do caráter de V. S. esperamos não falte a semelhante serviço, na certeza de que não se lhe admite desculpa alguma. – Deus Guarde a V. S. por muitos anos.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Quartel da Fôrça Bem-te-vi no Penteado, 15 de junho de 1839. Assinado. Raimundo Gomes Vieira Jutaí. Assinados: Manoel Alves de Abreu, Alexandre Ferreira Lisboa Parga, Luís José de Almeida, Luís Antônio do Lago, Raimundo Marcelino do Lago.

Há através dessas pitorescas *Requisições* todo o confuso espírito da **BALAIADA**. Observa-se bem, deleitando-as a fundo, que aí estão à mostra os mais impressionantes recalques coletivos. Pedem os *balaios* a integridade das leis, a liberdade, o sossego e o bem estar da província, mas isso com a despedida dos Prefeitos, a extinção do despotismo e a expulsão os portugueses dos empregos políticos, etc.

Aí estão resíduos das lutas independentistas e azedumes político-partidárias. O que, porém, não aparece é o famigerado *espírito de rapinagem*... Pelo contrário, no artigo 4° os *balaios* sustentam "seguramos as vidas dos cidadãos sem ser debaixo do fogo e seguramos todos os seus cabedais na tranqüilidade do país".

Ora, não é possível dar-se a esses dois "seguramos" tão insistentes outra interpretação senão a de que os *balaios* prometiam respeitar as vidas e bens dos cidadãos! Há nessas palavras a perfeita manifestação de uma consciência de responsabilidade e de um arraigado respeito aos bens da vida e aos cabedais alheios...

*

* *

Não fiquemos somente na transcrição do importante documentário. Passemos ao exame, agora, das proclamações lançadas pelos *rebeldes*. São curiosas essas *falas* dos balaios. Copiemos, assim, como foram lançadas, sem lhes alterar a simplicidade e o sabor rústico de seu conteúdo, nem lhe modificando a ortografia. Há, aqui, um ponto curioso a assinalar: a enorme diferença de estilo e de redação que se nota entre os ofícios e atos dos balaios feitos em Caxias e estas ingênuas e simples proclamações. Não resta a menor dúvida de que as requisições feitas em Caxias foram redigidas por elementos de um nível mental muito acima daqueles que escreveram estas proclamações.

Vejamos:

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Proclamação dirigida aos habitantes da Província do Piauí pelo caudilho Francisco Ferreira de Souza Balaio, intitulado tenente-general e governador das armas do Maranhão.

"Piauienses, caros irmãos e quase compatriotas! O despotismo do presidente Camargo, da Assembléia de nossa Província, e da Câmara da Capital, praticado contra nós, para adularem os portugueses os mais indignos que tem habitado o Brasil, as repetidas infrações da constituição, já no recrutamento, já no tribunal do júri nas eleições e deportações, nos fizeram pegar em armas, para pôr em vigor a nossa lei fundamental: esperávamos que o vosso presidente nos ajudasse como bom brasileiro, *que pugnou pela independência*, (38) mas desgraçadamente seduzido pelos emigrados desta Província, que nos chamam ladrões devastadores, ele consentiu que uma fera, indigno do nome brasileiro, atravessasse para nossa Província, e cá cometesse incêndios de povoações, roubos e assassinatos, que fazem horror proferi-los, e vós sabeis. Somos portanto constrangidos a marchar para vossa Capital, não como inimigos devastadores; marchamos como vossos libertadores; vamos vos tirar de um jugo, que de há muitos sofreis com pesar.

"Piauienses vós e nós não podemos ter um governo inimigo; somos vizinhos, que muitos precisamos uns dos outros, somos amigos, somos aparentados, somos todos brasileiros. Vós necessitais dos nossos portos de mar, que vos fornecem os gêneros de importação, e recebe os de exportação de vossa província; nós precisamos de vós, que nos forneceis os vossos gados, e comprais os nossos efeitos de comércio. Uma amizade mútua deve reinar entre nós. O presidente que vos governa, se for vosso amigo será também nosso, e se for nosso inimigo será também vosso. Não presteis os vossos braços aos nossos tiranos; uni-vos conosco para os derribar. Piauienses, os vossos tiranos vos dizem, que nos vos tratamos de fracos, e que é preciso coragem. Eles vos enganam. Nós fazemos justiça ao vosso valor, e nós o conhecemos quando unidos trabalhamos em favor da independência. Emprega, pois, piauienses, essa coragem de que tantas vezes falamos, e fomos testemunhas em benefício de vossos irmãos e amigos do Maranhão, e contra os tiranos de

(38) Manoel de Souza Martins (visconde de Parnaíba), sempre esteve ligado ao major Fidié. Quando porém viu que a independência era um fato, mesmo a seu pesar, abandonou então a causa portuguesa.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

vossa província, e de outros que nos quiseram escravizar. Piauienses, poupai o vosso sangue, corra só o dos nossos inimigos. Viva a Constituição do Império! Viva o Sr. D. Pedro II! Vivam os brasileiros unidos do Piauí e Maranhão e mais províncias. 29 de Agosto de 1839."

PROCLAMAÇÃO FEITA POR MIILITÃO BANDEIRA BARROS

"Brazileiros – A patriótica linguajem do meu afecto – a Santa Causa da liberdade he e são os mutivos de vos dirigir a seguinte fala – Não çepode esplicar as esprecoens de aligria que ce divisava nas façes brazileiras no dia 26 quando as tropas Constituiçionais sitia vão a arvore do despotismo d'esta cumarca – O Monstro e abuminavel – O Cruel dragão – enfim o déspota da umanidade – o Portugues josé da Costa Neiva que tanto à atropelado os paçificos. sidadoens desta vila e deste termo e depresente passauam atoda a Cumarca Com a desmoralizada Lei da Prefeitura – (O Lei deferro) e para milhor seguir Seus fins empoçarão em todos os empregos damesma Lei, cuaze Só seus parentes, desde o grão Sultão the o menor baixás escluindo e regeitando Sidadoens probos e de Conçeito popular, e numiando em çeus lugares Omens voLantes, e déspostas cunhecidos, que bem cuadjuvaçem o fim aque se propunhão, aterando a todos os brazileiros emteiramente cunhecidos de milhor Conçeito – Não me ponho a Cargo de vos notar feitos peçímos daquele Monstro Seu irmão Estevão e Seus patriçios Cumpleçes, por Ser de vós bem cunhecidos) Só vos pondero hum trámado na Villa dachapada, hum bem Cunhecida purtugues Manoel Antônio defarias que buscando a protecão demonstra Neiva, foi Capas de cuadejuvar as maiores tiranias Com os sidadoens Militão Bandeira Barros e João Paulo Curtes, vós os vistes pasar pelo meio de voças Ruas arastando as dúras cadeias deferro; que atrozes desputismos Regidos por taes empregados que lhe aviam posto; e vos tem constado o estado dos mesmos emcurentados dentro daprizão; é empusiuel que curaçoens verdadeiramente brazileiros mantes da

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Constituição, pudeçem aturar injurias tais, sem se apaçientarem hum dia; foi este o dia 28 em que vos vi Com as Armas namão em Campo defendendo e pondo em vigor todos os artigos da nossa Santa Constituição, porem Com a infelicidade deçe ivadir da prisão em que a Onra brazileira os tinha posto; o chefe damaldade Neiva; porem não tenhamos pezar deseter praticado asoens jenerozas pela prizão deçente em que estauão; que se ivadio porque a boa asão Serue de Onrar ao partido que a fas, eamá Senpre he destruida dequem a pratica, ele ivadio-çe abusando danoça bondade já se derão as providências; para os pontos Convenientes, e talvês seja caturado, contra a sua ma Conduta, no passado; Seja nossa guia; e no entanto tenho a vos reComendar a deçíplina militar Como bazefundamental daformação do exerçito, que Com esta seja mantida a boa orde que deve Reinar em Coraçoens brazileiros – Viua anossa Santa Religião – Viua Sua Magestade inPrial o Sr. Dr. D. Pedro Segundo – Viuva aSsembleia Geral – Viua a Constituição do inPerio e toda a Sua instenção – Viua os juis de Pas interino e direito – Viua os chefes desta despidição, e em particular os briozos, povos do Merador. Quartel do Comandante dasforças Militares da Cumarca de Pastos Bons 30 de Maio de 1839."

PROCLAMAÇÃO ORIGINAL DE MANOEL LUCAS DE AGUIAR (39)

"Habitantes de Parnaguá que inação he a vossa, e o que pensais. Se vós nãos prestastes os bracos em obediência ao Prezidente de nossa Província por supordes hir contra os vossos intereces, manter os caprixos, e paxnis particular do mesmo agora que rozão tereis para vos excuzardes de tomar as armas para ajudardes apor barrera as suas arbitrariadades e disputismos dos seus delegados te que do Trono Inprial, venha o remedio que Cura o mal, que nos amiaça, easola toda nosa Pruvincia seamais anoso Municipio e a Comstituição do Inperio deveis amar o partido Bentevi pacificador e

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

regenerador da Ley fundamental. Meos Patricos vedes o diploravel estado em que se axa ridisido o infilis Municipio de Jerumenha pelos despotismo ali praticados do Major cumandante da Coluna do Oeste, noso diado Prefeito, correis as armas, e corajoramente reunidos em hum só corpo rebateremos todos as suas amiacos, e tentativas eoutras quas quer dando assim hum testemunho de que nós não aCubardamos ao disputismo, e derubando este voltaremos satisfeito au Ceio das nossas familias. Parnagenses a forÇa dipresente aqui extacionada me dá o puder de vos clamara huma causa que não vos deve ser, aleia por tanto espero no plazio di ouito dias aqui vos axeis toudos reunidos, i não o fazendo Sereis reConhecido como emnimigos de vossos Patricos, e indiferentes aosgustos fins aqui nos porpomos i direis Comigo, viva a nosa S. riligião. viva a Constuição do imperio viva D.P.2.° noso Jove en Perador, e viva os nos libertadores, e Com elles os Parnagenses, i toudosos amante da liberdade nacionar V^a de P. 20 de Fevereiro. M. L. A.

Visto que vos, meos Carós patriços, vos Renistes a mim endefeza di nosos minicipio, o que vos resta sinão, mostrardes Coraje, Constancia, e obdiensia, faltando inos valor dibalde siria pegarmos i armas a defèndermosnos faltando contancia jamais nos conservamos reunidos, e em-tanto o que pudiriamos fazernos, si faltar a obidiencia Como ci çonservara a boa ordern. Perciso he adevertir vos mais onrados patriços, que sendo vos todos dotados de patriotizmo, e fortaleza en voças revoluCons, esquiçireis de vosos partiCulares emtereses, e the mesmo dos horores da morte, para asim ConCiguires a salvação di noças familia, e propriedades somos amiacados, e falivelmente seremos masagrados Sinão, nos puzermos Com hua reszistencia vigorosa, i Como paaisseremos ter esse vigor, essa forsa pirsiza essa reszistencia tam natural a omen si cada hum dos trabalho dauzencia de sua familia e dos pirigo a que nos

(39) Esta proclamação foi escrita pelo próprio punho de Manoel Lucas de Aguiar.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

espuzermos, so afim di salvarmos o noso Munisipio tantas vez amiasados di ser pavuado dissa gentes por tanto, meus patriços onião e armonia e boa orden reinentre nós. Viva S. R. Viva a C. Viva D. 2° viva os P. Vª 20 de S. — M. L. D."

PROCLAMAÇÃO QUE FAZEM OS CHEFES REBELDES DE PARNAGUÁ (40)

"Habitantes de Parnaguá, meus amados patrícios! A orgulhosa sanha sugerida dó centro do palácio de Oeiras como as fumegantes fornalhas, digo, fumegantes labaredas das incendiadas fornalhas da Babilônia, é que tem promovido a desgraça desta província, e os males que nos tem sobrevindo; promovendo a urgência das armas e uma guerra civil entre os brasileiros destes sertões do Piauí. Sim: esse ambicioso e nefando governo com as suas ardilosas manhas, é quem nos faz incomodar nesse remontado sertão do Parnaguá, fazendo-nos separar dos braços e da união de nossas famílias, as quais pranteando a nossa ausência com saudosos suspiros se despediram de nós! Sim, caros patrícios, obrigado das circunstâncias e ameaças desse baxá José Martins iminente o perigo de vir sobre nós esse dragão, que nos quer tragar e destruir, eis a razão por que vos chamei às armas, para repelir qualquer ataque, que ele nos venha fazer. Com efeito! A defesa é muito natural, e sendo nós urna ante-muralha da pátria, devemos reunir-vos, para rebatermos os contrários e pérfidos inimigos, por quem devemos esperar a cada instante. Eia, erguemos-nos, briosos parnaguenses! Valor, coragem e intrepidez, é mister que haja entre nós, nesta ocasião em que cada um de nós deve ser um Scipião, para que impávidos arrastemos os inimigos, os quais, acompanhando a esse ímpio e tirano chefe, decerto exercitarão conosco aquelas crueldades e ferocidades próprias do seu altivo e fogoso gênio, o qual já tem exercitado, e demonstrado com suas infames ações, sendo fiel

(40) Escrita pelo poeta Pedro de Alcântara Soares de Goiaz. É documento curioso e de estilo.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

imitador de seu irmão Clementino, o qual assolou, destruiu e abrasou a formosa povoação do Mirador, que ficou qual outrora a antiga cidade de Tróia! É pois do nosso bom patriotismo, e justo dever, pugnarmos pela pátria; pela honra e pela liberdade, cujo timbre nos deve sempre acompanhar. Viva a nossa religião católica! Viva o nosso amado Imperador, o Sr. D. Pedro II! Vivam os beneméritos da pátria! Vivam os briosos Bem-te-vis! (41) Parnaguá, 25 de Fevereiro de 1840. "

(9 E 10) ARTIGOS DE UMA CAPITULAÇÃO PROPOSTA PELO CHEFE DA REVOLTA DO PARNAGUÁ, MANOEL LUCAS DE AGUIAR AO COMANDANTE DA COLUNA DE OESTE, JOSÉ MARTINS DE SOUZA

"Posto que a fôrça armada de Parnaguá e seu respectivo chefe estivesse na firme disposição de se reunir e fazer causa comum com a gente armada da província do Maranhão, presentemente alterada com o sistema político que admite estrangeiros no governo pátrio e nacional, com a notória desonra e afronta dos nacionais do país, ele deve ao brio dos soldados do município, e ao valor e boa conduta de seus habitantes declarar que livremente se rende as proposições de paz, oferecidas pelo major José Martins, menos pelo temor das armas dó que pelo acendimento da discórdia civil, por onde se pode perpetuar inimizades entre as diversas famílias desta província; contudo não pode aceitar proposições de paz, que não sejam com as condições seguintes:

Art. 1° – Que ele major e comissário do Exmo. governo da província, que até agora tem a consideração de prefeito deste

(41) Os rebeldes de Parnaguá com as suas graduações eram: Tenente-coronel Sebastião José de Aguiar, capitão Manoel Lucas de Aguiar, alferes José Felix de Aguiar, capitão Antônio José de Aguiar; alferes Serafim. José da Costa, alferes Porfirio José de Aguiar, capitão Francisco Tavares de Lira, capitão Manoel Tavares de Lira, alferes Geraldo Tavares de Lira, major Conrado José da Costa, tenente Francisco Xavier da Fonseca alferes Francisco de Andrade, Delfim Francisco de Figueiredo, Antônio Lourenço Ribeiro, Manoel Botelho de Carvalho, José Antônio, José (vulgo Mamãe), João Pinheiro de Mendonça, Miguel Quirino, Manoel Zalhão, Luís Pedro de Seixas Luzeiro, Aureliano José dos Santos, Domingos Lopes de Carvalho, João Pereira Índio, Alferes Antônio Pereira de Andrade, major Thomaz Ferreira de Araujo, Vicente José de Almeida, José Vicente de Carvalho, major Januário de Aroeira, Pedro de Alcântra Soares de Goiaz, Cesário José de Aguiar, José Lúcio de Aguiar, João José de Aguiar.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

município de Parnaguá, renuncie e deponha desde já este emprego, como também qualquer outro, que já nele tenha, podendo, não obstante, continuar na sua morada e residência deste município, tratando de seu estabelecimento e de sua família, como um simples cidadãos, até que para o tempo em diante, convencendo-se o povo de suas virtudes de seu amor para com seus nacionais o possam empregar em qualquer um dos ramos de sua pública administração.

Art. 2° – Que igualmente outro qualquer homem, que não for aqui nascido e que se ache constituído em emprego público civil ou militar, o deponha e renuncie, e só o possa reassumir para o tempo adiante por unânime vontade do povo.

Art. 3° – Que este povo seja livre de propor já ao governo quem deve aqui ocupar os cargos, que por tais princípios devem vagar.

Art. 4° - Que todo e qualquer homem natural, casado, compatriotado neste município, e que de presente se ache debaixo do comando deste major fazendo a guerra à Província do Maranhão, seja entregue a esta fôrça armada, para ser restituído à sua respectiva habitação e ao trato de suas famílias.

Art. 5° – Que de nenhuma maneira seja chamada ou aperreada pelo governo pessoa alguma deste município para o fim de fazer a guerra à província do Maranhão, e aos que se acham ali Bem-te-vis; porque este município não é contrário à constituição do Império, à sagrada pessoa do Imperador, antes quer a sua defesa e estabelecimento.

Art. 6° – Que de agora em diante, nas eleições, que se aqui fizerem, para qualquer sorte de empregados, ou deputados da Província, e de cortes se admitam mais três homens eleitos na própria ocasião de tais eleições para examinar e conhecer debaixo de juramento religioso, se em tais eleições entram cabalas e chapas, e que por eles sejam logo despedidos, e substituídos os membros em que estas se possam presumir.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Art. 7° – Que este povo quer ser inteirado por uma tabela da receita e despesa deste município todos os anos; porque ele não tem podido sem dor e sentimento ver a ruína total do seu único templo, da cadeia e casa do conselho, e de suas públicas assembléias, e também o pouco caso, que o governo tem feito até o presente, de lhe fazer constar o em que se tem absorvido suas contribuições, objeto este bem solene a todos os povos civilizados como aos governos.

Art. 8° – Que para este município se forme em cada um ano um tribunal de três membros aptos, a quem o governo envie uma vez todos os anos esta tabela, os quais a examinarão, e farão ver ao povo o consumo de suas contribuições.

Art. 9° – Que os soldados que de presente se acham debaixo de armas pela defesa destes seus direitos sejam pagos a 320 rs. por dia, pelo tempo vencido, pelas rendas deste município, de que o poderá indenizar a assembléia geral legislativa.

Art. 10° – Que o governo da província nenhuma ordem mande aqui as diferentes autoridades civis e policiais, para o processo, prisão ou perseguição de uma só pessoa, sobre que possa cair a suspeita de assim o fazer, pelo motivo de concorrência para a presente fôrça armada.

Art. 11° – Que de ora em vante toda e qualquer ordem do governo deve conter em si o convencionalmente de razões que devem constituir o nosso dever, de onde deve nascer a nossa obediência, porque sendo este povo livre, e bem amantes das leis, protesta não faltar ao que convier para sua salvação, única causa do estabelecimento das sociedades humanas.

Art. 12° – Que o governo a nenhum homem particular de aqui soldados da nação para sua guarda, como fez a Raimundo Marreiros de Sá e Albuquerque, que por isto ousou cometer homicídios sem castigo.

12 de Março de 1840."

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

PROCLAMAÇÃO DE JOÃO DA MATA CASTELO BRANCO, INTITULADO COMANDANTE EM CHEFE DA FORÇA BEM-TE-VI NA PROVÍNCIA DO PIAUÍ

"Ilmos. Srs. concidadãos brasileiros.

Eu saúdo a todos os brasileiros pobres, que forem amantes de sua pátria e do nosso Imperador. Meus irmãos agora é ocasião dos brasileiros mostrarem a sua firmeza e amor à pátria; pois me acho nesta província em defesa do partido Bem-te-vi, que defende a santa religião católica romana, a coroa do nosso Imperador, o Sr. D. Pedro II, a constituição, nossa pátria, nossas famílias, e a nós mesmos da escravidão dos *Cabanos*; pois esses malvados *Cabanos* querem-nos pôr no cativeiro. E porque é do meu dever fazer a todos os Srs. concidadãos e mais brasileiros natos todos os benefícios, eu aceito a todos como membros dêsse grande partido Bem-te-vi; e os que não poderem vir por qualquer circunstância de moléstia, escreva-nos, e nos supra com pólvora e armas; porque assim dão provas de Bem-te-vis e os que não vierem ficarão tidos por *Cabanos*. Venham, meus irmãos, não sejam ingratos aos patrícios e irmãos pobres.

Curumbatá em 3 de Abril de 1840."

*

* *

Não creio possamos, após a leitura consciente dêsse documentário dos *balaios*, deixarmos de fazer a justiça histórica de admitir nessa massa de caboclos maranhenses um outro espírito mais elevado e mais humano que o instinto de roubo a conduzi-los nessa revolta cruel, mas, ao mesmo tempo, tão cheia de lampejos da alma humana nos seus eternos e justos anseios de liberdade.

Há na alma desses milhares de sertanejos um quixotismo rude, primitivo, mas, também, capaz de grandes lances de heroísmo e sacrifício. Não sei porque continuar a *caluniar* essa gente através da história se nela um impulso

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

patriótico se manifesta, através de atos cruéis de uma revolta que não teve os cambiantes mágicos dos episódios glorificados, porque lhe faltou, deploravelmente, a moldura de uma respeitável orientação intelectual...

Na história como nos dramas da vida, nem sempre a *Verdade* aparece lúcida à luz de sua embriagadora nudez... Há acontecimentos históricos que vingam os séculos; castigadamente caluniados.

O destino da **BALAIADA** foi severíssimo. O movimento nasceu da massa e a massa teve a desgraça de ser, no Maranhão, perante a sociedade, eivado de castas e preconceitos, uma cousa desprezível...

Parece-me que poderemos, no entanto, concluir este capitulo, tirando já algumas conclusões mais lógicas.

1) **A BALAIADA** revelou com a tomada de Caxias, objetivos acentuadamente políticos no sentido social de uma luta contra a opressão de um governo e de um partido dominante; 2) os *balaios*, mesmo cruéis e responsáveis por numerosos atentados à vida e à propriedade, não objetivaram o roubo; 3) os rebeldes nunca atacaram o trono e a Religião, pediam sempre a manutenção das leis gerais e da Constituição, pelo que se evidencia neles um respeito consciente à ordem legal, que lhes parecia adulterada com a lei dos Prefeitos e os sistemas de perseguições político-partidárias dos *Cabanos*, ou governistas; 4) o mesmo secular ódio ao português, – elemento de opressão sempre dominando na política, no comércio e na sociedade do Maranhão – é vivo e manifesto nos balaios, que nesse episódio de lutas e vinganças deixam escapar do subconsciente o mesmo grito de revolta dos que nos sertões maranhenses, em várias décadas, se armaram contra o lusônio nas lutas rudes e violentas pela nossa Independência.

Esses rancores contra os portugueses, assim, tão acentuados na alma dos balaios são resíduos das lutas independentistas e que agora revivessem, no entrechoque das armas, nas frases rústicas das proclamações e até nos versos que cantavam após os choques das armas.

– "De Verde amarelo
Dom Pedro fez carapuça,
Viva todo o nosso Brasil

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Morra tudo que é puçá"! (42)

Esses versos de sabor nacionalista evocam as sovadíssimas estrofes, que ouvi muitas vezes contra os portugueses:

— "Marinheiro pé de chumbo
Calcanhar de requeijão,
Quem te deu a confiança.
De Pisar no Maranhão"?...

ou esta outra :

— "Marinheiro pé de chumbo,
Calcanhar de frigideira,
Quem te deu a confiança
De casar com brasileira?"

*
* *

A revolta teve os seus agentes intelectuais, que a predicaram, e que a deflagraram. Através de longos anos de ação deliberada e quase sistemática o espírito liberal de grandes líderes do povo sacudiu o Maranhão em todos os seus quadrantes. É preciso, mais uma vez, salientar, que os foragidos da célebre Confederação do Equador foram se ocultar no alto sertão maranhense. Não ficaram inativos e deles partiu para as camadas mais ínfimas das massas de camponeses uma ardorosa campanha liberal que deu origem a vários surtos de rebeldia no interior da Província. Por sua vez, os mais destacados homens de imprensa nos seus combates aos governos criaram um *clímax* de luta, enquanto, por outro lado, os detentores do poder qual mais violento, mais brutal e cheio de funestos excessos concorriam para espalhar na alma

(42) Carlota Carvalho

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

anônima da massa oprimida o espírito de rebeldia, que fez deflagra, inevitavelmente, a luta armada da **BALAIADA**.

Para melhor encadeamento deste estudo assinalemos numa análise demorada a atuação dos agentes intelectuais na revolta.

Há duas categorias de responsáveis intelectuais: a dos que defendendo o povo acenderam o espírito revolucionário; e a dos que apegados ao poder abusaram dele e despertaram em toda parte o espírito de reação à força e ao arbítrio.

No primeiro grupo enquadram-se três nomes respeitáveis — José Cândido Morais e Silva, o Farol, João Lisboa e Estevam Rafael de Carvalho. No segundo grupo estão: Vicente Camargo, com os recrutamentos à Lei dos Prefeitos, Sotéro dos Reis, com a sua inflexível atuação política e o Visconde de Parnaíba, com sua política de ódios e truculências. Esses foram os principais agentes intelectuais da Revolta.

*

* *

José Cândido de Morais e Silva, o mais puro dos homens públicos de seu tempo, grande espírito e caráter enrijado nas páginas da Justiça foi, no Maranhão, o maior líder das campanhas liberais. Lutou pelo povo, com denodo e audácia, com muito talento e coragem cívica. O seu jornal O *Farol* deu-lhe renome numa das mais admiráveis e gloriosas crismas, simbolizando-lhe destino luminoso dêsse homem que fez da política o seu ideal e a sua panóplia, para lutar sem esmorecimentos na defesa dos oprimidos. Foi José Cândido de Morais e Silva quem mais lançou pelas terras do Maranhão a sementeira daquela rebeldia gloriosa, que deu ali santos e mártires, heróis e decididos lutadores pelas liberdades humanas...

A José Cândido de Morais e Silva, nesse empenho de lutas pelo povo, sucedeu o famoso polígrafo João Francisco Lisboa, o mais arrojado cultor da língua portuguesa, ourives da palavra escrita, artífice da pena, e, ao mesmo tempo, esgrimista invencível que sacudia o seu florete de aço com tamanha maestria como um cavalheiro medieval... Em João Lisboa havia um caráter de bronze e uma alma de espartano. As suas acutiladas no adversário eram de

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

deixar profundos gilvazes. Ninguém lhe levava às lampas no combate. Lutava como um guerreiro antigo. Manejava a pena como quem vibrava um dardo. Ia certeiro no alvo. A sua personalidade se projeta em largo trecho da história maranhense com tamanha atuação que só ele ilumina todo um período verdadeiramente de grandezas e de vitórias para a legendária Província.

Com um enorme prestígio perante o povo, orientando a opinião pública, criticando os desmandos de sua época, João Lisboa possuía uma autoridade incontestável na sua terra. Era a grande voz liberal do Maranhão, audaz e desassombrada vibrando como um arauto das liberdades populares no meio das mais sombrias violências e arbitrariedades.

Na imprensa João Lisboa dava a impressão de um gladiador, dominava a situação com o desassombro de suas atividades e a rutilância de suas armaduras de aço...

A sua pena acerada e firme anunciou a revolta:

"Receias a guerra civil, não existe ela já porventura, quando se assassina, e quando os matadores à frente de uma tropa numerosa e em atitude ameaçadora, estão ainda brandindo os punhais ensangüentados? Não poderá ela acaso rebentar também do criminoso abandono em que se deixa uma população inteira? Quer-se-á que cada um entregue às suas próprias forças, deixado o caminho da lei, encete o das vinditas particulares tão funestas e desastrosas?"

Cumpre-nos agora indagar: mas, teria João Lisboa pregado a **BALAIADA**? Não na pregou diretamente. Foi, no entanto, a sua atuação o melhor preparo intelectual para deflagrar a revolta.

Durante toda a luta João Lisboa foi acusado pelo gramático Sotéro dos Reis como conivente com os rebeldes. Falou-se até numa carta apreendida e que muito comprometia o jornalista. A verdade, porém, é que nunca apareceu essa famosa carta. O que é fora de dúvida é que João Lisboa não tomou parte na revolução. Não conspirou. Indiretamente a sua atuação foi de verdadeiro apostolado da rebeldia. Os seus artigos produziam na massa o espírito de rebeldia. Não deixa, pois, de ser um dos agentes intelectuais da **BALAIADA**. Daí a ser, porém, um cúmplice vai muito espaço. A formação intelectual e

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

política de João Lisboa era, como assinala Carlota Carvalho, a de "um conservador da ordem estabelecida". Não combatia "para demolir, mas para corrigir"; lutava, mas não se unia à massa; combatia pelo povo, mas seria incapaz de fazer parte de qualquer revolta com o povo. Isso é tão claro que apenas rebenta a revolta, quando o movimento se alastra e domina grandes áreas do sertão maranhense, ele, o mais autorizado Chefe dos Bem-te-vis os repudia de público, vem, sem que fosse obrigado a se manifestar, colocar-se ao lado dos seus adversários, numa atitude de fraqueza aparece em público com esta declaração de seu legalismo publicada na "Crônica Maranhense" de 20 de julho de 1839: "A oposição constitucional, de cuja opinião nos honramos em ser órgão adota por seus amigos, na crise atual, todos que empenharem armas em favor das instituições ameaçadas..."

Não será isso uma fraqueza? Mas, afinal, que desejavam os rebeldes?

1°) - Abolição da lei dos Prefeitos, tão combatida por João Lisboa;
2°) Demissão dos portugueses dos cargos públicos e postos do Exército;
3°) Fazer valer a Constituição do Império na parte que se referia às liberdades populares.

João Lisboa fraquejou, não dando apoio à revolta; fraquejou não por covardia, mas por sinceridade e convicção. Ele não havia conspirado. Nem, jamais, tomaria parte num levante feito por negros e camponeses. Faltara-lhe algo dêsse espirito de confraternização que os grandes líderes do povo trazem, essa espécie de vulgarismo psíquico que irmaniza os condutores de multidões com os mais desprezíveis resíduos humanos, – fogo sagrado de humanidade que existia em Buda, em Cristo...

O maior dos responsáveis intelectuais da **BALAIADA** não foi, como já vimos, João Francisco Lisboa. Foi Estevam Rafael de Carvalho, cuja personalidade enigmático desafia um estudo que não fugimos à tentação de fazer; mesmo que tenhamos de nos alongar um pouco mais, tais e tantas são as facetas dêsse político maranhense, cuja biografia merece aqui um capítulo especial.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

*

* *

Estevam Rafael de Carvalho foi, sim, o principal responsável intelectual da **BALAIADA**. O seu jornal **O BEM-TE-VI** deu nome aos rebeldes já que o dera à facção política a que se diziam pertencer os *balaios*; tanto que *Bem-te-vis* ou *balaios* são sinônimos no glossário dessa revolução. O curioso, porém, como veremos através do estudo da figura enigmática de Rafael de Carvalho, é que ele, deflagrado o movimento, não deu mais uma palavra, não tomou uma atitude fechou-se num silêncio absoluto, abandonou mesmo a capital da Província e foi-se pacatamente para a sua cidade natal, — essa Viana pitoresca às margens dos mais deliciosos recantos de seus lagos primitivos. Nem mesmo acossado pelo acicate de Sotéro dos Réis o redator do BEM-TE-VI veio às falas. Só muito tarde, quando a rebelião já estava extinta, quando os seus chefes matutos haviam sido presos e expulsos do território maranhense é que o patrono intelectual da rebelião apareceu de público publicando uma carta do Chefe da Revolta, Raimundo Gomes, em que dizia não haver conspirado com ele o famoso jornalista BEM-TE-VI!

Sotéro dos Reis é que não lhe abandonou mais a ilharga e fê-lo sofrer anos seguidos os mais ferinos reproches.

Essa, a figura que vamos estudar no capítulo que se segue.

*

* *

Figura muito curiosa da história política do Maranhão é, sem dúvida, a de Estevam Rafael de Carvalho.

Conjugavam-se-lhe na personalidade predicados os mais chocantes: A austeridade impressionante de sua vida pública unia um temperamento irrequieto e combativo, atirando-se à luta de corpo aberto, com um desprendimento político de verdadeiro quixote. Culto manejava, no entanto, o cálamo em linguagem popularíssima, acossando os seus adversários em arremessos terríveis, em artigos de tamanha mordacidade, que Aretino não lhe levaria vantagens. Era um inimigo preciosíssimo; as suas zombarias tinham algo de veneno selvagem, que penetrava fundo na alma popular. Não recuava

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

um passo quando brandia a sua clava agressiva: Atirava-se com o mesmo desassombro contra os adversários políticos, como contra até mesmo os homens de seu partido. Temível e irreverente não trepidava, apesar de ser homem de partido, em vir declarar em público os crimes e erros de seus partidários, criando, com tal proceder, as mais vexatórias situações para seus correligionários. Entretanto, não lhe faltava talento e cultura para dar equilíbrio a tão contraditórias atitudes. Filho extremoso da terra maranhense, por cuja grandeza trabalhava, vivia como que enamorado dela, e nos mais nobres impulsos de sua alma liberal, ardoroso como ninguém, lutou, e lutou muito no seu admirável quixotismo de homem para quem acordaram muito cedo as idéias avançadas do liberalismo democrático, saturadas de grandes sonhos na mais bela das campanhas humanas por amor à Justiça e à Liberdade.

Hoje, um século depois, estudando-se-lhe a vida, não é possível ao historiador sincero fugir ao dever de proclamar-lhe as virtudes morais e cívicas, que foram maiores do que os seus mil e muitos pecadilhos de *líder* do povo.

*

* *

Nascera Estevam Rafael de Carvalho na então Vila de Viana, em 1808.

Por essa época, a antiga residência jesuítica do Maracú começava a experimentar surtos progressistas, que lhe prodigalizavam os negros ali introduzidos pela Companhia de Comércio do Maranhão e Grão Pará. Levantavam-se já no ubertoso vale do seu rio, o Pindaré, os primeiros engenhos de açúcar o que iria numa progressão até quase findar o século. Pontilhavam-lhe as terras extensos algadoais. Nativo era-lhe o arroz. Grandes escravaturas movimentaram essas colmeias de trabalho e produção, que permitiam fartura e bem estar aos habitantes .

Não demorou a opulência da florescente vila dela proveu no entanto a cultura de muitos seus filhos. A riqueza permitia a permanência em Viana de intelectuais de merecimento, que se dedicavam ao magistério. Foi um deles Manoel Ferreira Freire, latinista e poeta, cujo estro ombreava com o de José

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Raimundo da Rocha Araújo no jornal *Publicola Brasileira* (História da Imprensa do Maranhão, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 41, volume 57, pág. 167 – César Marques). Essa instrução, porém, não contentava as famílias mais ricas. Queriam mais, sonhavam para os filhos títulos científicos. Faziam-nos, por isso, atravessar o Atlântico em busca das luzes da Universidade de Coimbra. Nesse número foi Rafael de Carvalho. Lá cursara a Faculdade de Filosofia, aí por volta do quinquênio de 1825 a 1829.

Com as lições de Coimbra bebeu o ateísmo irreverente e espectaculoso com que havia um dia de horrorizar a sua província e assombrar os seus pares na Assembléia Geral Legislativa. Ele mesmo o disse em discurso pronunciado nessa Assembléia em 1836: "Sou ateu desde os 18 anos. Em 1826, quando estudante, escrevi numa dissertação que fiz – se sempre fosse o que devesse ser, os homens seriam deuses e os deuses seriam homens; não seria necessário pregar a existência de um Deus; as religiões, esses fantasmas medonhos e asquerosos, não teriam a imprudência de passear impunemente por entre os homens, e nem os seus sacerdotes ousariam impor à razão o silêncio, às paixões um túmulo". Na crônica coimbrense daquele quinquênio, ficou a tradição de que, terminado o curso, se recusara Rafael de Carvalho a receber o grau de bacharel em filosofia, declarando "haver estudado para saber e não para ter um título, ainda que científico".

Quando regressou ao Maranhão em 1830, trazia fama de talentoso, de ser ateu e ter idéias revolucionárias. Não procurou, porém, prosélitos para essas idéias nos primeiros anos de estada na província, após a sua volta da Europa. Deixou-se ficar, engolfado na literatura estrangeira, na fazenda dos pais, em Viana. É dessa época a sua tradução do poema *A primavera*, de Kleirt, oferecido à D. Ana Virgínia Pereira da Silva Cajueiro e publicado em 1832. Neste mesmo ano, em 24 de julho, na presidência de Pedro de Araújo Viana, Rafael de Carvalho tirou em concurso a cadeira de comércio, criada pelo decreto de 2 de agosto de 1831 do governo regência. Examinaram-lhe o engenheiro André de Andrade Braga e João Paulo das Chagas, aos quais, anos depois, ele havia de cobrir de ridículo por terem considerado a contabilidade mercantil uma ciência, quando não passava de uma "arte acanhada e árida".

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Só em 1833 foi que Rafael de Carvalho apareceu no cenário da política maranhense.

Era propício o momento.

Depois de 7 de abril, entrou o Maranhão num período de desânimo, em que desapareceram os partidos para dar lugar aos corrilhos, em, que se fecharam os jornais para surgir a *época do silêncio*. (43)

Deste momento aproveitou-se Rafael de Carvalho para apresentar aos seus conterrâneos o plano de um novo partido político "de que tinha necessidade a província". "Estamos na época", dizia ele no manifesto de apresentação", em que o espírito popular domina no seu máximo poder, em que as deliberações são tomadas por votação, em que tudo se governa por associações, em que o chamado partido político tem de ser uma sociedade eleitoral, eliminando o chefe para deliberar pela sua maioria". (44)

Era, como se vê, uma concepção nova, sedutora para um povo, cujo eleitorado só vinha tendo uma missão: recebe, do chefe a *chapa* e o *cacete*.

Por isso, para logo, engrossaram-se as fileiras da nova sociedade, mau grado a oposição que encontrou da parte de duas figuras prestigiosas na terra maranhense – Antônio Pedro da Costa Ferreira (futuro Barão de Pindaré) e Romualdo Franco de Sá, os quais militavam no partido marreco.

Talvez por causa do jornal que lhe predicava as idéias, a fundação de Rafael de Carvalho tomou o nome de *Bem-te-vi*. Com este nome cresceu, estendeu-se por toda a província, teve adesões dos que lhe combateram, tornou-se forte e mandou o seu fundador à Assembléia Geral, na terceira legislatura, de 1834 a 1837.

A Câmara dos Deputados do Império fora sempre um cenáculo de homens ilustres pelo talento é pelo caráter. A Legislatura de 1834 não abriu exceção à regra. Entre os cem membros, figuravam Carneiro Leão, Rodrigues Torres, Simpo de Abreu, Evaristo da Veiga, Holanda Cavalcanti, Costa Ferreira, Maciel Monteiro, Bernardo de Vasconcelos e outros vultos notáveis.

Mas, além do relevo da Câmara, circunstância por si só suficiente para esmorecer o ânimo de um moço que estreava (Carvalho tinha então 26 anos),

(43) Cesar Marques – Memória cit., p. 185.
(44) Sotero dos Reis - História dos partidos, artigo da "A Revista" n. 204.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

havia ainda a entibiar a coragem dos neófitos a agitação causada na política pela grande crise da Abdicação.

De fato, a Câmara da 3ª legislatura ia agir num ambiente eletrizado, pelas lutas partidárias, que não trepidavam em vir convulsionando o país com revoluções e motins. Nela disputariam a primazia três grupos: os absolutistas, os constitucionais e os republicanos, guiados, respectivamente, pelos clubes políticos – Sociedade Militar, Sociedade Defensora da Liberdade e Independência e Sociedade Federal. (45) Agravava esta situação a crise por que passava a Regência. De triunvirato, como prescrevia a Constituição de 25 de março, estava reduzida a um único membro, com a teimosia de Costa Carvalho em permanecer em S. Paulo afastado do governo e a enfermidade mortal de João Bráulio Muniz. Era de grande gravidade o momento. E os responsáveis pelo novo governo assim o compreendiam.

Manoel Odorico Mendes, a quem cabia com Evaristo da Veiga a responsabilidade máxima do movimento de 7 de abril, escrevia a Costa Carvalho:

"Eu uno a minha voz a tantas outras, que suponho lá te chegarão. O Bráulio está por instantes a morrer; e isto fica a matroca; e os ambiciosos estão em campo, ambiciosos (entendes) de todas as cores, de todas as seitas. Vem tu; que a tua assistência na Corte é reclamada pelo bem público. Não me estendo mais porque te creio ao alcance de nossas coisas."

Com o mesmo intuito, escreviam ao futuro Marquês de Monte Alegre o Conde de Valença e Álvares Machado. Este último é mais explícito: fala na ambição desmedida de Holanda Cavalcanti, na maioria de seu partido na Câmara, no seu projeto de conferir Regência à Princesa D. Januária.

Não eram infundados tais temores. Di-lo-ia futuro próximo. Com efeito, Holanda Cavalcanti, revelou-se um homem temível. Quando derrotado por Diogo Antônio Feijó na eleição para Regente, maquinou com Sebastiani, ministro da França no Rio e Pontois, governador da Guiana Francesa, a separação do norte do Brasil, que de Sergipe até o Amazonas formaria uma nação. Em troca de 5 000 homens, 4 vasos de guerra, dinheiro e armamento

(45) Moreira de Azevedo - Hist. do Brasil de 1831 – 40.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

que lhe daria a França, cederia a este país territórios no norte do Amazonas. Não vingou a secessão por não lograr o consentimento de Luiz Felipe. (46)

Tal o meio em que ia atuar Rafael de Carvalho como deputado da sua província.

Talvez, por isso, Rafael de Carvalho manteve-se calado durante toda a sessão de 34, observando o ambiente, familiarizando-se com a casa, evitando uma estréia desastrada. Para o seu temperamento agitado propenso a posições definidas, deveria ter sido penoso essa atitude de expectativa, sobretudo quando toda a Câmara se deixou empolgar pela discussão dos dois projetos magnos daquela sessão: a destituição de José Bonifácio do cargo de tutor do Imperador-menino e a reforma da Constituição. Em ambos os casos, foi Carvalho voto vencido. Opõe-se à reforma, como não ofendeu ao velho Andrada, votando-lhe a demissão.

Só na sessão de 6 de junho de 1835 foi que Rafael de Carvalho fez a sua estréia na Câmara, apresentando três projetos de lei. São, como se vê, três petardos tremendos.

Denota-lhe o primeiro o liberalismo das idéias, pois é um golpe na escravidão. Deu-lhe redação sucinta:

"Do presente em diante, os pardos que nascerem no Brasil serão livres".

Num país que ainda não tinha abolido o tráfico africano, é bem de ver o fim de tal projeto – caiu.

Os dois outros prendem-se às suas convicções sobre religião. Num estabelecia:

"As ordens do presbitério não constituem impedimento civil".

No outro decretava:

"A igreja brasileira fica desde já separada da igreja romana".

"O Supremo sacerdócio fica devolvido ao governo".

A Câmara em peso recebeu este último projeto com verdadeiro clamor. Mal terminou a sua leitura, o presidente, Araújo Lima, rápido, correu à tribuna, para protestar contra o novo cisma, que se pretendia estabelecer na Igreja

(46) Alberto Rangel __ O réprobo da secessão. Rev. do Brasil número XVI __ 1921).

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Romana, declarando que, na sua opinião, tal projeto jamais deveria ter sido apresentado.

Contra o projeto de Rafael de Carvalho falaram vários deputados, entre os quais Carneiro Leão, que considerou o remédio proposto pior do que o mal de que sofria a nação.

Negou-lhe apoiamento a Câmara, contra dois votos: o de Rafael de Carvalho e o de um outro deputado, que talvez tivesse sido Ferreira França.

Entretanto, questões dêsse porte não era uma novidade no Parlamento Brasileiro, pois uma outra tão arrojada quanto essa fora o projeto de abolição do celibato dos padres aí já discutido.

O caso da supressão do celibato chegara à Câmara em 1827, através de uma solicitação do Conselho Geral da Província de São Paulo, onde a questão fora proposta por um dos seus membros – o padre Diogo Antônio Feijó.

Admirável é que a discussão e a defesa de tão melindrosa tese tivesse partido de um padre, cuja vida sacerdotal era sem mácula.

Em interessante livro – "Feijó e a primeira metade do século XIX", – Alfredo Elis Júnior estuda o fenômeno.

Para este escritor, Feijó tinha na sua vida um cravo, que lhe dilacerava o orgulho. Era o seu berço espúrio, e, mais do que isso, sacrílego. Sabia que seu pai, o padre Lima, vigário de Cotia, teria esposado sua mãe, Maria Joaquina de Camargo, se não fosse os cânones da Igreja. Altruísta e liberal, não queria que outros fossem vítimas da avilta que o angustiava e o alucinava. Daí o ter-se engolfado na grande campanha, em que teve como companheiro destemeroso o padre Dr. Antônio Maria de Moura. Venceram os partidários da Santa Sé, chefiados por D. Romualdo Antônio de Seixas, arcebispo da Bahia, apesar da argumentação cerrada de Feijó, que dizia: "Jamais se deve estabelecer uma lei, quando é provável sua constante transgressão".

Tais ocorrências eram sabidas em Roma, que a sua diplomacia sempre foi a mais bem servida e a mais bem informada de todas. Por isso, quando em 1833 o Governo Imperial do Brasil nomeou Antônio Maria de Moura, bispo do Rio de Janeiro, a Santa Sé recusou-se a confirmar tal nomeação. Em vão foram os esforços dos três diplomatas a quem cometemos esta pendência: Luís

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Moutinho, José Joaquim da Rocha e Vasconcelos de Drumond. O Vaticano alegava sempre a indisciplina do candidato, como defensor de princípios contrários às leis eclesiásticas. E assim decorreram dois anos.

Regente em 1835, Feijó levara para o governo o propósito firme de arrancar do Vaticano a debatida confirmação. "Levarei a questão até o cisma", dissera o arrebatado ituano.

Foi nessa ocasião que Rafael de Carvalho apresentou o seu projeto de cisma, a que nos referimos, compreende-se o alarma.

Da rejeição quase que *in limine* deste projeto aproveitou-se o Ministério para mostrar à Santa Sé o sentimento católico do Governo Regencial. O Vaticano, porém, interpretou de modo diferente este fato. É o que se depreende desta comunicação de Drumond ao nosso governo: transcrita por Pandiá Calógeras: "A Santa Sé está persuadida que, onde a Representação Nacional, em conflito com a Santa Sé, sem motivos, despreza *in limine* uma tal preposição, desmente as ameaças do governo, e autoriza o Papa a persistir em sua pretensão. (47)

Desta maneira, se o projeto de Carvalho não logrou o aprovimento da Câmara, conseguiu, todavia, prolongar a malfadada pendência que acabaria por um cisma, se não fosse a ponderada política do novo regente, Pedro de Araújo Lima, "que agiu de acordo com a situação revelada pelos debates das Câmaras".

Mas o deputado maranhense desejaria mesmo um rompimento com a Igreja Romana?

Opinamos pela afirmativa, embora ele dissesse o contrário em discurso, proferido dois anos depois, despedindo-se da Câmara. Essas reviravoltas eram muito do seu feitio. Outro não era o motivo de o qualificarem de *enigmático*. Desassombradamente ateu é inimigo declarado da religião católica, a separação da igreja brasileira da de Roma, era um escândalo que daria prazer a Rafael de Carvalho. No momento, nada induz à conclusão de que o deputado maranhense não desejasse tal separação, visto como seria uma reação contra a política do Vaticano, considerada por ele humilhante ao Brasil. Esses fatos

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

explicam melhor o projeto de Carvalho do que o desejo de criar uma oposição à regência de Feijó, como expôs no aludido discurso. Acresce ainda em favor da nossa tese, a circunstância de já existir essa oposição a Feijó, e oposição forte, formada pelo partido de Holanda Cavalcanti, que lhe fora opositor no pleito, como representante da aristocracia do norte. Como quer que seja, a oração do deputado maranhense é interessante, valendo transcrever o seu tópico principal:

"Fui moço, e como tal partilhei os erros da mocidade. Em matérias de religião, fui supersticioso, mas de superstição corri rapidamente para a impiedade. Nem isto deve admirar à pessoa alguma, que tal é a marcha do espírito humano; porquanto, para servir-me de minhas próprias expressões em um escrito que faço imprimir, e que cedo será dado ao público, *foi decretado pelo supremo legislador da eternidade que o homem só possa ganhar moderação depois de ter expiado seus erros no purgatório dos extremos*"...

"Considerem-se dois planos inclinados, tocando-se pela sua parte baixa, e fazendo um ângulo reentrante: considere-se uma esfera lançada de uma das extremidades, dêsse ângulo; ela caindo irá ao outro extremo, e dai, retrocedendo, oscilará algum tempo primeiro que descanse. Se esta esfera for tocada a cada momento por uma força, ela franqueará o outro extremo e desaparecerá. Se duas esferas forem lançadas dos dois extremos, elas se encontrarão; retrocederão, tornarão a chocar-se até que por fim descansem, equilibradas as suas forças".

"Tal é imagem sensível da marcha do espírito humano. Correndo, pois, rapidamente, meu espirito de um a outro extremo, fez uma pausa, e conheci então uma verdade; que é que, quando o espirito está frenético, no momento em que ele faz uma pausa, esta pausa é sinal infalível de retrogradação: ele pois retrograda e pára: e pode apreciar um verdadeiro espírito religioso. Neste momento principiei a observar todos os homens, e em todos vi representada a imagem do meu espirito".

"Dai conhecia que o espírito, bem como o corpo, estão sujeitos a uma mesma lei. Assentei de resolver um problema. Perguntava a mim mesmo; não

(47) Da Regência à Queda de Rozas – 1.ª edição, pág. 139.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

será possível levar os homens ao estado em que hoje me acho? E respondi a mim mesmo, lembrando o mesmo que se passou comigo. Qual será o meio? Empurrar os supersticiosos para a impiedade, e fazer estes retrogradar para a superstição: encontrando-se no caminho, eles haverão de lutar. São as duas esferas lançadas dos extremos opostos".

"Firme neste propósito, eu esperava a ocasião de pôr em execução o meu projeto. Fui transportado do Maranhão para aqui, para o seio da representação nacional; achei uma boa ocasião. Mas não bastava a minha colocação aqui: era-me preciso que a ocasião fosse favorável, e esta ocasião apareceu. Em 1835 tratava-se de eleger um regente; o regente que era apregoado por todos, e que havia probabilidade que saísse, era o Sr. Feijó; o Sr. Feijó que aqui tinha emitido a idéia do casamento dos padres, idéia que foi recebida em outro tempo, idéia com a qual eu simpatizo e com a qual simpatizam aqueles que não amam o escândalo, porque, desde a tiara até o último sacristão, todos os sacerdotes são casados de fato, não querendo ser de direito (Muitas risadas). Conhecendo que todo o governo tem sempre uma oposição, e, que esta sempre é feita à sua idéia predileta, subindo o Sr. Feijó à regência, não havia melhor meio de estabelecer uma oposição que essa idéia. Eis aqui o ensejo que achei para pôr em prática meu sistema. Para criar essa oposição era necessário não falar a linguagem da oposição, mas falar a linguagem contrária, falar a linguagem que o Sr. Feijó tinha falado. Foi nesta mente que ofereci o meu projeto de religião; foi para plantar esta oposição que hoje existe, e que se apresentou em campo ainda antes do Sr. Feijó subir à regência." (48)

Mas, qualquer que fosse o objetivo do projeto de Rafael de Carvalho – cisma na Igreja Romana, ou oposição ao regente Feijó – o certo foi que a imprensa da Corte o castigou severamente, notadamente o jornal 7 de abril. Para rebater as idéias de Carvalho e de Ferreira França chegou-se mesmo a publicar-se um livro – da autoria de *um brasileiro*, pseudônimo do General Abreu e Lima.

Essa foi a estréia do futuro pregador da **BALAIADA**.

---

(48) Anais da Câmara dos Deputados – Sessão de 26 de agosto de 1837.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Na sessão de 1836, Rafael de Carvalho revela-se inteiramente senhor do ambiente da Câmara. Pelo seu talento e pela sua bem cuidada cultura tinha-se imposto à consideração de seus pares. Discute vários assuntos e começa a exibir aquela mordacidade terrível, que o acompanhou a vida inteira .

Dessa ironia gosta a Câmara, que a aplaude com risadas, provocando-o, pedindo muitas vezes que fosse à tribuna.

A sua atitude é de quem faz oposição ao governo. Assim, combate a suspensão de garantias para a província do Rio Grande do Sul, rebatendo argumentos de Carneiro Leão (futuramente Marquês do Paraná), que lhe "descobrira certo gostinho em contraditar as idéias da Câmara". Nessa discussão Carvalho declara-se ainda "no verdor dos anos, sem conhecer a carreira do crime, com uma vida que não receia análise".

De outra feita, vota com o Governo na concessão de um crédito para debelar as revoluções do Rio Grande do Sul e do Pará, mas chasqueia, quando responde a um discurso de Calmon, deputado pela Bahia:

"Fique certo o ilustre deputado, que se as circunstâncias não fossem tão melindrosas, se o calor do Pará, tão próximo à minha casa, não me tivesse feito tantas cócegas, negaria o crédito ao Governo. Havia de perguntar-lhe em que gastou tanto dinheiro, e obrigá-lo a vir formado a esta casa, protegido pelo seu chefe de mitra debaixo do braço, já que ainda a não tem na cabeça, fazer a confissão de seus pecados, para então, pedindo eu emprestado o anel do Sr. arcebispo, revestido de toda a gravidade, lançar-lhe a fraternal absolvição, mas as circunstâncias são críticas, não há remédio senão quebrar. "

Mas onde a sua mordacidade atinge o ápice é no *projeto dos patriotas*, apresentado na sessão de 2 de julho de 36.

A Câmara não o julgou objeto de deliberação, mas os seus Anais consignaram-no à página 15, tomo 2 do ano de 1836.

Era esta a redação do projeto de lei, que visava acabar com a raça dos patriotas e filantropos:

"Art. 1° – Todo o indivíduo que se intitular patriota ou se provar que o seja, pelas suas palavras, escritos, ações e pensamentos:

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Penas de 4 a 12 anos de prisão com trabalho.

Nesta classe entram os pais da pátria os mártires da liberdade, defensores das liberdades públicas, etc.

Art. 2° – Todo aquele que se intitular filantropo, ou se provar que o seja, pelas suas palavras, escritos, ações e pensamentos:

Penas de 6 a 12 anos de enfermaria privada no hospital.

Nesta classe entram os defensores da humanidade oprimida, os pescadores de almas perdidas, etc."

Novos violentos ataques sofreu da imprensa por causa deste projeto, que, inegavelmente, era extravagante, apesar de haver naquela época uma verdadeira epidemia de patriotas e filantropos. Criticou-se acerbamente o ter querido o deputado maranhense motejar sentimentos nobres e dignos. Chamou-se a atenção do público para tais casquinadas, que não condiziam com a respeitabilidade da Câmara. Emprestaram-lhe sentimentos antipatrióticos.

A tudo Rafael de Carvalho manteve-se impassível. Só um ano depois, no seu discurso de despedida, foi que justificou o que ele chamava o projeto dos patriotas.

"Há na sociedade duas classes de indivíduos, disse então, uma que, esquecendo os seus deveres, ocupa-se em pregar os deveres alheios, e estes são os patriotas; outra, que julga por seu único dever chorar sobre a sorte da humanidade, tudo permitindo e nada fazendo, estes são os filantropos. Todo o homem que se arma destas duas pestes está apto para tudo. Isto não acontece com as outras virtudes".

"Foi por isso que estigmatizei os falsos patriotas, os filantropos: consegui o meu fim. Até então, as peças do governo, as folhas públicas, na tribuna, tudo era patriotismo; mas dai por diante foi o contrário; nas peças do governo, nas gazetas, na tribuna, quando se queria injuriar um homem, dizia-se: *é patriota*. Ao menos, se não extingui essa peste mudei a linguagem".

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E para mostrar que ao verdadeiro patriotismo ele sabia render homenagem, apresentou este projeto, que foi considerado objeto de deliberação:

Art. 1° – O governo fará levantar, no alto da cidade de Olinda, um monumento de pedra ou bronze, que simbolize o Brasil inda menino, fazendo ensaios das suas forças.

Art. 2° – O monumento representará um índio menino e inerme, despedaçando com as mãos uma onça de colossal grandeza.

Art. 3° – A inauguração do monumento será no dia 7 de setembro.

Não há negar ter sido verdadeiro Rafael de Carvalho na justificação do seu mencionado projeto. Ele, de fato, com a arma do ridículo, extirpou da sociedade os falsos patriotas e os caricatos filantropos. Confirmou-lhe a assertiva o tópico abaixo, que transcrevemos do elogio, que lhe fez Manoel de Araújo Porto Alegre, em sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, quando da sua morte:

"Todos esses espartanos tropicais, embalados pela mão de um escravo à sombra das palmeiras, fruindo a suavidade de um clima oriental; todos esses Timolens pacíficos, que colhiam ovações ao clarão dos círios das sociedades secretas, sacrificando tudo ao seu bem estar, e bufando dia e noite libelos de empreitada contra uma imaginada tirania; todos esses Brutos e Gracos dos bailes e festins, que se sentavam na praça pública cantando ao som de voluptuosas árias o hino exterminador da realeza; todos esses turbulentos possessos, esses Demóstenes da cartilha de Alfieri e de Dumarsais, foram por ele atados ao pelourinho do ridículo, e ao som de sua voz, no parlamento, foi aniquilada e dispersada essa caterva de ociosos, que se denominavam – os "patriotas".(49)

Havia em Rafael de Carvalho um acendrado afeto pela sua terra natal, levado muitas vezes ao exagero, e é claro que, com esse sentimento, não pode um homem ser indiferente à sorte de sua pátria, de que é parte integrante o

(49) Rev. do Inst. Hist. Geog. Bras. – tomo 48-II, pg. 163.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

lugar em que nasceu. Dêsse amor de Carvalho pelo Maranhão estão repletos de provas os anais da terceira legislatura da Câmara dos Deputados. Citemos algumas:

Deve-lhe o Maranhão a construção do farol da ilha de São João: Apresentou o projeto, defendeu-o e obteve o crédito de dez contos para iniciar as obras. Em 1836, quando distribuem dinheiro por várias províncias, ele grita: "quero oitenta contos para o Maranhão", e consegue-os. Na sessão de 8 de maio de 1837, remete à mesa da Câmara este requerimento: "Requeiro que se peça ao Governo informações sobre a desinteligência havia entre o Maranhão e Goiás acerca de limites". E afirmou – "reputo dever meu defender os interesses de minha província". Quando lhe chegou ao conhecimento a penúria em que vivia Salvador Cardoso de Oliveira, herói nas guerras com que o Maranhão se libertou do jugo lusitano, defendeu com ardor uma pensão de seiscentos mil réis anuais, para esse patriota, com sobrevivência às suas três filhas: Izabel Maria, Francisca Ovídia e Tereza Bela. Às vezes levara este zelo ao exagero. Foi assim quando contestou o valor dos pernambucanos, exaltado por Maciel Monteiro em formoso discurso. Nesse dia abusou da sua fama de erudito e falseou a verdade histórica, afirmando: "Vem da guerra dos holandeses essa aura de valentia dos pernambucanos. Entretanto, em 25 anos de guerra, os pernambucanos foram auxiliados de toda a parte; até de Espanha e Portugal. Enquanto não receberam auxílios, os holandeses estiveram senhores de Pernambuco. Onde estavam os pernambucanos? Nas matas. O valor dos pernambucanos não é mais do que fumaça. Se não estivesse doente, eu mostraria que, sem ter a mania de ser valente, pertenço a uma província valente, donde saíram os verdadeiros patriotas, que sós, armados de pau, expulsaram os invasores".

Silenciava Rafael de Carvalho propositadamente, (pode-se dizer em vista da sua ilustração) o auxílio que da Bahia recebera Teixeira de Melo, quando se abrigou em Tapuitápera, já rechaçado do Cutim e do arraial de Muricí e com o qual fez a sua ofensiva vitoriosa. (50)

(50) Betendorf – Crônica da Companhia de Jesus no Maranhão, pg. 64.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Em 1837, Rafael Carvalho freqüenta assiduamente a tribuna da Câmara. Discute finanças, revolução farroupilha, cabanada, política geral. É deputado independente, não pertence a nenhuma das correntes partidárias. Di-lo francamente, quando analisa a resposta à fala do trono, na sessão de 11 de maio. Deste seu discurso é interessante o tópico abaixo pela descrença que expressa dos homens públicos.

"Em 1834", disse ele, "eu me vi homem de partido; quando chegou o fim da sessão, principiei a estudar os partidos dum e doutro lado; conheci que não há nada de sistema; vi que o partido do governo tem sempre um centro de movimento; que o outro lado chamado oposição se compunha de mil opiniões conforme corriam os negócios; não conheci nada fixo; zanguei-me com isso; procurei a razão porque, e conheci que era porque não havia centro de movimento algum todos querem chefes, cada um quer ver triunfar sua opinião, e todos enganam-se uns aos outros; neste estado de cousas assentei nisto - não sou da oposição; nem do ministério".

"Em 1834 ainda eu era de opinião que as coisas melhorassem com a mudança de pessoas. Em 1834 tinha eu os pés na terra e a cabeça na lua; mas as indagações que faz encurtar o corpo, fez-me vir à terra. Comecei a fazer a análise do que via. Vi uns subirem e outros descerem, e a marcha era sempre a mesma. Aqueles que mais gritavam contra a administração; quando guindados a ela, faziam o mesmo. Depois disto, assentei nunca mais fazer guerra a administração. São ministros? Deixá-los obedecer à natureza das coisas. A respeito de Governo, sigo hoje aquele indivíduo que dizia tratando de criados: Meu Amigo, isto de criados, são todos a mesma cousa, não há mais que muda-lhes o nome".

"É o que faço. O ano passado chamava o Sr. Ministro dos negócios estrangeiros Sr. Simpo de Abreu, hoje, chamo-o Sr. Antônio Paulino. Ao Sr. Ministro da Fazenda, a quem chamava o Sr. Castro e Silva, chamo o Sr. Manoel do Nascimento".

A Câmara gostava dessa oratória de motejos, de ironia, de mordacidade, já o dissemos. Aplaudia Rafael de Carvalho, com risadas estrepitosas. Certa vez, o deputado maranhense armou um sofisma para mostrar que a oposição

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

protestava sem conhecimento de causa. Ocorreu o caso com o deputado Calmon, que criticava o Governo por pedir autorização de despesas, que subiam a quatro mil contos. Segurando uma folha de papel cheia de números, e com uma argumentação artificiosa, Rafael de Carvalho contestou: não eram quatro mil, pedia-se apenas dois mil, que fizesse a oposição o cálculo. Ninguém o rebateu. Na sessão seguinte, ele mostrou o seu sofisma e fez estas considerações: "Mas, o que mostra esse fato de ninguém ter combatido o sofisma que sustentei? Mostra que os Senhores da oposição, que combateram o crédito, não tinham meditado sobre ele, e falavam somente, sem estarem possuído da matéria. Falemos claro. Sejamos francos. As eleições estão perto, e necessário é falar, necessário é lançar vozes, ainda que a esmo. A gritaria da oposição encontra eco no povo. E há deputados que só desejam a aura popular. Querem um exemplo? Costa Ferreira em 1834 chegou a firmar nesta casa "*que antes queria, para ganhar popularidade, comer em vasos de barro feijões mal cosidos, do que, sem ele, apetitoso quitute bem preparado em porcelana do Japão*".

Mas se esse espírito sarcástico de Carvalho era às vezes tolerado por aqueles que lhe sofriam a crítica, como Araújo Ribeiro, ex-presidente do Rio Grande do Sul e deputado, de quem ele dissera não poder ser chefe de coisa alguma, porque os seus próprios partidários o chamavam *donzela*, ou como Patronita, representante paraense, que tendo apresentado um projeto mandando dividir o Império em 72 províncias, dele tivera este aparte: "este projeto deve ir primeiro à comissão de higiene pública", outras vezes a sua mordacidade originava incidentes sérios e desagradáveis. Foram os que teve com Tristão Pio dos Santos, ministro da marinha, e o Marquês de Barbacena, senador.

Na sessão de 17 de junho de 1837, discutiu-se a promoção de estrangeiros que serviam na marinha de guerra. Carvalho interpelara o ministro dá marinha sobre a nacionalidade dos promovidos, se eram oficiais de marinha e se podiam ser promovidos. Praticado pelo seu antecessor, Tristão não explicou o caso, limitando-se a tecer louvores ao ex-titular da marinha.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Por isso quando Tristão pediu uma lei autorizando o aumento do corpo naval para poder atender solicitações de forças das províncias, Carvalho recusou o seu voto, alegando não ter confiança no ministro.

Tristão foi às nuvens. Respondendo ao deputado maranhense, excedeu-se. "Que razões, disse ele, tem o Sr. Deputado para dizer que não merece a sua confiança o Ministro da Marinha? Estas palavras azedam; e é necessário que o nobre deputado fique sabendo que a paciência também se esgota".

"Parece-me que; no fim da discussão desta proposta, se pretende reproduzir a cena havida no princípio dela. Fui, então, assaltado como o são os navegantes pelos piratas"...

— "A ordem, à ordem", gritaram vários deputados.

Mas o ministro insiste:

"O direito natural permite-me repelir a força com a força... Os deputados não estão aqui para insultar nem ofender alguém"...

Faz arrefecer os ânimos a intervenção de Rodrigues Torres, que pede ao presidente não deixasse a discussão chegar àquele ponto.

Completamente desorientado, Tristão deixa a Câmara.

E Rafael de Carvalho, muito calmo, em voz baixa, pede a palavra:

"Eu não sei falar, tenho a voz muito fraca, mas sei pensar".

"O Sr. Ministro se escandalizou, despropositou, e como criança se retirou da casa. Eu desejava que o Sr. Ministro da Marinha desse uma satisfação à Câmara. Sr. Presidente, o que acabamos de presenciar é um rompimento com a Câmara. (Numerosos apoiados). Chamou-nos de piratas. E quando nos disse: hei de repelir a força com a força, tinha ares de gladiador, como que queria jogar o soco. Senhores, eu julgo que o Sr. Ministro teve ordem para mais; quem sabe...?"

E, depois de provar, por meio de urna série de argumentos, que o Governo o que pretendia era o adiamento da Câmara, fato que acarretaria a ausência dos deputados; cuja conseqüência seria a não reabertura do corpo legislativo, ficando o Regente em completa ditadura, afirmava o deputado maranhense:

"Quaisquer que sejam os perigos, por que eu houver de passar, hei de ficar aqui com o resto do corpo legislativo". (Muitos apoiados)

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Secundou a Carvalho nesta questão o grande Bernardo Pereira de Vasconcelos.

Na sessão de 19, Carvalho volta à tribuna e a sua linguagem é a de um líder. Basta este trecho do discurso para prová-lo.

"Uma escolha única nos resta: ou uma escravidão presente ou futura. Estaremos prontos para cumprir o nosso dever? O Governo vai cumprir o seu – adiar a Câmara. Cumpramos o nosso, apresentando-nos aqui no dia aprazado para a reunião. Mas não desertaremos? Não nos deixaremos ficar em nossas casas?" (Muitas vozes clamaram – não, estamos prontos).

E Carvalho continua: Pois bem, se não vão fugir, se todos nós estamos resolvidos a reagir, rejeitemos a lei e enfrentemos o Governo!"

Se a verdade estava com Rafael de Carvalho, podemos dizer que o governo recuou, pois nada mais houve depois da oração referida.

Foi igualmente rumoroso o incidente com o Marquês de Barbacena.

Os dois órgãos do poder legislativo funcionavam conjuntamente: Câmara e Senado, nesse dia fatídico – 13 de setembro de 1837.

Discutia-se o engajamento no exército de 300 estrangeiros, para guarnecer a capital do Império, em quanto a tropa nacional estivesse no Rio Grande do Sul, medida que Barbacena defendia.

Combatendo-a, Carvalho fez esta pergunta: "E quando os estrangeiros se rebelarem? A qual respondeu: "Nem todos terão tão boas pernas, que com piruetas de marquês, possam safar-se de tão bárbara cena"... Não terminou, porque Barbacena gritou: – A ordem.

Estatelada, á Câmara admirava a calma de Carvalho:

"Estou fora da ordem!... O nobre senador não foi general no Rio Grande? Não comandou baionetas estrangeiras e não foi batido?...

Mas o presidente suspendeu o discurso de Rafael de Carvalho e deu , a palavra ao marquês .

Barbacena afirmou haver nas palavras do deputado pelo Maranhão uma alusão insuportável à sua pessoa a qual não suportaria nem dentro nem fora daquela casa. E ajuntou: "ele disse que só podia emitir aquela opinião quem

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

fosse capaz de fazer piruetas de marquês para fugir. Portanto, foi um insulto pessoal".

Vários senadores apoiam a Barbacena. Alguns deputados pedem a palavra. Carvalho quer explicar-se: O presidente, Marquês de Baependí, recorre ao regimento, e decide conceder a palavra a Carvalho.

A explicação é, veladamente, um novo motejo.

Copiemo-la dos próprios Anais:

"Não sei a razão porque o nobre marquês tomou as minhas palavras como alusivas a ele. Não nos conhecemos, e apenas nos fizemos dois cumprimentos; que prevenção há, pois, entre nós, para eu lhe dirigir um ataque? Quando disse que nem todos terão pernas tão boas, que possam fazer piruetas de Marquês, lembrei-me de uma comédia de Molière (risadas) se me não engano – o Tartufo – onde um sobrinho do dono da casa, que se chama Orgon, ou o que quer que seja, diz um dito semelhante: foi o que me ocorreu na ocasião. Não, quis atacar o nobre senador; foi ele que me ofendeu: sou eu o ofendido; porque me chamou à ordem mui asperamente, e me disse palavras ofensivas. A mim, pois, compete pedir satisfação".

Visivelmente, no intuito de pôr ponto final no incidente, muitos representantes gritaram: Ordem do dia, ordem do dia.

O presidente dá a palavra a Costa Ferreira.

Mas o Marquês de Barbacena insiste: "Houve ou não falta de ordem? Parece-me que deve haver decisão do Presidente".

– Já a dei, explica Baependí. (51)

E assim terminou o último dos vários incidentes arrumados por Estevam Rafael de Carvalho na Assembléia Geral Legislativa.

Na sessão de 20 de maio de 1837, Carvalho apresentou um projeto de lei, que lhe valeu, notadamente da parte de Sotéro dos Reis, o epíteto de republicano, visto como se quis ver nas suas entrelinhas o propósito de vibrar-se um golpe no trono com o afastamento de Pedro II de sua pátria.

Difícil é hoje verificar-se o que de verdade há em tal juízo. Entretanto, não é ele de todo sem cabimento. Apesar do governo forte de Feijó, o partido

(51) Anais cit., sessão de 13 de setembro de 1837.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

exaltado ainda tinha seus representantes na Câmara. Em 1837, já Rafael de Carvalho livre atirador, desligado das facções políticas, bem poderia ter levado suas idéias liberais ao extremo do regime republicano.

Como quer que seja, é interessante o projeto, que causou rumor na sala e galerias, mal foi lido o seu primeiro artigo, o que fez Carvalho reclamar: "Que precipitação de juízo. Sempre tomando recado na escada".

Mas vejamos o projeto do deputado maranhense.

Art. 1° – S. M. o Imperador irá viajar para fora do império durante cinco anos, seguindo a rota seguinte:

Art. 2° – Saindo do Rio de Janeiro irá em direitura a Hamburgo. Daí atravessará por terra o Hanover, a Confederação Germânica e a Suíça; nesta última visitará, com especialidade, o estabelecimento do Sr. Felemberg. Descerá pelo Reno até a Holanda, donde passará por terra à Bélgica, à França, à Espanha e Portugal. Deste país embarcará para a Inglaterra. Depois os Estados Unidos. Se a saúde de S. M. consentir, atravessará este país até o Pacífico, onde embarcará visitando o que houver de notável em todo o vasto litoral até Valparaiso. Por terra passará a Buenos Aires e daí virá ao Rio. Se a saúde de S. M. não permitir a longa jornada por terra, virá ao Rio e daqui ao Pacifico, para concluir a viagem como foi descrita. De volta ao Rio, visitará então as províncias do seu império.

No artigo 3° – determinava que o Imperador viajasse incógnito e nos seguintes tratava da sua comitiva.

O projeto não foi julgado objeto de deliberação contra os votos de Holanda, França, Vasconcelos, Pessoa e Cordeiro.

*

* *

No cargo de tutor dos filhos de Pedro I, Manoel Inácio de Andrade Souto Maior Pinto Coelho, mais conhecido pelo título de Marquês de Itanhaem, teve a infelicidade de ser o sucessor de José Bonifácio. Decorreu desta circunstância o costume de avaliar-se o valor do marquês comparando-o com o vulto grandioso do patriarca. Inegavelmente, estes dois homens não podem

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Para dar o seu parecer, Carvalho foi escrupuloso: excursionou pela fazenda Santa Cruz, visitou várias vezes a quinta da Boa Vista, passou dias observando o viver cotidiano do Imperador menino, examinou contas, viu tudo, e acabou discordando da opinião dos seus companheiros da comissão.

Vencido, deu o seu parecer em separado.

Foi este parecer o melhor trabalho de Rafael de Carvalho na Assembléia Geral, como representante do Maranhão.

Foi também, podemos dizer, a mais elevada comissão de que fez parte, bem reveladora do conceito da sua cultura e do seu talento por parte dos seus pares.

Por tudo isso, merecem ser reproduzidos aqui os principais tópicos do notável parecer, publicados aliás na íntegra pelo Arquivo Nacional.

O trabalho de Carvalho, divide-se em duas partes: uma relativa à economia da Casa Imperial e outra à educação intelectual do Imperador.

Na primeira, Rafael de Carvalho procura demonstrar o mau aproveitamento dos vastos latifúndios da fazenda Santa Cruz, que possuía 7.772 escravos e 10.000 cabeças de gado. Narra que os escravos não se julgavam como tais, diziam-se sujeitos a Santo Inácio, com a obrigação de servir ao Imperador. Critica a existência de um *calabouço*, com um único respiradouro, úmido, mal são, destinado a presídio de escravos. Passando às outras propriedades dos pupilos da nação, nega a verba pedida para a construção de um dos torreões da quinta da Boa Vista e ressalta a insistência com que Itanhaem pedia verbas para reformas nos prédios imperiais, sempre com o argumento de que Pedro I tinha para este fim cerca de mil contos e nada fazia. Revolta-se contra tal proceder, declarando: "Não posso louvar censura, tantas vezes repetidas". "Poupe-se, por compaixão e reverência, às cinzas dêsse infeliz Príncipe". Abordando o emprego que o tutor dava aos dinheiros das Princesas, o deputado maranhense escreveu estes períodos incisivos: "Não se pode ver sem repugnância o dinheiro das Princesas empregado em bilhetes de loteria: se isso é louvável, porque o dinheiro do Imperador não foi empregado na mesma coisa, para como dar o exemplo e fazer companhia às suas Irmãs!" "O exemplo dos Príncipes sempre é seguido

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

sofrer cotejo: o velho Andrada era um sábio; Itanhaem, um homem de cultura comum. Mas, induzir-se dai estar o segundo tutor inferior à missão educadora, que lhe fora confiada em 14 de dezembro de 1834 uma conclusão errônea, que hoje nenhum estudioso da nossa história tem a coragem de afirmar. De fato, a falta de cultura do marquês teve o seu completo desmentido nas *Instruções*, que ele escreveu para guia da educação do príncipe. (52) Este documento histórico patenteia o bom senso e a visão psicológica de Itanhaem, quando nos deixa entrever a sua preocupação em extinguir no espirito do Imperador de oito anos as influências tempestuosas dos Braganças, dos Bourbons de Espanha e dos Habsburgos, a fim de que o seu educado viesse a ser um perfeito monarca constitucional. Nas Instruções são claros os corretivos tendentes a sopitar estas heranças. Assim, quando exige que os professores incutam ao imperial discípulo a iniciativa pessoal, o horror aos válidos e aos ministros onipotentes, a repulsa pelo exagerado influxo clerical, não procura Itanhaem senão eliminar a herança do avô – D. João VI; quando recomenda que se leve o menino a evitar as intimidadas da famulagem, a saber dominar-se, a refletir antes de agir, a ter em grande conta a vontade da nação, é evidente o seu propósito de afastar do pupilo os defeitos paternos; quando observa que "não basta ensinar ao imperador que o homem não deve ser soberbo, mas é preciso indicar-lhe cada uma ação, onde exista a soberba, pois se o não fizer assim, bem pode acontecer que o monarca venha para o futuro a praticar muitos atos de arrogância e altivez, supondo mesmo que tem obrado ações meritórias e dignas de louvor", a alusão à Casa da Áustria é tangível. Itanhaem foi, portanto, um tutor à altura do cargo; criterioso e inteligente, meticuloso e dedicado.

Não, queremos, porém, com estas considerações, afirmar ter sido impecável a educação de D. Pedro II.

Houve erros e graves.

Apontou-os; um dia, Estevam Rafael de Carvalho, como membro da comissão de deputados, encarregada de julgar o relatório com que o tutor informava à Câmara anualmente, o desempenho de sua alta missão.

---

(52) Anais do Arquivo Público Nacional – Ano de 1817.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

de todos, e assim os criados do paço serão logo os primeiros a comprar bilhetes". "E será conseqüente lastimar os pequenos ordenados que têm estes criados, e ao mesmo tempo aconselhar-se com o exemplo, que arrisquem a sua tênue subsistência?" E como não há de o povo tornar-se cada vez mais ávido por esta espécie de jogo, que hoje é frenesim, quando se vê as Princesas tomarem parte nele!" Quando analisa as despesas com a pessoa do Imperador menino, tem esta observação jocosa: com os cabelos de D. Pedro gastou-se em 1835 a importância de **80$900**, em 36, a de **360$000**, em 37, a de **620$000**, e pergunta – "dar-se-á o caso que os cabelos imperiais vão com os anos tornando-se mais custosos de valor?"

Mas a parte do parecer mais interessante é a relativa à educação do Imperador.

Rafael de Carvalho começa censurando a falta de divertimentos para as crianças imperiais. Reforçando a censura, enumera os que havia: um tanque com um bote, um jogo de cavalinhos, um teatrinho e jogos de carta.

Em verdade, Carvalho tinha razão. Itanhaem esquecia-se ter o seu pupilo apenas dez anos. Certo que foi essa falta de diversões que levou o menino Imperador a declarar, certa vez, a sua *Dadama* num desabafo infantil: "sou uma criança infeliz".

Referindo-se ao teatrinho, explica o deputado maranhense: "representam aí as pessoas imperiais e se exercitam na declamação cômica". "Mas quanto é para lastimar, que essa declamação seja na língua francesa!" "Isto parece incrível, mas é um fato". "Quem despreza a língua nacional, é porque não conhece o valor que ela tem, é porque não tem idéias sãs de coisa alguma".

Quando aborda o assunto primordial do relatório – a instrução ministrada ao monarca, principia por declarar que "a nação não conhecia o plano de educação que se dava a D. Pedro II, pois o tutor, que havia pedido um só pedagogo em 1835, para que fosse una a instrução, queria, dois anos depois, muitos pedagogos para atender à curiosidade do augusto pupilo".

Depois de censurar ao Itanhaem por lisonjear demasiadamente a capacidade mental de Pedro II, faz esta observação, irônica e ferina: "O tutor todos os anos diz que conserva o mestre de caligrafia para que o Imperador

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

não perca o lindo caráter de letra que tem". "Dar-se-á o caso que o autor admire aquele imperador romano, cujo único merecimento, diz a história, era de ser bom calígrafo?"

Na parte final, Rafael de Carvalho discute o assunto com seriedade. Ouçamo-lo :

"A educação do Imperador tem constado de dança, música, desenho, caligrafia, francês, inglês, aritmética prática e geografia".

"A educação não é doutrinária; ela varia com as circunstâncias, e cada posição exige sua educação peculiar". "E qual será a mais própria para o nosso menino monarca, que tem de ser homem político?"

"Eu não receio emitir a minha opinião".

"Se o Imperador fosse Príncipe Imperial, então conviria dar-lhe uma educação mais morosa e enfeitada, porque o tempo sobrava, mas ele tem de subir ao trono na idade de 18 anos, naquela idade em que o espírito ainda só se ocupa de devorar, e é incapaz de qualquer digestão séria". "Convém, pois, oferecer à voracidade de seu espírito aquelas idéias úteis e sãs, que o mais cedo possível ele possa digerir". "O estudo de geografia e história, o estudo sério e profundo dessas duas ciências encantadoras, deve de constituir a essência de sua educação literária; tudo o mais deve ser acessório, tudo o mais recreativo". "Pelo estudo da geografia, estudo que tem sido e continua a ser desprezado em todo o Brasil, ele conhecerá a posição que no mundo ocupa o seu império, sem sair do seu gabinete, marcará o lugar em que se acha o seu trono, correrá todo o orbe, visitará todos os povos, estudará suas línguas e costumes, suas virtudes e seus vícios, seu saber, sua ignorância, sua indústria, sua barbaridade; fará a comparação do seu povo com os demais povos da terra, e então saberá onde, com quem e como vive". "Pela história, ele invocará os povos que foram, conversará com os que são e acenará para-os que hão de ser; estudará o coração humano em todos os tempos, em todas as posições, e este conhecimento que é a verdadeira sabedoria, a filosofia mais sublime, a única política, o fará concluir que o homem é, tem sido e será sempre o mesmo; conhecerá que a história nada mais é que o arquivo, onde se depositam os fatos políticos, acompanhados das suas circunstâncias, e então

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

procurará ligar por si estes fatos, e remontar às suas origens; conhecerá que um monarca pode fazer a felicidade de seu povo, sem ser artista e científico, bastando-lhe unicamente conhecer a influência que sobre a civilização dos homens têm as artes e as ciências, e as circunstâncias em que convém empregar esta ou aquela medida".

E depois de outras considerações, concluía:

"Que a história e a geografia permaneçam sempre sobre a sua mesa e Fenelon à sua cabeceira".

"Que o seu mentor o ponha em contato de homens probos e sensatos, e faça-lhe conhecer praticamente os aduladores, os indiscretos, os falsários e os mal intencionados".

*

* *

– Nas férias parlamentares da sessão de 1836, Rafael de Carvalho contratou com os editores J. Villeneuve & Cia., proprietários da "Tipografia Imperial e Constitucional", sita à rua do Ouvidor, 65, a publicação de um compêndio sobre contabilidade mercantil. Saiu o livro em 1837, com o título "A Metafísica da Contabilidade Comercial" e dedicado ao Dr. José Miguel Pereira Cardoso.

O compêndio tem 103 páginas em 8, sendo dividido em duas partes: "Contabilidade natural e contabilidade artificial", as quais correspondem às denominações modernas – partidas simples e partidas dobradas. A cada explicação seguem-se numerosas exemplos. É livro, pois; de cunho prático. Na advertência, porém, Carvalho dá expansão aos seus conhecimentos teóricos. Ironicamente, critica aqueles que consideravam ciência a contabilidade mercantil, como fizeram João Paulo das Chagas e André de Andrade Braga, seus examinadores no concurso, os quais levavam o seu exagero ao ponto de ornar uma arte acanhada e árida com a pompa de "uma ciência sublime, contra a qual se quebravam os gênios e que não tinham ponto de contato com as outras". Traçando brilhante síntese da história do comércio, estabelece distinção entre comércio e negócio. "Comércio é troca de produtos; negócio é troca de valores", diz ele. "Aquele é ditado pela natureza, este é filho do

Biblioteca Pública Benedito Leite

artifício; aquele é dádiva do instinto, este é parte da razão". Na parte final da advertência, dirige-se aos seus alunos para aconselhá-los: "Dado um problema, primeiro resolvei-o pela análise, depois, demonstrai-o pelos princípios expendidos, e, por fim, componde-o pela síntese".

A imprensa da corte silenciou o aparecimento do livro de Carvalho. Não admira, pois o deputada maranhense não gozava das simpatias dos jornais do seu tempo. Mais de uma vez, criticou-lhe a imprensa as atitudes no Parlamento.

Terminada a terceira legislatura, Rafael de Carvalho não voltou à Câmara, o que, aliás, ele previra no discurso com que se despedira dos seus pares em 1837. Não conseguira a reeleição. Fora derrotado no pleito de 1838. Outros políticos tomaram-lhe a dianteira no seu próprio partido. Naquelas recuadas épocas, os cargos eletivos eram valentemente disputados pelos maranhenses em renhidas pugnas.

O substituto de Rafael de Carvalho na Assembléia Geral foi Pimentel Beleza.

Perdido o mandato de representante de sua província na Câmara; Carvalho reassumiu o exercício do cargo de professor da cadeira de comércio, conquistada em concurso, como vimos, no ano de 1832. Fixara, por isso, residência em S. Luís. No magistério secundário, augurava-lhe triunfos o seu primoroso talento; vida pacata e suave, a natureza da profissão. Assim, porém, não aconteceu. Envolveu-o no seu vórtice a grande luta política; motivada pela *lei dos prefeitos* e travada entre o presidente Vicente Tomaz Pires de Figueiredo Camargo e o partido que tinha na imprensa como representante o maior publicista da terra, João Francisco Lisboa.

Quase um mês antes de ter sido sancionada a referida lei dos prefeitos (26 de junho de **1838**), já Rafael de Carvalho; com o fim de combater à administração Camargo, publicava o primeiro número do jornal – "O Bem-te-vi", (**30-6-1838**) cuja linguagem não deixava dúvidas sobre a violência da oposição que se iniciava:

Entretanto, Camargo, apesar da sua merecida fama de autoridade despótica e arbitrária, não deixou de incluir no corpo docente do Liceu

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Maranhense, organizado em 12 de agosto, o professor da aula de comércio, que acabava de se revelar fogoso e atrevido panfletário da oposição. A situação de oposicionista não serviu de óbice à nomeação do professor. Embora já vitalício na aula de comércio, Carvalho bem, teria podido ficar à margem da colenda congregação do Liceu. Aproveitando-o; Vicente Camargo quis, sem dúvida, evidenciar o seu propósito de que parassem à porta do novo educandário as injunções políticas da terra. Confirma esta nossa assertiva, a atitude de Camargo para com Rafael de Carvalho, quando este se recusou, alegando faltar-lhe material apropriado, a dar aulas em sua residência, episódio que veremos no decorrer deste estudo.

Outra atitude tivesse Camargo e não lhe faltaria apoio e prestígio: na corte, a alta figura de Bernardo Pereira de Vasconcelos, seu amigo, a quem devera a nomeação de presidente do Maranhão; na província que governava, o partido cabano, chefiado por Leonel Serra, o qual tinha as suas hostes reforçadas pelas graças do poder, que desfrutava desde 1836.

Galardoando o merecimento intelectual de Rafael de Carvalho, sem levar em conta as dificuldades criadas ao governo com os violentos artigos do "Bem-te-vi", Vicente Camargo, incontestavelmente, quis que pairasse acima das questões políticas a casa de ensino, que acabava a de criar pela lei de 24 de junho.

*

* *

O *Bem-te-vi* era de formato pequeno – um quarto de folha de papel almaço comum, trazendo estampado na frente o pássaro que lhe dava o nome.

Logo abaixo, entre duas linhas, vinha esta sentença atribuída a Camargo: "O povo leva-se a chibata e recrutamento, na enxovia do quartel do Campo d'Ourique e no porão, da corveta Regeneração".

"Era redigido em estilo mordaz, satírico", informa Joaquim Serra, "mas de tanto aticismo, e de uma linguagem tão popular, que os sem escritos eram lidos com sofreguidão por grandes e pequenos".

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

De par com as agressividades impressas que eram os artigos de Carvalho, e de seu amigo D. Francisco Baltazar da Silveira, saiam em suas colunas quadras e sonetos chistosos, atribuídos a Raimundo Cantanhede.

O *Bem-te-vi* era impresso na tipografia de José Inácio Portugal, à rua Nina Rodrigues, em frente à fonte do Ribeirão, no pavimento térreo do prédio junto à loja que foi da firma Neves & Sousa.

Saía semanalmente, mas em dias indeterminados, que eram anunciados por grosso foguetório. Circulou de 30 de junho a 6 de outubro, dando 31 números.

O jornal de Rafael de Carvalho atacava, sem piedade, não só ao presidente Camargo, que apresentava como um imbecil na biografia que dele traçou, (nº 28, de 3-10-38) como aos prefeitos, que pintava como autoridades despóticas, filhas de Averno iguais aos comandantes gerais dos tempos coloniais (n. 4, de 11-7-38).

Para combater essa linguagem atrevida do *Bem-te-vi*, senão também visando diminuir-lhe a grande popularidade, os *Cabanos* editaram dois periódicos: *O Caçador de Bem-te-vi* e o *Despertador*.

O primeiro era impresso na Tipografia Constitucional e, como o seu adversário, tinha a forma de um quarto de papel almaço, saía semanalmente, em dias indeterminados, anunciados por estrepitosas foguetarias.

Na conversação amistosa de Paulo de Kock com Ignotus, João da Mata de Morais Rego, que se ocultava com o primeiro destes pseudônimos, nos dá preciosos informes a respeito do *Caçador de Bem-te-vi*. (Pacotilha – 2-5-883).

Na frente, do lado esquerdo, tinha a figura de um homem de joelhos, munido de um enorme arcabuz, de pontaria feita, a disparar num Bem-te-vi empoleirado, do lado direito, numa frondosa árvore.

Abaixo do caçador lia-se esta quadra:

"Bem-te-vi sofrer não podes
Os ecos do meu canhão!
Eles vos fazem sofrer
Eles vos deitam no chão!"

E abaixo da árvore e do Bem-te-vi esta outra:

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

"Caçador, não me persigas,
Deixa os meus vôos dar...
Deixa nas águas turvas
Os meus dons empoleirar!"

Um velho cego de nome Basílio, que tinha os olhos espocados; e que esmolava à caridade pública, homem branco e bem apessoado, decentemente vestido, era encarregado da sua venda pelas ruas da cidade, apregoando-o em altas vozes, com a cantarola destes versos, que se dizia produção do poeta cabano José Raimundo da Rocha Araújo:

"Compra, compra, minha gente,
O Caçador do Bem-te-vi!
Gazetinha tão bonita
Com meus olhos nunca vi!

Compra, compra, minha gente,
Pra glória do Maranhão!
Tem versos apimentados...
Coroatá, sendí, mamão!

Dois vinténs apenas custa
Tão brioso campeão!
Dinheiro entrando no bolso,
A gazeta irá pra mão!

Eram redatores do *Caçador*, além de outros *Cabanos*, Leonel Serra, Francisco de Sales Nunes Cascais, e Rocha Araújo.

A sua linguagem, no dizer de João da Mata; era desabrida e desalinhada, descomposturas bravias, versalhada verrinista.

Não destoava dêsse diapasão a linguagem do "O Despertador". Dela nos deixou Cesar Marques uma amostra, em publicação feita na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ano de 1866.

É a resposta que *O Despertador* dá às ameaças de revoluções, feitas por Estevam Rafael de Carvalho no *Bem-te-vi.*

"O vosso corpo, e ainda mais, o vosso impuro sangue", dizia aquele jornal no seu número 5, "aí está por forte penhor do que fazeis". "Vós é que deveis com justa causa recear, dora em diante, que apareçam os funestos

Biblioteca Pública Benedito Leite

acontecimentos, bem desastrosos à vossa vida, se é que continuais a bravata destarte e a pregar revoluções".

Esses funestos acontecimentos vieram, poucos meses após, na sangueira humana, que foi a revolução da *BALAIADA*.

Pelo que fica exposto, é bem de ver que Rafael de Carvalho ameaçava aos *Cabanos* com uma rebelião, cujo ambiente ele fomentava com os seus artigos contra os prefeitos.

A amparar-lhe os conceitos de tais artigos teve ele a pena brilhante do maior jornalista da província — João Francisco Lisboa, que, pela *Crônica Maranhense*, órgão do partido *Bem-te-vi*, fazia também campanha contra os prefeitos, embora em linguagem muito diferente.

Dessa circunstância tirou Sotéro dos Reis poderoso argumento quando acusou o partido *Bem-te-vi* de haver promovido a revolução.

Durante mais de um quinquênio, Sotéro bateu nesta tecla.

"Prove o Sr. Lisboa", dizia Sotéro dos Reis, "que Raimundo Gomes e seus sequazes não empunharam as armas para sustentar as doutrinas da "Crônica" e o maligno *Bem-te-vi*, seu satélite, como eles proclamavam, e se evidencia das suas requisições e cor política; prove que não se achava de nenhuma maneira identificado em princípio com essa oposição de Caxias, que quase toda ficou comprometida na revolta; explique a natureza das relações que mantinha com o principal caudilho, porque assim é que S. S. há de destruir a acusação". (53)

Por seu turno, respondia Lisboa, com as fulgurações do grande talento:

"Basta de imposturas e hesitações, nomeie o contemporâneo os oposicionistas que promoveram a desordem, apresente as provas de seus crimes, pois é de crer que de tudo esteja mais que muito informado; como pelos seus prefeitos, subprefeitos, comissários, e mais caterva de espias.

Tudo o que não for uma acusação formal, ainda o repetimos, e baseada em provas, não é mais do que impostura e intriga já muito cediça". (54)

---

(53) A Revista, n. 18.
(54) Crônica Maranhense, n. 129.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Foi um prélio formidável esse travado entre Lisboa e Sotéro dos Reis, o qual bem merece ser perpetuado em livro; tarefa difícil hoje, mas ainda praticável.

Assim, a *Crônica* e a *Revista* constituem fontes preciosas do estudo dessa fase da história política do Maranhão.

Abeberam-se nelas os que sobre o assunto escreveram depois, filiando-se a esta ou àquela corrente, Seguiram Lisboa, o chefe da "oposição constitucional", Antônio Henriques Leal nas "Anotações à Memória da Revolução da Província do Maranhão por D. G. de Magalhães, João da Mata de Morais Rego na "Conversação Amistosa entre Junius e Ignotus", e Ribeiro do Amaral na "História da Revolução da Balaiada". Acompanharam a Sotéro dos Reis, o austero chefe cabano, Domingos Gonçalves de Magalhães na obra já citada, Eduardo Olímpio Machado no Relatório ao Ministro Conselheiro Joaquim José Rodrigues Torres e Joaquim Serra no "Sessenta Anos de Jornalismo".

Mas nem mesmo aqueles que isentaram os *Bem-te-vis* das acusações dos *Cabanos* fizeram a defesa de Estevam Rafael de Carvalho!

Um deles – João da Mata, chega até a separar a atuação de Rafael de Carvalho da do partido a que pertencia.

"Estevam Rafael de Carvalho", diz ele na Conversação Amistosa publicada na Pacotilha n, 113, de 29-4-1884; espírito tenaz, e independente, quando se apresentou na arena jornalística a redigir o *Bem-te-vi*, nos termos por que o fez, não obedeceu a uma combinação de partido, foi levado pura e simplesmente pelos seus impulsos naturais, ou pelas suas próprias inspirações; e por conseguinte, se a linguagem, livre e inconveniente do *Bem-te-vi*, de alguma maneira acoroçoou a rebelião de Raimundo Gomes, ao partido político que na província tinha a mesma denominação do jornal, nenhuma imputação criminosa se deve lançar".

Discordamos desta opinião de João da Mata, em quem, aliás, reconhecemos um investigador inteligente da crônica da nossa terra.

Mas, é lógico que, se o partido Bem-te-vi não comungasse das idéias de Carvalho, o teria declarado em público, quando se lhe fizeram as primeiras

Biblioteca Pública Benedito Leite

acusações. E nem se diga que a figura de Carvalho não tinha valor no partido e na sociedade, de modo a merecer desprezo a sua atitude. Não era ele, naquele momento, um dos principais chefes dos Bem-te-vis; e, portanto, representante do seu pensamento? Por que se não desligou o partido Bem-te-vi do companheiro ilustre que o comprometia de uma maneira tão grave?

Nada disso se fez.

Pelo contrário, aplaudiam-no nas suas agressões pela imprensa com que excitava o ânimo do povo.

A verdade histórica é que Rafael de Carvalho e o partido, para derrubarem o governo adversário, prepararam o ambiente, já de si carregado no período da regência, para uma revolta, a que animaram e justificaram nos seus inícios.

O mais estranhável em tudo isso, entretanto, é o silêncio de Estevam Rafael de Carvalho! Silencioso ficou em **Viana** durante a luta da **BALAIADA**; silencioso permaneceu em S. Luís nos primeiros anos que se lhe seguiram. Durante anos a fio, Sotéro o acusou, nas colunas da "A Revista", de responsável pela **BALAIADA**, sem que Carvalho articulasse a menor defesa. Só em 1844 foi que quebrou o seu mutismo. Defendeu-se, afinal, publicando uma carta que lhe dirigira Raimundo Gomes, principal cabeça da sedição, e na qual era ele eximido de conivência no movimento da plebe maranhense.

Sempre na estacada, Sotéro dos Reis comentou essa defesa, na "A Revista", de 19 de julho de 1844:

"O Sr. Rafael de Carvalho", analisara o notável jornalista, "carregara com grave responsabilidade moral como redator do maligno *Bem-te-vi*, gazeta que provocou a desordem ou anarquia de Raimundo Gomes, gazeta de que os rebeldes fizeram a sua divisa e bandeira, gazeta que eles liam constantemente nos seus acampamentos para animar-se aos combates, gazeta que eles traziam sempre consigo como um preservativo contra as balas dos legalistas, agora, porém, este Sr. acha-se completamente justificado. E como? Por uma carta que lhe dirigiu Raimundo Gomes, declarando que os *Cabanos* é que fizeram ou mandaram fazer a desordem, carta que, por modéstia, só agora, três anos depois de morto aquele caudilho rebelde, que não sabia ler, nem

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

escrever, é que foi publicada, carta, cuja assinatura, firma ou sinal, não está reconhecida, porque os rebeldes, como se sabe, não tinham tabeliães.

Calem-se, pois, os praguentos, e reconheçam que foi caluniada a inocência"!...

Os responsáveis intelectuais da *BALAIADA* ai estão, expostos à evidência neste exaustivo capitulo que aqui termina.

A oposição não queria assumir a *responsabilidade* da revolta; isso é certo; mas, também, é certíssimo que tinha simpatias enormes pelo movimento, que, afinal, foi gerado ao calor dessa mesma oposição. Os responsáveis intelectuais da *BALAIADA* foram, pois, os mesmos responsáveis pela ação político-partidária dos *Bem-te-vis*. O que é fora de toda dúvida é que a revolta na rua os seus insufladores não a quiseram conduzír... A massa anônima tomou os freios dos dentes. Saiu do estado de inércia para os assaltos e arremessos das multidões.

Os *líderes* da oposição tiveram medo da massa rebelada. Cheios de preconceitos de casta ficaram nesse estado de neutralidade culposa. Não combatiam a revolta, mas não a auxiliavam também. Com o crescimento da luta aumentou o estado de indecisão dos políticos. Ficaram a discutir e a lavar as mãos como Pilatos inocentando-se todas às vezes, que o aguilhão de Sotéro dos Reis os acossava pela imprensa. Mas, nem assim se libertaram da responsabilidade, que lhes ficou perante a História.

*

* *

Não há mister analisar mais pormenorizadamente a atuação de Vicente Pires Camargo e de Sotéro dos Reis como agentes intelectuais do movimento. No decorrer de nosso estudo ficou bem delineada a ação do governo e dêsse intelectual maranhense, que levou para a política as suas mesmas pirronces de gramático.

Sotéro dos Reis foi inflexível no seu apego ao partidarismo, no seu combate aos *Bem-te-vis*.

Pires Camargo no Governo armou com as suas violências e a lei dos Prefeitos a revolução; Sotéro dos Reis acirrou os ânimos com os artigos na

Biblioteca Pública Benedito Leite

imprensa. As responsabilidades intelectuais desses dois homens deve a *BALAIADA* o seu melhor clima.

*

* *

A *BALAIADA*, no Piauí, constitui, no entanto, um capítulo à parte. A revolta tomou, ali, caráter diferente. Não foi um movimento de acentuados característicos de reabilitação social; nem, se manifestou como revolução de massa. Foi uma ação de caráter meramente político. Enquadrou-se dentro da geografia, e do cenário partidário.

José Martins Pereira Alencastre assim a definiu:

"Não é simplesmente a febre revolucionária que se apodera dos habitantes do Piauí; a fatal e insólita administração do Barão de Parnaíba trazia a província de há muitos anos debaixo de mais horrível pressão".

"O momento era o mais azado para uma manifestação: era infalível o seu aparecimento como um protesto solene contra as iniquidades de uma ditadura selvagem, que por tão longos anos conservou esta porção de território brasileiro fora de comunhão das leis e dos gozos constitucionais.

"Justiça seja feita a muitos desses que no Piauí foram encontrados empunhando as armas da rebelião; eles não queriam assassinatos e roubos; desejavam entrar na posse de uma herança sagrada – a Constituição, que com tanta iniquidade lhes era seqüestrada". (55)

Estas palavras de Alencastre explicam um dos pontos obscuros da *BALAIADA*, servem bem para dividir o movimento, a justos termos, nas suas coordenadas verdadeiras. No Maranhão, rebelião de massa; no Piauí, luta contra a opressão política do Barão de Parnaíba.

Esse capítulo inédito da *BALAIADA* merece relevo especial, para que de futuro, os estudiosos da história não continuem a unir dois episódios diferentes nas suas origens e objetivos, embora tão ligados no tempo e no espaço...

(55) Rev. do Inst. Hist. Geogr. Bras., vol. cit.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Sendo, porém, a revolta piauiense de certa maneira ligada aos *balaios*, urge aqui, para melhor encadeamento dos fatos históricos e elucidação do nosso ponto de vista, estudar o responsável por essa luta fratricida de tão funestos estragos, tanto para o Piauí como para o Maranhão.

Estudando-se a figura do seu autor intelectual esperamos, afinal, concluir a investigação histórica dessa época de agitações e de revoltas, que tanto enlutaram no período da Regência o solo nortista do Brasil.

Achamo-nos, assim, diante de um homem pernicioso e mau: o Visconde de Parnaíba.

O tronco ancestral dos Martins foi um açoriano, que veio para o Brasil quando o Marquês de Pombal, no intuito de incrementar o povoamento das colônias portuguesas, intensificou a emigração do reino.

O colono açoriano estabeleceu-se nos sertões do Piauí. Em Jaicós casara-se e nascera-lhe a prole. Um dos filhos, fez-se médico. Foi o doutor Manoel de Souza Martins.

O primogênito deste homem nasceu em 1767 e foi batizado na freguesia de N. S. das Mercês, de Jaicós, com o mesmo nome do pai.

Vaqueiro na juventude; mais tarde, negociante de gado. Pouco aprendera, não passara das primeiras letras; afirma Abdias Neves. (56)

Estudando a psicologia de Manoel de Souza Martins, escreveu o citado autor em outro trabalho – "O Piauí na Confederação do Equador":

"Era um tipo interessante de volitivo. Formando o caráter no sertão, em luta com a natureza, em uma situação quase selvagem, suas energias morais tinham se caldeado em um temperamento frio e cruel. O contato freqüente com o índio fizera-o desconfiado e vingativo. O comércio com os escravos tornara-o despótico. O fetichismo supersticioso e grosseiro, elemento dinâmico de sua consciência religiosa; fazia-a gravitar entre pavores infernais e vinganças perversas. Eram dois pólos – o cabo do punhal e as contas do rosário."

(56) Dicionário Hist. Geog. e Etnog. do Brasil, 2.° vol., pg. 392.

Biblioteca Pública Benedito Leite

O caráter assim formado, desde cedo patenteou uma outra qualidade, que, com o decorrer dos anos, se tornaria primordial – a bajulação dos poderosos:

Souza Martins foi um exímio obsequiador de autoridades. Ninguém lhe levava à palma no servilismo. Era metediço, mesureiro, serviçal para com os homens de alta posição social, Essa qualidade de seu espírito nem mesmo escapou à percepção dos estrangeiros, que passaram rapidamente pelo Piauí. George Gardner, o notável superintendente dos Reais Jardins Botânicos de Ceilão, foi um desses críticos. Passando pelo Piauí em 1839, fez esta mesma observação, que vem escrita no cap. VIII do seu bem elaborado livro – *Travels in the interior of Brazil*, publicado em Londres em 1846: "Era seu costume encher de presentes e atenções a todas as pessoas de elevada autoridade, como governadores, juizes, etc. Desde o litoral começavam os obséquios: – cavalos, guias, provisões. Em Oeiras redobravam os favores. Desta maneira fazia-se fiel amigo das autoridades, cujas ordens cumpria sem discrepância".

O mesmo Gardner salienta outra classe que foi vítima da exploração de Souza Martins: o clero. "Aparentava ele grande amizade aos sacerdotes, fazendo empenho de ter a seu favor a opinião das comunidades religiosas". Isto, porém, não obstou a que mais de um padre fossem vitimas de atrozes perseguições. Vê-lo-emos-las, oportunamente.

Com tais qualidades de espírito, não foi difícil a Souza Martins conseguir um emprego público. Foi nomeado tesoureiro geral da Junta de Fazenda, da qual era escrivão e pagador da tropa Antônio Maria Caer.

Viu Souza Martins em Caer um rival. Tornou-se-lhe inimigo de morte. À socapa, traiçoeiramente, começou a minar-lhe a reputação, lançando a rede para colhê-lo um dia. E o conseguiu.

Em 1819 era governador do Piauí um homem que agia com boas intenções – Elias José Ribeiro de Carvalho, de quem era, como fora de seus antecessores, pessoa íntima o tesoureiro da Junta.

Soube a Elias Carvalho fazer jurar a Constituição Portuguesa no Piauí e proceder às eleições dos deputados às Cortes. Para tais eleições agitou-se o povo. Surgiram os grupos políticos. Os descontentes pensaram em substituir o governador por uma Junta. Souza Martins pôs em prática um jogo infernal.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Por um lado, compelia o governador à prática de violências que excitavam o povo, sacrificando o amigo; por outro lado, fazia-se pessoa dos conspiradores, fascinado pelo cargo de Vice-Presidente da Junta, com que lhe acenavam os revolucionários. (57)

Em conseqüência da luta, enfermou Elias Carvalho, que começou a vacilar. Informados de tudo por Souza Martins, os descontentes, tendo à sua frente o ouvidor da comarca – Francisco Zuzarte Mendes Barreto, intimaram o Governador a renunciar, do que foram atendidos.

Organizou-se uma Junta Provisória para governar a província. Manoel de Souza Martins era o Vice-Presidente dessa Junta. Deveu o cargo à felonia a um amigo e à colaboração oficiosa de outro – Egídio da Costa Alvarenga, a quem pagaria o favor, com uma perseguição feroz, que terminou por um processo e seqüestro dos bens (58). Entretanto, era grande o favor prestado por Alvarenga. Teve ele de arcar com a desconfiança dos revoltosos, que justamente temiam "as tendências de absorção manifestadas por Souza Martins (59).

E não se enganavam os piauienses.

Nos poucos meses do governo da Junta, Souza Martins saltou sobre a autoridade do ouvidor, invadiu-lhe as atribuições, reduziu-o a uma figura de palha e encontrou na sua inexistência estímulo para proceder da mesma forma com os outros membros da Junta. (60)

E Caer? Chegara-lhe o dia do ajuste de contas.

Processado por ter idéias liberais, metido num cárcere da vila de Parnaíba, morria meses depois. (61)

Do delta às nascentes do Parnaíba fez-se esta pergunta: Quem matou Caer? A resposta o piauiense deu de maneira implícita, quando se pôs em execução a Carta de Lei n. 124 que mandava eleger Juntas de Governo nas províncias.

Manoel de Souza Martins foi excluído do Governo.

*

(57) Abdias Neves – O Piauí na Confederação do Equador, pgs. 87 a 89.
(58) Abdias Neves – Obr. cit., pg. 90.
(59) Abdias Neves – Obr. cit., pg. 90.
(60) Abdias Neves – Obr. cit., pg. 91.

Biblioteca Pública Benedito Leite

* *

O fenômeno de nossa emancipação política apresenta-se-nos sob duplo aspecto: no sul foi uma evolução; no norte, uma revolução. Por isso; enquanto que as províncias do sul faziam a independência com proclamações e passeatas, as do, norte, para realizá-la, tiveram de empreender guerra e derramar sangue.

No Piauí, o movimento separatista começou na vila da Parnaíba, a 19 de outubro de 1822. Então, o resto da província ainda proclamava em atos repetidos, a firmeza de sua lealdade ao rei. (62)

Deve a cidade litorânea a glória dessa prioridade aos seus, dois filhos – Simplício Dias da Silva e João Cândido de Deus e Silva, que eram, incontestavelmente, os expoentes intelectuais do Piauí. Estes dois homens completaram-se. Simplício, riquíssimo, senhor de seis charqueadas, em que se abatiam doze mil bois por ano, e eram servidas por cinco veleiros e enorme escravatura, "era a ação calma, enérgica e refletida. João Cândido "era o propagandista inflamado, ardente no apostolado das suas idéias".

Debaixo da influência desses dois grandes espíritos formaram-se os primeiros grupos de patriotas, aos quais foi se aproximando; cauteloso, muito sorrateiramente, Manoel de Souza Martins, mordido na sua vaidade, que já então era doentia, com a derrota nas eleições da Junta.

Fez, porém, essa aproximação, não sem estreitar relações com José da Cunha Fidié, comandante das armas no Piauí, desde 8 de agosto de 1822. O ódio aos membros do governo levava-o para o lado dos brasileiros, o medo arrastava-o para os arraiais da Junta.

E nesse vai e vem, entre protestos de lealdade a Fidié e dedicação à causa da independência, viu Souza Martins o esclarecimento da situação. As hostes dos independentes cearenses já marchavam sobre o Piauí. Eram 2 500 homens, O baiano Salvador de Oliveira percorria os municípios do vale do Itapicurú, levantando gente para a guerra. Fidié estava longe de Oeiras, no rumo da Parnaíba para dar combate aos revoltosos. Eram promissoras todas as notícias para o lado dos brasileiros. Não havia mais dúvida. Então, Manoel

(61) Abdias Neves – Obr. cit, pgs. 70 a 75.
(62) Abdias Neves - Obr cit., pg. 69.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

de Souza Martins resolveu apressar o pronunciamento, antes que outros galgassem a dianteira. Reuniu com urgência com conjurados, na noite de 23 de janeiro de 1823, em sua casa e propôs o golpe. (63) Dentro de horas, estava proclamada a independência do Piauí. Souza Martins presidia a Junta Governativa.

Foi certamente firmado nesta verdade histórica que Pereira de Alencastre escreveu: "O Visconde (Souza Martins) sempre esteve ligado ao Major Fidié; quando, porém, viu que a independência era um fato, mesmo a seu pesar, abandonou a causa portuguesa. (64)

Mas, João José da Cunha Fidié volta ao sertão e derrota a tropa brasileira às margens do Jenipapo. Corre a notícia de que o chefe lusitano marchava sobre Oeiras. Souza Martins, vestido em grande uniforme, como para um *Te Deum* ou solenidade importante, preside a Junta, convocada em sessão permanente. (65)

Que medidas toma ele?

Prepara a fuga para o Crato (Ceará) .

Manda encaixotar o dinheiro existente nos cofres da província.

Ordena ao irmão Joaquim, já investido do cargo de comandante das armas, que só faça guerrilhas a Fidié.

Comentando este episódio, Abdias Neves não pôde deixar de fazer esta observação:

"Folheando-se os atos oficiais desses dias de provação, não se pode deixar de descobrir a inépcia dos indivíduos a quem o momento histórico entregara a suprema gestão dos negócios públicos".

Das medidas projetadas, porém, apenas o encaixotamento dos dinheiros públicos fora executada, para não mais voltarem aos cofres da província, conforme a informação de Gardner que atesta ter sido este dinheiro o começo da imensa, fortuna que veio a possuir Souza Martins. (66)

A fuga para o Ceará não se realizou, porque Fidié, em vez de vir sobre

(63) Abdias Neves – Guerra de Fidié, pg. 48.
(64) Revista do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro, vol. 35, pg. 423, ano 1872.
(65) Abdias Neves – Guerra de Fidié, pg. 111.
(66) Obr. cit., cap. VI.

Biblioteca Pública Benedito Leite

Oeiras como se propalava, rumara na direção de Caxias, centro importante no Maranhão, onde pretendia estabelecer a resistência lusitana.

Também as guerrilhas, com que Souza Martins queria que se acossasse o inimigo, não as fez o irmão, comandante das armas, que preferiu, logo soube na fazenda São Pedro do desastre do Jenipapo, abalar, espavorido, para Oeiras. "Parece que", escreveu Abdias Neves, "sob o aguilhão feroz do terror, não repousou um instante". "O medo emprestava-lhe forças desconhecidas". "Os receios mantiveram-lhe o esforço necessário para essa fuga de quarenta léguas em horas!" "De seus soldados, apenas um número insignificante pôde segui-lo na carreira desenfreada, de fazenda em fazenda, todo coberto de pó, afrontando cavalos, ardendo em febre, na ânsia de devorar, de uma vez, o espaço daquela fuga vertiginosa..."

É que era inata a covardia nos irmãos Martins...

Mas, quando soube Souza Martins, que João da Costa Alecrim, à frente de tropa de patriotas maranhenses, sitiava Fidié na vila de Caxias, e que para lá marchava o corpo expedicionário cearense sob o comando do capitão mor José Pereira Filgueira, dissiparam-se-lhe os pavores, e ele também, com mais o seu patusco comandante das armas, foram colher os louros da vitória no cerco do baluarte lusitano.

A vila rendeu-se, depois de um cerco de três meses e meio. Souza Martins, procurou auferir lucro, onde seus companheiros só tinham tido prejuízos e fadigas.

Fez-se protetor dos portugueses. Deixava-os fugir. Mas essa proteção só era dispensada a quem teve algumas centenas de cruzados para comprá-la. É Gottfried Handelmann, professor de história na universidade de Kiel e diretor do Museu de Antigüidades da mesma cidade, quem nos da essa notícia.

Reproduzamos as próprias palavras do consumado professor, na tradução que do original alemão mandou fazer o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1831:

"Martins não deixava escapár ocasião de recompensar-se a si próprio; especialmente no Maranhão, teria ele vendido por avultada quantia a sua proteção aos mais implicados partidários da causa portuguesa". "Foi

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

justamente naquele tempo de revolução que ele lançou o fundamento de sua futura riqueza que, como dono de muitas fazendas, ele soube continuamente aumentar, graças a um intenso comércio de gado com a Bahia". (67)

Mas, o que o escritor alemão não diz, dizemo-lo nós, à vista de documentos existente no Arquivo Nacional: Um desses portugueses, vítima da cobiça de Martins, foi João Manoel Gonçalves Dias, pai do nosso maior poeta.

Certamente que entre os fatores que contribuíram para aqueles dias de penúria, sofridos pelo poeta em Coimbra; não foi esta extorsão ao seu pai o mais insignificante.

No sossego bucólico de Oeiras, na alta posição de presidente da Junta, contando os patacões colhidos na aventura feliz em que se metera, Souza Martins teve uma notícia que o esbarrondou: a nomeação de Simplício Dias da Silva para presidente do Piauí (outubro de 1823).

Cheio de raiva, com um ódio mortal a Simplício, impando de inveja, procurou, sem perda de tempo, nulificar o prestígio do notável parnaibano junto a Pedro I.

Prova-o sobejamente o ofício que êle dirigiu ao Govêrno Imperial a respeito do que chamou "intempestivo grito da independência levantado na vila da Parnaíba".

Dizia Souza Martins nesse ofício: "Um tão desorientado passo arrastou outro mais desgraçado, pois que apenas sabem ali da marcha de Fidié, desfazem precipitadamente tudo quanto precipitadamente

haviam feito, fogem, desaparecem, e, o que é mais, o mesmo comandante da vila, o coronel Simplício Dias da Silva, devendo ao menos retirar da vila tudo quanto devia ser útil ao inimigo, armamento, munições, apetrechos de guerra e tropa de 1ª linha ali destacada, tudo deixa e de tudo Fidié se apossa, para depois, fazer-nos a guerra, conduzindo para Caxias, onde foi reivindicado, o que consta do recibo junto. (68)

Entretanto, como bem pondera Abdias Neves, e os parnaibanos não conduziram o material de guerra foi porque não tiveram meios de transportá-

(67) Obr. cit, pg. 340.
(68) Abias Neves - O Piauí na Confederação do Equador, pg. 90.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

los. Inutilizaram o que puderam. Acusação procedente era a que Dias da Silva podia fazer à junta.

Que tinha ela feito para defender Campo Maior do ataque de Fidié".

Anos mais tarde, Joaquim de Souza Martins, em, luta com o irmão, havia de afirmar, em representação ao Imperador, nada ter feito Manoel de Souza Martins na guerra da independência. (69)

Mas Simplício Dias da Silva não desejava ser governo. Era apenas um patriota, que se batia pela independência de sua terra. De seus serviços aproveitara-se o Príncipe Regente, conferindo-lhe, em carta de 16 de abril de 1823, plenos poderes para "em comum acordo com o capitão-mor José Pereira Filgueiras, governador do Ceará, marchar contra o Maranhão, devendo convocar tropas de 1ª e 2ª linhas, fazendo proclamar e durar a Independência Brasílica".

Viera esse documento via Bahia e chegara às mãos de Dias da Silva com grande demora. Respondendo-o, dizia o já então fidalgo parnaibano:

"Grande demora houve em me ser entregue a carta Imperial com que V. Majestade me louvou, eu porém tinha assaz prevenido os desejos de V. Majestade Imperial, satisfazendo os impulsos do meu coração, quando promovi nesta vila a 19 de outubro do ano pretérito, a declaração da Independência Brasílica..." "as fadigas, perigos, perdas, despesas, que eu e minha família sofremos nos havia da mais grata lembrança, agora que vemos a V. Majestade Imperial reconhecido em todo o Brasil, e a Independência do mesmo geralmente firmada". (70)

Como se vê, Simplício inspirou confiança a Pedro I desde os primeiros dias do movimento separatista. Nada obstante, não aspirava posição oficial. Bastava-lhe a que lhe proporcionava a sua cultura e a riqueza de sua casa. Era homem que sabia "gozar os benefícios e favores da opulência". "Residia em um palácio suntuoso, com o conforto máximo que o meio permitia". "Ali comparecia, diariamente, uma multidão de parasitas aduladores, saídos das rodas mais ricas, elegantes e cultas, onde, figura central, sua autoridade se

(69) Exposição fiel e imparcial da conduta militar do coronel Joaquim de Souza Martins, Comandante do 1º Regimento de Cavalaria Miliciana do Piauí – impresso na tip. de Plancher, rua do Ouvidor 95 – ano de 1836. Coleção B. Otoni da Bib. Nacional – ficha IV – 318, 6, 7 n. 39.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

destacava e se impunha pela tolerância, pela liberalidade generosa e pelos dotes peregrinos do espírito". (71)

Essa opulência deslumbrava os viajantes estrangeiros. Koster, que o conheceu no Maranhão, conta que havia, entre os seus escravos, uma banda de músicas, os quais fizeram o seu aprendizado em Lisboa e no Rio. (72)

Tollenare afirma: "O Sr. Simplício viajou na França e na Inglaterra, e ali aprendeu a conhecer o respeito devido à civilização; ocupa-se das belas-artes, vive com um luxo asiático, mantém músicos com grande dispêndio, acolhe os estrangeiros, gosta dos franceses, vive nos seus domínios como um homem poderosamente rico; mas não conspira. Influiria, sem dúvida, muito em favor do partido ao qual se ligasse, se o seu partido recorresse à revolução. (73)

Este tópico não deixa dúvidas sobre as intrigas de alguém contra o Senhor da Casa Grande da Parnaíba. Quem tinha interesse em fazei-las?

Souza Martins, que desejava o cargo de presidente.

Por tudo isso, Simplício recusou a presidência do Piauí. O Imperador, porém, insistia.

Estavam as coisas nesse pé, quando arrebentou em Pernambuco a revolução republicana de 1824 – a Confederação do Equador. O Piauí enche-se de boatos. Em Oeiras sabe-se da adesão do Ceará ao movimento republicano. As proclamações de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, insertas no "Diário do Governo do Ceará", de que era redator o famoso padre Mororó, são lidas pelos piauienses.

Emissários cearenses, entre os quais se destaca o padre Paula Barros, percorrem livremente as vilas piauienses em propaganda da revolução. Tristão dirige-se ao próprio governo do Piauí. Primeiro, em 14 de maio, dizendo:

"Estamos coligados com Pernambuco e Paraíba e contamos com essa província, abrasada no amor da Pátria, para não sucumbirmos... do inimigo comum da independência e liberdade do Império". Depois, em 16 de junho:

(70) Simplício Dias – Carta ao Imperador. Citação feita por Herminio Conde – "Fidié e a Unidade do Brasil".
(71) Abdias Neves – O Piauí na Confederação do Equador.
(72) Henri Koster – Viagem ao Norte do Brasil, de 1809 a 1815, página 310.
(73) L. F. Tollenare - Notas dominicais, pg. 162.

Biblioteca Pública Benedito Leite

"Avançam os nossos negócios nesta Província com passos agigantados, e cada cearense não se afasta da mira do seu dever". (74) Parnaíba e Campo Maior atendem ao apelo do Ceará.

Diante de tudo isso, Martins fica mudo e quedo. Não responde aos ofícios de Tristão, mas também não procura impedir a propaganda revolucionária. Tudo estava escuro. Marombava. Esperava notícias que mandara colher na Bahia.

Singular atitude para um homem violento como Martins! Explica Abdias Neves: Martins ligara-se secretamente à revolução. (75)

Só depois que noticias da Bahia lhe esclareceram a situação, foi que começou a agir, mas assim mesmo com brandura.

Revelam sua brandura os seus ofícios aos revolucionários. Não os recrimina, pede-lhes prudência.

Apreciemos os termos dessa proclamação, que o presidente da Junta dirigiu aos habitantes da vila da Parnaíba:

"Caros Concidadãos! Filhos da Liberdade!

"Escutai um pouco a voz de quem preza os vossos mais caros interesses".

"Caros Patrícios ! onde está a vossa razão para vos deixar arrastar por malvados!"

E depois de descrever o fracasso da revolução pernambucana, terminava:

"Eles só pretendem fazer a sua felicidade à custa de vosso sangue". Sede fiéis ao nosso Imperador Constitucional, pelos desvelos do qual se acha reconhecida a nossa Independência pelas nações civilizadas, mesmo por Portugal".

Entretanto, outra, bem outra era a sua linguagem para Governo do Império.

(74) Dic. Hist. Geog. e Etnog. do Brasil – Anísio Brito – Adesão do Piauí à Conf. do Equador, pg. 369.
(75) O Piauí na Conf. do Equador, p. 172.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Reproduzamos um tópico de um dos seus ofícios ao Ministério de Pedro I naquela época:

"Não querendo nada obrar em desagrado ao Augusto Imperador, estou perplexo a respeito das prisões que devo mandar fazer, e, portanto, recorro a V. Exa. para dar-me instruções a este respeito, visto que vejo perdoados os cabeças do Ceará, o que, de certo, dará motivos a sermos em breve tempo incomodados".

Este período estereotipa bem o perfil de Martins: servil, intrigante, carrasco .

A traição do presidente da Junta, se indignou aos revolucionários piauienses de 1824, não os intimidou, todavia. Era gente de têmpera rija. Denunciaram-no como conivente com o movimento republicano três homens de relevo social: Pedro Paulo de Morais Rego, Egídio da Costa Alvarenga e o padre José Joaquim Monteiro de Carvalho e Oliveira. Copiosa documentação comprovava as denúncias. Morais Rego alegava não ter Martins procurado reprimir o movimento nas duas vilas da província, haver posto em liberdade o chefe da ação em Campo Maior – o tenente coronel Antônio José Henriques, ter conferenciado durante horas com o major José de Miranda Osório, emissário da Parnaíba, antes de prendê-lo, soltando-o logo depois, para como prêmio dar-lhe o cargo de zelador da Alfândega da Parnaíba.

Os fatos aduzidos calaram fundo no ânimo do Ministério, que mandou Martins explicá-los.

O homem encheu-se de pavores. Viu-se perdido.

O destino, porém, o salvou na pessoa do cônego Antônio Ferreira da Silveira.

Era o cônego Silveira da estima de Pedro I, por haver prestado bons serviços à causa da independência: Viera à Oeiras exercer o cargo de secretário da presidência. Chegara justamente na hora do aperto do futuro Barão. Martins compreendeu que naquele clérigo estava a sua salvação. De rojo, com mil bajulações, conseguiu-lhe a amizade. E, em breve, Silveira achava ilegal a Junta e propunha a eleição de um presidente provisório para o Piauí.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Foi eleito Martins. Para a corte, a fim de justificar este ato e dar solução ao caso das denúncias, seguiu Silveira. Não tardou a vitória. Martins foi nomeado presidente legal pelo Imperador, as denúncias foram arquivadas.

E mais. A 4 de abril de 1825, Martins era agraciado com o título de Barão da Parnaíba. Ia começar a página mais negra da história administrativa do Piauí.

Que o diga Abdias Neves com o seu belo senso crítico:

"O regime financeiro adotado no Piauí reduzia-se à mera, arrecadação dos impostos, o que diz eloqüentemente, quais os moldes da administração, que influência podia ter no desenvolvimento das forças econômicas da província". "Coisa alguma escapava à trama dessa asfixiante sede tributária, cuidadosamente lançada sobre o contribuinte". "Esmagava-o". "Tolhia-lhe as iniciativas, agravando o estado da situação econômica e contendo a expansão de suas energias latentes". "Sob a aparência ilusória de uma prosperidade criada artificialmente com aquele regime de saldos, a província estorcia-se na exaustação criminosa de todas as suas forças". (76)

Nessa ânsia de extorquir dinheiro, Souza Martins passou as fronteiras do Piauí, entrando pelo território maranhense.

Vejamos este episódio, que se pode ler no jornal maranhense "O Amigo do Homem", de 21 de julho de 1827.

— Tendo comerciantes e lavradores de municípios maranhenses, à margem do rio Parnaíba, pedido providências ao presidente, então Romualdo Antônio Franco de Sá, contra Souza Martins por lhes estar violentamente extorquindo impostos, que pertenciam ao Maranhão, mandou o governo maranhense ao do Piauí um ofício, que tem a data de 6 de julho e no qual, depois de várias ponderações, dizia: "Rogo a V. Exa. que, por bem do serviço da Nação e de S. M. o Imperador, se sirva dar aquelas províncias que forem adequadas ao presente objeto, para que não sejam os maranhenses mais obrigados aquele injusto ônus, e sim poderem livremente transportar para esta alfândega os seus produtos".

---

(76) O Piauí na Confederação do Equador, pgs. 40 a 43.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Quanto à justiça, desde os tempos da Junta, que era feita "de indivíduo a indivíduo, com a razão para o mais forte". (77)

No tocante à cultura do povo, Martins era da opinião de José Gaspar Frância: "Minerva devia dormir".

Ainda em 1846, Zacarias de Góes e Vasconcelos, então presidente do Piauí, dizia em relatório à Assembléia Provincial:

"O ensino particular pode dizer-se que é nenhum".

Outro fato que atesta a nossa afirmativa é este:

Enquanto o primeiro jornal do Maranhão é de 1821 e o do Ceará, de 1824, o Piauí só apresentou esse atestado de cultura em 1835. O segundo – "O Telégrafo" – é de 1839 impresso em Caxias.

Não havia opinião pública, é o que se conclui.

Quem observa este triste quadro não pode deixar de ser levado a esta pergunta :

Como admitir terem os estadistas do primeiro e do segundo reinados consentido que tal homem governasse uma província cerca de vinte anos?

A bajulação foi sempre a grande arma de Martins.

Vimo-lo exercê-la, quando moço. Agora, na idade madura, torna-a a nota predominante de sua personalidade. Em Portugal e no Brasil ninguém manejou melhor essa arma do que Souza Martins.

Não se lhe compara aquele Matias Aires que disse de D. José I:

"Vossa Majestade não só nasceu para reinar,
"Mas já, sabia reinar, quando nasceu."

Ficava-lhe longe o lisonjeador do vice-rei do Brasil, Luís de Vasconcelos, do qual a tradição não guardou o nome, mas conservou os versos:

"O vosso nome, Luís
um claro enigma produz,
pois tirando o i, sois luz
e tirando o u, sois luz.
Qualquer dessas letras quis

(77) Abdias Neves - A guerra de Fidié, pg. 9.

Biblioteca Pública Benedito Leite

que para os vossos louvores,
fossem fiéis mostradores
de que sois com energia
— flor-de-lis na bizarria,
luz do sol nos resplendores."

Também era-lhe inferior o poeta Francisco Pereira Barreto; que exaltou as qualidades de Pedro I nestes versos:

"Se não és Galileu, serás Trajano:
és o gênio do bem; és mais ainda,
és o deus do Brasil. Eu não me engano."

Presidente legalmente nomeado e senhor de um título de nobreza, Souza Martins não mais admitiu que os seus amigos tivessem interferência no Governo. Era absoluto.

Começaram, então, os atritos, as lutas do Barão com os seus velhos amigos. Foi dos primeiros o comandante das armas, o tenente coronel Joaquim de Souza Martins, seu irmão.

Foi uma guerra de vida ou de morte essa entre os dois irmãos Martins e que horrorizou a sociedade piauiense.

Motivou-a não querer o comandante das armas abrir mão da parcela de governo a que se julgava com direito.

Balanceando os serviços de ambos, via Joaquim que a sua fuga de S. Pedro a Oeiras representava mais do que aquele simples preparativo de fugida para o Crato. O encaixotamento dos haveres do tesouro não constituía, em absoluto serviço à Nação. No cerco de Caxias, ambos lá tinham estado, prestando serviços idênticos. E que valor tinham esses serviços? Não era de todos sabido ter o almirante Cochrane declarado ao Ministro da Marinha a ineficiência da tropa piauiense, composta na sua maior parte de índios, no aludido cerco, o que lhe tirava o direito de reclamar o pagamento de seu soldo como tinha feito, e até com ameaças de saquear a cidade de São Luís? (78)

Em verdade, não havia razão para a exclusão de Joaquim.

Assim, porém, não entendeu o Barão.

(78) Conde de Dundonald — Narrativas de Serviços no libertar-se o Brasil da dominação portuguêsa, pg. 82, ed. 1859.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

E ele que, como presidente da segunda Junta, dizia ao Ministro do Império, Maciel da Costa: – "Não se procedeu a eleição do governador das armas, por se achar ocupando esse emprego o Coronel Joaquim de Souza Martins, que foi conservado por se conhecer nele muita adesão à causa do Brasil e fidelidade ao Imperador e tem-se feito recomendável pelas providências que tem dado na sua repartição e energia de caráter" – passou a intrigar o irmão e a pedir a sua demissão.

Para prová-lo, bastam estes dois ofícios, resumidos por Abdias Neves no seu livro "O Piauí na Confederação do Equador".

No primeiro dizia o Barão da Parnaíba:

"Esta província gozou de muito sossego enquanto o governo militar se conservou unido; porém, depois que se separou, em conformidade da lei orgânica de 20 de outubro de 1823, tem havido algumas pequenas distensões entre este governo e o comando das armas, que, embevecido em seduções de alguns homens de má conduta que o cercam e que, *por meio de seu patronato*, pretendem figurar e escapar de "seus repreensíveis procedimentos e desafeição à causa do Imperador, difundindo o pomo amargo da discórdia, a fim de melhor poderem empolgar postos e aproveitarem as circunstâncias, aconselhando-o para desunir-se e não satisfazer às requisições que se lhe fazem, tendo até a fraqueza de induzirem a não cumprir os Imperiais Avisos, como ia acontecendo com José Docateli Dória, despachado para major e comandante do corpo de 1ª linha..."

Como se vê, era cuidadosamente elaborada a urdidura da intriga. O homem de muita fidelidade ao Imperador já se recusara a fazer cumprir os avisos imperiais.

No segundo ofício, que é de 4 de março de 1825, o Barão pede, sem rebuço, a substituição do irmão, que deixa de ser o funcionário recomendável de outros tempos, para ocupar a categoria dos incompetentes.

"Confessava que, sendo o seu irmão o comandante das armas e que lhe faltando os necessários conhecimentos para dirigir convenientemente a fôrça armada, servindo a razão do parentesco de estorvo para decidir-se, enérgica e eficazmente, alguns objetos do serviço público, em recíproca contemplação

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

entre ambos, pelo que, às vezes, se tinha paralisado o seu pronto andamento – achava que seria de toda utilidade à província e de muito proveito à S. Majestade Imperial a vinda, quanto antes, de um comandante das armas, de profissão militar, assim como um perito comandante para o batalhão de 1ª linha".

Quanta perfídia e quanta inépcia nesse ofício!

Mas, Joaquim tinha o mesmo sangue que o Barão. Usou das mesmas armas. A luta foi tremenda. Venceu o Barão. Destituído do comando das armas, começou o bloqueio de Joaquim. O Barão anunciou que quem tivesse relações com o irmão seria seu inimigo. Formou-se o vácuo em torno do ex-comandante das armas. E foi assim até a morte.

Variava o método de perseguição do Barão da Parnaíba.

O mais usado era o do inquérito, processo e prisão. Morais Rego, Alvarenga e o padre Oliveira, além de dezenas de outros, sofreram este gênero de perseguição. Ao último pouco faltou para morrer no cárcere. Não foram poucos os que deixaram a província natal. Fugiam às perseguições. Um houve que fez a pé a viagem do Piauí ao Rio. Aqui, num justo desabafo, publicou, numa tipografia de, Niterói, um panfleto contra Martins com o título – "Exposição contra o Barão da Parnaíba", o qual se pode ler na Biblioteca Nacional. Não o assina; mesmo de muito longe temia a vingança do déspota. Este autor anônimo narra fatos interessantes, como o seguinte:

Beato e supersticioso em extremo, Martins criou verdadeira fobia pelo concubinato. Talvez quisesse com isso espiar pecados da mocidade. O certo é que, por sua atuação, velhas ligações foram dissolvidas...

Estava o Barão no apogeu do seu poderio quando George Gardner – excursionou o Piauí em missão científica.

O ilustrado botânico inglês estudava a flora brasiliense.

No livro que escreveu – *Travels in the interior of Brazil* – deixou-nos um expressivo perfil do Barão.

Transcrevemos o tópico a que nos referimos:

"Trazendo comigo várias cartas de recomendação para o Barão da Parnaíba, presidente da província, ao entrar na cidade de Oeiras na manhã de

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

12 de março de 1839, inquiri da sua residência. Um soldado deu-me a indicação. O palácio, como é chamado, fica na parte mais elevada da cidade. Tem apenas um pavimento e é de aparência muito ordinária.

Chegando à porta, encontrei-a guardada por uma sentinela, um dos seres de aspecto mais ignóbil que tenho visto. Era um mulato ainda moço, com a farda da tropa de linha, a qual parecia lhe não ter saído das costas há mais de seis anos. A barretina de pano estava velha e ensebada. A blusa azul, coberta de remendo, rendada de buracos, deixava ver o peito sem camisa. As calças estavam pouco melhores que a blusa. Os pés sem meias calçavam botinas acalcanhadas. Não fora o mosquete e a sua atitude, tomá-lo-ia por um, mendigo.

Havia em frente ao edifício uma calçada de poucos pés de largura, sobre a qual o meu cavalo ao esbarrar assentou as patas. Antes que eu pudesse falar, o sentinela tomou o animal pela brida e fê-lo recuar. Desmontei-me, então, e dirigi-me para a porta. Apenas, entretanto, cheguei à calçada, o sentinela empurrou-me para a rua, avisando-me que ninguém de esporas podia entrar no palácio. Tirei imediatamente e, perguntando se havia mister outra formalidade, foi-me permitido o ingresso.

Chegando à antecâmara veio ao meu encontro um sargento que me perguntou se desejava falar à S. Exa. e, respondendo que trazia cartas, disse-me que estava a seu cargo apresentá-las, pelo que as entreguei.

Meia hora depois fui conduzido a uma sala espaçosa, onde havia duas mesas pequenas, um sofá e cadeiras.

E não havia cinco minutos que ali estava, quando surgiu S. Exa. com as minhas cartas. Pediu-me que lhe permitisse lê-las e que não reparasse no traje caseiro a que o calor o obrigava.

Sua roupa era, com efeito, muito leve; mas era a usada geralmente em casa pelos habitantes da província: uma camisa fina de algodão, caindo sobre ceroulas do mesmo pano, que desciam somente até um pouco abaixo dos joelhos. Pés nus, metidos em chinelos. E em redor do pescoço diversos rosários, com pendurucalhos de ouro.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Enquanto percorria ele as minhas cartas, não pude deixar de observar a aparência de um homem – cujo nome é mais afamado que o de qualquer outro no norte do Brasil, e cujo governo despótico em a província de que é presidente lhe grangeou a alcunha de França do Piauí. Era baixo, vigorosamente constituído, apesar de não ser corpulento. O olhar traia uma atividade superior à que se observa em pessoas da sua idade no país, pois que andava pelos setenta anos. A cabeça de tamanho notável, e, de acordo com os princípios da frenologia, bem equilibrada anterior e posteriormente, mais deficiente na região dos sentimentos, alargava-se muito entre as orelhas. No decurso da conversa a sua fisionomia tinha uma expressão desagradavelmente sinistra, não obstante procurar-se disfarçá-la com um sorriso."

Gardner admira-se de que só uma vez tivessem atentado contra a vida do Barão. Voltava de uma das suas fazendas, quando o alvejaram. Uma rigorosa batida na região fez aparecer o criminoso. Era um negro, criado do próprio Barão. Após **14** dias de prisão, morreu o desgraçado de *morte natural.*

Para completar este perfil do famigerado Barão transcrevamos esta carta pitoresca atribuída a D. Pedro II. Embora apócrifa essa carta, que serviu de arma da oposição ao velho Imperador, revela, no entanto, a índole do famigerado Souza Martins:

"Minha querida filha, queres uma última prova da influência do poder e do fato consumado? Lá vai. Havia na província do Piauí um visconde – o Visconde da Parnaíba – que, tendo sido nomeado presidente da província, resolveu não mais desprender-se do poder de que estava investido. Tendo-se formalmente de entregar o bastão presidencial, não havendo na província um poder superior ao dele, e querendo o governo evitar a guerra civil, achou que era conveniente deixá-lo na posse tranqüila do poder usurpado; e assim governou ele a província por muitos anos. Já por aqui podes ver que mesmo um poder inferior pode resistir vitoriosamente ao poder superior, unicamente pela vontade corajosa de quem o usurpou e exerce.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Esse visconde era, por conseguinte, o rei do Piauí, como eu sou o Imperador do Brasil. Ele explorava a sua província assim como eu exploro o meu império. A diferença única que havia nestas duas ordens de explorações, além da que provinha das extensões respectivas dos terrenos explorados, consistia em que ele precisava de cúmplices ou auxiliadores, confessos, e eu posso fazer tudo sem prévia combinação com algum dos meus súditos. Um deles cúmplices do Visconde ou conivente no crime, era o inspetor da tesouraria da Fazenda, um tal Miranda. *Porque o Visconde gostava mais de dinheiro do que o próprio Gastão.*

"Um belo dia, recebeu o governo uma carta de um oficial da tesouraria da Fazenda do Piauí, pela qual ele denunciava as ladroeiras, quero dizer as combinações feitas entre o Visconde e o Inspetor. Entre fatos alegados na carta, fazia-se menção de uma remessa de dinheiro que a Tesouraria fizera para esta Corte e cujos portadores foram "*roubados*" apenas haviam saído da cidade de Oeiras, pelos capangas do Visconde. O governador indignado e querendo conhecer toda a verdade, assim como eu quis conhecer o caso Castro Malta mandou entregar a carta ao próprio Visconde para que ele *informasse*. O resultado dessas informações foi que, dias depois de chegar aquela carta em Oeiras, o seu autor, Raimundo de Tal, foi assassinado pelos capangas do Visconde. Não faltou quem dissesse que esse assassinato era o efeito de uma vingança particular, e, como que não deve não teme, (entende-se?) o Visconde e o inspetor Miranda foram... ao enterro do Raimundo. Mas, além da voz geral ou do povo, que é a voz de Deus, como diz o provérbio universal, -- o pressentimento materno que adivinha, fez exploração no ato do saimento do corpo do vítima.

"*Aqui-del-rei, contra o Snr. Visconde da Parnaíba e o Sr. Miranda, que são os assassinos de meu filho!*, gritou a mãe de Raimundo, com voz dilacerante, em um ímpeto de desespero e em presença de toda a população da cidade, que ali se reunira como que para testemunhar a sua simpatia pela vítima e o seu ódio ao algoz. Aconteceu, então, o que acontece sempre! Todos tiveram medo do tirano, quero dizer do Visconde, e voltaram tranqüilamente para as suas

Biblioteca Pública Benedito Leite

casas. Entretanto, se o povo adivinhasse o medo que sentiu o Visconde na ocasião em que a mãe de Raimundo clamava vingança...

"O tirano acha-se com efeito, na posição de um ladrão ou assassino, que está com a arma descarregada: Ele tem mais medo do que aquele para quem fez pontaria — o povo, — mas é sempre este último que foge, e isto porque não conhece a sua fôrça e superioridade:

"Raimundo ficou morto e enterrado, e as coisas continuaram no mesmo pé, absolutamente como aqui na Corte depois do assassinato de Castro Malta. Creio que o Visconde, que estremecia os seus comprovincianos, encarregou o próprio Miranda de fazer um inquérito para descobrir os assassinos de Raimundo; mas até hoje ficaram sem resultado todas as diligências para este fim ordenadas.

"Eis aí, minha filha, o que é um "fato consumado". Tudo depende de querer consumá-lo e isto sabia um matuto do Piauí, que nunca estudou hebraico, nem astronomia. (Processo da Monarquia Brasileira, por Anfriso Fialho, pág. 302, 303 e 304)."

*

* *

Esse o homem que armou a luta no Piauí, luta crua, violenta, mas que não teve os mesmos característicos da luta dos *Bem-te-vis* no Maranhão.

Capistrano de Abreu assinalou que a **BALAIADA** foi "uma revolta da plebe contra os potentados do Maranhão, mas que no Piauí foi um movimento político contra o insólito governo do Barão da Parnaíba.

O Chefe dêsse movimento do Piauí foi Lívio Castelo Branco que de maneira alguma se pode comparar aos chefes do movimento maranhense.

Lívio descendia de uma das famílias mais ilustres do norte. Era filho de Antônio Lopes Castelo Branco e Silva. Fizera estudos secundários no colégio de frei Antônio de Jesus Maria Faia, na povoação de Barras. Foi alferes aos 15 anos. Em Campo Maior, — seu torrão natal — fora vereador da câmara, promotor e juiz de paz. Tinha haveres, era comerciante:

Como vamos ver, possuía apreciável inteligência.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Apesar de tudo isso, quando Raimundo Gomes entra com a sua coluna no território piauiense, manda convidá-lo para uma conferência em Campo Maior e dessa conferência sai a aliança entre os dois, cabendo a Lívio a chefia no Piauí.

Lívio, então, abandona família e haveres, e joga-se aos azares da revolução. Figura no cerco de Caxias à frente de **600** asseclas, toma parte no assalto à Piracuruca, bate-se em Santa Rita com a tropa do major Manoel Clementino, e, depois de passar em revista a sua tropa no lugar Barra das Pombas, desaparece nos sertões do Ceará, rumo de Pernambuco, onde se oculta.

Como explicar a presença dêsse homem no meio de gente ignorante, se não por um desvairamento de paixão política, que o levava a pensar em aproveitar uma rebelião da plebe para livrar a sua terra de um governo nefasto?!

Como explicar o seu desaparecimento quando a revolução ainda cantava vitória?

Não se daria o caso de que ele reconhecesse a impossibilidade de desviar o curso da revolta para o fim desejado?

A verdade é que o seu ideal na **BALAIADA** foi diferente dos outros chefes. Di-lo, de maneira incontestável, o resto de sua vida.

Anistiado, Lívio vai residir no Maranhão. É o homem trabalhador de outros tempos. Funda o jornal "A Malagueta Maranhense", de que é redator-chefe (1844). Passa depois a residir em Caxias, onde redige "O Liberal Piauiense". Em 1850, está em Oeiras, à frente do "Ancapura". No ano seguinte, publica o "Argos Piauiense" na mesma cidade. Em Terezina, em 1856, é redator-chefe do "Correio Piauiense". Por esse mesmo tempo, tem outro jornal "O Patoléa", órgão essencialmente escrito para o povo.

Em 1857, publica outro jornal – "O Conciliador Piauiense". De 1858 a 1864, com o Sr. Deolindo Mendes da Silva Moura, redige "O Propagador".

Como se vê, nada menos de sete jornais, num período de vinte e dois anos, teve Lívio Lopes.

Que ele era inimigo de Martins não há dúvida. Haja vista, a atitude que assumiu quando, depois da **BALAIADA**, aquele déspota quis eleger o conde do

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Rio Pardo deputado geral. Lívio deixou São Luís e correu a Campo Maior: Moveu uma campanha tremenda contra a eleição do conde e derrotou-o.

Foi deputado provincial pelo partido liberal, demonstrando na Assembléia apreciáveis dotes oratórios.

Chegou a ser um dos chefes prestigiosos do partido liberal no Piauí.

*

* *

O Barão quando compreendeu que a revolução piauiense estava no fim reagiu com perversidade inominável.

Ouçamos Alencastre, sempre vibrante e verdadeiro:

"Ninguém pode contestar que grandes barbaridades se perpetraram contra os rebeldes do Piauí: horrores sobre horrores nessa luta fratricida se encontram a cada passo. Ordens reservadas mandavam que se fizessem espingardeamento em massa, sobre pretexto de não haverem prisões para tantos prisioneiros!"

"As expressões de que usava o Barão em suas ordens secretas de extermínio eram as seguintes: – *sejam estuporados esses tratantes, não tenho onde guardá-los.*" (79) Até hoje no Maranhão e Piauí a palavra "estuporado" ficou para significar morte repentina.

Entre as graças concedidas em comemoração da maioridade de Pedro II, uma coube ao Barão da Parnaíba: passou a Visconde do mesmo nome.

Mas o Visconde chegava ao fim do seu governo.

Ele que fora amigo de Fidié e companheiro dos independentes, que estivera com Pedro I brasileiro e Pedro I português, que compactuara com a Confederação do Equador e achara poucos os fuzilamentos dos republicanos no Ceará, que apoiara o ministério dos Marqueses e aplaudira o 7 de abril, que prometera votos a Holanda Cavalcanti e sufragara o nome de Feijó, que fora partidário de Araújo Lima e cantara hosanas à Maioridade, ele – o trânsfuga invencível – ia cair, em fim, mercê da clarividência de um grande espírito – Honório Hermeto Carneiro Leão, Marquês do Paraná.

---

(79) Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras., vol. 35, pg. 423, ano 1872.

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite

Carneiro Leão sabia do que se passava na longínqua província do norte. Na pasta do Império do quarto ministério do governo pessoal de Pedro II, o grande estadista declarou aos seus colegas de gabinete: "se não demitirmos o Visconde o Brasil contará uma província de menos".

Era 30 de dezembro de 1843.

*

* *

Aí está o que a história regista dos *balaios* do Piauí.

Um fato, porém, urge assinalar é que a **BALAIADA** maranhense, revolta da plebe, feita por negros e camponeses, além de seus efeitos profundos na estrutura da vida político-social do Maranhão fez tremer de medo o déspota do Piauí.

Os seus reflexos atingiram em cheio a Província transparnaibana e o régulo da Parnaíba, o malsinado Souza Martins começou a baquear definitivamente. Era o fim de mais uma tirania.

*

* *

Terminemos este ensaio. Foi longo. Cheio de pormenores; por vezes, exaustivo.

Teremos atingido aos nossos planos? Qual a conclusão final?

O nosso julgamento foi, pelo menos profundamente humano. A história é um julgamento. A consciência é nele o melhor juiz. É certo que em Teologia moral há muitas espécies de consciências. Para nós, consciência é a certeza do justo. Certeza poderá ser, filosoficamente, a posse da verdade; mas "certeza do justo", no conceito da moral pura é a lealdade no dar a cada um o que é seu.

A BALAIADA foi, até então, classificada como um movimento vergonhoso para a história do Brasil; uma luta de instintos, uma *razia* de bandidos.

Estudamos sem *parti-pris* a célebre revolta. A conclusão a que chegamos foi outra: a **BALAIADA** representa alguma coisa do nosso espírito independentista nos seus lampejos de liberdade, nos seus lances de bravura, através dos arremessos daqueles caboclos, que deixam os seus trabalhos no

Biblioteca Pública Benedito Leite

campo, nas roças, nos engenhos e pegam em armas sacudidos todos por um estranho contágio, que os unifica, os fraterniza na vida e na morte.

Os crimes praticados, as violências cometidas, os assassínios e rapinagens foram *efeitos* e não *causa* da luta.

Onze mil brasileiros, não importa que da baixa plebe, pegaram em armas, lutaram, morreram, dizendo-se em luta pelas "liberdades Bem-te-vis", dando "vivas à Religião e à Constituição do Império". Tudo isso merece acatamento.

É humano morrer; mas, morrer, assim, lutando convictos de que lutam e morrem pela causa da liberdade é alguma cousa que exige respeito.

Esperamos que a **BALAIADA** não seja mais uma página de lama. Integremo-la na história do Brasil, sem os rigores dos preconceitos históricos e as tintas escuras dos que fizeram dêsse episódio um julgamento superficial ou prevenido, ou ainda exagerado pelos excessos de narrativas romanceadas.

* * * **FIM** * * *

BPBL
Biblioteca Pública Benedito Leite